



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DOUTORADO

QUENTIN OLIVIER BRANCO NUNES

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM SAGARANA DE GUIMARÃES ROSA:
UM ESTUDO DE TRAÇOS CULTURAIS EM TRADUÇÃO AO FRANCÊS**

Três Lagoas-MS
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DOUTORADO

QUENTIN OLIVIER BRANCO NUNES

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM SAGARANA DE GUIMARÃES ROSA:
UM ESTUDO DE TRAÇOS CULTURAIS EM TRADUÇÃO AO FRANCÊS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Três Lagoas, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Letras.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação de línguas.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
Bolsa: Capes

Três Lagoas-MS
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

QUENTIN OLIVIER BRANCO NUNES

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM SAGARANA DE GUIMARÃES ROSA:
UM ESTUDO DE TRAÇOS CULTURAIS EM TRADUÇÃO AO FRANCÊS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Três Lagoas, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Orientadora)

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Maria Angélica Deangeli
Universidade Estadual Paulista (UNESP/São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva
Universidade Estadual Paulista (UNESP/São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Elizabete Aparecida Marques, por ser um exemplo de dedicação, seriedade e por me ter acompanhado nesse caminho do doutorado com muita sabedoria e carinho, pois Deus sabe quando mandar uma pessoa iluminada para aclarar os nossos caminhos.

À Prof.^a Dra. Aparecida Negri Isquierdo, por ter estado presente desde minha chegada no Brasil, em 2016, e por ter acompanhado todos os meus passos desde o início do doutorado até a banca de qualificação. Espero e trabalharei para um dia ter tanto conhecimento quanto a senhora tem e saber compartilhá-lo com tanta fluidez como a senhora o faz durante suas aulas.

À Prof.^a Dra. Maria Cristina Parreira da Silva por ter participado da minha banca de qualificação com suas observações preciosas e essenciais pela finalização de minha tese.

Ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / *Campus* de Três Lagoas (UFMS/CPTL).

Aos professores do programa de Pós-graduação em Letras da UFMS/CPTL, em especial à Prof.^a Dra. Claudete Cameschi de Souza e ao Prof. Doutor Renato Rodrigues Pereira, com quem tive a sorte de realizar meu estágio docente.

Ao meu amigo Thierry Delmond, com quem estive desde o processo seletivo para este Doutorado, e soube que o apoio dos amigos conta muito nos momentos difíceis e que amigos de verdade falam as coisas que precisam ser ouvidas. *Merci*.

Aos amigos do doutorado, especialmente Michele Mussato e Flavio Zancheta Faccioni por todo o apoio e a amizade tão essenciais nesses momentos.

Ao meu amigo Raul Gomes da Silva pelo apoio, conselhos sábios e alegria.

Aos também meus amigos e irmãos de Fraseologia, Thyago, Andrea, Veronice, Camila, Jéssica, Roosevelt e Marina.

Ao meu companheiro, Fabrício, por estar comigo nessa travessia.

À minha avó, por sua fé e os valores de trabalho que me transmitiu.

À minha mãe e ao meu irmão, por terem me apoiado desde sempre e por terem entendido minha ausência durante esse processo.

À minha amiga Lisa pela amizade e o apoio sem falha desde o ensino médio.

Ao meu Pai (*in memoriam*), João Branco Nunes, que foi meu primeiro professor de português.

Em especial, ao amigo Igor Soares (*in memoriam*), pois se passaram dez anos desde que me fez comprar a obra *Sagarana*, em Portugal, dizendo que eu deveria gostar desse autor. Espero que, de onde esteja, consiga ver onde este livro me fez chegar.

E Sete-de-Ouros, sem susto a mais, sem hora marcada, soube que ali era o ponto de se entregar, confiado, ao querer da correnteza. Pouco fazia que esta o levasse de viagem, muito para baixo do lugar da travessia.

[...]

– Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

Guimarães Rosa

RESUMO

A literatura é parte do patrimônio cultural, assim como as outras manifestações artísticas que ocorrem em uma nação. As expressões fixas, ou fraseologismos, são uma das chaves para se entender uma língua. Imbuídas de marcas socioculturais, o entendimento delas necessita de um conhecimento avançado da cultura de onde elas nascem. João Guimarães Rosa é conhecido como um dos grandes autores de Minas Gerais justamente por ter colocado, em primeiro plano, os habitantes do sertão. Guimarães Rosa abre ao leitor uma porta de entrada a um mundo que já estava desaparecendo quando a primeira obra dele, *Sagarana*, foi publicada em 1946, tendo em vista que o sertão já estava em processo de modernização. Considerando essas premissas, pergunta-se: Em que medida o uso de unidades fraseológicas da obra participa da construção do universo cultural sertanejo da obra? Qual é a tipologia das unidades fraseológicas da obra *Sagarana* de Guimarães Rosa? Quais são os critérios científicos que permitem o reconhecimento e a análise dessas unidades? Como as unidades fraseológicas foram traduzidas em francês por Jacques Thiériot? O objetivo principal desta tese é analisar as unidades fraseológicas na obra *Sagarana* de Guimarães Rosa, com o intuito de demonstrar a pertinência desse fenômeno linguístico na prosa do autor mineiro e verificar como o tradutor para a língua francesa manteve (ou não) a recorrência dessas expressões na versão francesa. Nesta pesquisa, objetiva-se analisar e classificar as expressões fixas da primeira obra do autor: *Sagarana* publicada inicialmente em 1946 a partir da edição Nova fronteira, de 2017. E, além disso, analisar o tratamento dessas expressões fixas na tradução francesa da obra de 1999. Nossa pesquisa serve para evidenciar a importância do domínio dos fraseologismos para entender um determinado enunciado e a (in)tradutibilidade de uma expressão fixa de uma língua para outra, a fim de refletir sobre as possibilidades de (re)transmissão do imaginário literário e cultural de Guimarães Rosa. Para realizar o estudo, foram realizadas uma classificação e uma tipologia dos diferentes tipos de fraseologismos encontrados no *corpus*, com um quadro teórico baseado na Fraseologia francesa (GROSS, 1996; MEJRI, 1997; 2011; BLANCO e MEJRI, 2018, entre outros), brasileira (MONTEIRO-PLANTIN, 2012; XATARA e SUCCI, 2013; MARQUES, 2018a; 2018b, entre outros) E, espanhóis (CORPAS PASTOR, 1996; GONZALEZ-REY, 2015; 2018 entre outros). Em um segundo momento, foi efetuado o estudo das traduções (do português para o francês) dos fraseologismos levantados, tendo por bases teóricas os estudos de Berman (1999) sobre a noção de tradução intercultural onde aparecem marcas da língua-fonte na língua-alvo. Nesta tese de doutorado a partir das potenciais unidades fraseológicas extraídas do *corpus* (ver anexos) foi analisada uma amostra de 51 provérbios, 10 pragmatemas e 10 expressões que apresentavam os critérios estabelecidos no quadro teórico por serem reconhecidos como unidades fraseológicas e que estavam marcados por traços culturais significativos. A dimensão cultural se mostra como um critério essencial de descrição das unidades fraseológicas, porque foi comprovado que mesmo se a estrutura morfossintática da unidade se perde na tradução, o traço cultural, muitas vezes em estrita relação com o sentido é mantido. O traço cultural aparece como ligado à dimensão metafórica dos demais fraseologismos, o que constitui, ainda, uma pista a ser explorada para comprovar a sua importância na descrição desse fenômeno. Por essa via, esta tese pretende estabelecer mais uma ponte entre o Brasil e a França no que tange aos estudos fraseológicos, bem como abrir novas perspectivas analíticas a respeito da obra de Rosa.

Palavras Chaves: Guimarães Rosa; Fraseologia; Português brasileiro; Tradução ao francês; Cultura.

RESUME

La littérature fait partie du patrimoine culturel, tout comme les autres manifestations artistiques qui se produisent au sein d'une nation. Les expressions fixes, ou phraséologismes, sont une des clés pour la compréhension d'une langue. Empreintes de marques socioculturelles, la compréhension de celles-ci nécessite une connaissance approfondie de la culture dont elles sont issues. João Guimarães Rosa est reconnu comme l'un des grands auteurs du Minas Gerais précisément parce qu'il a placé les habitants du sertão au premier plan de ses oeuvres. Guimarães Rosa ouvre la porte d'un monde qui était déjà en train de disparaître lorsque son premier ouvrage, *Sagarana*, fut publiée en 1946, le sertão était déjà en cours de modernisation. Considérant ces prémisses, on peut se demander : Dans quelle mesure ou utilisation des unités phraséologiques de l'œuvre participent à la construction de l'univers culturel sertanejo de l'œuvre ? Quelle est la typologie des unités phraséologiques ? Quels sont les critères qui permettent la reconnaissance et l'analyse de ces unités ? Comment les unités phraséologiques ont-elles été traduites en français par Jacques Thiériot ? L'objectif principal de cette thèse est d'analyser les unités phraséologiques de l'œuvre *Sagarana* de Guimarães Rosa, dans le but de démontrer l'importance de ce phénomène linguistique dans la prose de l'auteur de Minas Gerais et de vérifier comment le traducteur en langue française a maintenu (ou non) la récurrence de ces expressions dans la version française. Dans cette recherche, l'objectif est d'analyser et de classer les expressions fixes du premier ouvrage de l'auteur : *Sagarana*, initialement publié en 1946 à partir de l'édition Nova Frontier, de 2017. Et, d'analyser le traitement de ces expressions fixes dans le Traduction française de l'ouvrage de 1999. Notre recherche permet de mettre en évidence l'importance de la maîtrise des phraséologismes pour comprendre un énoncé donné et l'(in)traductibilité d'une expression figée d'une langue à l'autre, afin de réfléchir aux possibilités de (re)transmission de l'imaginaire littéraire et culturel de Guimarães Rosa. Pour mener à bien l'étude, une classification et une typologie des différents types de phraséologismes du *corpus* ont été réalisées, grâce à un cadre théorique basé sur la phraséologie française (GROSS, 1996 ; MEJRI, 1997 ; 2011 ; BLANCO et MEJRI, 2018, entre autres), brésilienne (MONTEIRO-PLANTIN, 2012 ; XATARA et SUCCI, 2013 ; MARQUES, 2018a ; 2018b, entre autres) et espagnole (CORPAS-PASTOR, 1996 ; GONZALEZ-REY, 2015 ; 2018 entre autres). Dans un deuxième temps, l'étude des traductions (du portugais vers le français) des phraséologismes relevés a été élaborée, en ayant comme bases théoriques les études de BERMAN (1999) sur la notion de traduction interculturelle où des marques de la langue source apparaissent dans la langue cible. Cette thèse de doctorat, sur la base des unités phraséologiques potentielles extraites du corpus (voir annexes), analyse un échantillon de 51 proverbes, 10 pragmatèmes et 10 expressions, qui présentaient les critères établis dans le cadre théorique et qui étaient marqués par des traits culturels significatifs. La dimension culturelle apparaît comme un critère essentiel pour décrire les unités phraséologiques, car il a été prouvé que même si la structure morphosyntaxique de l'unité se perd dans la traduction, le trait culturel, souvent en relation étroite avec le sens, est maintenu. Le trait culturel apparaît lié à la dimension métaphorique des autres phraséologismes, ce qui est aussi une piste à explorer pour prouver son importance dans la description de ce phénomène. Ainsi, cette thèse entend établir un pont entre le Brésil et la France en termes d'études phraséologiques, ainsi qu'ouvrir de nouvelles perspectives analytiques concernant l'œuvre de Rosa.

Mots clés : Guimarães Rosa ; Phraséologie ; Portugais brésilien ; Traduction française ; Culture.

ABSTRACT

Literature is a part of the cultural heritage, as well as other artistic manifestations that occur in a nation. Fixed expressions, or phraseologisms, are one of the keys to understand a language. Imbued with sociocultural traits, their knowledge is crucial to qualify someone to understand a given discourse. João Guimarães Rosa is known as one of the greatest authors from Minas Gerais precisely because he placed the inhabitants of the sertão in the foreground. Guimarães Rosa opens to the reader a gateway to a world that was already disappearing when his first work, *Sagarana*, was published in 1946, keeping in mind that the sertão was already in the process of modernization. Considering these premises, the question is: To what extent does the use of phraseological units in the work participate in the construction of the cultural universe of the work? What is the typology of the phraseological units in the work *Sagarana* by Guimarães Rosa? What are the scientific criteria that allow the recognition and analysis of these units? How were phraseological units translated into French by Jacques Thiériot? The main objective of this thesis is to analyze the phraseological units in the work *Sagarana* by Guimarães Rosa, with the aim of demonstrating the pertinence of this linguistic phenomenon in the prose of the author from Minas Gerais and verifying how the translator for the French language maintained (or not) the recurrence of these expressions in the French version. In this research, the objective is to analyze and classify the fixed expressions of the author's first work: *Sagarana*, initially published in 1946 and from Nova Fronteira's edition, in 2017. Also, to analyze the treatment of these fixed expressions in the French translations. Our research will serve to demonstrate the importance of mastering phraseologisms to understand a given wording and the (in)translatability of a fixed expression from one language to another, in order to reflect on the possibilities of (re)transmission of Guimarães Rosa's literary and cultural imaginary. To carry out this study, a classification and typology of the different types of phraseologisms found out in the corpus will be made with a theoretical framework based on French phraseology (GROSS, 1996; MEJRI, 1997; 2011; BLANCO and MEJRI, 2018, among others) and also on Brazilian phraseology (MONTEIRO-PLANTIN, 2012; XATARA and SUCCI, 2013; MARQUES, 2018a; 2018b, among others) to which some Spanish researchers were added (CORPAS-PASTOR, 1996; GONZALEZ-REY, 2015; 2018, among others); and, in a second moment, the study of the translations (from Portuguese to French) of the raised phraseologisms will be carried out, having as theoretical bases studies of BERMAN (1999) on the notion of intercultural translation where marks of the source language appear in the target language. In this doctoral thesis, based on the potential phraseological units extracted from the corpus (see annexes), a sample of 51 proverbs, 10 pragmatemes and 10 expressions were analyzed, which presented the criteria established in the theoretical framework because they were recognized as phraseological units and which were marked by dashes significant cultural. The cultural dimension appears as an essential criterion for describing phraseological units, because it has been proven that even if the morphosyntactic structure of the unit is lost in translation, the cultural trait, often in strict relation with the meaning, is maintained. The cultural trait appears to be linked to the metaphorical dimension of the other phraseologisms, which is also a clue to be explored to prove its importance in describing this phenomenon. In this way, this thesis intends to establish another bond between Brazil and France in terms of phraseological studies, as well as to open up new analytical perspectives regarding Rosa's work.

Keywords: Guimarães Rosa; Phraseology; Brazilian Portuguese; French translation; Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão da Fraseologia.....	51
Figura 2 - As etapas da digitalização do <i>corpus</i>	86
Figura 3 - Exemplo do arquivo digitalizado no formato de foto.....	86
Figura 4 - Texto no formato TXT sem correção	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção do uso fraseologismos na obra <i>Sagarana</i>	90
Gráfico 2 - Tipos de unidades fraseológicas encontradas na obra <i>Sagarana</i>	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Edições de Guimarães Rosa em francês.....	72
Quadro 2 - Capa das edições de <i>Sagarana</i> utilizadas para a realização da pesquisa	85
Quadro 3 - Exemplo de classificação de unidades fraseológicas do <i>corpus</i>	89
Quadro 4 - Exemplo de protocolo de análise	92
Quadro 5 - 1º e 2º Provérbios	95
Quadro 6 – 3º Provérbio	96
Quadro 7 - 4º Provérbio.....	97
Quadro 8 - 5º Provérbio.....	97
Quadro 9 - 6º Provérbio.....	98
Quadro 10 - 7º Provérbio.....	99
Quadro 11 - 8º Provérbio.....	99
Quadro 12 - 9º Provérbio.....	100
Quadro 13 - 10º Provérbio.....	101
Quadro 14 - 11º Provérbio.....	102
Quadro 15 - 12º Provérbio.....	102
Quadro 16 - 13º Provérbio.....	103
Quadro 17 - 14º Provérbio.....	104
Quadro 18 - 15º Provérbio.....	104
Quadro 19 - 16º Provérbio.....	105
Quadro 20 - 17º Provérbio.....	106
Quadro 21 - 18º Provérbio.....	106
Quadro 22- 19º Provérbio.....	107
Quadro 23 - 20º Provérbio.....	107
Quadro 24 - 21º Provérbio.....	108
Quadro 25 - 22º Provérbio.....	108
Quadro 26 - 23º Provérbio.....	109
Quadro 27 - 24º Provérbio.....	109
Quadro 28 - 25º Provérbio.....	110
Quadro 29 - 26º Provérbio.....	110
Quadro 30 - 27º Provérbio.....	111
Quadro 31 - 28º Provérbio.....	111
Quadro 32 - 29º Provérbio.....	112

Quadro 33 - 30° Provérbio.....	112
Quadro 34 - 31° Provérbio.....	113
Quadro 35 - 32° Provérbio.....	113
Quadro 36 - 33 ° Provérbio.....	114
Quadro 37 - 34 ° Provérbio.....	115
Quadro 38 - 35° Provérbio.....	115
Quadro 39 - 36° Provérbio.....	116
Quadro 40 - 37° Provérbio.....	116
Quadro 41 - 38° Provérbio.....	116
Quadro 42 - 39° Provérbio.....	117
Quadro 43 - 40° Provérbio.....	117
Quadro 44 - 41° Provérbio.....	118
Quadro 45 - 42° Provérbio.....	119
Quadro 46 - 43° Provérbio.....	119
Quadro 47 - 44° Provérbio.....	120
Quadro 48 - 45° Provérbio.....	120
Quadro 49 - 46° Provérbio.....	121
Quadro 50 - 47° Provérbio.....	122
Quadro 51 - 48° Provérbio.....	122
Quadro 52 - 49° Provérbio.....	123
Quadro 53 - 50° Provérbio.....	123
Quadro 54 - 51° Provérbio.....	124
Quadro 55 – 1° Pragmatema: Cumprimentar com “bom dia”	126
Quadro 56 – 2° Pragmatema: “boa tarde”	126
Quadro 57 – 3° Pragmatema: “Boas tardes”.....	127
Quadro 58 – 4° Pragmatema: "Benza-o Deus"	127
Quadro 59 – 5° Pragmatema: “Com Deus”, para despedida	128
Quadro 60 – 6° Pragmatema: “Vá com Deus”, para se despedir.....	128
Quadro 61 – 7° Pragmatema: “Meu Deus do Céu” como interjeição.	129
Quadro 62 – 8° Pragmatema: “Deus me livre”, como interjeição de rejeição.....	130
Quadro 63 – 9° Pragmatema: “minha Nossa Senhora”, como um Chamado à Virgem.	130
Quadro 64 – 10° Pragmatema: “minha Nossa Senhora”, como um Chamado à Virgem.	131
Quadro 65 - 1ª locução: <i>dar à luz</i>	132
Quadro 66 - 2ª locução: <i>Manuel não enxerga</i>	133

Quadro 67 - 3ª locução: <i>desassa a tua mandioca</i>	133
Quadro 68 - 4ª locução: <i>a olho</i>	134
Quadro 69 - 5ª locução: <i>para tocar boiada</i>	134
Quadro 70 - 6ª locução: <i>vão dar o que fazer</i>	135
Quadro 71 - 7ª locução: <i>faz parede!</i>	135
Quadro 72- 8ª locução: <i>fazer o gado</i>	136
Quadro 73 - 9ª locução: <i>olho-de-choro</i>	137
Quadro 74 - 9ª Expressão - <i>Tirar o cavalo da chuva</i>	137
Quadro 75 - 10ª Expressão: <i>ficar no mato sem cachorro</i>	138
Quadro 76 - Dados Fraseológicos de Rosa.....	148
Quadro 77 - Quadro dos pragmatemas de fórmulas religiosas.....	151
Quadro 78 - Amostra de locuções	152
Quadro 79 - Resultado do levantamento de dados dos 594 fraseologismos da obra <i>Sagarana</i>	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A FRASEOLOGIA: DIMENSÃO LINGUÍSTICA E DIMENSÃO CULTURAL	21
1.1. A NATUREZA DO OBJETO DE ESTUDO DA FRASEOLOGIA	22
1.1.1. A Polilexicalidade	23
1.1.2. A Fixação	24
1.1.3. A Idiomaticidade	25
1.2. AS ABORDAGENS DA FRASEOLOGIA	26
1.2.1. A abordagem lexical	28
1.2.2. A abordagem sintática	30
1.3. CATEGORIZAÇÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	30
1.3.1. Locuções	31
1.3.2. Provérbios	35
1.3.3. Pragmatemas	39
1.4. FRASEOLOGIA E CULTURA	43
1.5. FRASEOLOGIA E LITERATURA	49
2. A CULTURA E LINGUAGEM DE GUIMARÃES ROSA.....	53
2.1. A VISÃO REGIONAL DO TEXTO	54
2.2. A LINGUAGEM REGIONAL DE JOÃO GUIMARÃES ROSA.....	57
2.3. SAGARANA: A PORTA DE ENTRADA DO SERTÃO ROSIANO.....	61
3. A TRADUÇÃO DOS FRASEOLOGISMOS	66
3.1. A TRADUTOLOGIA.....	66
3.2. A TRADUÇÃO LITERÁRIA	67
3.2.1. A tradução dos textos de Guimarães Rosa na França	71
3.2.2. A tradução dos fraseologismos	78
4. METODOLOGIA.....	84
5. ANÁLISE	93
5.1. Provérbios	93
5.2. Fórmulas e Pragmatemas	125
5.3. As Locuções do Sertão.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140

REFERÊNCIAS	143
APÊNDICE	147

INTRODUÇÃO

A literatura é parte do patrimônio cultural, assim como as outras manifestações artísticas que ocorrem em uma nação. No que tange à literatura regional, há necessidade que seja ainda mais específica porque esta não será somente representativa de um país, como também, especificamente de uma determinada região do espaço nacional.

João Guimarães Rosa é conhecido como um dos grandes autores de Minas Gerais justamente por ter colocado, em primeiro plano, os habitantes do sertão de Minas Gerais: “[...] isolados entre as montanhas, no imo de um estado central, conservador por excelência, mantiveram quase intacto um idioma clássico-arcaico, que foi o meu, de infância, e que me seduz” (ROSA, 2008, p. 9). De acordo com o excerto citado anteriormente, é possível notar que há um afeto entre o autor, a gente da terra dele e o idioma da sua infância.

Guimarães Rosa abre ao leitor uma porta de entrada num mundo que já estava desaparecendo quando a primeira obra dele, *Sagarana*, foi publicada em 1946, tendo em vista que o sertão já estava em processo de modernização. No entanto, a publicação das obras do autor permitiu cristalizar as lembranças e as vozes que ele escutava enquanto criança nascida na cidade de Cordisburgo.

Existem trabalhos de análises literárias das obras do autor e até trabalhos linguísticos que se interessaram à linguagem de Rosa, como o famoso *Léxico de Guimarães Rosa*, elaborado por Martins (2008), que revela o interesse dos estudos lexicais quando se pretende abordar a obra do referido autor.

Não obstante os estudos se interessarem pelos vocabulários, neologismos e por algumas questões terminológicas, como o repertório da fauna e da flora, pareceu-nos que ainda faltava um estudo sobre as unidades fraseológicas presentes na obra de Rosa. Por exemplo, se recorrermos ao *Léxico de Martins* (2018) para verificar acerca da palavra joá, encontraremos: “joá com flor formosa não garante terra boa!...” (MARTINS, 2008, p. 286). Após o exemplo do texto rosiano, pode-se ler uma explicação sobre o joazeiro: “joazeiro, árvore alta e copada, característica da caatinga nordestina, que fornece ao gado sombra e alimento, não perdendo a folhagem durante a seca” (*Ibidem*). Este léxico é de grande importância, principalmente para um leitor estrangeiro que não conhece a vegetação do sertão.

No que toca à frase “joá com flor formosa não garante terra boa!...” (Martins, 2008, p. 286), tirada da fala de um dos protagonistas do conto, não são fornecidas mais explicações, visto que essa frase não é de uso recorrente na língua portuguesa. Trata-se de uma unidade

fraseológica, mais especificamente, de um provérbio, que além de conter uma sabedoria popular, utiliza um elemento cultural sertanejo para deixar o seu sentido florescer.

O português do Brasil é rico dessas unidades lexicais que os estrangeiros vão aprendendo à medida que eles têm contato com a língua viva do povo brasileiro. Essas unidades são difíceis de entender subitamente, mas “cai a ficha” quando se sabe que, às vezes, é preciso “tirar seu cavalo da chuva” e que outras vezes “quando não tem cão, caça-se com gato”.

As unidades fraseológicas de uma língua estão ligadas à sua cultura, sua história e muitas vezes seu mundo rural, por isso que em sociedades como a brasileira e a francesa se encontram vários fraseologismos baseados no mundo animal, como àqueles citados no parágrafo anterior.

Para Guimarães Rosa, que situa suas histórias no sertão mineiro, a língua portuguesa lhe possibilita usar o repertório fraseológico que já possui e que é comum a todos os falantes do idioma, contudo, a literatura lhe permite criar suas próprias unidades fraseológicas, de acordo com suas necessidades. Para poder reconhecer uma unidade fraseológica é necessário estabelecer critérios científicos precisos que permitirão determinar se uma unidade é ou não um fraseologismo.

A obra literária aparece, então, não somente como uma obra de arte, mas também, como um *corpus* de pesquisa para uma análise linguística representativa de uma língua regionalista de uma determinada época, que seria a do autor.

Além dos provérbios, que foram as primeiras unidades fraseológicas a chamar a nossa atenção, encontram-se, na obra *Sagarana*, expressões e pragmatemas que são usados pelos personagens das narrativas e que apresentam também traços culturais especificamente sertanejos.

Se essas pérolas da língua, que aparecem como tesouros ao longo dos textos, são necessárias para um melhor entendimento da obra, é importante levá-las em consideração na hora de traduzir as obras em outros idiomas.

Nas versões francesas dos livros de Guimarães Rosa, os tradutores costumam escrever uma nota com a qual explicam como funciona a língua de Rosa e como justificam suas escolhas de tradução. Jacques Thiériot, grande tradutor da literatura brasileira na França (*Anjo Negro*, *Macunaíma*, *Sagarana*, *Tutaméia*, entre outras), na edição francesa de *Sagarana* de 1999, escreve:

Numa nota da segunda edição, João Guimarães Rosa avisa que “as canções e os provérbios entre aspas foram recolhidos por via oral em Minas Gerais”. Respeitamos a grafia e colocamos, também entre aspas, a tradução das expressões rústicas e das palavras deformadas transcritas pelo autor (THIÉRIOT *apud* ROSA, 1999, p. 7, tradução nossa).¹

Essa nota do tradutor é uma informação preciosa, visto que ela aponta que Rosa fez uma escolha cuidadosa dos provérbios e de outras expressões. Encontram-se vários tipos de fraseologismos em *Sagarana*, todavia, os provérbios foram coletados de maneira oral pelo próprio autor durante as suas viagens pelo sertão de Minas Gerais, configurando-se como marcas de oralidade no texto literário de Guimarães Rosa.

Os críticos costumam marginalizar a primeira produção dos autores porque, muitas vezes, as obras iniciais não apresentam as mesmas características estilísticas que obras de autores experimentados. No entanto, no caso da obra *Sagarana*, objetivamos mostrar que a importância das sequências fixas e o uso desse recurso no discurso literário estiveram presentes desde o início da carreira de Guimarães Rosa, como autor.

Importa-nos registrar que as edições de Guimarães Rosa continuam sendo pouco conhecidas na França. Por esse motivo, visamos aumentar o repertório franco-brasileiro de estudos rosianos para, talvez, encontrar o porquê de não ter tido a repercussão merecida, o autor que tanto apreciava ter suas obras traduzidas. Para o nosso estudo das obras em francês, utilizamos o primeiro livro do autor: *Sagarana* (ROSA, 1999; 2017c), traduzido por Jacques Thiériot, editado no *livre de poche*, em 1999.

O que motivou nosso interesse pelas traduções francesas de Guimarães Rosa foi o fato de que no ano de 2016 foram publicadas duas novas traduções dos seus textos na França, o que denota a volta do interesse pelo autor mineiro.

O livro *Estas Estórias* (ROSA, 2017a) ganhou a sua primeira tradução em francês por Mathieu Dosse, tradutor que fez doutorado sobre traduções de textos literários, como as traduções do *Grande Sertão: Veredas*, de *Ulysses* de James Joyce e textos de Vladimir Nabokov. No mesmo ano, foi publicada uma tradução de “O burrinho pedrês” (primeiro conto da obra *Sagarana*) por Michel Riaudel, um grande especialista e estudioso do Brasil.

As investigações fraseológicas possuem um nível avançado de desenvolvimento na França e no Brasil, de modo que este trabalho adota, como quadro teórico, a perspectiva dos estudos fraseológicos realizados nos dois países.

¹ “Dans une note de la 2e édition, João Guimarães Rosa signale que ‘les chansons et les proverbes entre guillemets ont été recueillis par voie orale dans le Minas Gerais’. Nous avons respecté cette graphie et mis de même entre guillemets la traduction des expressions rustiques et des mots déformés transcrits par l’auteur” (THIÉRIOT *apud* ROSA, 1999, p. 7).

A partir dos estudos fraseológicos de linha francesa Gross (1996; 2012), Mejri (1997; 2008; 2011; 2018) e Pamies-Bertrán (2018), pretende-se com uma visão ampla da Fraseologia estabelecer uma tipologia dos diferentes fraseologismos que corroboram o nosso *corpus*.

Considerando que os fraseologismos possuem uma dimensão sociocultural especificamente brasileira, há a necessidade de analisá-los, Marques (2018b) salienta que “os elementos culturais de um povo podem servir de referência na criação de fraseologismos” (p. 158).

Nessa perspectiva, estudar determinadas unidades fraseológicas implica ter um embasamento teórico que permitirá não só a sua análise linguística, como também, dos elementos culturais ligados ao universo da obra e ver se esses elementos típicos aparecem na tradução francesa.

No que concerne às teorias da tradução, usou-se a linha francesa por trabalhar com um *corpus* original em português traduzido para o francês. Para iniciar a nossa reflexão, apoiamos nos ensinamentos de Berman (1999; 2018), que apesar de trabalhar com traduções literárias do alemão para o francês, levanta problemáticas ligadas à dimensão cultural da tradução e da retradução das obras literárias.

Na vertente da tradutologia francesa, Jean-René LADMIRAL (2015; 2016) estabelece a terminologia de língua-fonte e língua-alvo em que o tradutor tem por objetivo retransmitir as informações da língua-fonte com os recursos da língua-alvo. Para abordar a questão da tradução das sequências fixas, o estudo será baseado na teoria de Oséki-Dépré (1999; 2003), que traduziu o livro *Primeiras Estórias* (ROSA, 2017b). O fato de esta pesquisadora ter sido uma grande tradutora de obras literárias brasileiras para o francês e de ter traduzido o próprio Rosa, é de grande valor para o nosso trabalho, que liga aspectos linguísticos e culturais na tradução literária.

Aparecem como pressupostos que os fraseologismos deste estudo são imprescindíveis na dimensão oral e sertaneja da obra. Essas unidades têm sentido composicional e precisam ser entendidas de acordo com o universo cultural do sertão. A tradução de um fraseologismo de uma língua para outra é um desafio que visa a transferir o universo e o imaginário do sertão para o francês, mantendo a unidade morfossintática dos elementos que o compõem.

Manter na língua-alvo, os fraseologismos de João Guimarães Rosa, parece uma necessidade do tradutor, dado que são unidades lexicais capitais, tanto do ponto de vista linguístico, quanto da importância delas no desenvolvimento da diegese. Supomos que traduzir um fraseologismo rosiano vai além da busca de simples equivalência: é preciso achar um meio, para o tradutor, de transmitir a um leitor francês todo o universo, o imaginário e o estilo do

autor mineiro. Este trabalho revela, portanto, a necessidade de um estudo do fenômeno fraseológico na obra de Guimarães Rosa e das possibilidades de tradução desse fenômeno na língua francesa no propósito de dar acesso ao público francófono a esse imaginário literário-sertanejo.

A partir dessas considerações surgem as seguintes questões da pesquisa:

- Em que medida o uso de unidades fraseológicas da obra participa da construção do universo cultural sertanejo da obra?
- Qual é a tipologia das unidades fraseológicas da obra *Sagarana* de Guimarães Rosa?
- Quais são os critérios científicos que permitem o reconhecimento e a análise dessas unidades?
- Como as unidades fraseológicas foram traduzidas em francês por Jacques Thiériot?

Essas questões mostram-se relevantes na medida em que, por meio delas, temos a intenção de demonstrar a importância das unidades fraseológicas na escrita literária rosiana como marca cultural sertaneja e, também, debater o cuidado que devem ter os tradutores de textos literários para manter a dimensão cultural dos fraseologismos na versão traduzida.

A primeira hipótese que emana dessas questões é que o universo e as unidades fraseológicas carregam dentro de si marcas culturais específicas do mundo criado por Guimarães Rosa e que o aspecto cultural faz parte dos critérios de análise dessas unidades, assim como a polilexicalidade, a fixidez e o sentido opaco.

A tradução e a retransmissão, em francês, das unidades fraseológicas que ocorrem na obra do autor mineiro podem evidenciar a conservação dos traços culturais brasileiros na versão francesa, mesmo perdendo os outros elementos que permitem reconhecer essas unidades lexicais como fraseológicas.

O objetivo principal desta tese é analisar as unidades fraseológicas na obra *Sagarana* de Guimarães Rosa, com o intuito de demonstrar a pertinência desse fenômeno linguístico na prosa do autor mineiro e verificar como o tradutor para a língua francesa manteve (ou não) a recorrência dessas expressões na versão francesa, tendo que o *corpus* da pesquisa é constituído da sua versão original e sua tradução para o francês. Esta tese contribui assim aos estudos fraseológicos, tradutológicos e rosianos além de expandir os conhecimentos e o repertório fraseológico entre o Brasil e a França.

Como objetivos específicos, este trabalho pretende:

- Descrever os fraseologismos da primeira obra de Guimarães Rosa;
- Analisar o tratamento dos fraseologismos na versão francesa da obra do *corpus*;

- Discutir a importância da tradução dos elementos fraseológicos para a retransmissão do universo literário regional de Guimarães Rosa em francês;
- Evidenciar a importância dos fraseologismos de um determinado modo de falar, especialmente, os que resultam do intuito de transpor marcas orais regionalistas no seio de uma obra literária.

Esta tese está organizada em cinco capítulos, precedidos do sumário, da introdução e seguidos das considerações finais, referências e apêndice.

No primeiro capítulo, tratamos sobre a Fraseologia, apresentando, inicialmente, um breve histórico dessa disciplina e, em seguida, a natureza do fenômeno fraseológico, enfatizando aspectos como a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade. Na sequência, as diferentes abordagens da Fraseologia, a tipologia dos fraseologismos destacando as locuções, os provérbios e os pragmatemas para fechar sobre a cultura e a Fraseologia.

No segundo capítulo, tratamos a respeito do discurso regional de João Guimarães Rosa. Nesse capítulo, mostramos uma visão linguística do texto literário, concebido como um universo linguístico criado por um determinado autor com base numa língua, numa cultura e numa dimensão regional específica.

O terceiro capítulo discute acerca de questões de tradução, iniciando com aspectos gerais de tradução de obras literárias para, posteriormente, tratar das traduções específicas das unidades fraseológicas.

O quarto capítulo é destinado à metodologia da pesquisa. Nele explicamos como foram extraídos os dados do *corpus*, os 594 fraseologismos em língua portuguesa, e suas respectivas traduções para a língua francesa, e detalhamos como as ferramentas informáticas auxiliaram na extração dos dados, sem deixar de considerar suas limitações para a pesquisa fraseológica.

O quinto capítulo é consagrado à análise dos dados. Neste capítulo são analisados 51 provérbios que apresentam todos os critérios de provérbios que foram definidos no primeiro capítulo. Depois são analisados 10 pragmatemas e 10 expressões, escolhemos 10 ocorrências diferentes para ilustrar a recorrência do fenômeno.

Após o sexto capítulo, seguem as considerações finais, as referências bibliográficas e, por fim, os anexos, onde é possível encontrar um gráfico que ilustra o percentual dos diferentes tipos de fraseologismos encontrados na obra *Sagarana* que constitui o *corpus* da pesquisa de Guimarães Rosa e um quadro que apresenta a organização desses dados.

1. A FRASEOLOGIA: DIMENSÃO LINGUÍSTICA E DIMENSÃO CULTURAL

Este capítulo tem por objetivo discutir a Fraseologia, apresentando, primeiramente, um breve histórico desse domínio de estudo. Em seguida, discutimos a natureza do seu objeto de estudo e abordagens possíveis do fenômeno fraseológico. Na sequência, oferecemos uma descrição detalhada e científica dos tipos de unidades fraseológicas mais presentes no *corpus* deste estudo para chegar a uma dimensão essencial para análise dos dados desta pesquisa, que é a relação entre fraseologia e a cultura.

O estudo da fraseologia começa a partir dos trabalhos de Charles Bally (1951), mais especificamente em sua obra *Traité de Stylistique Française*, volume 1, na qual o autor nomeia o fenômeno e lhe dedica inúmeras páginas no seu tratado de estilística.

Alguns questionamentos que levantou Bally (1951) perduram até hoje, como a questão da fixação relativa ou absoluta que pesquisadores como Gross (1996), Mejri (1997) ou González Rey (2015) tratarão como grau de fixação, ao postular que “os grupos consagrados pelo uso se chamam locuções fraseológicas; nomeamos séries aquelas em que a coesão dos termos é somente relativa, e unidades, as que têm uma coesão absoluta” (BALLY, 1951, p. 68, tradução nossa).² Assim, pode-se afirmar que Charles Bally foi o primeiro linguista a destacar o fenômeno e a tratá-lo em suas reflexões sobre o fenômeno fraseológico, constituindo-se como o ponto de partida de muitas concepções da fraseologia.

Entre outros aspectos, Bally (1951) trata também da idiomaticidade das unidades fraseológicas, sem ainda nomear esse fenômeno, ao sustentar que:

[...] um grupo forma uma unidade quando as palavras que o compõem perdem toda significação e que o conjunto só tem uma significação; é preciso ainda que a significação seja inédita e não equivale à soma das significações dos elementos [...]” (BALLY, 1951, p. 74, tradução nossa).³

Sendo assim, encontra-se no autor citado anteriormente uma definição das características próprias das unidades fraseológicas que podem servir de base para entender como elas foram caracterizadas no passado e, como, à medida que as pesquisas avançam, conseguimos afinar o pensamento e questionar também o que tem sido dito ao longo do tempo.

² “Les groupes consacrés par l’usage s’appellent locutions phraséologiques; nous nommerons séries celles où la cohésion des termes n’est que relative, et unités celles où elle absolue” (BALLY, 1951, p. 68).

³ “On dit qu’un groupe forme une unité lorsque les mots qui le composent perdent toute signification et que l’ensemble seul en a une; il faut en outre que cette signification soit nouvelle et n’équivale pas simplement à la somme des significations des éléments [...]” (Ibidem, p. 74).

1.1. A NATUREZA DO OBJETO DE ESTUDO DA FRASEOLOGIA

A Fraseologia de uma língua representa diferentes tipos de fenômenos linguísticos, como as expressões idiomáticas e os provérbios. Como exemplo de expressões idiomáticas, citam-se as expressões “cair a ficha” e “tirar seu cavalo da chuva”. Em relação aos provérbios, há os seguintes exemplos: “quem não tem cão, caça com gato” e “quem tem boca, vai a Roma”. Essas expressões são comumente faladas e usadas no Brasil, porém, podem gerar uma dificuldade de entendimento aos estrangeiros. Isso se deve ao fato de que os fraseologismos fazem parte da cultura comum compartilhada pelos membros de uma determinada comunidade linguística e comportam, muitas vezes, um sentido figurado de difícil compreensão para um falante ou leitor que não partilha dos mesmos códigos sociais e culturais envolvidos no processo de significação do signo fraseológico.

Se os fraseologismos fazem parte do acervo cultural de um determinado povo, é natural que não sejam, obrigatoriamente, encontrados equivalentes em outras línguas. A título de exemplo, a expressão “dar um bolo”, que significa não se apresentar a um encontro marcado, pode ser traduzida em francês por *poser un lapin*, literalmente, depositar um coelho. Pode-se constatar que a imagem do bolo e a imagem do coelho são bem diferentes uma da outra, de modo que um falante que não domina os dois sistemas linguísticos dificilmente estabelecerá uma relação entre as duas expressões.

No âmbito dos estudos fraseológicos, os autores costumam distinguir as características dos fraseologismos, oferecendo critérios e parâmetros que permitem compreender a natureza do fenômeno estudado e identificar os dados de caráter fraseológico. Dentre as principais propriedades, nesta tese, discutimos a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade. Essa tríade aparece recorrente em quase todos os tipos de fraseologismos. É o que permite reunir, como fraseologismos, unidades diversas como provérbios, expressões idiomáticas, canções ou pragmatemas. Deve ser levado em consideração que esses critérios têm certo grau de existência. Um provérbio terá um grau de fixação maior que uma colocação; uma expressão idiomática terá um grau maior de idiomaticidade do que outras unidades etc. A esses três critérios pode-se acrescentar mais um, que aparece como determinante para este estudo: o critério cultural, que será tratado em uma seção específica a respeito da relação entre fraseologia e cultura.

1.1.1. A Polilexicalidade

Um critério importante para poder identificar uma unidade fraseológica é a polilexicalidade, ou seja, o fato de que uma unidade lexical é composta por pelo menos dois elementos. De acordo com Gross (1996, p. 9), “a primeira condição para que possamos falar de fixação é que estejamos diante de uma sequência de várias palavras e que essas palavras tenham, além disso, uma existência autônoma”.⁴ Assim sendo, uma unidade fraseológica terá pelo menos dois componentes.

Mejri (2004) define a polilexicalidade como própria das “[...] sequências fixas que têm um significante plural (=poli), formado por algumas unidades lexicais que são usadas de maneira autônoma fora do quadro da unidade fraseológica” (*Ibidem*, p. 14, tradução nossa).⁵

Para o autor:

[...] a polilexicalidade é o suporte concreto e tangível da solidariedade entre os constituintes da sequência fixa. Mas essa solidariedade pode ser mais ou menos importante e, de acordo com o pesquisador francês, essa observação permitiu orientar a reflexão para o lado da noção de grau de congelamento que se revela de grande utilidade descritiva (MEJRI, 2004, p. 19, tradução nossa).⁶

A fraseóloga González-Rey (2015, p. 46), ao analisar as propriedades fraseológicas, trata também da polilexicalidade, ao elucidar que “[...] essa característica teria um limite inferior de duas palavras e um limite superior como uma frase ou mesmo um texto, no caso das canções ou das rezas”. Ademais, a citada pesquisadora acrescenta que a polilexicalidade é um critério que pode ser questionado, porque uma palavra, ou seja, uma forma gráfica, poderia servir para formar uma expressão idiomática, sobretudo, numa situação de enunciação, como por exemplo, as expressões “Fogo!”, “Adeus!” e “Nossa!”, que são unidades que podem representar uma expressão inteira dentro de uma situação de enunciação.

⁴ "La première condition nécessaire pour qu'on puisse parler de figement est que l'on soit en présence d'une séquence de plusieurs mots et que ces mots aient, par ailleurs une existence autonome." (GROSS, 1996, p. 9).

⁵ "En fait, il s'agit d'une caractéristique propre aux SF, qui, contrairement aux dérivés par exemple, se distinguent par un signifiant pluriel (=poly), formé de plusieurs unités lexicales employées d'une manière autonome hors du cadre de la séquence (=lexical)" (MEJRI, 2004, p. 14).

⁶ "[...] que la polylexicalité est le support concret et tangible de la solidarité plus ou moins importante entre les constituants de la SF. Ce constat a permis d'orienter la réflexion du côté de la notion de degré de figement qui s'avère d'une grande utilité descriptive" (*Ibidem*, p. 19).

1.1.2. A Fixação

O segundo critério que permite identificar a natureza do fenômeno fraseológico é a fixação, o que significa, grosso modo, dizer que os elementos que compõem uma unidade fraseológica não podem ser alterados do ponto de vista de sua forma. É o conjunto dos elementos, quase sempre, dispostos em uma determinada ordem que dá o seu sentido a uma unidade.

Para Gross (1996), uma análise linguística fina deve levar em consideração o que é fixo e o que não é. No caso dos provérbios, o conjunto é fixo e não pode sofrer alteração sem alterar o sentido total da unidade fraseológica. Gross explica que quando a unidade fraseológica possui, por exemplo, um verbo de suporte, este pode ser atualizado no discurso e é o resto da frase que conhece a fixação.

Com efeito, Gross (1996, p. 16, tradução nossa) explica que “existem graus de fixação nas línguas, um *continuum* entre as sequências livres e as que são totalmente restritas”.⁷ Em nosso estudo, privilegiamos as sequências que apresentem o maior grau de fixação, formando apenas um bloco, sem excluir as que funcionam com um verbo suporte que se atualizam de acordo com a situação de enunciação.

Para Mejri (2005), a fixação se caracteriza da seguinte maneira:

[...] um conjunto de características sintáticas e semânticas que afetam uma unidade polilexical [...] a fixação pode ser apenas parcial, o que supõe graus no processo (a notícia é mais fixa do que o fato histórico). Portanto, isso também supõe um continuum entre sequências livres e restritas (MEJRI, 2005, p. 5, tradução nossa).⁸

Para o referido autor, existe uma ligação entre as sequências livres e as sequências fixas onde ocorre um processo de fixação. Mejri (2005) também pontua que existem graus de fixação e que algumas sequências são mais fixas do que outras.

Mejri (2005) acrescenta que existem dois tipos de fixação: a fixação absoluta e a fixação relativa: a fixação absoluta é considerada o grau maior da "fossilização" de formação de frase e não tolera nenhuma alteração. Enquanto a fixação relativa considerará sequências que podem se atualizar no discurso.

⁷ "Il existe donc des degrés de figement dans les langues, un continuum entre les séquences libres et celles qui sont entièrement contraintes" (GROSS, 1996, p. 17).

⁸ "[...] un ensemble de caractéristiques syntaxiques et sémantiques affectant une unité polylexical [...] le figement peut n'être que partiel, ce qui suppose des degrés dans le processus (fait divers est plus figé que fait historique). Cela suppose donc également un continuum entre séquences libres et séquences contraintes" (MEJRI, 2005, p. 5).

González-Rey (2015) define a fixação, em sua obra *La phraséologie du français*, da seguinte maneira:

Do ponto de vista formal, as construções fraseológicas são fixas em oposição às construções livres, isto quer dizer que seus constituintes seguem uma ordem interna quase inalterável. Sua estrutura permanece geralmente invariável, independentemente do seu lugar na frase ou no discurso (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 47, tradução nossa).⁹

A concepção de fixação da pesquisadora espanhola corrobora com a visão de Gross (1996). Inclusive, Gonzalez-Rey (2015) também elucida que existe uma graduação na fixação e que as unidades fraseológicas podem sofrer algumas mutações que, no entanto, do ponto de vista semântico, não altera o sentido geral da sequência.

Além desses elementos, Gonzalez-Rey (2015) apresenta também um conceito útil para o tratamento dos pragmatemas: a fixação do ponto de vista pragmático. Nesse sentido, a pesquisadora salienta que “a fixação das unidades fraseológicas é relativa no seu uso, pois, algumas situações comunicacionais exigem as mesmas expressões (saudações, apresentações, despedidas, rezas, fórmulas epistolares, etc.)” (*Ibidem*, p. 49, tradução nossa),¹⁰ o que permite entender que, em determinadas situações, a fixação está definida pela situação de enunciação.

1.1.3. A Idiomaticidade

O terceiro critério que pode contribuir para a delimitação de uma unidade fraseológica é a idiomaticidade, que consiste no parâmetro segundo o qual não se pode deduzir o sentido de uma unidade fraseológica a partir dos elementos que a compõem.

Para Gross (1996, p. 10), a idiomaticidade é tratada como opacidade semântica. O citado linguista considera que diante de uma unidade fraseológica com opacidade semântica, um estrangeiro provavelmente não terá a capacidade de compreender a frase, mesmo que ele reconheça o sentido habitual das palavras que a compõem. Nessa mesma perspectiva, Gross (1996) explica que algumas unidades fraseológicas não possuem sentido composicional, o que significa dizer que o sentido não é transparente, pois está limitado pela opacidade semântica.

⁹ "Du point de vue formel, les constructions phraséologiques sont figées par opposition aux constructions libres, c'est-à-dire que leurs constituants suivent un ordre interne pratiquement inaltérable. Leur structure demeure généralement invariable, quelle que soit leur place dans la phrase ou dans le discours" (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 47).

¹⁰ "[...] la fixation des unités phraséologiques concerne leur emploi, car, d'une part certaines situation communicatives exigent les mêmes expressions (salutations, présentations, adieux, prières, formules épistolaires, etc.)" (*Ibidem*, p. 49).

Cabe salientar que o citado pesquisador distingue a opacidade em três níveis: total, parcial e inexistente.

González-Rey (2015, p. 49, tradução nossa) define a idiomaticidade da seguinte forma: “o sentido global de uma unidade fraseológica não corresponde à soma dos significados dos seus formativos”.¹¹ A pesquisadora explica também que esse desvio do sentido literal conduz a um segundo sentido que está oculto, configurando, assim, opacidade semântica. Na esteira de Gross (1996), González-Rey (2015) também destaca três níveis de idiomaticidade: total, parcial ou inexistente.

Além disso, a partir de Greimas (1960) *apud* González-Rey (2015), é possível explicar que existem duas dimensões idiomáticas nas línguas, a primeira é interlinguística e pode se considerar que tudo entre duas línguas é diferente e, portanto, idiomático, mesmo se as diferenças tendem a ser menores entre as línguas de uma mesma família. A segunda dimensão (que é a que interessa quando se trata de fraseologia) é intralinguística e está centrada na combinação das palavras e da sua fixação em relação à sintaxe livre da mesma língua. A idiomaticidade intralinguística permitirá distinguir as unidades fraseológicas das demais combinações de uma língua natural.

Para ilustrar essa ideia, González-Rey (2015) pontua que “nem um aprendiz de língua estrangeira, nem um falante nativo são capazes de compreender uma expressão idiomática sem ter que fazer uma reflexão metalinguística sobre este signo polilexical” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 60, tradução nossa).¹² Verifica-se, desta forma, que a idiomaticidade está ligada a não composicionalidade dos diferentes signos que compõem uma unidade fraseológica.

1.2. AS ABORDAGENS DA FRASEOLOGIA

Durante muitos anos, as unidades fraseológicas sempre foram consideradas como um fenômeno marginal no funcionamento das línguas. Dessarte, as unidades fraseológicas foram tratadas pelos linguistas com diferentes abordagens, como a abordagem ampla, lexicológica, a sintática, a léxico-gramatical.

¹¹ “[...] le sens global d’une unité phraséologique ne correspond pas à la somme des signifiés de ses formatifs” (GONZÁLEZ-REY, 2015, P. 49).

¹² “[...] ni un apprenant de langues étrangères ni un locuteur natif n’est à même de comprendre une expression idiomatique sans avoir à faire une réflexion métalinguistique sur ce signe polylexicale” (Ibidem, p. 60).

Pamies-Bertrán (2018) explica que o que constitui a fixação é o simples fato de não poder aplicar nela todas as transformações sintáticas disponíveis para as combinações livres. O autor postula que a Fraseologia se constitui em oposição aos enunciados em oposição aos enunciados livres que se formam todos os dias. Para o autor, a fraseologia surgiu à custa do *status quo* anterior entre sintaxe e léxico e os seus limites com esses domínios são uma questão essencial para justificar sua existência como disciplina independente, mas também para poder delimitar o seu objeto de estudo que poderia ser considerável.

Tendo isto, Pamies-Bertrán (2018), aqui trazido de forma indireta, distingue quatro abordagens principais que traduzimos para o português da seguinte forma:

- a) A Fraseologia formaria um domínio à parte, sem sobreposição, compreendendo tudo o que não é uma palavra, nem uma combinação sintática;
- b) A Fraseologia formaria um subconjunto dentro do léxico (oposição privada), pois suas unidades não seriam produto de regras, mas de uma seleção em um estoque memorizado, como as palavras;
- c) A Fraseologia seria uma subclasse particular de combinatória sintática (oposição privada inversa);
- d) A Fraseologia seria encontrada na interseção do léxico e da sintaxe e, portanto, teria propriedades comuns a ambos os domínios.

Levando em conta os dados levantados no *corpus* deste estudo, nosso trabalho se situa mais perto da abordagem ampla, considerando a fraseologia como um domínio independente dos demais, pois integra unidades do léxico e do discurso. O autor anteriormente citado explicita que essa abordagem tem a vantagem de permitir o exame da fraseologia sem tocar os limites de outros módulos, mas que possui a dificuldade de precisar as características obrigatórias exclusivas de todas as unidades fraseológicas.

Para realizar a análise, foi estabelecida uma categorização das diferentes abordagens fraseológicas a partir das unidades lexicais do nosso *corpus* de onde as expressões idiomáticas, os pragmatemas, os provérbios, as canções e citações se destacaram e precisaram ser descritas a fim de estabelecer um padrão para o levantamento dessas unidades.

Em seguida, apresentamos as duas abordagens fraseológicas mais alinhadas com a análise realizada nesta pesquisa: a abordagem lexical e a abordagem sintática.

1.2.1. A abordagem lexical

Nessa abordagem, a Fraseologia pertence ao domínio da Lexicologia. As unidades fraseológicas, nessa perspectiva, são consideradas como unidades complexas do léxico. Para Biderman, a palavra tem uma dimensão cognitiva, tanto que:

[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1993, p. 12).

O nomear das coisas constitui, então, uma primeira etapa cognitiva para conhecer o mundo, sendo assim, o léxico de uma língua é algo de relevante importância para formação de um indivíduo. Quando se trata de léxico, é importante notar que existem as unidades lexicais simples e as unidades lexicais complexas. Ao discorrer sobre as unidades léxicas, Biderman (1999), argumenta que:

Por sua vez, as lexias se repartem em duas categorias: as lexias simples, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separadas por dois brancos (*cesta, guarda, dona, mãe*) e lexias complexas, formadas por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen (*cesta básica, dona de casa*). E chamaremos de lexias compostas aquelas que são ligadas por hífen (*guarda-roupas, mãe-de-santo*) (BIDERMAN, 1999, p. 89).

As unidades lexicais simples não implicam problemas, pois “trata-se das unidades que graficamente coincidem com uma sequência gráfica indecomponível” (BIDERMAN, 1999, p. 89). Essas unidades, que incluem todas as classes gramaticais, são chamadas pela autora de “lexias simples”. Ao lado dessas lexias simples, existe a categoria das lexias complexas, categoria, da qual, pertencem os fraseologismos.

Para distinguir uma lexia complexa de uma sequência discursiva variável, Biderman (1999) propõe que sejam realizados dois testes: o teste da substituição e o teste da inserção. No caso da substituição, numa sequência como *bater as botas*, não podemos substituir um dos elementos como o uso da unidade *sapatos* por *botas*, visto que a expressão *bater as botas* já está lexicalizado no nível do sistema lexical. O teste da inserção consiste em inserir um elemento dentro de uma de uma sequência fixa como *dor de cabeça*. A autora sugere tentar a inserção de um adjetivo no meio da sequência, a fim de mostrar que em não sendo possível sua aplicação, esse teste demonstra, também, a lexicalização da sequência no sistema lexical.

Embora as unidades fraseológicas ou UF, assim abreviadas pela recém mencionada autora, sejam estruturalmente complexas, tanto sintática como semanticamente, elas se comportam como verbos, substantivos, advérbios, adjetivos, preposições, e correlatos, conforme ela trata no seguinte excerto:

A identificação e definição dos diferentes tipos de UF não é problema simples; longe disso. A aplicação de testes mostra que a linha divisória entre classes diferentes não pode ser claramente determinada. Entre construções totalmente cristalizadas (p. ex. bilhete azul, tudo azul) e menos cristalizadas (p. ex. tomar uma decisão/ tomar uma importante decisão, tomar qualquer decisão) e entre EI (p. ex. levar a ferro e fogo) e não idiomáticas (levar em conta, levar em consideração) há muito casos intermediários que mostram graus diferentes de cristalização e de idiomaticidade (BIDERMAN, 2005, p. 752).

Sendo assim, cada unidade fraseológica ocupará uma função numa frase ou num discurso como uma unidade simples, porém, de acordo com o grau de fixação e de opacidade, as unidades fraseológicas apresentam funções variáveis.

Além disso, os testes que podem ser operados nas diferentes unidades fraseológicas funcionam apenas com uma língua e precisam ser repensados quando são passados para outra língua:

A hipótese é de que as UF são expressões irregulares, cuja distribuição e interpretação não podem ser explicadas a partir de uma análise composicional e com base nas regras gerais da língua. Assim sendo, os testes aplicáveis serão diferentes. Além disso, em princípio, os testes a serem usados são monolíngues, ou seja, baseiam-se nas regras específicas da língua em questão, embora possam eventualmente ser aplicados a mais de uma língua (BIDERMAN, 2005, p. 752).

Os testes de uma língua precisam ser adaptados a outro sistema linguístico para serem usados numa outra língua.

Mejri (1997), que aborda no seu estudo *le figement* diferentes concepções da fraseologia, trata acerca da abordagem lexical conforme trecho que segue:

Para o lexicólogo, trata-se de um fato do léxico a partir do momento que o objeto de estudo está formado de unidades lexicais se apresentando na forma de blocos e constituindo, tal como as outras unidades do léxico, paradigmas que os locutores devem memorizar (MEJRI, 1997, p. 11, tradução nossa).¹³

¹³ "Pour le lexicologue, il s'agit d'un fait de lexique du moment que l'objet d'étude est formé d'unités lexicales se présentant sous forme de blocs et constituant, tout comme les autres unités du lexique, des paradigmes que le locuteur doit mémoriser" (MEJRI, 1997, p. 11).

Nessa visão, as unidades fraseológicas são consideradas como unidades complexas do léxico e merecem ser tratadas do mesmo modo que as unidades simples.

A abordagem lexical faz parte das abordagens tradicionais da fraseologia tal como o menciona González Rey (2015) na parte consagrada às abordagens tradicionais da fraseologia. A pesquisadora mostra uma perspectiva histórica da abordagem lexical a partir das lexias de Pottier (1974) estabelecendo as tradicionais diferenças entre lexias simples, compostas, complexas e textuais.

1.2.2. A abordagem sintática

Além de tratar sobre a abordagem lexical, Mejri (1997) chama a atenção para a existência de uma abordagem sintática, ao afirmar que:

Há também toda uma dimensão sintática não menos importante: diz respeito a uma das características formais dessas unidades. O estudo de todas as restrições impostas pelo uso dessas sequências na fala vem naturalmente sob a habilidade do estudioso da sintaxe (MEJRI, 1997, p. 11, tradução nossa).¹⁴

Desse modo, para analisar algumas sequências fixas, como as construções com verbo suporte, as expressões idiomáticas e, sobretudo, as colocações que apresentam uma atração lexical, é preciso usar os recursos da sintaxe para ver como elas se atualizam no discurso.

González-Rey (2015), ao estabelecer um histórico das abordagens tradicionais da fraseologia, partindo das ideias de Bally (1951), inclui nessa categoria as palavras compostas, unidas por um traço ou uma preposição. Com base em Benveniste (1974), inclui também as *synapsies*, conceito que se refere a lexemas não unidos por um traço que se cristalizam para formar um novo objeto ou um novo conceito.

1.3. CATEGORIZAÇÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Segundo Monteiro-Plantin (2014, p. 23), os limites da Fraseologia são difíceis de estabelecer, “[...] principalmente por não haver consenso entre os linguistas quanto à delimitação das unidades que podem ser objeto de investigação, e tampouco em relação à

¹⁴ "Il y a par ailleurs tout une dimension syntaxique non moins importante : elle concerne l'une des caractéristiques formelles de ces unités. L'étude de l'ensemble des contraintes imposées par l'emploi de ces séquences dans le discours relève tout naturellement des compétences syntacticien" (MEJRI, 1997, p. 11).

categorização dessas unidades”. A questão da terminologia adotada para se referir aos diferentes fenômenos e, portanto, ao objeto de investigação, também é fundamental no estudo fraseológico. Nesse sentido, para Mejri (1997), é importante empregar uma terminologia clara com critérios precisos para analisar e descrever os diferentes fraseologismos:

[...] a questão terminológica é fundamental no tratamento da questão a ser estudada porque somos convencidos que um fato denominado de maneira confusa é na maioria do tempo mal apreendido. No plano especificamente epistemológico, a precisão conceptual está ligada com o grau de precisão científico (MEJRI, 1997, p. 26, tradução nossa).¹⁵

Na visão do autor, somente com esse cuidado terminológico, o pesquisador pode definir com precisão científica o fenômeno linguístico observado. Diante dessas considerações, de acordo com as unidades encontradas no *corpus* da obra *Sagarana* de Guimarães Rosa, é de fundamental importância estabelecer, inicialmente, uma tipologia dessas unidades.

Desta forma, torna-se relevante estabelecer o quadro teórico das três categorias de unidades fraseológicas que são analisadas nesta tese. Para cada uma dessas categorias são definidos critérios de classificação e de análise que serão elucidados na sequência, partindo da discussão acerca das expressões idiomáticas, na sequência, dos provérbios e, após, dos pragmatemas.

1.3.1. Locuções

De acordo com a literatura, as locuções representam, em geral, o primeiro tipo de unidade fraseológica quando se pensa no fenômeno fraseológico. Assim, é possível depreender que “[...] as locuções são formadas por estruturas lexicais localizadas no nível oracional da língua, polilexicais, de sentido figurado e cristalizadas pela tradição cultural de uma comunidade linguística” (XATARA, 1998, p. 18).

Biderman (2005, p. 750) elucidada que, “em parte isso se explica porque na EI o núcleo da significação não é mais redutível ao verbo; estende-se a seus complementos. Esse núcleo funciona como pivô para uma interpretação idiomática da EI”. Isso comprova o alto grau de

¹⁵ “[...] a question terminologique est fondamentale dans le traitement de la question à étudier parce que nous sommes convaincus qu’un fait confusément dénommé est souvent mal appréhendé. Sur le plan purement épistémologique, la précision conceptuelle va de pair avec le degré de précision scientifique” (MEJRI, 1997, p. 26).

idiomaticidade que se encontra nas expressões idiomáticas que precisam ser entendidas pelo conjunto dos seus componentes.

Para Biderman (2005), as expressões idiomáticas são o caso mais complexo e extremo de unidades fraseológicas, conforme se depreende no excerto, a seguir:

Consideremos, por fim, o caso mais extremo de unidade complexa e heterogênea – a expressão idiomática (EI). Esse tipo de sequência apresenta uma grande fixidez, razão por que deve integrar o acervo lexical da língua, não sendo, portanto, uma sequência discursiva. Cf. por exemplo: arrancar o mal pela raiz; botar as barbas de molho, botar as cartas na mesa, botar (pôr) lenha na fogueira; colocar uma pá de cal em; comer o pão que o diabo amassou (BIDERMAN, 2005, p. 755).

Isso pode explicar-se pelo fato de que as expressões idiomáticas possuem os três principais critérios das unidades fraseológicas nos seus maiores graus: polixicalidade, fixação e idiomaticidade.

Suas principais características são que suas partes combinatórias não podem ser desmembradas em unidades singulares de sentido, ao contrário, o significado deve ser depreendido a partir da totalidade da unidade frasal que terá um sentido próprio e peculiar (ZAVAGLIA, 2006). Nessa perspectiva, as expressões idiomáticas representam um desafio pela compreensão de um enunciado e como elas são próprias de uma determinada cultura.

Nesse mesmo diapasão, González-Rey (2015), a partir das reflexões de Rey-Chantreau (1990), elucida que o adjetivo *idiomático*, aliado ao termo *expressão*, tem um sentido duplo: em primeiro lugar, significa dizer que é uma expressão própria de uma língua e, em segundo lugar, denota um sentido específico da expressão.

As expressões idiomáticas são os fraseologismos deste estudo que têm o sentido mais opaco, todavia, para poder ser consideradas expressões idiomáticas, visto que é o critério de reconhecimento por uma comunidade linguística que lhes confere o referido status. González-Rey (2021), inclui as expressões idiomáticas no domínio das locuções e delinea o uso do termo locução:

Em suma, usaremos o termo locução para designar unidades fraseológicas que possuem tanto uma estrutura sintagmática de natureza nominal, verbal, adverbial ou adjetiva, um significado metafórico e pictórico e uma função inferencial e conotativa (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 160, tradução nossa).¹⁶

¹⁶ "En somme, nous emploierons le terme locution pour nommer des unités phraséologiques ayant à la fois une structure syntagmatique de nature nominale, verbale, adverbiale ou adjectivale, un sens métaphorique et imagé et une fonction inférentielle et connotative" (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 160).

As locuções reúnem os mesmos critérios que as expressões idiomáticas, sendo assim, a referida pesquisadora insiste no seu caráter metafórico, de onde um sentido figurado poderá ser interpretado. No caso do Guimarães Rosa, encontram-se poucas expressões idiomáticas que pertencem à língua portuguesa. Parece que o autor cria as suas próprias expressões a respeito das quais deve-se usar o termo de locução.

As locuções possuem um sentido não composicional: “Em uma frase, por outro lado, não há hierarquia nos constituintes, cada um deles contribuindo em igual medida para a construção do significado geral da expressão” (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 162, tradução nossa).¹⁷ Depreende-se desse excerto que os elementos que constituem uma locução não podem ser separados e devem ser entendidos em conjunto. Sendo assim, a opacidade das locuções é considerada um critério de identificação para essas unidades fraseológicas:

Eles são considerados idiomáticos pela não somatividade de seus constituintes. Esta noção, também chamada de “não composicionalidade” ou “indedutibilidade”, permite efetivamente “reconhecê-los” graças à incompatibilidade de sentido dos seus formativos ou da expressão em relação ao texto em que se inscreve (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 164, tradução nossa).¹⁸

As diferentes locuções são identificáveis como tais porque distinguem-se do resto do texto onde se inscrevem. No caso de *Sagarana*, o sentido não composicional de uma locução é um dos critérios para reconhecê-la como tal.

Além disso, as locuções da obra são criações de Guimarães Rosa. Para González-Rey (p. 164, 2021): “O criador de uma expressão parte de uma ideia que traduz numa imagem. O resultado é uma expressão idiomática se conseguir se estender no espaço e no tempo através do fenômeno da repetição.” O que denota que existe um momento de criação das expressões a partir duma certa imagem. O fato de uma expressão se tornar uma expressão idiomática dependerá se essa consegue ser divulgada e entrar em uso. As expressões criadas por Guimarães Rosa são consideradas, na perspectiva deste trabalho, como locuções.

Para reconhecer uma locução é importante conseguir perceber que se trata de um sentido figurado baseado numa imagem em acordo com o universo sertanejo da obra. González-Rey (p. 164, 2021, tradução nossa) esclarece: “Em suma, podemos dizer que uma frase é o produto de uma transposição semântica que lhe confere um sentido particular, um sentido figurado”. O

¹⁷ “Dans une locution, par contre, il n'y a pas de hiérarchie dans les constituants, chacun d'entre eux contribuant dans la même mesure à contruire le sens global de l'expression” (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 162)

¹⁸ “Elles sont considérées comme idiomatiques par la non-sommativité de leurs constituants. Cette notion, aussi nommée "non-compositionnalité" ou "non-déductibilité", permet effectivement de les "reconnaitre" grâce à l'incompatibilité de sens de leurs formatifs ou de l'expression par rapport au texte où elle s'inscrit" (GONZÁLEZ-REY, 2021, p. 164).

sentido figurado de uma expressão com uma imagem é então um critério de reconhecimento que permite identificar as diferentes locuções do *corpus*. As locuções são baseadas em uma palavra com um sentido figurado ou uma “imagem”:

Na linguagem geral, as frases assentam a sua semântica na construção de uma imagem cuja descodificação resulta de uma operação simultaneamente cognitiva e impressiva. A formação deste ícone da linguagem responde a uma necessidade de transmitir um conceito muitas vezes abstrato pelo concreto, por meio de figuras retóricas... (GONZÁLEZ-REY, p. 164, 2021, tradução nossa).¹⁹

A utilização das locuções serve para ilustrar o seu discurso e deixar concreto um pensamento que pertence ao domínio das ideias. No caso do Guimarães Rosa, as imagens que servem para transmitir uma ideia são alicerçadas na realidade sertaneja, o que pode deixar o seu entendimento difícil para alguém não familiarizado com este universo.

Por isso, comparando o texto original e sua tradução em francês, pode-se revelar ao leitor locuções presentes no texto:

A idiomaticidade das locuções é uma característica habitualmente notada pelos linguistas que ensinam línguas estrangeiras que, aliás, a consideram a característica mais importante de todas. Com efeito, é antes de mais nada pela comparação entre duas línguas diferentes que a impossibilidade de traduzir muitas das suas expressões aparecem palavra por palavra, e é só de trás para frente que se percebe a presença dessas unidades na língua materna. (GONZÁLEZ-REY, p. 164, 2021, tradução nossa).²⁰

A comparação entre duas línguas permite identificar o sentido idiomático de uma expressão e representa um desafio para os tradutores. A partir das reflexões de González-Rey (2021) os dois principais critérios de reconhecimento de uma unidade como locuções são a opacidade das UF, bem como já vimos, pode ter graus de opacidades e o uso de uma imagem com um sentido figurado.

O termo usado neste trabalho para as diferentes expressões inventadas por Guimarães Rosa é o termo de locução, que é mais em adequação com as unidades encontradas, sejam elas locuções sem verbos ou locuções baseadas em um verbo suporte. O termo “expressão

¹⁹ "En langue générale, les locutions fondent leur sémantisme sur la construction d'une image dont le décodage résulte d'une opération à la fois cognitive et impréssive. La formation de cette icône langagière répond à un besoin de transmettre un concept le plus souvent abstrait par le concret, au moyen de figures réthoriques..." (GONZÁLEZ-REY, p. 164, 2021).

²⁰ "L'idiomaticité des locutions est un trait relevé d'ordinaire par les linguistes enseignant de langues étrangères qui le considèrent d'ailleurs comme la caractéristique la plus importante de toutes. En effet, C'est d'abord par comparaison entre deux langues différentes qu'apparaît l'impossibilité de traduire mot à mot beaucoup de leurs expressions. Ce n'est qu'à rebours qu'on prend ensuite conscience de la présence de ces unités au sein de la langue maternelle" (GONZÁLEZ-REY, p. 164, 2021).

idiomática” é utilizado apenas quando se trata de uma expressão consagrada da língua portuguesa.

Na sequência, discutimos o conceito de provérbio e as características que o delimitam como unidade fraseológica.

1.3.2. Provérbios

No caso do Guimarães Rosa, pode-se supor que muitos fraseologismos são criados de acordo com a cultura sertaneja na qual o autor situa as suas narrativas: os provérbios. De acordo com Xatara e Succi (2008, p. 35):

O provérbio é uma unidade léxica, fraseológica, fixa e consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as fórmulas como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Além disso, as referidas pesquisadoras insistem sobre a questão da importância cultural de conhecer os provérbios: “se alguém cita um provérbio, revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39). A respeito da forma dos provérbios, as duas autoras prescrevem: “em relação à forma, os provérbios distinguem-se pela elaboração trabalhada, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias, paralelismo, repetição, violação de sintaxe e termos regionais” (*Ibidem*, p. 45). Todavia, os dois sistemas linguísticos, por possuírem diferentes palavras relacionadas a um mesmo sentido, não apresentarão, por consequência, as mesmas rimas do português ao francês.

No seu livro *La phraséologie du français*, Isabel González-Rey (2015) consagra um capítulo aos provérbios. Nesse capítulo, intitulado *Les Parémies*, a referida pesquisadora começa por discutir a ambiguidade na terminologia que se refere aos estudos das parêmias.

Segundo a autora, parêmia seria o termo para o qual se refere os estudos dos provérbios, dos ditados, das máximas, dos aforismos, dos dialogismos, das sentenças e elementos similares. Todas essas sentenças, apresentam traços comuns como “[...] seu caráter como unidades de sentido com estrutura binária, elementos mnemônicos e valor sentencioso, entre outros” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 65, tradução nossa).²¹

²¹ “[...] leur caractère d’unités de sens à structure binaire, à éléments mnémotechniques et à valeur sentencieuse, entre autres” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65).

Na visão da pesquisadora espanhola, a ciência que trata dos provérbios é, portanto, *La Parémiologie*, a Paremiologia. Essa ciência aborda os aspectos literários “[...] por meio de uma abordagem da cultura oral e folclórica de um país; linguística, graças à análise do sistema e do funcionamento desses elementos dentro de uma determinada língua; sociológico e outros” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 65, tradução nossa).²²

A partir dessas primeiras reflexões, podemos anunciar que nosso estudo levará em conta os aspectos linguísticos que permitem reconhecer as sentenças selecionadas no texto de Rosa como provérbios e, também, os aspectos semânticos ligados à cultura e ao folclore do sertão.

Após estabelecer que as parêmiias pertencem junto às colocações e as expressões idiomáticas ao conjunto das unidades fraseológicas, González-Rey (2015) faz avanço em duas formas de demarcação em relação às outras unidades fraseológicas: “[...] por razões semânticas, visto que são tanto composicionais como não composicionais, e por razões pragmáticas, dado o seu valor de citação (texto dentro do texto, no abismo) e a sua função didática” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 67, tradução nossa).²³ Esse valor da citação chama a atenção para nosso estudo, dado que, a nosso ver, os provérbios típicos do sertão mineiro inseridos na perspectiva regionalista de Guimarães Rosa, são recursos linguísticos que servem para ancorar o discurso no sertão e dar a voz à sabedoria ancestral sertaneja. A pesquisadora acrescenta:

Quando um locutor insere este provérbio no seu discurso, como citação numa perspectiva argumentativa e como ilustração do resumo do que ele defende, ele age a dois níveis: de um lado, ele produz um enunciado que segue os critérios da veracidade dos fatos, de outro lado ele espera a uma interpretação da parte do seu interlocutor que deve extrair da linearidade do enunciado seu sentido figurado e conceitual, via uma operação cognitiva, a fim de ajustá-la na situação comunicativa (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 67, tradução nossa).²⁴

Esse trecho demonstra que para a análise dos provérbios do nosso *corpus*, quando for necessário e pertinente, tentaremos tratar dos aspectos semânticos e pragmáticos dos

²² “[...] littéraire, grâce à une approche de la culture orale et folklorique d’un pays; linguistique, grâce à l’analyse du système et du fonctionnement de ces éléments à l’intérieur d’une langue donnée; sociologique et autres” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65).

²³ “[...] pour des raisons sémantiques, vu qu’elles sont à la fois compositionnelles et non compositionnelles, et pour des raisons pragmatiques, de par leur valeur de citation (du texte dans le texte, en mise en abîme) et de leur fonction didactique” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 67).

²⁴ “Lorsqu’un locuteur insère ce proverbe dans son discours, comme citation dans un but argumentatif, et comme illustration de résumé de ce qu’il défend, il agit à deux niveaux : d’une part, il produit un énoncé qui suit le critère de la véracité des faits, d’autre part il s’attend à une interprétation de la part de son interlocuteur qui doit extraire de la linéarité de l’énoncé son sens figure et conceptuel, au moyen d’une opération cognitive, afin de l’ajuster à la situation communicative” (Ibidem, p. 67).

provérbios, interpretando o sentido dos enunciados e os efeitos que o utilizador dos provérbios quer produzir sobre o outro.

Após ter elaborado as bases dos estudos dos provérbios e tê-los reconhecidos como vertentes da paremiologia, e de forma geral, dos estudos fraseológicos, de acordo com o que se faz no Brasil, usaremos os conceitos delineados por Xatara e Succi (2008) no artigo “Revisitando o Conceito de Provérbio” para primeiro definir um conceito geral de provérbio e, também, estabelecer os critérios linguísticos para a análise dos provérbios do nosso *corpus*.

As duas pesquisadoras brasileiras discutem o conceito de provérbios, trazendo, como primeiras reflexões, a complexidade de definir o que é um provérbio e as numerosas expressões fixas que aparentam e se aproximam aos provérbios, conforme tratam neste excerto:

Para nós, provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35).

Dentro dos contos de *Sagarana*, os provérbios têm a mesma função: eles são usados pelas personagens com o desígnio de ensinar, de advertir e, também, como argumentos de autoridade, para apoiar o discurso de maneira figurada.

A questão da frequência não é um critério que pode ser considerado, pois se trata de uma linguagem literária. Entretanto, é considerado como critério de análise se os provérbios apresentam uma linguagem figurada ligada ao universo sertanejo, sendo, então, consagrados por uma comunidade linguística: os sertanejos.

Além disso, usam-se como critério de análise os diferentes ensinamentos que se pode encontrar nos provérbios deste estudo. Os provérbios usados pelas personagens do conto devem trazer um ensinamento, um argumento, uma verdade geral para serem reconhecidos como tais. Para Xatara e Succi (2008), os provérbios têm um sentido figurado, composicional ou não. Isso indica que os provérbios não têm sempre um sentido opaco e, às vezes, pode-se deduzir a significação a partir dos diferentes sentidos das unidades lexicais simples que o compõem.

Na cristalização dos provérbios, podemos ver que os que se encontram entre parênteses, no texto, em português, foram assim inseridos no discurso literário e apresentam, portanto, um grau de cristalização na versão original que precisam ser mantidos na versão francesa.

De acordo com as autoras, “[...] quanto mais provérbios forem empregados corretamente por um falante, mais domínio sobre essa língua ele comprovará ter, porque o seu uso requer competência lexical e cultural” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 36). Essa citação reforça a

importância de reconhecer e entender esses fraseologismos na obra de Rosa para poder compreendê-la, porque é justamente uma das chaves que permitem mostrar a dimensão sertaneja da obra. Inserir essas unidades lexicais complexas e cristalizadas na sua obra a forte dimensão regionalista assevera que Guimarães Rosa possui um conhecimento lexical e cultural do Sertão.

A utilização de fraseologismos ressalta os conhecimentos culturais dos usos e costumes do sertão do autor mineiro. Por conseguinte, além de serem um meio de ancorar o seu conto no sertão de Minas, os provérbios compõem a dimensão parabólica do conto, dando-lhe uma atmosfera de sabedoria universal na qual podemos ver a essência do homem ilustrada pelo sertanejo:

O provérbio, um discurso cristalizado do passado, cuja origem de produção foi apagada, mantém-se surpreendentemente vivo no presente. Além de transmitir e preservar o conhecimento serve para nos mostrar que o homem em quase nada evoluiu: os sentimentos, os conflitos e guerras, as uniões, são experiências comuns a todas as culturas, em todas as épocas, dos gregos aos nossos contemporâneos. Alguns provérbios até conservam palavras arcaicas, justamente porque elas lhes conferem um caráter de sabedoria ancestral (XATARA; SUCCI, 2008, p. 37).

O uso dos provérbios pelas personagens da obra é, então, uma maneira de mostrar a sabedoria do povo do sertão e, de se afirmar como igual ou superior em relação ao seu interlocutor: “se alguém cita um provérbio, revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39). O provérbio tem, nesse sentido, uma função social no discurso e serve para evidenciar a sabedoria coletiva de uma determinada comunidade linguística.

Além disso, o provérbio tem uma função argumentativa, o que se confirma com Leguy (2014):

Em vez disso, uma fórmula proverbial deve ser entendida como uma ferramenta de linguagem que permite a quem a usa para argumentar, mas também para fazer uma opinião ouvida que não poderia ser ouvida de outra forma, para transmitir uma ideia mais eficaz do que usar um estilo mais direto e menos colorido (p. 159, tradução nossa).²⁵

Essa visão do provérbio está muito presente nos contos de *Sagarana*, onde eles são usados na intenção de ilustrar os ditos das personagens com imagens de acordo com o ambiente

²⁵ "Une formule proverbiale doit plutôt être comprise comme un outil langagier permettant à celui qui en use d'argumenter son discours, mais aussi de faire entendre un avis qui ne serait peut-être pas entendu autrement, de faire passer une idée de manière plus efficace qu'en ayant recours à un style plus direct, moins imagé" (LEGUY, 2014, p. 159).

sociocultural do sertão (ligados à fauna e à flora, por exemplo) de forma que o discurso encontra uma melhor recepção da parte dos interlocutores.

No que tange aos provérbios, para serem reconhecidos como tal, eles devem apresentar polilexicalidade, uma estrutura binária ou um efeito rítmico devido às rimas, assonâncias, consonâncias ou palavras repetidas, e apresentar um sentido metafórico ou carregar certa sabedoria popular. Para finalizar com a categorização dos fraseologismos deste estudo, na sequência, discutimos o conceito e a caracterização dos pragmatemas.

1.3.3. Pragmatemas

Pragmatemas como, por exemplo, as fórmulas de cumprimento, de despedida e até mesmo religiosas, são usadas pelas pessoas diariamente sem que elas tenham consciência de que se trata de unidades lexicais complexas cristalizadas que pertencem ao domínio da Fraseologia.

O lexicógrafo Alain Rey, no prefácio do livro *Pragmatèmes*, de Xavier Blanco e Salah Mejri, explica a origem do termo pragmatema. De acordo com Rey *apud* Blanco e Mejri (2018), o elemento *-ema* marca o estatuto de unidade pertinente mínima, enquanto o termo *pragma-* faz referência situação de enunciação onde os pragmatemas aparecem.

No final do seu prefácio, Rey *apud* Blanco e Mejri (2018) insiste na necessidade de trabalhos relacionados aos pragmatemas, que ele estima indispensável aos linguistas teóricos, aos semioticistas, aos lexicógrafos e aos outros praticistas da descrição das línguas autônomas ou compartistes e, portanto, também aos tradutores. Sendo assim, para uma descrição justa do universo fraseológico de *Sagarana*, onde as relações entre as personagens estão codificadas, a análise dos pragmatemas aparece como algo necessário.

O termo pragmatema, de acordo com González-Rey (2021), foi introduzido por Mel'cuk em 1995:

Em 1995, Mel'cuk introduziu o termo 'pragmatème' para designar expressões ligadas a uma situação específica, tais como Para que serve? (expressão pronunciada por um garçom) ou não fumar (cartaz indicativo). Essa terminologia será retomada por Blanco y Mejri (2018), em seu livro *Les Pragmatèmes*, que é a primeira monografia inteiramente dedicada ao fenômeno pragmático (GONZALEZ-REY, 2021, p. 96, tradução nossa).²⁶

²⁶ "En 1995, Mel'cuk introduit le terme de 'pragmatème' pour désigner des expressions liées à une situation déterminée, telles que C'est pour quoi ? (Expression prononcée par un garçon de café) ou défense de fumer (affiche indicative). Cette terminologie sera reprise par Blanco y Mejri (2018), dans leur ouvrage *Les Pragmatèmes*, qui

O uso do termo pragmatema, aparece como o mais apropriado para tratar dessas unidades fraseológicas já que é o termo usado pelos autores de referência mais recentes no domínio dos estudos fraseológicos. Para González-Rey (2021, p. 99, tradução nossa)²⁷, o termo pragmatema é o mais adequado: “[...] escolhemos o dos *pragmatèmes*, porque, pela sua forma, contribui para uma homogeneidade terminológica que se alinha com a tentada por Gréciano (1997)”. O termo que é usado neste estudo, se inscreve na mesma linha teórica.

Os pragmatemas são definidos como enunciados autônomos, em geral, polilexicais e semanticamente composicionais. Eles são restringidos em seus significados pela situação de comunicação na qual eles são apropriados (BLANCO; MEJRI, 2018).

Os pragmatemas são também marcados culturalmente, pois respondem a hábitos sociais dos utilizadores. Rey *apud* Blanco e Mejri (2018, p. 28, tradução nossa)²⁸ confirma essa característica ao afirmar que os “[...] pragmatemas, considerando os dados sociais, seriam não somente uma unidade específica a ser descrita, mas também, um universo da linguagem que se insere nas categorias que poderiam ser denominadas de *culturemas* ou *socioculturemas*”. Isso demonstra que os pragmatemas também possuem uma perspectiva cultural, a partir da qual abordamos as diferentes unidades fraseológicas.

Por se tratar de um fenômeno relativamente recente ou que está sendo desenvolvido no presente momento nos estudos linguísticos, há outros critérios que devem ser discutidos para a identificação, análise e caracterização do fenômeno. González-Rey (2021, p. 97, tradução nossa) explicita que é importante levar em consideração a entonação que acompanha os pragmatemas: “no que se refere ao aspecto semântico, uma característica marcante do fenômeno pragmatêmico, para certos especialistas, consiste na entonação, portadora de sentido”, o que revela a dimensão oral deste fenômeno e da sua atualização no discurso.

Além disso, sobre a composicionalidade do fenômeno pragmatêmico, a partir das ideias de Blanco e Mejri (2018), González-Rey (2021) pontua que os pragmatemas podem ter um sentido composicional:

Outra característica importante do fenômeno pragmatêmico é a composicionalidade. De acordo com Blanco e Mejri, a maioria dos pragmatemas são ‘semanticamente

constitue la première monographie entièrement consacrée au phénomène pragmatique” (GONZALEZ-REY, 2021, p. 96).

²⁷ “[...] nous choisissons celle de ‘pragmatèmes’, car, de par sa forme, elle contribue à une homogénéité terminologique qui s’algine sur celle qu’avait tentée Gréciano (1997)” (Ibidem, 2021, p. 99).

²⁸ “[...] les pragmatèmes, si l’on tient compte de ces données, seraient donc non seulement une unité spécifique, à décrire, mais un universel du langage, s’insérant dans des catégories qui pourraient être dénomées « *culturemes* » ou ‘*socioculturemes*’” (REY, 2018, p. 18).

composicionais'. Isso significa que seu significado é aproximadamente computável a partir do significado de seus componentes lexicais (GONZALEZ-REY, 2021, p. 98, tradução nossa).²⁹

O excerto anterior denota que o sentido dessas unidades fraseológicas pode ser deduzido a partir dos diferentes elementos que compõem os pragmatemas.

Entretanto, existem na língua pragmatemas que não são composicionais e ficam difíceis de entender sem outros elementos extralinguísticos. É o que Blanco e Mejri (2018) chamam de *complément de sens*, ou seja, complemento de sentido. González-Rey (2021, p. 98), a respeito dessa ideia, acrescenta:

Esse complemento de sentido advém da situação de enunciação, o que significa que esta constitui uma condição necessariamente ligada ao próprio enunciado. Essa condição tornou-se para todos os especialistas a propriedade definidora do fenômeno pragmático por excelência (GONZALES- REY, 2021, p. 98, tradução nossa).³⁰

De fato, é a situação de enunciação que permite entender a unidade de acordo com o momento do discurso já que os pragmatemas são fórmulas ritualizadas do discurso. Além disso, a dimensão pragmatêmica deu o nome ao fenômeno e deve ser considerado no estudo, na descrição e na interpretação dessas unidades.

González-Rey (2021, p. 98, tradução nossa)³¹ persiste nessa ideia, explicando que “o aspecto pragmático se tornou, portanto, a pedra angular dessa tentativa de definição”. Sendo assim, na perspectiva de um estudo contrastivo em duas línguas como o português e o francês, que compartilham traços comuns por serem línguas românicas, aparece como algo imprescindível para indicar na análise dos pragmatemas qual é o efeito dele sobre a situação de enunciação: cumprimentar, despedir-se, agradecer, afastar-se, recusar, afastar alguém etc.

Para González-Rey (2021, p. 100, tradução nossa)³², o pragmatema é dependente da situação de enunciação: “[...] o pragmatema é essencialmente uma unidade fraseológica que se atualiza no discurso na forma de um enunciado sintaticamente autônomo, mas cuja fixação formal, semântica e pragmática o torna dependente do lugar da situação de enunciação”. Essa

²⁹ "Une autre caractéristique importante du phénomène pragmatémique réside dans la compositionnalité. Selon Blanco et Mejri, la plupart des pragmatèmes est ‘sémantiquement compositionnels’. Cela veut dire que leur sens est grosso modo calculable d’après le sens de leurs composantes lexicales" (GONZALEZ-REY, 2021, p. 98).

³⁰ "Ce complément de sens provient de la situation d’énonciation, ce qui fait que celle-ci constitue une condition liée nécessairement à l’énoncé lui-même. Cette condition est devenue pour tous les spécialistes la propriété définitoire du phénomène pragmatémique par excellence" (GONZALEZ REY, 2021, p. 98).

³¹ "L’aspect pragmatémique est, donc, devenu la pierre de touche de ce toute tentative de définition" (Ibidem).

³² "Dans ce sens, le pragmatème est essentiellement une unité phraséologique qui s’actualise dans le discours sous la forme d’un énoncé syntactiquement autonome, mais dont le figement formel, sémantique et pragmatémique le rend dépendant de la situation d’énonciation" (Ibidem, p. 100).

dependência é, então, uma das chaves não somente para poder entender os pragmatemas de uma língua, mas também para conseguir traduzi-los, ao transferi-los de um sistema linguístico a outro.

Os pragmatemas são presentes em várias dimensões da língua que vão das fórmulas de rotina que são usadas no dia a dia às fórmulas religiosas. As fórmulas apresentam fixidez porque “[...] são reproduzidas pelos interlocutores em determinadas situações comunicativas para levar a cabo determinadas tarefas comunicativas de modo rotineiro” (STEIN, 2004, p. 264 *apud* GLENCK, 2007, p. 190).

Dentro das fórmulas de rotina, Glenck (2007) distingue as fórmulas de polidez, de contato, de agradecimento, de cumprimento e despedida; as fórmulas de conversação; as fórmulas à mesa, de repreensão e maldição; as fórmulas de comentários, de surpresa, de concordância, de conciliação, admoestação e motivação.

Para entender e, por extensão, traduzir um pragmatema é preciso de fatores linguísticos, mas também, extralinguísticos:

[...] o código linguístico utilizado (escrito ou oral), os índices culturais, os suportes utilizados e as motivações de enunciação. Com efeito, ancorada ao mesmo tempo em uma tricotomia sintática, semântica e pragmática, a construção do conceito de pragmatema depende não apenas da combinação desses três aspectos, mas também de uma hierarquia onde o uso prevalece sobre todo o resto (GONZALEZ-REY, 2021, p. 100, tradução nossa).³³

Desta forma, os pragmatemas correspondem a uma categoria fraseológica que tem regras bem definidas. Os fatores extralinguísticos e o seu uso pragmático refletem que os pragmatemas também são marcados culturalmente como as outras unidades fraseológicas deste estudo.

Com efeito, os pragmatemas correspondem a hábitos sociais reveladores de determinado modo de viver dos seus utilizadores, além disso, certas fórmulas como as religiosas, ou ligadas a outras atividades da sabedoria popular, ensinam coisas sobre as crenças e a religiosidade dos locutores que as usam dentro dos seus discursos. Sendo assim, na análise dos pragmatemas deve-se reparar o traço cultural, como também, o seu uso pragmático no discurso e no caso do estudo de uma tradução para verificar se esses dois aspectos são mantidos na língua de chegada.

³³ “[...] le code linguistique utilisé (écrit ou oral), les indices culturels, les supports employés et les motivations d'énonciation. En effet, ancrée à la fois dans une trichotomie syntactique, sémantique et pragmatique, la construction du concept de pragmatème relève non seulement de la combinatoire de ces trois aspects mais aussi d'une hiérarchie ou l'usage prévaut sur tout le reste” (GONZALEZ-REY, 2021, p. 100).

No caso dos pragmatemas, são analisados nesta tese apenas as fórmulas de rotina e as fórmulas religiosas que apresentam polilexicalidade, o uso ritualizado ou que são marcadas culturalmente. As unidades monolexicais como “adeus”, “Deus”, “Virgem” ou “diabo” estão registradas no apêndice, que apresenta todos os fraseologismos da obra, mas não são analisadas posto que não cumprem o critério de polilexicalidade.

Além dos três critérios citados anteriormente, um quarto critério foi adicionado à categorização dos fraseologismos do *corpus*: o critério cultural. Destarte, a próxima seção apresenta a relação da Fraseologia com a cultura.

1.4. FRASEOLOGIA E CULTURA

A concepção de língua adotada neste trabalho está ligada à concepção de Sapir (2001), que atribui uma grande dimensão ao aspecto cultural da linguagem. O autor, por ter uma formação em Antropologia, afirma no prefácio de seu livro *A Linguagem*, publicado nos Estados Unidos pela primeira vez em 1921, que:

O indivíduo é também destinado a falar, mas isso é inteiramente devido ao fato de que ele nasceu não somente no quadro da natureza, mas no seio de uma sociedade que é certa (e certa com razão) de lhe fazer adotar suas próprias tradições (SAPIR, 2001, p. 10, tradução nossa).³⁴

Assim sendo, é perfeitamente compreensível o fato de uma determinada cultura influenciar uma língua, imprimindo marcas culturais específicas na linguagem, as quais se manifestam nos discursos e, por extensão, nas unidades fraseológicas criadas pelos falantes no seio de um determinado grupo social.

O indivíduo, por ser um ser social que nasce dentro de um grupo organizado que já tem uma história, hábitos sociais e linguísticos, desenvolve sua fala de acordo com o ambiente no qual ele nasceu. Deste ponto de vista, para Sapir (2001, p. 10, tradução nossa)³⁵, “a fala tem uma função não instintiva, adquirida, uma função de cultura”. Nesse sentido, um indivíduo aprende a usar determinadas falas em alguns contextos, de acordo com o meio sociocultural onde ele está inserido, o que implica a dimensão pragmática das unidades fraseológicas.

Apesar de nosso objeto de estudo ser a linguagem, trata-se, aqui, de uma linguagem específica, por ser a linguagem literária que foi criada e pensada por João Guimarães Rosa. No

³⁴ "L'individu est également destiné à parler, mais cela est entièrement dû au fait qu'il est né non seulement dans le cadre de la nature, mais au sein d'une société qui est certaine (et certaine avec raison) de lui faire adopter ses traditions à elle" (SAPIR, 2001, p. 10).

³⁵ "La parole est une fonction non instinctive, acquise, une fonction de culture" (Ibidem).

capítulo X do seu livro, Sapir (2001) revela seu interesse pela questão da linguagem e da literatura.

Para o autor, “[...] as linguagens são mais do que simples sistemas de expressão do pensamento; elas são como roupas invisíveis que cercam nosso pensamento e lhes dão uma forma precisa à sua representação simbólica” (SAPIR, 2001, p. 267, tradução nossa).³⁶ A analogia com as roupas deixa entrever que o autor de uma obra literária escolherá determinadas formas que permitirão retranscrever simbolicamente o seu pensamento.

No entanto, “[...] um determinado autor não é totalmente livre na escolha das suas palavras”, de acordo com Sapir (2001, p. 267). Seja na arte ou na literatura, a liberdade de expressão conhece limites que são constituídos pela matéria que traduz a expressão. Sendo assim, por mais criativo que seja um autor, tal como é o caso João Guimarães Rosa, ele se expressa em uma determinada língua que está limitada por regras, cargas culturais, sistema gramatical e afins. Essa ideia repercute as palavras que confirmam essa assertiva em Sapir (2001):

A linguagem é o meio de expressão da literatura, do mesmo modo que a mármore, o bronze ou a argila são os materiais do escultor. Já que cada língua tem suas particularidades distintas, as possibilidades e as restrições inerentes a uma determinada literatura nunca são exatamente as mesmas que as de outra. A literatura moldada pela forma de uma linguagem possui sua cor e sua composição; o escritor pode nunca pensar de que essa forma lhe traz, seja atrapalhando, seja ajudando, ou mesmo o guiando, mas, quando se trata de traduzir sua obra numa outra língua, a natureza da forma original se manifesta logo; todo que ele escreve, ele fez se inspirando conscientemente ou instintivamente do gênio da sua própria língua, e essas realizações não poderão ser transformadas sem perdas ou sem modificação de uma forma linguística (p. 268-269, tradução nossa).³⁷

Essa citação permite perceber com mais clareza como o sistema linguístico, no qual pensa o autor, tem influência na sua obra e levanta, também, um dos aspectos fundamentais do nosso trabalho que é a questão da tradução e, particularmente, da tradução das unidades fraseológicas que são marcadas culturalmente e possuem uma forma específica e, por vezes,

³⁶ "Les langages sont pour nous plus que de simples systèmes de communication de la pensée ; ils sont comme des vêtements invisibles qui entourent notre pensée et donnent une forme précise à sa représentation symbolique" (SAPIR, 2001, p. 267).

³⁷ "Le langage est le moyen d'expression de la littérature, au même titre que le marbre, le bronze ou la glaise sont les matériaux du sculpteur. Puisque chaque langue a ses particularités distinctives, les possibilités et les restrictions inhérentes à une littérature donnée ne sont jamais tout à fait les mêmes que celles d'une autre. La littérature façonnée par le moule d'un langage en a la couleur et la composition ; l'écrivain peut ne jamais se douter de ce que ce moule lui apporte, soit en le gênant, soit en l'aidant, ou même en le guidant, mais, lorsqu'il s'agit de traduire son œuvre en une autre langue, la nature du moule original se manifeste aussitôt ; tout ce qu'il écrit, il l'a fait en s'inspirant sciemment ou intuitivement du génie de sa propre langue, et ces réalisations ne pourront être transformées sans perte ou sans modifications dans une forme linguistique" (Ibidem, p. 268-269).

com uma carga cultural e simbólica determinada pela cultura de onde elas aparecem e são empregadas.

De acordo com Biderman (1981, p. 132), “se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural”. Sendo assim, o léxico de uma língua é determinado por sua cultura e o estudo dos fraseologismos por serem unidades lexicais com opacidade está ligado à sociedade ou à situação de enunciação na qual esses são encontrados.

A partir da hipótese de Sapir-Whorf, Biderman (1981) explica que o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura, o que permite pensar que o vocabulário, as unidades lexicais e, portanto, os fraseologismos presentes numa obra literária são símbolos do universo regional da obra.

A dimensão cultural é essencial na apreensão do léxico, pois, segundo a mesma autora:

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural (BIDERMAN, 1981, p. 137).

A linguagem humana é influenciada pelo ambiente físico e pela cultura, o que pode ser observado nas unidades fraseológicas. Cada povo vai, assim, criando um imaginário coletivo a partir dos elementos ao seu redor. Desta forma, a fraseologia de uma língua é um patrimônio compartilhado pelos falantes, tal como se pode depreender na seguinte citação:

Para essa teoria o léxico de uma língua seria um arquivo acumulado da experiência multi-secular das comunidades humanas que falavam e falam essa língua. As categorias verbais formadas ao longo da história desse idioma e dessas culturas criaram um molde linguístico para as suas comunidades falantes. Através do prisma da língua, o mundo e a realidade serão vistos e percebidos pelos seus falantes de uma determinada maneira, com base nos lexemas cristalizados no seu patrimônio lexical. (BIDERMAN, 1981, p. 139).

Biderman (1981) afirma que os fraseologismos são formas cristalizadas que vêm da herança cultural da memória coletiva, e são vistos como um patrimônio comum entre os falantes. As unidades fraseológicas não precisam ser explicadas por serem entendidas pelos diferentes interlocutores de uma comunidade linguística. Nesse sentido, a autora confirma que:

O sentido da sequência bater as botas não é previsível a partir de bater [= dar pancadas; chocar-se com] e de botas [= tipo de calçado]. De fato, temos aqui uma combinatória cristalizada da herança cultural registrada na memória coletiva com o significado de

< morrer >. E por isso, podemos afirmar que ela faz parte do acervo do léxico e não se trata de uma combinatória discursiva qualquer (BIDERMAN, 1981, p. 141).

A partir dessa informação, pode-se entender que a ocorrência de fraseologismos em um texto literário reafirma que esse texto pode herdar os fraseologismos da língua a qual ele pertence, contudo, também dará à luz à aparição de sua própria fraseologia, permitindo a construção do seu próprio universo passando pela língua. Mas mesmo sendo cristalizadas pela herança cultural e pelo uso, cada sociedade pode ver aparecer, no seu meio, novas unidades fraseológicas:

As EIs de uma língua exibem uma enorme heterogeneidade. Do ponto de vista da sua natureza, esse tipo de combinatória lexical é fruto da cultura. Relativamente ao Português Brasileiro, uma parcela das expressões idiomáticas do PB foi herdada de nossa cultura-mãe, a portuguesa, recebidas juntamente com o patrimônio cultural que é o léxico. Contudo, dada a diversidade do meio ambiente e da sociedade brasileira comparada à portuguesa, bem como a dinâmica da língua, foram-se criando variantes do acervo herdado, ao mesmo tempo que se iam construindo criações novas (BIDERMAN, 2005, p. 756).

Para Biderman (2005), as expressões idiomáticas são típicas de uma nação e estão enraizadas na sua cultura. Elas são comumente usadas pela comunidade dos falantes de uma língua e são compreensíveis para a maioria deles.

Do nosso ponto de vista, todas as unidades fraseológicas apresentam um enraizamento na cultura que as vê nascer. Observando duas expressões idiomáticas: “não se fala do diabo que ele aparece” em português, e *quand on parle du loup on en voit la queue*, em francês, podemos notar que a menção ao diabo em português é um traço cultural da herança cristã. Em francês, a mesma expressão que literalmente seria “quando se fala do lobo, vemos o rabo dele” tem como traço cultural o lobo, que foi um animal muito abundante no território francês e, portanto, faz parte do imaginário rural, como sinônimo de coisa ruim, de algo que não queremos ver e que produz medo. Assim, cada expressão apresenta uma carga cultural negativa, porém o traço, em si, é próprio de cada universo sociolinguístico que a viu nascer.

A carga cultural se nota não apenas dentro de uma mesma comunidade linguística, mas também nas línguas do mesmo grupo linguístico, como é o caso, por exemplo, do que ocorre com as línguas românicas que compartilham vários traços culturais. No seu artigo *É aí que o bicho pega: el estereotipo animal en locuciones brasileñas, españolas y francesas formadas por zoónimos*, Marques (2018a) demonstra que o cão e o gato possuem uma carga cultural negativa na fraseologia das três línguas examinadas. Os estudos comparativos entre línguas próximas permitem então estabelecer correlações e diferenças entre dois sistemas fraseológicos.

Marques (2018a) ao concluir seu artigo, pontua a necessidade de se levar em consideração fatores extralinguísticos, como a cultura na descrição das unidades fraseológicas. O fator cultural é, então, um elemento a se observar na análise das unidades fraseológicas deste estudo.

Por conseguinte, verifica-se que o fator cultural pode transparecer de acordo com vários traços. Neste sentido, Marques (2018b), no artigo “Um olhar sobre a interrelação entre fraseologia, memória e cultural: foco sobre o português brasileiro”, explica que:

O léxico é permeável a fatores externos à língua e, conseqüentemente, deixa transparecer as crenças, as atividades humanas, a visão do mundo, os fatos históricos, enfim tudo aquilo que os indivíduos de uma sociedade consideram como relevante (MARQUES, 2018b, p. 147).

Para a análise dos fraseologismos do *corpus*, o fator cultural é determinado de acordo com o universo criado pelo autor e, assim, deixa transparecer na linguagem tudo o que o autor acha relevante para a criação do seu universo literário. Encontra-se dentro do léxico as crenças dos sertanejos, a visão do mundo, as atividades ligadas à criação de gado e tudo o que permite a emergência deste universo pela linguagem literária.

Esses elementos culturais estão particularmente presentes nos fraseologismos do estudo porque, de acordo com a pesquisadora: “[...] frutos, em geral, da relação entre léxico e cultura, os fraseologismos (sobretudo as expressões idiomáticas, parêmiias e certas fórmulas) constituem uma via muito produtiva de expressão cultural” (MARQUES, 2018b, p. 148). A partir disso, torna-se necessário na descrição dos fraseologismos reparar a marca cultural que eles carregam. Se nas línguas naturais os fraseologismos são um reflexo da cultura do povo, em uma obra literária eles servem também à criação do universo sertanejo de João Guimarães Rosa e este aspecto cultural deve aparecer na descrição das unidades fraseológicas.

Além disso, tem-se a importância identificar o traço cultural dos fraseologismos na sua descrição e análise já que ele pode permitir um maior entendimento da unidade. Na conclusão do seu artigo, Marques (2018b) aborda a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre fatores extralinguísticos no que tange aos estudos fraseológicos:

O trabalho aponta ainda a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre o princípio de não composicionalidade das expressões idiomáticas, no âmbito de uma semântica que considere fatores extralinguísticos, como a cultura, na descrição de seu significado, pois, embora estejamos de acordo que muitas delas sejam indecomponíveis, a explicação dos fatores culturais, sociais, ideológicos que contribuíram para o seu surgimento pode não só auxiliar no entendimento de seu significado como enriquecer nossa bagagem cultural, além de oferecer subsídios para ampliar a competência lexical do falante (MARQUES, 2018b, p. 158).

De acordo com o excerto acima, verifica-se a premência de destacar os traços culturais presentes nos fraseologismos dentro de um *corpus* literário porque é justamente essa marca de cultura que vai permitir um melhor entendimento da unidade. Além disso, de acordo com as teorias da citada pesquisadora, um melhor entendimento dos fraseologismos de uma obra literária permite ampliar o entendimento do texto, da linguagem do autor, do universo criado e então do seu processo criativo.

Para Krzyzanowska (2018):

A fraseologia constitui um domínio de pesquisa que fornece uma excelente via de acesso ao imaginário coletivo e a seu conjunto diversificado de representações compartilhadas, aquelas que são em geral ligadas ao sistema de valores adotado por uma comunidade linguística (p. 172).³⁸

A partir dessa reflexão é possível notar que existe na fraseologia de uma língua uma parte do imaginário coletivo dos seus falantes. Por extensão, entende-se que existe na fraseologia de uma obra não somente uma parte da cultura do autor, mas também, marcas de um imaginário próprio à obra onde os fraseologismos podem se entender de acordo com os outros elementos culturais que aparecem nela.

Nesse sentido, Krzyzanowska (2018, p. 182, tradução nossa)³⁹ conclui seu artigo explicando que: “não é possível explicar a motivação e o significado geral das sequências fixas sem recorrer para a fonte cultural comum”. Os fraseologismos fazem parte do imaginário coletivo de um povo e é graças a este conhecimento que é possível interpretá-los de acordo com os conhecimentos culturais da comunidade linguística.

Em seu artigo, “A fraseologia como marca do léxico regional-popular”, Maria do Socorro Silva de Aragão (2016) chega à conclusão que existe uma forte ligação entre a lexicologia, a lexicultura e a fraseologia:

A análise dos exemplos aqui apresentados mostra-nos, de forma clara, as relações existentes entre a Lexicologia, a Lexicultura e a Fraseologia, representando, cada uma delas, a língua, a sociedade e a cultura, reforçando, contudo, que a língua é o elo entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura (ARAGÃO, 2016, p. 46).

³⁸ "La phraséologie constitue un domaine de recherche qui fournit une excellente voie d'accès à l'imaginaire collectif et son ensemble diversifié de représentations partagées, celles-ci étant ordinairement attachées au système de valeurs adopté par une communauté donnée" (KRZYZANOWSKA, 2018, p. 172).

³⁹ "Nous espérons avoir bien montré qu'il n'est pas possible d'expliquer la motivation et le sens global des séquences figées sans faire appel au fond culturel commun" (Ibidem, p. 182).

Ao trabalhar com *corpus* literário, a pesquisadora estabelece uma ligação entre os estudos fraseológicos e os *corpora* literários que são também uma fonte linguística disponível para o estudo da Fraseologia. A pesquisadora esclarece que os autores usam e adaptam, de acordo com seus objetivos criativos, a linguagem que eles conhecem e que está à disposição deles, seja a linguagem popular ou erudita. Sendo assim, a literatura é uma produção linguística que carrega com ela não somente o processo criativo do autor, como também uma forte bagagem cultural da qual o autor se inspira na criação de uma narrativa.

O fato de trabalhar com *corpus* literário para a extração de fraseologismos é também um modo de enriquecer a fonte fraseológica de uma língua, porque, na língua natural, os fraseologismos podem aparecer dentro de um texto literário se ele é amplamente divulgado, tal como foi o caso na França com alguns aforismos de La Fontaine, que são conhecidos de todos os falantes. A língua guarda, assim, as marcas culturais de uma época ou mesmo de um autor:

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza (ARAGÃO, 2016, p. 47).

Então, os *corpora* literários são também relevantes da cultura, do país, da época na qual eles foram produzidos e levam dentro deles, no meio do processo criativo do autor, a memória e o imaginário coletivo dos falantes da comunidade da qual provém o autor.

A língua e a cultura estão interligadas e essa dimensão antropológica e cultural da linguagem é necessária para o estudo do nosso *corpus*. Por se tratar de um estudo baseado na literatura, a próxima seção aborda a interface entre Fraseologia e Literatura.

1.5. FRASEOLOGIA E LITERATURA

Se os fraseologismos são muito encontrados muitas vezes nas conversas do dia a dia, nas entrevistas eles podem também se encontrar nas obras literárias, principalmente as que apresentam arquétipos de personagens, que deixam um grande lugar aos diálogos e de que a diegese está ancorada numa determinada região.

Os autores usam o sistema comum para poder expressar suas próprias individualidades, mas dentro de um sistema linguístico já preestabelecido. No entanto, alguns autores vão mais longe e exploram caminhos que não foram ainda explorados dentro do próprio sistema linguístico, conforme lembra González-Rey (2015), no seu artigo *Fraseologización e idiomatización en traducción literaria*:

A individualidade da expressão literária se opõe assim à comunicação coletiva da língua geral e de especialidade. A literatura é uma língua centrada em si mesmo, na sua exploração dos recursos linguísticos onde o autor pretende alcançar sua própria identidade, se distinguindo dos outros, e comunicar uma emoção e um sentido da estética através da linguagem; sem falar dos efeitos também individuais e particulares que este fim tem em cada um dos leitores (GONZALEZ-REY, 2015, p. 145, tradução nossa).⁴⁰

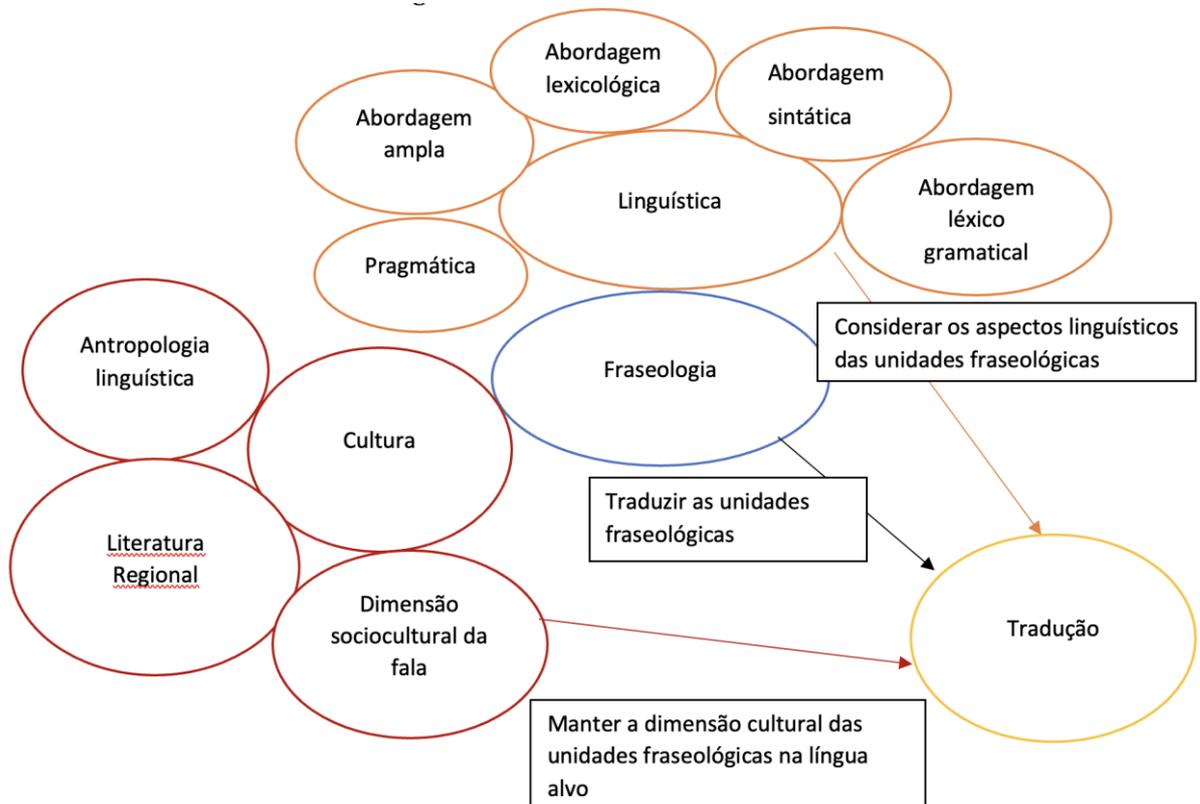
Essa citação permite afirmar que, no caso dos textos literários, dois tipos de fraseologismos podem ser encontrados: os que pertencem às línguas naturais e os que foram criados pelo próprio autor da obra marcando assim seu estilo literário. No caso dos que pertencem à língua natural do escritor, é fácil para os leitores entender as unidades fraseológicas, já que elas fazem parte da bagagem cultural que cada locutor tem de sua própria língua.

No caso dos fraseologismos que se encontram somente no texto literário e que são criações lexicais do autor, eles são entendíveis por conta do domínio da língua dos leitores e porque se inscrevem no contexto da obra literária. Isso vale, sobretudo, para as unidades fraseológicas que podem ser entendidas de acordo com seu sentido composicional, como as parênticas e os pragmatemas.

Sendo o nosso objeto o estudo dos fraseologismos de uma obra literária, elaboramos um gráfico (Figura 1), que é mostrado na sequência, que sistematiza os diferentes aspectos da tradução fraseológica, o que implica, neste caso específico, aspectos linguísticos e extralinguísticos que possibilitam alcançar os desafios tradutológicos da transmissão dos fraseologismos rosianos para o francês.

⁴⁰ “La individualidad de la expresión literaria se opone así a la comunicación colectiva de la lengua general y de especialidad. La literaria es una lengua centrada en sí misma, en una exploración de los recursos lingüísticos donde el autor pretende alcanzar su propia identidad, distinguiéndose de los demás, y comunicar una emoción y un sentido de la estética a través del lenguaje; sin hablar de los efectos también individuales y particulares que este fin tiene en cada uno de los lectores” (GONZALEZ-REY, 2015, p. 145).

Figura 1 - Visão da Fraseologia



Fonte: elaborado pelo autor

A Fraseologia é vista nesta tese como uma disciplina que tem como objeto de estudo unidades fraseológicas diversas como os provérbios, as locuções ou os pragmatemas. Para a análise deste objeto, é necessário elaborar pontos em comum como a polixicalidade, a fixação, a idiomaticidade e a dimensão cultural que, apesar de possuírem diferentes graus, correspondem a uma base comum para analisar as unidades fraseológicas.

Por se tratar de um estudo comparatista, que procura investigar como o tradutor retransmitiu o universo fraseológico criado por Guimarães Rosa para o francês, é preciso pensar em critérios de análise que são separados em dois blocos de relevância para o estudo das unidades fraseológicas: o aspecto linguístico e o aspecto cultural.

Dependendo das unidades fraseológicas tratadas, diferentes abordagens linguísticas são possíveis e, às vezes, complementares para entender como essas unidades se comportam na linguagem, como elas são construídas e como elas se atualizam no discurso. É interessante verificar se os mesmos aspectos lexicais e sintáticos foram mantidos nas traduções francesas, respeitando, assim, o caráter linguístico da unidade fraseológica, ou se o tradutor resolveu focar mais no aspecto semântico, sem traduzir por uma unidade fraseológica em língua francesa.

O aspecto cultural é tão essencial quanto o aspecto linguístico visto que é ele que permitirá a unidade do universo fraseológico de uma língua ou do universo fraseológico de uma obra. No caso de Guimarães Rosa, que vai criar um universo inspirado pelo sertão mineiro, existem traços culturais sertanejos que podem se encontrar nos provérbios, nas locuções, nos pragmatemas e que vão servir para demonstrar que o universo fraseológico de uma obra é uma das chaves da construção de um universo regional autêntico.

A partir dessas reflexões, entende-se a importância de a tese apoiar-se na abordagem fraseológica linguístico-cultural. De acordo com as pesquisas desenvolvidas no Brasil, pretendemos ter em vista a dimensão cultural dos fraseologismos, especialmente dos fraseologismos brasileiros. Além dos critérios linguísticos já explicados na categorização, será também destacado o aspecto cultural da unidade fraseológica a fim de mostrar a melhor forma de tradução possível, mantendo a estrutura da unidade e seu traço cultural.

A dimensão cultural e regional de *Sagarana* se verifica no próximo capítulo, que é dedicado à visão regional da obra e do universo rosiano, da sua linguagem regional e, ao final, a uma breve apresentação da obra com um resumo de suas diferentes narrativas que permitem ao leitor entender melhor a ocorrência dos fraseologismos dentro desse universo.

2. A CULTURA E LINGUAGEM DE GUIMARÃES ROSA

Este capítulo pretende discutir a linguagem de Guimarães Rosa. Para tanto, inicialmente, discorreremos sobre o discurso regionalista para, na sequência, abordar o texto literário do ponto de vista linguístico. Em um segundo momento, focalizamos em Guimarães Rosa, com o intuito de mostrar as contribuições linguísticas acerca da obra do autor, especialmente, os estudos que tiveram como objetivo de análise o léxico do autor mineiro.

A tese tem como *corpus* de estudo *Sagarana* de Guimarães Rosa, que foi a primeira obra publicada pelo autor, sendo, portanto, aquela que abrirá os caminhos do sertão delineado pelo autor. Com efeito, o sertão de Guimarães Rosa não é o mesmo de Euclides da Cunha ou o de Graciliano Ramos. Cada autor cria o seu próprio universo a partir do universo que conhece. Por seu universo sertanejo, Rosa foi qualificado como autor regionalista, terminologia essa que pode ser problemática, na medida em que aparece, aos olhos de alguns críticos, como uma visão limitadora da obra do autor. Entretanto, Rosa baseia os seus textos no sertão mineiro, faz uso da língua falada nessa região no texto literário e é nessa perspectiva que são analisados os fraseologismos da obra.

Duranti (2000) define a Antropologia Linguística como o estudo da linguagem, como um recurso da cultura e da fala, como uma prática cultural. Essa visão corrobora a visão que temos do texto literário, porque esse texto cria um universo cultural pela linguagem e pelas unidades fraseológicas, que são constantemente observadas nas frases dos diálogos ou pela voz do narrador. Além disso, já mencionamos o aspecto pragmático dos fraseologismos, que ilustra o ato da fala como prática cultural.

Duranti (p. 47, 2000) estabelece um inventário das seis teorias da cultura nas quais a linguagem desempenha um papel importante. Nesta tese, de acordo com as diferentes teorias que Duranti (2000) estabelece, a cultura é vista como um meio de comunicação:

A cultura é uma representação do mundo, uma forma de dar sentido à realidade, objetivando-a em histórias, mitos, descrições, teorias, provérbios, produtos artísticos e espetáculos. Desse ponto de vista, os produtos culturais de um povo, por exemplo, mitos, rituais e classificações do mundo natural e social, também podem ser vistos como exemplos de apropriação da natureza pelo ser humano por meio de sua capacidade de estabelecer relações simbólicas entre indivíduos, grupos e espécies. Acreditar que cultura é comunicação significa também que uma comunidade comunique sua teoria do mundo para vivê-lo (DURANTI, 2000, p. 60, tradução nossa).⁴¹

⁴¹ “La cultura es una representación del mundo, un modo de darle sentido a la realidad objetivizándola en historias, mitos, descripciones, teorías, proverbios, productos artísticos y espectáculos. Desde este punto de vista, los

Sendo assim, a cultura permite aos homens estabelecer relações entre os indivíduos, a natureza e a ordem social na qual eles evoluem. Além disso, os contos de *Sagarana* são histórias do sertão mineiro nos quais podemos ver os mitos, as crenças, a descrição da natureza do ponto de vista dos seus habitantes e os provérbios e as outras unidades fraseológicas nas quais podemos reparar traços culturais sertanejos. Existe nas imagens que contém os fraseologismos metáforas, símbolos, marcas culturais que permitem aos sertanejos comunicarem-se pela via de imagem concreta e ideias abstratas.

Para Leguy (2014), a linguagem é um instrumento a serviço de agentes que o utilizam intencionalmente, seja para manter ou desafiar uma organização do mundo, uma diferenciação social. A linguagem usada é, assim, o reflexo de uma visão do universo, de uma sociedade, de hábitos sociais e culturais.

2.1. A VISÃO REGIONAL DO TEXTO

Guimarães Rosa nasceu em 1907, em Cordisburgo, no sertão mineiro. Ele é, então, um homem do sertão, assim como seus personagens. Na entrevista que deu a Gunter Lorenz, em 1965, o autor explica: “eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas de minha região, que são linguagem literária e ainda têm sua marca original, não estão desgastadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística” (ROSA, 1965, p. 81). Guimarães Rosa tem consciência da importância das marcas regionalistas e dialéticas na sua linguagem literária. O uso dos regionalismos é, de acordo com o próprio autor, uma fonte de sabedoria linguística a ser analisada pelos pesquisadores.

Após a publicação de *Sagarana*, Candido (1991, p. 245) escreveu que “[...] a língua parece ter finalmente atingido o ideal de expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular dentro das tradições clássicas”. Desse modo, a visão regionalista da obra é uma marca de riqueza lexical e de cultura.

Com efeito, Candido (1987) está sendo crítico em relação ao início da literatura regional no Brasil:

O regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão

productos culturales de un pueblo, por ejemplo, los mitos, rituales la clasificaciones del mundo natural y social, también pueden verse cómo ejemplos de la apropiación de la naturaleza por los seres humanos por medio de su habilidad para establecer relaciones simbólicas entre los individuos, los grupos y las espe-cies. Creer que la cultura es comunicación significa asimismo que para que una comunidad debe comunicar su teoría del mundo para vivirla”. (DURANTI, 2000, p. 60)

literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido. Mas de um certo, ângulo talvez não se possa dizer que acabou; muitos dos que hoje o atacam, no fundo o praticam. A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante. Basta, lembrar que alguns dentre os melhores encontram nela substância; para livros universalmente significativos, como José Maria Argueadas, Gabriel Garcia Márquez, Augusto Roa Bastos, João Guimarães Rosa. (CANDIDO, 1987, p. 158)

Com a segunda fase da literatura regional, a partir de autores como Graciliano Ramos, o crítico cunhou a denominação de “regionalismo social”, que parte de uma realidade regional para conseguir transcendê-la e oferecer obras literárias de grande qualidade que podem contemplar a todos os homens.

Essa visão da literatura regional corrobora a visão de Veríssimo:

Ficam todos na descrição ou na sensação puramente literária, não raro retórica, do nosso mundo exterior. Também nada mais fácil, e por isso mais vulgar, do que a representação crassa do pitoresco, do curioso ou do singular de nossas regiões sertanejas. O vocabulário local, a fraseologia regional, a nomenclatura da flora, da fauna, as curiosidades indígenas, a apresentação dos seus aspectos mais típicos basta para dar a ilusão da cor e até do caráter local. (VERÍSSIMO, 1977, p. 85 *apud* GIL 2019, p. 54).

O citado historiador expressa deste modo o caráter artificial que pode rever uma obra literária regionalista sobretudo quando não existe um conhecimento profundo e um verdadeiro afeto entre o autor e o mundo no qual se desenvolve a sua obra. O que não é o caso com o Guimarães Rosa que como médico e diplomata especialista das fronteiras tinha um conhecimento do mundo rural e da sua dimensão social.

Para Candido (1987), Guimarães Rosa consegue a partir de uma dimensão regional alcançar uma literatura de qualidade profundamente brasileira:

Com isso, tornou-se o maior ficcionista da língua portuguesa em nosso tempo, mostrando como é possível superar o realismo para intensificar o senso do real; como é possível entrar pelo fantástico e comunicar o mais legítimo sentimento do verdadeiro; como é possível instaurar a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região. (CANDIDO, p. 206, 1987)

Dessarte, denota-se que o caráter regionalista de Rosa não é mais artificial ou algo que prejudicará a qualidade literária da obra.

Pelo contrário, no caso do Guimarães Rosa, o regionalismo presente em sua obra aparece como um regionalismo próprio, mais ligado a uma ancoragem cultural regionalista e ao uso de uma linguagem regionalista. A partir do conceito de regionalismo em linguística, determinado por Boulanger (1985), é construída uma visão de como se percebe Guimarães Rosa como autor regionalista.

Em seu artigo a respeito do conceito de regionalismo, Boulanger (1985) se concentra sobre o regionalismo na França com uma abordagem dupla do ponto de vista semântico e do tratamento lexicográfico. Porém, esclarece que se o estudo realizado foca no estudo do francês do território da França hexagonal, ele poderia se aplicar a outras regiões francófonas do mundo, e, sendo assim, poderia também se aplicar a outras línguas, tal como o português brasileiro, sabendo que o Brasil possuiu uma grande diversidade regional no seu território. Lembrando que a geografia brasileira oferece grandes variedades de regiões e paisagens, o que leva, sobremaneira, a diferenças culturais. Tendo isto, importante frisar que o próprio sertão mineiro é quase da mesma extensão territorial que a França.

Para Boulanger (1985, p. 127) as palavras que são marcadas como regionalistas encontram palavras que têm um equivalente no idioma geral. Existe, então, um léxico marcado culturalmente por uma determinada região e um léxico não marcado que todos os falantes de uma língua compartilham. Outrossim, “[...] quando uma palavra regional designa particularidades regionais, é, então, para o nome da coisa; e não para o significante” (REY-DEBOVE, 1971, p. 92). Existe, portanto, um léxico regionalista que serve a uma realidade determinada, na qual não se pode substituir palavras gerais.

A definição de regionalismo, elaborada por Boulanger (1985), foca-se no aspecto lexical, deixando de propósito os aspectos fonéticos e sintáticos. O citado autor delinea o regionalismo da seguinte maneira:

Qualquer fato de linguagem (palavra, expressão ou seu significado) específico de um ou outro dos franceses da França, com exceção da região de Paris próprio que constitui o francês central ou de referência e à exclusão também do francês de todos os outros territórios de língua francesa (BOULANGER 1985, p. 131, tradução nossa).⁴²

Entenda-se que se trata aqui de unidades lexicais ou unidades fraseológicas típicas de uma região outra que a região de Paris, que constitui o francês de referência. Dentro de uma literatura regionalista, as unidades lexicais e fraseológicas que diferem da língua padrão podem ser entendidas como marcas regionais ou que fingem ser regionais, de acordo com essas definições.

Além disso, Boulanger (1985) no termo *région*, ou seja, região, presente no termo *regionalisme*: “região: ‘área geográfica (país, estado, território) da Francofonia caracterizada pela presença da língua francesa, cujos termos de uso estão sujeitos a condições ou restrições

⁴² "Tout fait de langue (mot, expression, ou leur sens) propre à l'un ou à l'autre des français de France, à l'exception de celui de la région parisienne qui constitue le français central ou de référence et à l'exclusion également des français de tous les autres territoires francophones." (BOULANGER 1985, p. 131).

sociolinguísticas variáveis’.” (BOULANGER, 1985, p. 136, tradução nossa).⁴³ Este aspecto mostra a importância do território para determinar se uma variedade da linguagem pertence à categorização regional.

Boulangier (1985) postula, ainda, que não obstante seus estudos trataram somente dos territórios francófonos, essa pesquisa pode se estender a outros territórios onde são falados o inglês, o espanhol e mesmo o português. As narrativas que compõem *Sagarana* são profundamente marcadas pela região do sertão de Minas Gerais, da mesma maneira que podem testemunhar os vários topônimos que se encontram ao longo dos contos.

Ademais, a visão regionalista do texto de Guimarães Rosa é apontada pela filha do escritor, Vilma Guimarães Rosa, no livro “Relembraimentos: João Guimarães Rosa, Meu Pai”:

Ele manteve com seus pais uma ativa e carinhosa correspondência. Pedia continuamente ao vovô detalhes, informações e narrativas sobre estórias e lendas do interior mineiro, o linguajar e as expressões dos capiaus. Vovô escrevia-lhe cartas-novelas, relatos vividos de suas caçadas no Serra do Cabral e fatos sertanejos que se transformavam, temperados pela imaginação e o estilo do meu pai, em maravilhosas páginas rosianas (ROSA, 1999, p. 163).

O autor sempre manteve a ligação com sua região natal e era uma vontade do escritor incluir “o linguajar e as expressões dos capiaus” nas suas diferentes narrativas. Essa vontade está claramente declarada e, por conseguinte, atribui uma dimensão regionalista à linguagem das suas obras, questão que é tratada na próxima seção.

2.2. A LINGUAGEM REGIONAL DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

No seu estudo, Coutinho (1991, p. 204) explora a noção de revitalizar a linguagem. Nesse sentido ele afirma: “sua tarefa é explorar as possibilidades latentes dentro do sistema da língua com que está lidando e conferir existência concreta àquilo que existia até então como algo meramente em potencial”. O que significa que, para Guimarães Rosa, o ato de criação se faz a partir da sua própria língua, o português brasileiro, e mais especificamente com os regionalismos do sertão mineiro, onde ele viu a luz.

No que toca aos fraseologismos, o autor escreve:

⁴³ “Région : ‘zone géographique (pays, Etat, territoire) de la francophonie caractérisée par la présence de la langue française dont les modalités d’utilisation sont soumises à des conditions ou des contraintes sociolinguistiques variables’.” (Ibidem, p. 136).

[...] Este processo de alteração do “significante” não se restringe, entretanto, ao nível puramente vocabular. Sintagmas e às vezes sentenças inteiras, que se haviam tornado clichês, são frequentemente alteradas pelo artista com o fim de recobrar a sua expressividade originária (COUTINHO, 1991, p. 205).

Mesmo se os estudos fraseológicos não estavam tão desenvolvidos à época que o texto foi escrito, nota-se nesse trecho o reconhecimento de “sintagmas clichês” que o autor vem usar, alterar ou atualizar na sua obra.

A linguagem de Rosa é intimamente ligada ao Brasil, como confirma Coutinho (1991, p. 208), o que explica que o português do Brasil é uma língua rica por ter sido influenciada pelos idiomas dos povos indígenas e africanos, que fizeram parte da formação étnica e cultural do país. Entretanto, segundo Coutinho (1991, p. 208), “o autor não se limitou apenas a reproduzir a linguagem falada no Brasil”. Sendo assim, o processo criativo da linguagem é o que caracteriza a obra de Guimarães Rosa, “[...] onde uma expressão da linguagem oral se alterna com outra exclusivamente literária, e construções clássicas e coloquiais são empregadas, às vezes, em uma mesma oração (*Ibidem*, p. 209). Entre essas marcas de oralidade ou expressão de linguagem oral encontram-se os diferentes fraseologismos da obra que dão um caráter culturalmente marcado à fala dos personagens dos contos.

A questão dos regionalismos é importante em *Sagarana*, pois os personagens têm o costume de usar provérbios, termos específicos do sertão e pragmatemas como fórmulas religiosas, o que nunca causa estranheza entre os diferentes personagens. Os personagens possuem, então, uma linguagem própria que os leva a um universo isolado. Sob essa perspectiva, o autor explica que como estas áreas permaneceram isoladas do resto do país, com isso, “[...] durante mais de três séculos, devido à precariedade dos meios de comunicação, seus habitantes, não podendo manter nenhum contato intenso com outros grupos, conservaram a língua falada à época dos primeiros estabelecimentos” (COUTINHO, 1991, p. 211).

Sendo assim, não é raro encontrar expressões que se entendem perfeitamente dentro da situação da narrativa, mas que apesar disso, podem parecer estranhas como, por exemplo, para um leitor de um grande centro urbano que não faz tanto uso dos fraseologismos diante de sua fala.

Em seu estudo, Coutinho (1991) esclarece que Guimarães Rosa usa elementos ou recursos típicos da linguagem oral e, por isso, considera que seu estilo se aproxima do presente e característico entre poetas e narradores populares, que utilizam a língua como ela é falada e são, de maneira geral, ligados a uma determinada região. Pode-se entender que Rosa dá voz, na literatura, ao falar popular dos habitantes do sertão.

Além disso, Coutinho menciona o uso dos fraseologismos pelo autor mineiro:

Quando lemos os livros de Rosa pela primeira vez, não podemos deixar de observar o grande número de elementos pertencentes à tradição popular que o autor incorpora ou recria em suas narrativas. São provérbios e versos que se encontram nas falas dos personagens, poemas e canções folclóricas que frequentemente se recitam ou cantam... (COUTINHO, 1991, p. 222).

O fato dessa crítica fazer menção aos provérbios, comprova que, para o leitor, o uso desse recurso fraseológico é uma das características da escrita de Guimarães Rosa. Com efeito, os fraseologismos além de serem mais usados na língua oral, têm uma marca cultural e regional significativa.

No que tange ao uso de fraseologismos, é importante lembrar que o *corpus* analisado é literário, que foi criado e pensado por um autor. Este criou os diálogos e monólogos dos personagens querendo recriar o modo de falar dos sertanejos.

Vale ressaltar é que a obra é profundamente brasileira e o autor quis recriar este universo que ele tanto apreciava:

Os regionalismos empregados por Guimarães Rosa não se limitam a nenhuma área específica do Brasil. Provêm, ao contrário, em proporção mais ou menos equilibrada, das mais variadas regiões do país, e formam, junto com os termos de origem indígena, um complexo que só pode ser designado como “brasileiro” de um modo geral. Vocábulo e expressões oriundos dos sertões, o cenário de todas as suas narrativas, alternam-se com outros provenientes do Sul, da Região Amazônica e até mesmo das grandes cidades do leste (COUTINHO, 1991, p. 211).

Essa afirmação é relevante porque enfatiza que frente a um discurso literário é difícil determinar com exatidão de onde vêm os vocábulos ou as expressões empregadas por um autor, todavia, ressalta-se, aqui, a brasilidade da obra. Ademais, frisa-se que Guimarães Rosa percorria o sertão com cadernos de notas, onde anotava as expressões e os termos usados pelos habitantes e jagunços e como ele escolheu contextualizar todos os contos de *Sagarana* na região do sertão mineiro, mesmo com a grande influência cultural de seu autor, marca do seu estilo tão específico, a dimensão regionalista da obra e dos seus personagens permanece incontestável.

Nesse sentido, Cannabrava (1991) explicita sobre a inspiração mineira do autor, baseando-se na novela “Miguilim” de *Corpo de Baile*, a qual trata da infância de um rapaz no sertão mineiro e, do mesmo modo, escreve que Guimarães Rosa:

[...] foi buscar o dialeto brabo no interior do sertão mineiro, desarticulou-o em suas partes componentes, submetendo-o a extensas manipulações linguísticas. A frase sai pura, solta, como se viesse do fundo da sua infância livre, desembestada pelos campos gerais (CANNABRAVA, 1991, p. 264).

Depreende-se da citação anterior que a inspiração vem dos campos gerais e que algumas palavras ou frases foram diretamente extraídas do universo sertanejo para aparecer no texto literário. Contudo, há também um processo criativo, uma “manipulação linguística” operada pelo autor que faz parte do seu processo criativo.

Essa criatividade linguística está ligada à cultura do sertão mineiro. Os vocábulos e os fraseologismos pertencem também à cultura dos povos: “têm-se a impressão de que o autor reproduz lendas do nosso folclore, sem deformá-las em sua essência primitiva, tais como brotaram na mente popular” (CANNABRAVA, 1983, p. 264). Há dentro das narrativas não somente a língua do povo, mas também, a cultura popular, que são interligadas. Por isso, o estudo dos fraseologismos que aparecem na obra é uma chave de leitura e um ponto onde se pode ver a cultura popular e a linguagem em fusão.

Nesta perspectiva, Cannabrava (1983) compara Guimarães Rosa a um alquimista, que faz experimentação e obtém reação graças à linguagem: “as expressões são esquadrihadas por esse incomparável analista que transforma a nossa língua em laboratório, utilizando-se das palavras e locuções como se fossem provetes e tubos de ensaio” (p. 267). Sendo assim, entende-se que o autor mineiro usa os elementos que estão a sua disposição para compor algo novo. Ressalta-se aqui que tudo vem da criação literária e que, às vezes, pode ser difícil determinar se as expressões identificadas pertencem de fato ao universo do sertão.

Por esse motivo, para Cannabrava (1983), é importante desfrutar o texto literário sem mesmo saber da certeza das origens das expressões usada porque o que é primordial é o texto criado por Rosa:

[...] é por isso mesmo que parece ociosa a preocupação de distinguir a contribuição pessoal do autor das suas colheitas como garimpeiro da linguagem brasileira. O melhor é degustar, sem maiores preocupações, essa prosa robusta pelo que ela traz em si mesma, na força de seu ritmo e na sugestão numerosa do seu poder comunicativo. (CANNABRAVA, 1983, p. 270).

O texto literário é uma linguagem que existe por si e em si. Ele é um universo próprio que tem sua coesão interna. O que se encontra nas línguas naturais pode também se encontrar nessa linguagem construída por um autor. A linguagem de Guimarães Rosa tem sua própria cultura, seu próprio funcionamento social, tudo influenciado pelo português brasileiro e pelo falar regional da região do sertão mineiro.

Sendo assim, a próxima sessão é dedicada à primeira obra do autor que constitui o *corpus* desta pesquisa. *Sagarana* é uma obra composta por nove contos, dos quais, foi feito um

resumo na intenção de permitir ao leitor orientar-se na obra e, por conseguinte, no universo fraseológico do autor.

2.3. SAGARANA: A PORTA DE ENTRADA DO SERTÃO ROSIANO

Este tópico é dedicado a uma breve descrição da obra *Sagarana* e os nove contos que a compõe a fim de facilitar a leitura deste trabalho de doutorado às pessoas que não tiveram uma leitura recente da obra.

Sagarana foi o primeiro livro de prosa publicado pelo autor em 1946, e, logo após sua publicação, encontrou grande sucesso de críticas, pelo número de artigos que foram publicados e do público, por ter sido republicado já no ano seguinte.

A obra é composta por nove contos que se passam no sertão mineiro. No prefácio da sua obra, o autor escreveu uma carta ao seu amigo João Condé, na qual ele revela alguns segredos sobre a composição de *Sagarana*.

O autor, nesta carta ao amigo, explica o porquê de ter escolhido o sertão mineiro como espaço para suas narrativas:

Àquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Barataria, o espaço astral, ou mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que eu preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. Porque o povo do interior – sem convenções, “poses” – das melhores personagens de parábolas... (ROSA, 2017, p. 25).

Logo, verifica-se que a intenção do autor e o afeto que ele tem por sua região natal são palpáveis no prefácio. A dimensão regional da obra é o primeiro elemento necessário para entrar neste universo novo que o autor acabou de criar e publicar.

De acordo com os ditos do escritor, *Sagarana* era inicialmente feito de doze contos, todavia, três foram eliminados. As diferentes narrativas apresentam personagens diferentes e permitem ilustrar todas as pessoas que podem ser encontradas no sertão: sertanejos que vivem há gerações nessas terras, pessoas pobres que lutam pela sobrevivência, grandes proprietários, vaqueiros, pessoas de fora, como administradores ou médicos, filhos que voltam às terras dos pais depois de ter estudado nos grandes centros urbanos, ou seja, há uma multidão de personagens povoando o sertão de Guimarães Rosa.

“O burrinho pedrês” conta a viagem do burrinho, epônimo da estória, de uma fazenda à estação de trem de Cordisburgo, onde é levada uma boiada para ser vendida em Belo

Horizonte. Dentro dessa jornada, os diferentes vaqueiros vão comentar os acontecimentos com os bois, e também, contar histórias antigas da memória coletiva do povo. Encontram-se, nesse conto, vozes de vaqueiros que abrem caminhos para outras narrativas, sendo as fases de diálogos importantes para essa narrativa, ao passo que elas vão ritmar o caminho da boiada.

João Guimarães Rosa escreve na carta ao João Condé a respeito deste conto: “peça não profana, mas sugerida por um acontecimento real, passado em minha terra, há muitos anos: o afogamento de um grupo de vaqueiros, num córrego cheio” (ROSA, 2017, p. 26). Há uma dimensão real nessa narrativa e o autor quer comprovar que o evento ocorrido na obra não vem todo de sua imaginação: é um escritor que vem contar acontecimentos reais do sertão mineiro.

“A volta do marido pródigo” se passa numa pequena cidade do interior. Neste conto, podemos assistir a uma eleição municipal, fato que demonstra que o sertão de Guimarães Rosa é um sertão que começa a se modernizar. Nota-se também a presença de imigrantes espanhóis, o que denota que o sertão não é um lugar fechado em si, mas um lugar em constante evolução. O protagonista da novela abandona a sua mulher que começará a viver com um espanhol, porém, depois, ele volta à aldeia com o desejo de reconquistá-la. Para ser reabilitado, ele começa a se envolver em política com os grandes proprietários da região. O protagonista domina, então, a arte da oratória e faz uso de diversos recursos para convencer o seu público. E são nesses discursos que se podem encontrar unidades fraseológicas. Rosa escreveu: “A menos ‘pensada’ das novelas do *Sagarana*, a única que foi pensada velozmente, na ponta do lápis. Também, quase não foi manipulada, em 1945” (ROSA, 2017, p. 26). Talvez por ter sido escrita nessa velocidade, encontram-se fraseologismos da língua portuguesa que não foram manipulados ou criados pelo autor. Os personagens são apresentados como autênticos e a dimensão oral está ligada ao modo de viver das pequenas cidades com influência do mundo rural. Esse conto mostra que o sertão mineiro não é somente um mundo rural feito de fazendas e jagunços, mas sim, como um mundo que se moderniza e no qual as instituições brasileiras começam a se instalar também neste meio, o que influenciará o modo de viver e a linguagem dos moradores.

“Duelo”, o terceiro conto, conta um caso de traição que pedirá uma reparação pelo sangue. As instituições começam a se instalar no sertão aos poucos, não se podendo esquecer que é uma terra brava e que responde às suas próprias leis. É um lugar perigoso e com casos de violência, onde ainda se encontram os terríveis jagunços.

Nesse conto, um marido surpreende sua esposa com outro homem e então, resolve matá-lo. No entanto, considerando que sem peripécias não teria estória, ele acaba por matar o irmão do amante da sua mulher, cujo resolve se vingar matando o marido traído. A partir deste evento,

começa uma caçada através do sertão mineiro, onde os dois homens conhecerão pessoas de classes sociais mais baixas e, assim, o leitor descobre um pouco mais sobre a ordem social do sertão mineiro. O autor escreve sobre o presente conto:

[...] aqui, tudo aconteceu ao contrário do que ficou dito para o anterior: a história foi meditada e ‘vivida’, durante um mês para ser escrita em uma semana, aproximadamente. Contudo, também quase não sofreu retoques em 1945 (ROSA, 2017, p. 26).

Nesse conto, onde se encontra uma representação da ordem social do sertão, encontram-se vários pragmatemas que pontuam os diálogos dos personagens de acordo com os modos e os costumes dos sertanejos.

“Sarapalha” apresenta dois primos, doentes e no final da vida, que moram juntos na mesma casa apenas com uma empregada idosa que cuida dos dois. O essencial do conto é um diálogo entre os dois primos, onde um segredo será revelado e se quebrará a amizade que tinha entre os dois: os dois amavam a mesma mulher que havia sido casada com um deles e que foi embora com um outro homem há alguns anos. Neste conto, encontram-se personagens à margem da sociedade: o ambiente, a vegetação, os bichos do sertão parecem ter mais vigor do que esses dois homens. Por ser um conto baseado em diálogos, aparecem algumas unidades fraseológicas nos diálogos dos dois primos. É um conto que mostra que a vida no sertão pode ser difícil, principalmente para pessoas doentes que não têm acesso ao sistema de saúde. Ele tem uma dimensão social que participa à visão geral deste universo.

“Minha Gente” conta a visita de um rapaz da cidade a sua família do interior. Neste conto, podemos ver duas personagens de fora: o jovem estudante e um inspetor da educação nacional que vem ao sertão. Os dois são forasteiros, mas que encontram um grande prazer ao visitar o sertão. O território sabe também seduzir gente de fora que gostam das paisagens, dos seus costumes e da sua cultura. Este conto narra uma história de amor onde o protagonista quer se casar com a sua prima. Porém esta prima é muito inteligente e, apesar de morar no sertão, lê os clássicos da literatura em português, inglês e francês. Esta mulher conseguirá enganar o primo e obrigá-lo a casar com uma amiga, o que lhe permite recuperar o noivo desta amiga, pelo qual, ela era apaixonada. Neste conto, encontram-se unidades fraseológicas do dia-dia, mas também, unidades específicas do jogo de xadrez, o que comprova, mais uma vez, que o sertão não é um lugar fechado e que a cultura erudita também pode ser encontrada no sertão. O que faz o sertão, são as pessoas que lá vivem.

“Conversa de bois” conta a viagem funerária de um homem falecido que é tão pobre que o seu corpo é levado por um carro de bois junto de outras coisas. Este conto tem uma narração diferente porque entramos na cabeça dos bois que levam o carro. Encontra-se neste conto um caso de antropomorfismo que dá voz aos próprios bois que, como já foi dito, tem um lugar privilegiado no sertão. Há até uma diferença social entre os bois de carro e os que são criados pelo comércio da carne. A respeito deste conto, Guimarães Rosa escreveu: “aqui houve fenômeno interessante, o único caso, neste livro, de mediunismo puro” (ROSA, 2017, p. 27). O conto em si trata deste assunto de mediunidade, onde os bois são um canal para conversar com o mundo dos mortos. Neste conto, são apresentadas várias crenças dos sertanejos, o que faz parte do universo cultural do sertão.

“Corpo Fechado” é, segundo Rosa (2017, p. 27), “[...] o seu conto preferido”. Esta novela se passa numa pequena aldeia do sertão mineiro e é narrada por um médico que é muito amigo de Manuel Fulô, um homem sertanejo e que está prestes a se casar. A cidade está festa pois Manuel Fulô irá se casar com uma mulher da aldeia. Todavia, um jagunço resolve se aproveitar da noiva de Manuel Fulô antes de seu casamento, o que lhe deixa desesperado. Então, recorrerá ao feiticeiro que lhe proporcionará ter o “corpo fechado” para afrontar o jagunço sem que as balas ou facas pudessem penetrar seu corpo. Nessa narrativa, encontram-se vários temas do universo rosiano tais como a organização hierárquica do sertão, onde se encontram tradições medievais, a presença de homens da cidade que mostram que o sertão é um lugar em evolução, porém, que conserva as suas tradições com a presença dos feiticeiros e da magia.

“São Marcos” continua na linha das crenças do sertão. Um homem não acredita na bruxaria e está sempre a rir de um feiticeiro que mora na floresta que ele cruza para chegar à aldeia. Um dia, ele perde a vista e se vê obrigado a brigar com o feiticeiro para poder recuperar o sentido perdido. É, de acordo com o autor, Rosa (2017), a peça mais trabalhosa do livro. No meio das crenças, encontram-se nos diálogos, expressões do sertão e pragmatemas como fórmulas religiosas, de acordo com as crenças das personagens.

“A hora e vez de Augusto Matraga” é a última narrativa da obra e conta a história de um chefe jagunço que está no alto da sua carreira e será derrotado para voltar e ganhar seu céu defendendo pessoas oprimidas por outro jagunço. Essa narrativa é, de acordo com o autor (Rosa, 2017), uma síntese das outras e a chave de todas elas. Nessa estória, encontram-se diferentes momentos da vida de um homem.

Na primeira parte, onde o homem é o jagunço mais forte da região encontram-se fraseologismos como expressões ligadas ao universo dos jagunços. Após, quando foi vencido

por outro grupo e quando está em fase de reabilitação, encontram-se mais pragmatemas como fórmulas religiosas que demonstram que o protagonista está recuperando sua espiritualidade.

As nove narrativas de *Sagarana* apresentam vários aspectos do sertão mineiro criado por Guimarães Rosa. Encontram-se nessas páginas os temas que vão se desenvolver nas outras narrativas do escritor mineiro, destarte, sendo essa obra uma porta de entrada no sertão de Rosa e um vislumbre de seu universo fraseológico.

Por ser uma obra ambientada no sertão de Minas Gerais, *Sagarana* aparece como uma fonte preciosa de documentação do falar e dos usos e costumes da região no início do século XX. No entanto, dada à particularidade temporal e regional da obra, torna-se premente elucidá-la. Por isso, na sequência, discutimos alguns aspectos do quadro teórico das traduções de Rosa para o francês a partir de questões gerais de tradutologia e tradução literária, com o propósito de elaborar os critérios de tradução dos fraseologismos da obra para esse idioma.

3. A TRADUÇÃO DOS FRASEOLOGISMOS

Este capítulo trata das questões de tradução, a partir dos aspectos gerais de tradução de obras literárias para, em um segundo momento, tratar das traduções específicas das unidades fraseológicas.

3.1. A TRADUTOLOGIA

Quando se trata de analisar uma obra traduzida, é importante refletir um pouco sobre questões gerais de tradutologia.

Jean-René LADMIRAL (2015) estabelece a terminologia de língua-fonte e língua-alvo, onde o tradutor tem por objetivo retransmitir as informações da língua-fonte com os recursos da língua-alvo; é nessa perspectiva que deve se pensar a tradução de unidades fraseológicas, pois, se não existe equivalente total na língua-alvo, deve se procurar nela um equivalente que vai retransmitir o mesmo sentido ou outro que seja mais próximo.

Essa consideração é fundamental para a metodologia desta pesquisa, porque a partir das unidades fraseológicas em língua portuguesa extraídas da obra *Sagarana* (Rosa, 2017c), são procuradas as traduções das mesmas unidades em francês, com o desiderato de descobrir uma unidade fraseológica na versão francesa.

Adotamos a terminologia elaborada por LADMIRAL (2015) no seu livro *Sourcier ou cibliste les profondeurs de la traductions*. A língua de origem do texto, no caso de “O burrinho pedrês”, é o português, que é a língua-fonte e a língua do texto traduzido, no caso do nosso estudo, é o francês, que é a língua-alvo.

No caso de Guimarães Rosa, que tem um processo criativo engenhoso, cunhando palavras novas, usando palavras antigas ou regionais e, sobretudo, fazendo uso de expressões típicas do sertão mineiro à sua produção literária, essa noção é de suma importância e o tradutor terá que achar recursos na língua de chegada para conservar os provérbios (e, por extensão, os outros fraseologismos) presentes na obra.

Mefftah TLILI (2003) no seu artigo *Traduction et Plurilinguisme/Traduction et culture* aborda acerca da importância da tradução para aproximar-se de diferentes culturas: “assim como aprender um idioma dá acesso a uma nova cultura, o acesso a outros idiomas por meio

da tradução dá acesso a outras culturas” (p. 174, tradução nossa).⁴⁴ As obras traduzidas permitem o acesso a culturas geograficamente distantes. De acordo com a citada pesquisadora, trata-se de uma porta aberta sobre o mundo que permite estabelecer pontes entre os países e que pode ser um meio de acabar com as noções de culturas dominantes.

As teorias de Mounin (1963) e Mefftah Tlili (2003) chamam a atenção dos tradutores sobre as traduções etnograficamente centradas sobre a língua de chegada: “Para evitar o massacre de culturas estrangeiras, o tradutor é chamado a evitar o egocentrismo, a abrir-se sem preconceitos, com modéstia e clarividência a outras culturas” (MEFFTAH TLILI, 2003, p. 175, tradução nossa).⁴⁵ Essa visão da tradução é um caminho que foi feito após a descolonização, a partir das reflexões de diferentes teóricos da tradução. Este caminho parece ser o mesmo seguido pelos tradutores de Rosa e por todos aqueles que apresentam interesse pela língua e a cultura brasileira e, mais especificamente, pelo sertão de Minas Gerais.

A tradução aparece como uma ponte entre duas culturas e dois idiomas, além de permitir à língua-fonte penetrar na língua-alvo, deixar suas marcas linguísticas e culturais criando, por essa via, uma tradução intercultural. Para avançar nessa reflexão, o próximo tópico discute a questão da tradução literária, onde universos regionais são recriados em um novo sistema linguístico.

3.2. A TRADUÇÃO LITERÁRIA

Em seu livro *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, o tradutólogo Antoine Berman reflete sobre as dificuldades que podem ser encontradas na tradução literária:

A prosa literária se caracteriza em primeiro lugar pelo fato que ela capta, condensa e interliga todo o espaço polilinguístico de uma comunidade. Ela mobiliza e ativa a totalidade das “línguas” que coexistem numa língua. Isso se nota com Balzac, Proust, Joyce, Faulkner, Roa Bastos, Guimarães Rosa... (BERMAN, 1999, p. 50, tradução nossa).⁴⁶

Como se observa, o pesquisador francês, que é especialista da língua alemã e de questões de tradução literária, escolhe Guimarães Rosa como referência brasileira mostrando que as

⁴⁴ "De même que l'apprentissage d'une langue permet l'accès à une nouvelle culture, l'accès à d'autres langues par le biais de la traduction permet l'accès à d'autres cultures" (MEFFTAH TLILI, 2003, p. 174).

⁴⁵ "Pour éviter le massacre des cultures étrangères, le traducteur est appelé à éviter l'egocentrisme, à s'ouvrir sans préjugés, avec modestie et clarevoyance sur les autres cultures" (Ibidem, p. 175).

⁴⁶ "La prose littéraire se caractérise en premier lieu par le fait qu'elle capte, condense et entremêle tout l'espace polylangagier d'une communauté. Elle mobilise et active la totalité des 'langes' coexistant dans une langue. Cela se voit avec Balzac, Proust, Joyce, Faulkner, Roa Bastos, Guimarães Rosa..." (BERMAN, 1999, p. 50).

problemáticas ligadas à tradução do autor mineiro ainda não estão esgotadas e que existem caminhos que precisam ser explorados.

Berman (1999, p. 58) afirma o perigo que representam as traduções das obras que possuem uma grande oralidade na língua fonte. Um dos principais perigos, segundo o autor, é de querer manter além do razoável a dimensão oral da obra fonte, o que pode levar a uma exotização descontrolada na língua alvo, deixando a versão traduzida extravagante, sem o poder de restituir a poesia original.

Berman (1999) dedica uma parte da sua análise à perda das locuções na versão traduzida de uma obra literária em relação a essas unidades lexicais que aparecem na obra original. Desse modo, o autor alerta para o interesse que um tradutor deve ter com relação aos fraseologismos. No que se refere a essa questão, o tradutólogo explica:

[...] no entanto, mesmo se o sentido é idêntico, substituir um idiotismo por seu equivalente é um etnocentrismo que, repetido de maneira recorrente, resultaria a esta coisa absurda que no Typhon as personagens se expressariam com imagens francesas! (BERMAN, 1999, p. 65, tradução nossa).⁴⁷

Esta premissa esclarece que para o pesquisador é melhor privilegiar a língua fonte e manter os fraseologismos como eles estão presentes no texto original. Logo, para Berman (1999), é importante que uma obra traduzida mantenha uma ligação com a obra original. De acordo com o exposto, uma unidade fraseológica em português deveria ser traduzida em francês de forma inédita para manter o traço cultural brasileiro e não adotar uma referência francesa.

Ademais, Berman pontua que não se pode, por exemplo, “[...] apagar na versão traduzida uma superposição de língua onde, por exemplo, duas variantes da mesma língua se entrelaçam” (BERMAN, 1999, p. 66, tradução nossa).⁴⁸ O autor cita inclusive o caso da obra de Guimarães Rosa, onde o português clássico e os falares nordestinos se interligam.

Para esse mesmo autor, uma obra deve ser traduzida levando em consideração todos seus aspectos sociolinguísticos, afirmando que “[...] uma obra não transmite nenhuma espécie de informação, mesmo que ela contenha informações; mas que ela possibilite a experiência de um mundo” (BERMAN, 1999, p. 70, tradução nossa).⁴⁹

⁴⁷ "Or, même si le sens est identique, remplacer un idiotisme par son équivalent est un ethnocentrisme qui, répété à grande échelle, aboutirait à cette absurdité que dans Typhon, les personnages s'exprimeraient avec des images françaises !" (BERMAN, 1999, p. 65).

⁴⁸ "L'effacement des superpositions de langues l'œuvre de Guimarães Rosa, où le portugais classique et parlars du Nordeste du Brésil s'interpénètrent" (Ibidem, p. 66).

⁴⁹ "Mais une oeuvre ne transmet aucune espèce d'information, même si elle en contient ; elle ouvre à l'expérience d'un monde" (Ibidem, p. 70).

Assim sendo, a dimensão cultural de uma obra e a sua dimensão regional devem ser critérios da análise dos fraseologismos nela encontrados, já que eles pertencem e são os frutos que nascem da cultura criada pelo autor.

Para o tradutólogo, ao se traduzir uma obra, abre-se novas possibilidades para sua versão original. Nesse caso em particular, acreditamos que as obras precisam ser retraduzidas ao longo da história para que o conjunto das traduções leve ao leitor um pouco mais perto do original. Para Berman (1999):

A direção estética, poética e filosófica da tradução consiste a manifestar na sua língua essa pura novidade preservando seu rosto de novidade. E mesmo como dizia Goethe, lhe dar uma nova novidade quando seu efeito de novidade se esgotou na sua própria área langageira (p. 76).⁵⁰

Dessa maneira, uma análise morfossintática dos fraseologismos em português das marcas culturais próprias do universo literário de Rosa será necessária para a verificação da sua tradução em língua francesa.

Oseki-Dépré (1999), que é tradutora de Guimarães Rosa para o francês, no seu livro *Théories et pratiques de la traduction littéraire*, ensina que:

A tradução, literal ou recreativa, evidencia fenômenos linguísticos ou culturais, bem como o estado das sociedades em diferentes momentos de sua evolução, que podem dificultar ou, ao contrário, favorecer a entrada na língua-cultura de chegada de novos elementos exógenos (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 127, tradução nossa).⁵¹

Conforme Berman (1999), essa perspectiva privilegia língua-cultura fonte à língua-cultura de chegada assim como a inserção de elementos novos, “exógenos” na língua de chegada, no intuito de respeitar os elementos linguísticos e culturais da língua fonte.

De acordo com Oseki-Dépré (1999) para traduzir uma obra literária de Guimarães Rosa é preciso ter em consideração a proposta do autor: não se trata de simplesmente traduzir de uma língua para outra. Tendo isto, acerca de *Primeiras Estórias*, a pesquisadora esclarece:

Traduzir, nesse caso, é ir além do simples domínio das duas línguas, francês e português brasileiro, e do conhecimento das visões de mundo a elas vinculadas, para proceder à transposição de um produto literário complexo com suas particularidades,

⁵⁰ "La visée éthique, poétique et philosophique de la traduction consiste à manifester dans sa langue cette pure nouveauté en préservant son visage de nouveauté. Et même comme disait Goethe, à lui donner une nouvelle nouveauté lorsque son effet de nouveauté s'est épuisé dans sa propre aire langagière" (BERMAN, 1999, p. 76).

⁵¹ "La traduction, qu'elle soit à tendance littérale ou à tendance récréatrice, met en évidence les phénomènes linguistiques ou culturels ainsi que l'état des sociétés aux différents moments de son évolution qui peuvent faire obstacle ou, au contraire, favoriser l'entrée dans la langue-culture d'arrivée des éléments exogènes, nouveaux" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 127).

dentro do projeto global que os projeta no texto (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 230, tradução nossa).⁵²

A tradução literária implica outros mecanismos além da simples passagem de uma língua para outra. Tendo isto, é necessário ter em vista as peculiaridades de uma obra literária para poder retransmitir, em outro idioma, os efeitos criados pelo autor.

Em seu artigo *Fraseologización e idiomatización en traducción literária*, González-Rey (2015) questiona a tradução dos fraseologismos em um texto literário. Nesse artigo, a autora distingue a tradução dos fraseologismos e a tradução da sua idiomaticidade, problematizando esse tema ao se perguntar se não seria mais pertinente distinguir em tradução dos processos tradutológicos: a fraseologia e a idiomatização do texto meta, um dedicado à tradução de sua fraseologia e o outro ao alcance da sua idiomaticidade em conjunto?⁵³ O que permite questionar se para traduzir a idiomaticidade do texto fonte basta traduzir seus fraseologismos para o texto alvo.

Além disso, para a pesquisadora a especificidade da tradução literária é o mesmo do que caracteriza a língua literária: um fim próprio que nasce na individualidade da criação literária e acaba na recepção do leitor que é também individual (GONZALEZ-REY, 2015, p. 146, tradução nossa).⁵⁴

Dessarte, numa perspectiva de tradução literária é preciso levar em conta a individualidade do autor que vai se manifestar nas formulações, na escolha das palavras ou no estilo. O autor cria um mundo novo, próprio do seu imaginário, usando não apenas os recursos da sua língua, mas, também, criando novos meios de se expressar.

Uma obra literária é um novo mundo que nasce com sua própria cultura, seus próprios códigos e, portanto, com seu próprio universo fraseológico, seja ele em comum com o mundo real ou próprio da obra. As reflexões gerais sobre a tradução literária permitem mostrar a importância da cultura-fonte e o cuidado que devem ter os tradutores ao exercer a arte dele para se adaptar a língua-alvo à cultura de chegada. Mas como cada obra de um autor representa um

⁵² "Traduire, dans ce cas, revient alors à dépasser la simple maîtrise des deux langues, le français et le portugais du Brésil, et la connaissance des visions du monde qui y sont attachées, pour procéder à la transposition d'un produit littéraire complexe avec ses particularités, à l'intérieur du projet global qui les projette dans le texte" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 230).

⁵³ "¿No sería más pertinente distinguir en traducción dos procesos traductológicos: la fraseologización y la idiomatización del texto meta, uno dedicado a la traducción de su fraseología y el otro al alcance de su idiomatización en su conjunto?" (GONZALEZ-REY, 2015, p. 146).

⁵⁴ "Por su parte, la especificidad de la traducción literaria consiste en lo mismo que caracteriza la lengua literaria: ese fin propio que nace en la individualidad de la creación literaria y acaba en la individualidad de una recepción lectora" (Ibidem).

desafio em si, o próximo capítulo se interessa das traduções francesas das obras de Guimarães Rosa.

3.2.1. A tradução dos textos de Guimarães Rosa na França

A obra de Guimarães Rosa foi quase que em sua totalidade traduzida para a língua francesa, especificamente, as obras que publicou enquanto ainda estava vivo. Resta, ainda, ser traduzido o livro *Ave Palavra*, que recolhe narrativas póstumas do autor mineiro. De acordo com Faveri (2009), a primeira obra traduzida de Guimarães Rosa na França foi *Corpo de Baile*, publicado em dois volumes na edição *Seuil*, em 1961 e 1962, traduzido por Jean-Jacques Villar, sob os títulos de *Buriti* e *Les Nuits du Sertão*.

O referido tradutor publicou o romance *Grande Sertão: Veredas*, em 1965, que aparece em francês com o título de *Diadorim*, pela editora Albin Michel. Em 1969, é publicado o terceiro volume de *Corpo de Baile* sob o título *Hautes Plaines*. Já em 1982, a professora e pesquisadora Inês Oseki-Dépré publica *Primeiras Estórias* sob o título *Premières Histoires*, na editora Métaillé. Em 1991, é publicada uma nova tradução de *Grande Sertão: Veredas* feita por Maryvonne Lapouge-Pettorelli e intitulada *Diadorim*, na editora Albin Michel. *Tutaméia-Terceiras Estórias* é publicado em 1994, na editora *Seuil*, no entanto, dessa vez, traduzido por Jacques Thiériot.

A obra *Sagarana*, o objeto de estudo desta tese, é finalmente publicada em 1997. Sobre o fato, Faveri (2009) salienta:

Sagarana, publicado no Brasil em 1946, só é apresentado ao público francês em 1997, pelo mesmo tradutor: Jacques Thiériot. Ou seja, lá chega como obra de escritor conhecido e consagrado, aqui, livro de estreia de um Guimarães Rosa ainda desconhecido. *Sagarana* sai na coleção *Les Grandes Traductions* da Albin Michel, assim como *Grande Sertão: Veredas* (FAVERI, 2009, p. 266).

Sagarana foi, então, o último livro do autor mineiro a ser traduzido e publicado na França. As traduções não seguem obrigatoriamente o caminho das publicações originais pois vários parâmetros editoriais participaram desse movimento. *Sagarana* concede aos leitores franceses a oportunidade de descobrir os primeiros escritos do autor mineiro.

Depois de *Sagarana* foi ainda publicado, por Jacques Thiériot, a obra *Meu Tio o Iauaretê*, com o título *Mon Oncle le Jaguar*, em 2000, pela editora Albin Michel. Além do *Diadorim*, tradução de *Grande Sertão: Veredas*, os livros de Guimarães Rosa não são mais publicados. Os dois únicos que tiveram mais de uma publicação foram *Sagarana* de 1997, que

teve uma segunda edição em 1999 e *Mon Oncle le Jaguar*, que houve também uma segunda edição.

Contudo, em 2016, saiu a primeira edição francesa de *Estas Estórias* (ROSA, 2017a), na qual figura justamente o conto “Meu Tio o Iauaretê”, tradução essa realizada por Mathieu Dosse e publicada pela editora *Chandeigne*, que é uma editora francesa especializada na edição de livros lusófonos. No mesmo ano, saiu na mesma editora uma tradução ilustrada do conto “O Burrinho Pedrês”, elaborada pelo tradutor e professor especialista brasileiro, Michel Riaudel.

Quadro 1 - Edições de Guimarães Rosa em francês

Título da obra em português	Ano de publicação no Brasil	Título traduzido para o francês	Editores francesa	Nome do tradutor	Ano de publicação na França
<i>Sagarana</i>	1946	<i>Sagarana</i>	Albin Michel	Jacques Thiériot	1997
		<i>Sept-de-Carreau l'âne du sertão</i> (primeiro conto de <i>Sagarana</i>)	Chandeigne	Michel Riaudel	2016b
<i>Corpo de Baile: Noites do Sertão</i>	1956	<i>Buriti e Les Nuits du Sertão</i>	Seuil	Jean-Jacques Villard	1962
<i>Grande Sertão: Veredas</i>	1956	<i>Diadorim</i>	Editions de Minuit	Jean-Jacques Villard	1965
		<i>Diadorim</i>	Albin Michel	M. Lapouge-Pettorelli	1991
<i>Primeiras Estórias</i>	1962	<i>Premières Histoires</i>	Métaillé	Oseki-Dépré	1982
<i>Tutaméia-Terceiras Estórias</i>	1967	<i>Troisièmes Histoires</i>	Seuil	Jacques Thiériot	1994
		<i>Mon oncle le Jaguar</i>	Albin Michel	Jacques Thiériot	1998
<i>Estas Estórias</i> (póstumo)	1969	<i>Mon oncle le Jaguar & autres Histoires</i>	Chandeigne	Mathieu Dosse	2016a

Fonte: elaborado pelo autor.

O que revela este breve histórico das obras de Guimarães Rosa é que os textos dele ainda continuam a ser traduzidos para o francês. Se *Estas Estórias* e, o conto “O burrinho pedrês”, ganharam uma nova tradução em 2016, é porque é preciso de novas traduções do autor de acordo com o contexto atual de conhecimento da obra. Além disso, à medida que são publicados mais trabalhos sobre Guimarães Rosa, suas obras e suas traduções se fazem cada vez mais necessárias para os tradutores retraduzirem as suas obras, na medida em que a visão e o entendimento do autor se atualizam.

Acerca dos tradutores, Faveri (2009) elucida que o primeiro, Jean-Jacques Villard, é um tradutor profissional, mas que, no entanto, não parece ter uma ligação íntima com o Brasil, diferente de Oseki-Dépré (1999), que é brasileira, professora de literatura comparada e apresenta uma ligação mais intrínseca com os textos.

Sobre Jacques Thiériot, Faveri (2009) informa que o tradutor de *Sagarana* parece ter com a literatura brasileira uma relação bem mais próxima do que àquela que teria o Villard, pois, “[...] além de Guimarães Rosa, Thiériot traduziu Mario de Andrade, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro e Luiz Ruffato, entre outros” (p. 266). Isto indica que Thiériot trabalha especificamente com literatura brasileira, tal como é o caso de Maryvonne Lapouge-Pettorelli, que oferece a segunda tradução de *Grande Sertão: Veredas*, que é a única tradução ainda editada.

Ainda nesse tocante, Faveri (2009) explicita que cada tradutor tem sua própria relação com o Brasil, o que influenciará a maneira com a qual o autor vai se relacionar com os textos:

Quatro tradutores, diferentes trajetórias e motivações. Jean-Jacques Villard e Maryvonne Lapouge-Pettorelli parecem corresponder muito mais à figura tradicional do tradutor profissional, traduzindo para uma grande editora, influenciando muito pouco no projeto tradutivo que realizam. Inês Oseki-Dépré e Jacques Thiériot, ao contrário, parecem, de maneira muito mais clara, situar-se no que Pym (1998) chama de intersecção de culturas, com uma relação muito próxima com o Brasil e sua literatura. (FAVERI, 2009, p. 269).

O fragmento anterior fundamenta a necessidade que tem os tradutores de ter uma relação com o Brasil e um conhecimento da realidade do sertão mineiro mais aprofundado, pois, no caso de Guimarães Rosa, a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto desses lugares.

No seu estudo, Faveri (2009) acrescenta que o prefácio elaborado por Jacques Thiériot é uma fonte de informação sobre a obra, como, também, à linguagem de Guimarães Rosa:

O prefácio de Thiériot lança alguma luz sobre sua relação com o texto de Guimarães Rosa e, citando a correspondência deste com Edoardo Bizarri, lembra a preocupação do autor com a música e a cor dos vocábulos, com sua força expressiva em um sistema de ecos e ressonâncias. Nota que as novelas e contos de *Sagarana* são uma incursão nos diversos caminhos da escrita e que a língua de Guimarães Rosa (FAVERI, 2009, p. 270).

Tem-se que a função do tradutor é, em primeiro lugar, reparar o que é importante de se entender para um leitor estrangeiro, de modo a ajudá-lo a descobrir uma obra que pertence a uma cultura diferente da sua. E, de acordo com a citação anterior, a obra *Sagarana* é a porta de entrada para o universo linguístico e cultural de Guimarães Rosa.

As informações biográficas a respeito do tradutor Jacques Thiériot são raras, no entanto, cabe mencionar as informações que foram recolhidas por Marie-Hélène Catherine Torres no seu livro dedicado à tradução de obras brasileiras na França: *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, publicado em 2004:

Jacques Thiériot, que traduziu quatorze romances brasileiros em francês, viveu no Brasil onde foi diretor da Aliança Francesa durante alguns anos. Casado com uma brasileira, Teresa Thiériot, com a qual ele traduziu três romances de Clarice Lispector, Thiériot se situa para o termo de Pym, na intercessão das culturas (TORRES, 2004, p. 74, tradução nossa).⁵⁵

Entende-se que Jacques Thiériot tem uma vivência no Brasil e que a brasilidade faz parte de seu cotidiano, o que lhe possibilita uma melhor compreensão do uso do português no dia a dia e, portanto, uma sensibilidade aos pragmatemas e demais fraseologismos.

Além disso, Faveroni (2009, p. 275) esclarece que apesar do clichê atribuído à língua francesa de que seja clássica e de que ofereça limitadas possibilidades criativas, ela oferece diversas possibilidades de traduções:

Repensando o pensado, à guisa de considerações finais, parece válido contemplar *autrement* o universo das traduções de Guimarães Rosa em francês, e quase não resistimos a perguntar se a tão propalada *facture classique* do francês não é senão o apego a uma ideia de língua, que uma cultura cria e recria, à medida que vai reforçando suas estruturas culturais e institucionais (FAVERONI, 2009, p. 275).

O francês também está em evolução constante e as formulações e expressões que se usam num determinado momento do tempo podem não se usar mais com o passar do tempo ou serem substituídas por outras, todavia, a língua de chegada vai oferecer possibilidades novas de tradução. As traduções do início dos anos sessenta não são as mesmas que as de hoje, no entanto, foram necessárias para chegar a uma melhor consciência dos textos do autor.

Ainda de acordo com Faveroni (2009), as línguas são vivas e continuam a evoluir e de oferecer possibilidades novas, é um organismo vivo, e o tradutor tem um papel nessa vivência da língua:

O tradutor é um dos agentes desta transformação, pois a tradução muda a língua, como também o faz (pode fazer) a literatura. Se no dizer de Riobaldo Tatarana “viver é muito perigoso”, traduzir também é. E traduzir Guimarães Rosa ainda mais, na medida

⁵⁵ "Jacques Thiériot, qui a traduit quatorze romans brésiliens en français, a habité au Brésil où il était directeur d'Alliance Française pendant plusieurs années. Marié à une brésilienne, Teresa Thiériot, avec laquelle il a traduit trois romans de Clarice Lispector, Thiériot se situe, pour utiliser le terme de Pym, à l'intersection des cultures" (TORRES, 2004, p. 74).

em que exige do tradutor esta coragem de forçar a língua, talvez de deformá-la, até. (FAVERONI, 2009, p. 275).

Os tradutores de Guimarães Rosa enfrentam, de acordo com a pesquisadora, um desafio que exige coragem. Há na tradução um processo criativo que vai justamente permitir transferir para a língua de chegada não somente o texto literário, como também uma cultura e uma visão do mundo.

Oseki-Dépré (1999) elucida a respeito da obra *Primeiras Estórias*, que se trata de uma obra impossível de ser traduzida, mas que, no entanto, sua tradução é essencial ao destacar “[...] a importância da obra e do prazer que procura sua leitura” (p. 229, tradução nossa).⁵⁶ Guimarães Rosa apresenta-se, então, como um autor difícil de ser traduzido, tendo em vista a dimensão cultural, oral e regional carregada em sua obra, como também, pelo próprio estilo do autor que tem um processo criativo onde aparecem neologismos e outros elementos linguísticos, dos quais, mesmo um falante de língua portuguesa não está acostumado.

Amiúde, Oseki-Dépré (1999) insiste na relevância da dimensão cultural da obra no processo de tradução, ao dizer que:

Esta dupla propriedade da obra, que tanto desconcerta como seduz o seu leitor, advém menos da inegável especificidade dos temas ou das múltiplas referências que a constituem, tanto a partir de uma realidade cultural particular - com palavras, formulações ou situações específicas do Brasil e em torno do qual se inscreve a produção da narrativa - a da originalidade com que Guimarães Rosa os introduz na chamada escrita literária (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 129, tradução nossa).⁵⁷

Na passagem acima, a pesquisadora sobrealça a importância cultural tipicamente brasileira na obra de Rosa, usando palavras, formulações e situações específicas do Brasil. As formulações remetem às unidades fraseológicas presentes na obra e as situações propiciam à reflexão no uso dos pragmatemas que correspondem às situações específicas ligadas ao contexto cultural sertanejo do universo ficcional de Guimarães Rosa.

À vista disso, Oseki-Depre (1999) salienta acerca do aspecto linguístico que deve ser considerado ao se traduzir a obra do escritor mineiro:

A tradução deve levar em conta o trabalho realizado sobre a língua sem perder de vista o objetivo literário que lhe está subjacente, que não é apenas falar de algo ou contar

⁵⁶ "En égard à son importance sur le plan littéraire et au plaisir que l'on éprouve à sa lecture" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 229).

⁵⁷ "Cette double propriété de l'oeuvre, qui déroute autant que séduit son lecteur, provient moins de la spécificité indéniable des sujets ou des références multiples qui la constituent, relevant autant d'une réalité culturelle particulière - avec des mots, tournures ou situations propres au Brésil et autour desquelles s'inscrit la production du récit - que de l'originalité avec laquelle Guimarães Rosa les introduit dans le dit-écrit littéraire" (Ibidem).

histórias, mas sobretudo fazer falar "esse algo de que a literatura fala quando falando de linguagem", aqui os seres do interior do Brasil, esses seres do Sertão de Minas Gerais, imersos, desde as origens, no silêncio, no silêncio tácito, no implícito calado (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 230, tradução nossa).⁵⁸

Dessarte, verifica-se que a autora citada anteriormente revela sobre o fato de que se os sertanejos foram silenciados num determinado momento, se a voz deles pode parecer não ter sido escutada na obra do Guimarães Rosa, eles acham um caminho para serem escutados através da linguagem do autor, das vozes narrativas, dos narradores e das personagens. A autora explicita também que são os seres do Sertão de Minas Gerais que ganharão uma voz, não somente em português, mas também, nos outros idiomas nos quais as obras serão traduzidas.

Se o projeto de traduzir Guimarães mostra-se como uma tarefa impossível, mas que, no entanto, seja necessária de ser realizada, Oseki-Dépré (1999) admite que para uma tradução ver a luz, é necessário fazer concessões:

Apesar do viés adotado em sua tradução, ou seja, tanto o respeito ao trabalho organizado pelo autor quanto a busca de uma legibilidade tão ativa quanto gratificante para o leitor francês, é evidente que o tradutor não conseguiu trazer tudo de volta do idioma original. É o caso das palavras deformadas na fala popular ou do uso incorreto de uma palavra por outra (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 233, tradução nossa).⁵⁹

Os tradutores devem fazer escolhas e, por isso, torna-se árduo o ofício de retransmitir todo o falar regional do Sertão de Minas Gerais para a língua francesa. Na citação anterior, a autora persiste acerca da relevância da compreensão da dimensão oral da obra que se materializa, no texto literário, no falar dos sertanejos. Se os tradutores não puderem retransmitir todo o falar oralizado presente na obra de Rosa, a retransmissão dos fraseologismos se mostra como um caminho viável para um tradutor poder repassar na língua de chegada uma parte da dimensão oral da obra e de respeitar o falar dos seres que povoam o sertão mineiro delineado pelo referido autor.

Oseki-Dépré (1999) explica sobre o uso de unidades fraseológicas pelo autor mineiro, quando se tratar dos elementos que um tradutor francês possa ter dificuldades para retransmiti-los em sua tradução, conforme trata no fragmento a seguir:

⁵⁸ "La traduction doit tenir compte du travail effectué sur la langue sans perdre de vue le but littéraire qui le soutient, qui n'est pas seulement de parler de quelque chose ou de raconter des histoires, mais surtout de faire parler "ce quelque chose dont parle la littérature en parlant du langage", ici les êtres de l'intérieur du Brésil, ces êtres du Sertão de Minas Gerais, plongés, depuis les origines, dans le silence, le tacite, l'implicite tu" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 230).

⁵⁹ "Malgré le parti pris adopté dans sa traduction, à savoir à la fois le respect du travail organisé par l'auteur et la recherche d'une lisibilité aussi active que gratifiante pour le lecteur français, il va de soi que le traducteur n'a pas pu tout ramener de la langue originale. C'est le cas de mot déformés dans le parler populaire ou bien de l'emploi incorrect d'un mot pour un autre" (Ibidem, p. 233).

Entram neste caso as onomatopeias, aliterações, trocadilhos, refrões, ditados, rimas internas, enfim, todas as figuras referentes à essência do fato literário, que chamam a atenção do leitor para a voz do narrador, “mestre do urso”. e a dança”, em diálogo com as vozes dos mineiros, portadores do patrimônio coletivo (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 233, tradução nossa).⁶⁰

O fato de mencionar os refrãos e os ditados evidencia que as unidades fraseológicas estão presentes na obra do autor mineiro de maneira recorrente e que pertencem à dimensão oral da obra. Além disso, as unidades fraseológicas são “portadoras do patrimônio coletivo” dos falantes de português do Brasil e dos moradores do Sertão de Minas Geras, o que corrobora com a importância da dimensão cultural das unidades fraseológicas, conforme salientado no capítulo anterior, mas que, entretanto, apresenta-se como mais um desafio para os tradutores dos textos rosianos para o idioma francês.

Com efeito, Oseki-Depre (1999) explica que há diferenças entre os idiomas, o que pode vir a dificultar a tarefa dos tradutores:

a grande dificuldade que surge na tradução é, portanto, manter a coerência de tal visão poética, dialógica em si, transpondo-a para um tipo clássico de língua de acolhimento como o francês, uma língua muito rica, certamente, mas pouco permissiva quanto à suas estruturas e os hábitos de leitura-escrita de seus usuários (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 234, tradução nossa).⁶¹

De acordo com a citação anterior, a língua francesa não oferece tantas possibilidades criativas quanto o português para poder representar a poética de Rosa. Essa visão representa uma dificuldade para os tradutores e justifica o fato de poder existir diversas traduções em francês de uma mesma obra do autor em comento. Essas diferentes traduções apresentam-se, desta forma, como diferentes visões do projeto poético de Guimarães Rosa e de diferentes possibilidades oferecidas pela língua de chegada para retransmitir um enunciado.

Oseki-Depre (1999) não é somente uma pesquisadora, ela parte da sua própria experiência como tradutora de Guimarães Rosa para realizar suas análises. Desta forma, a mencionada autora enaltece a importância da dimensão regional da obra que o leitor faz à leitura de uma obra rosiana, conforme é explicitado no excerto a seguir:

Sendo uma tradução voluntária, escolhida, apresenta assim como motivação o desejo de dar a conhecer o "verdadeiro" Guimarães Rosa, anteriormente traduzido segundo

⁶⁰ "Entrent dans ce cas les onomatopées, allitérations, jeux de mots, refrains, dictons, rimes internes, bref, toutes les figures faisant référence à l'essence du fait littéraire, qui attirent l'attention du lecteur sur la voix du narrateur, "maître de l'ours et de la danse", en dialogue avec les voix des Minas Gerais, porteuses du patrimoine collectif" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 233).

⁶¹ "[...] la difficulté majeure qui se présente à la traduction est donc de maintenir la cohérence d'une telle vision poétique, en soi dialogique en la transposant dans une langue d'accueil de type classique comme le français, langue très riche, certes, mais peu permissive en ce qui concerne ses structures et les habitudes de lecture-écriture de ses usagers" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 234).

os cânones mais clássicos da tradução elegante, o desejo de partilhar um certo "júbilo" vivido pelo leitor lusófono diante deste texto, até então inédito em francês. Esse júbilo só pode ser compartilhado, aos olhos do tradutor, se ele próprio ficar um pouco impregnado da realidade que circunscreve as Primeiras Estórias, a saber, uma certa realidade geográfica e humana, o Estado de Minas Gerais (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 235, tradução nossa).⁶²

O sucesso da obra e o seu prazer de leitura em língua original está ligado à ancoragem do texto no falar de Minas Gerais e a todos os elementos culturais e linguísticos que servem ao autor para recriar, dentro de uma obra literária, a sua região natal. Traduzir Guimarães Rosa para o idioma francês equivale a dar vida aos sertanejos de sua obra, também, na língua de Molière.

Como se pode constatar, traduzir Guimarães Rosa não é uma tarefa fácil porque é necessário respeitar a sua linguagem regional e sua cultura para poder alcançar o objetivo de retransmitir seu universo e seu falar específico para outro sistema linguístico. Traduzir Rosa é também traduzir seu universo fraseológico e, por isso, discutimos na próxima parte a tradução específica dos fraseologismos.

3.2.2. A tradução dos fraseologismos

Para Greciano (2003), a tradução dos fraseologismos representa um desafio tanto para a fraseologia quanto para a tradutologia:

Nos dois ramos linguísticos citados, a experiência confirma a dificuldade, até mesmo o desafio, que um representa para o outro, de modo que a intersecção resultante de sua conjugação é um grande objeto de estudo que exige cooperação entre fraseólogos e tradutólogos (GRECIANO, 2003, p. 81, tradução nossa)⁶³

Numa perspectiva contrastiva, para se analisar a tradução de fraseologismos de uma língua para outra é preciso dois campos de investigação: a fraseologia, que permitirá a descrição do fenômeno na língua fonte e a tradutologia, que possibilitará analisar o fenômeno na língua alvo.

⁶² "S'agissant d'une traduction volontaire, choisie, celle-ci présente donc comme motivation le désir de faire connaître le "vrai" Guimarães Rosa, auparavant traduit selon les canons les plus classiques de la traduction élégante, le désir de faire partager une certaine "jubilation" qu'éprouve le lecteur lusophone devant ce texte, jusque là inédit en français. Cette jubilation ne peut se partager, aux yeux du traducteur, que si lui-même s'imprègne quelque peu de la réalité qui circonscrit les Premières Histoires, à savoir une certaine réalité géographique et humaine, l'Etat de Minas Gerais" (OSEKI-DEPRE, 1999, p. 235).

⁶³ "Dans les deux branches linguistiques citées, l'expérience confirme la difficulté, voire le défi, que l'une représente pour l'autre, de sorte que l'intersection résultant de leur conjonction est un objet d'étude majeur qui réclame la coopération entre phraséologues et traductologues" (GRECIANO, 2003, p. 81).

Ainda de acordo com a pesquisadora, “a fraseologia comparada alimenta a tradução fraseológica” (GRECIANO, 2003, p. 83, tradução nossa).⁶⁴ Os estudos comparados, que permitem explorar e comparar a fraseologia em vários idiomas, possibilitam aumentar os conhecimentos fraseológicos entre as línguas e assim facilitar a tradução dos fraseologismos de uma para outra.

Greciano (2003, p. 83, tradução nossa)⁶⁵ elucida que a disciplina está, atualmente, numa encruzilhada interdisciplinar: “a fraseologia comparativa não se contenta em notar convergências e divergências, mas oferece ajuda para transformar divergências em convergências interlinguais e interculturais.” Verifica-se que, no que concerne a tradução dos fraseologismos, dois aspectos devem ser considerados: o aspecto linguístico, que é a “convergência interlingual” e o aspecto cultural do fraseologismos, que é a “convergência intercultural”.

No que tange à metodologia da fraseologia comparada, o mesmo autor explica que, a seu ver, existem dois tipos de textos mais apropriados a este tipo de pesquisa: “bitextos nascidos da tradução para uma ou mais línguas; pares de textos nascidos autonomamente em línguas, culturas, situações e funções autênticas” (GRECIANO, 2003, p. 84, tradução nossa).⁶⁶ Nesta tese são comparadas a versão original de *Sagarana*, em português, e sua tradução para o idioma francês, de 1997, o que de acordo com a pesquisadora constitui em bitexto com um texto literário original e sua tradução.

Entretanto, a pesquisadora informa que “[...] o bitexto é um *corpus* fácil de constituir, mas não perfeitamente confiável de consultar, pois a qualidade das correspondências repousa na competência linguística, cultural e enciclopédica de um único tradutor” (GRECIANO, 2003, p. 85, tradução nossa).⁶⁷ No caso da nossa pesquisa, como já abordamos anteriormente, o tradutor é um tradutor experiente, acostumado a traduzir a literatura brasileira e, além disso, já traduziu obras de Guimarães Rosa antes de *Sagarana*, sendo assim já familiarizado com a escrita rosiana.

⁶⁴ "La phraséologie comparée ne se contente pas du constat de convergence et divergences, mais offre une aide pour la transformation des divergences en convergences interlinguales et interculturelles" (Ibidem, p. 83).

⁶⁵ "La phraséologie comparée ne se contente pas du constat de convergence et divergences, mais offre une aide pour la transformation des divergences en convergences interlinguales et interculturelles" (GRECIANO, 2003, p. 83).

⁶⁶ "[...] bi-textes nés de la traduction en une ou plusieurs langues, textes-paires nés de façon autonome dans des langues, cultures, situations et fonctions authentiques" (Ibidem, p. 84).

⁶⁷ "Le bi-texte est un corpus facile à constituer, mais pas parfaitement fiable à consulter, car la qualité des correspondances repose sur la compétence linguistique, culturelle et encyclopédique d'un seul traducteur" (GRECIANO, 2003, p. 85).

Para Greciano (2003, p. 85, tradução nossa)⁶⁸, o texto visitado por vários tradutores oferece garantias mais amplas. Por isso, comparar diferentes traduções dos textos literários, quando elas existem, permite conceder ao leitor uma visão mais ampla do texto fonte e do entendimento da sua fraseologia. No caso do *Sagarana*, existe apenas uma tradução em francês, entretanto, o primeiro conto do livro foi traduzido em 2018 por outro tradutor. Os provérbios, muito frequentes neste conto, serão, desta forma, levados em consideração na análise, no desiderato de entender melhor o processo criativo do universo fraseológico do autor e suas possibilidades de tradução em língua francesa.

No seu artigo, *Figement, Traduction, Variation, Défigement*, Mejri (2014) trata da tradução dos fraseologismos. Para o pesquisador, existem várias unidades fraseológicas à disposição dos falantes de uma língua que podem ser usadas no discurso:

Todas essas variantes fazem parte do fundo lexical do qual o falante extrai para garantir suas realizações discursivas. Não são específicos de uma língua: trata-se de um fenômeno geral que deve ser levado em consideração na hora de traduzir, pois pode desempenhar um papel importante na determinação das escolhas do tradutor. (MEJRI, 2014, p. 190, tradução nossa).⁶⁹

Assim sendo, Mejri demonstra que as unidades fraseológicas são um fenômeno comum às diferentes línguas e que ele deve ser considerado pelos tradutores quando encontram unidades fraseológicas num texto, porque ele corresponde à escolha do produtor do discurso.

Mejri (2014) insiste sobre a importância e a complexidade da tradução dos fraseologismos, pois, para o pesquisador, a dimensão fraseológica de uma determinada unidade que deve ser traduzida não pode ser silenciada porque, senão, corre o risco de silenciar três elementos que o pesquisador determina como essenciais na utilização de uma unidade fraseológica. O primeiro elemento é a dimensão cultural: “a dimensão cultural veiculada pelos fraseologismos, ou o que alguns chamam de conotações culturais, que não podem ser dissociadas do querer dizer” (MEJRI, 2014, p. 195, tradução nossa).⁷⁰ Como já abordamos no primeiro capítulo, as unidades fraseológicas correspondem a uma determinada cultura compartilhada por uma comunidade sociolinguística específica. E a compreensão dessas unidades está interligada à cultura da comunidade que as utiliza.

O segundo elemento é a dimensão estilística:

⁶⁸ "Le texte visité par plusieurs traducteurs offre des garanties plus larges" (Ibidem).

⁶⁹ "Toutes ces variantes font partie du fonds lexical où le locuteur puise pour assurer ses réalisations discursives. Elles ne sont pas propres à une langue : c'est un phénomène général dont il faut tenir compte lors de la traduction parce qu'il peut jouer un rôle important dans la détermination des choix du traducteur" (MEJRI, 2014, p. 190).

⁷⁰ "[...] la dimension culturelle véhiculée par les phraséologismes, ou ce que certains appellent des connotations culturelles, qu'on ne peut pas dissocier du vouloir dire" (Ibidem, p. 195).

A dimensão estilística no sentido geral do termo, ou seja, o conjunto de escolhas formais que o locutor faz ao desenvolver sua mensagem. Todas essas variações relativas à possibilidade da linguagem com o que elas veiculam como nuances semânticas, e os perfis combinatórios das palavras [...] no discurso com o que eles produzem como colocações e segmentos repetidos, são dois aspectos que impactam o conteúdo dos enunciados (MEJRI, 2014, p. 195, tradução nossa).⁷¹

O aspecto estilístico aparece como uma escolha dos locutores que deve ser considerada no momento de se traduzir um enunciado. Este aspecto parece ainda mais significativo quando se trata de uma obra literária, onde o uso das unidades fraseológicas é uma escolha estilística do próprio autor, que corresponde a uma escolha artística.

Cabe salientar que, no caso de Guimarães Rosa, o uso das unidades fraseológicas no discurso das personagens e na voz dos narradores das suas narrativas corresponde a uma vontade estilística relacionada à dimensão regional do texto.

O terceiro elemento é a questão da estruturação do discurso. A respeito disso, Mejri (2014) explica que:

A estruturação do discurso pelas sequências fixas: no exemplo (17), a sequência que toma a mão desempenha tanto um papel anafórico em relação ao contexto esquerdo quanto um papel catafórico em relação ao contexto direito. Quando há tal estruturação, a dissociação entre conteúdo e forma torna-se muito difícil (MEJRI, 2014, p. 195, tradução nossa).⁷²

Tem-se que as unidades fraseológicas se inserem num discurso e são interligadas a sua própria estruturação. A forma se torna tão importante quanto o conteúdo, visto que a própria marca cultural do fraseologismo está contextualizada no discurso enunciado.

As unidades fraseológicas correspondem à unidade de tradução que devem ser consideradas e traduzidas como tal ou senão o tradutor corre o risco de perder uma parte essencial do discurso que deve ser retransmitida para outra língua. As soluções de tradução das unidades fraseológicas dependem das línguas estudadas, contudo, verifica-se que soluções fraseológicas são mais presentes nas línguas próximas, como, por exemplo, as línguas românicas, mais do que entre as línguas que tenham origens diferentes.

⁷¹ "La dimension stylistique dans le sens général du terme, à savoir l'ensemble des choix formels que le locuteur effectue en élaborant son message. Toutes ces variations relevant du possible de langue avec ce qu'elles véhiculent comme nuancements sémantiques, et les profils combinatoires des mots (Blumenthal, 2008) dans le discours avec ce qu'ils produisent comme collocations et segments répétés, sont deux aspects qui ont un impact sur le contenu des énoncés" (MEJRI, 2014, p. 195).

⁷² "La structuration du discours par les séquences figées: dans l'exemple (17), la séquence se prendre en main joue à la fois un rôle anaphorique par rapport au contexte gauche et cataphorique par rapport au contexte droit. Quand il y a une telle structuration, la dissociation entre contenu et forme devient très difficile" (Ibidem).

González-Rey (2015) frisa sobre o fato de que a tradução da fraseologia hoje é, muitas vezes, ligada à teoria de equivalência com um critério de variação que vai da tradução total a zero.⁷³

No entanto, a autora sinaliza que existem diversas maneiras de traduzir uma unidade fraseológica, que podem ir do calco à tradução literal ou a técnicas de substituição (GONZALEZ-REY, 2015, p. 153, tradução nossa).⁷⁴ A autora salienta que o que importa para que uma tradução fraseológica seja bem-sucedida é que ela esteja compreensível e bem recepcionada pelos leitores na língua alvo.

Nesse sentido, Chacoto (2013), aponta que:

As parêmsias na tradução devem desempenhar um papel análogo ao que desempenham no texto do idioma de origem. Se eles forem alterados lá, eles deverão também ser alterados na tradução. Dada a complexidade do trabalho de tradução, a competência parémiológica do tradutor nas línguas de trabalho é fundamental neste tipo de obra literária, para que ele possa fazer uma tradução o mais fiel possível ao texto da língua de origem (CHACOTO, 2013, p. 342, tradução nossa).⁷⁵

Essa citação esclarece sobre a importância de conservar, na tradução, os provérbios como eles são encontrados no texto original. Poderíamos estender essa conclusão a todas as expressões fixas. A autora elucida que se um provérbio foi descristalizado ou defixado, essa modificação tem que aparecer na língua-alvo.

Xatara e Succi (2008) informam que nem todos possuem equivalentes em outra língua, há certos provérbios que refletem tipicamente a cor local: “quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé”, por exemplo, não pode experimentar outra cultura senão a brasileira” (p. 38). Com Guimarães Rosa, que gosta de usar imagens tipicamente sertanejas, de descrever a fauna e a flor do sertão e usar vários recursos linguísticos para ancorar seu texto no sertão

⁷³ “La traducción de la fraseología de un texto fuente se estudia actualmente dentro del marco de la teoría de la equivalencia, concepto que se forjó desde una perspectiva estructural en fraseología contrastiva según un criterio de gradación que va desde la equivalencia plena, total o absoluta (coincidencia formal y semántica) hasta la ausencia de equivalencia o equivalencia nula (falta de coincidencia formal y semántica), pasando por la equivalencia parcial (coincidencia formal o semántica) [...]” (GONZALEZ-REY, 2015, p. 151).

⁷⁴ “Con frecuencia, se han señalado procedimientos de traducción indirectos para traducir las expresiones de la lengua fuente que no tuviesen equivalentes en la lengua meta, tales como: el préstamo, el calco, la traducción literal, la transposición, la modulación, la equivalencia y la adaptación (J. P. Vinay y J. Darbelnet, 1958); la técnica de reproducción o técnica de sustitución (G. Wotjak, 1983); la compensación en casos de equivalencia parciales (G. Corpas-Pastor, 2000); la paráfrasis o la omisión (M. Baker, 1992); incluso la traducción literal (A. Berman, 1985)” (GONZALEZ-REY, 2015, p. 153).

⁷⁵ “Les parémsias dans la traduction doivent jouer un rôle analogue à celui qu’elles jouent dans le texte de la langue source. Si elles y sont modifiées, elles devront l’être aussi dans la traduction. Étant donné la complexité du travail de traduction, la compétence parémiologique du traducteur dans les langues de travail est fondamentale dans ce genre d’œuvre littéraire, pour qu’il puisse faire une traduction le plus fidèle possible au texte de la langue source” (CHACOTO, 2013, p. 342).

mineiro, o tradutor terá que fazer prova de engenhosidade e usar os recursos da língua de trabalho (o francês, no caso de Jacques Thiériot) para não perder informações da língua original da obra.

Cabe salientar, também, que, com o Rosa, que inventa suas próprias sequências fixas para poder analisar as traduções, são usadas as teorias de Salah Mejri (2011), o qual demonstra que o grande interesse da tradução, no caso de uma sequência que passou por uma defixação, será o de responder a três exigências: a natureza da fixação, a conservação da ligação entre o sentido fixo e o sentido defixado e a integração no enunciado.

Mejri (2008) distingue três níveis de tradução possíveis: *équivalence totale*, quando o tradutor conseguiu a traduzir o fraseologismo todo sem perder nenhuma informação semântica, *équivalence partielle* quando a tradução está fiel, mas que o tradutor teve que operar algumas modificações e, *équivalence zero*, quando o tradutor teve que abandonar a expressão fixa de origem e recorreu a outro recurso, que ele mudou totalmente o sentido ou registro de uma sentença.

Antonin Berman (1999) informa que é preciso achar novas formas de traduzir os fraseologismos (usando os exemplos dos provérbios e das locuções) que devem ir além da procura de equivalentes, tomando cuidado para não empregar etnocentrismos nas traduções que levariam a uma *exotização* das obras.

Em relação aos nossos objetivos, os níveis de equivalência, que são uma ferramenta usada nos estudos contrastivos em Fraseologia não nos aparecem como o modelo de análise ideal. Aos níveis de equivalência preferimos analisar se uma unidade fraseológica foi traduzida por outra na língua de chegada e sobretudo se o traço cultural original está presente na unidade traduzida.

Após a discussão teórica sobre as unidades fraseológicas, a linguagem regional de Guimarães Rosa e as diferentes questões de tradutologia que este trabalho pesquisou, na sequência, encontra-se o capítulo metodológico que retrata as diferentes etapas desta tese.

4. METODOLOGIA

De acordo com os três primeiros capítulos, esta tese trata de fraseologia, de literatura regional e de tradução. Essa escolha se insere no nosso percurso, como pesquisador estrangeiro especializado em estudos lusófonos e, mais especificamente, em estudos brasileiros. Nosso interesse pelo Brasil, sua língua e cultura nos levou a escolher um autor que revela e transmite em suas obras a sua brasilidade. A nosso ver, o que mais chamava a atenção em *Sagarana* era tanto a linguagem de suas personagens quanto a sua cultura ora baseadas nesse universo sertanejo, que é tão específico, e no qual adentrá-lo seria uma aventura.

Dentro desse universo achávamos que tinha um universo fraseológico a explorar. Se cada língua tem sua fraseologia, parecia que na fala dos personagens existia uma fraseologia própria à obra que precisava ser explorada. Nesse viés, era necessário analisar não somente um tipo de fraseologismo, como as parêmys ou as locuções, mas também, as diferentes unidades fraseológicas no intuito de entender se as diferentes unidades fraseológicas partilhavam os traços culturais que chamaram nossa atenção.

Sendo assim, a perspectiva contrastiva se impõe porque queríamos estabelecer mais uma ponte entre o Brasil e a França com a intenção de ver como o universo fraseológico de Rosa tinha sido transmitido em língua francesa pelo primeiro tradutor da obra Jacques Thiériot. Por isso, foi estabelecido a tipologia das unidades fraseológicas que foram analisadas neste trabalho: as parêmys, as locuções e os pragmatemas. Esses três tipos de unidades compartilhavam características comuns como a polilexicalidade, a fixação, e um certo grau de idiomaticidade. Além desses três critérios adicionamos o critério do traço cultural presente na unidade fraseológica.

Após a elaboração do quadro teórico para delimitar os critérios que permitem reconhecer as unidades como fraseológicas, foi feito um primeiro levantamento de dados com a 71ª edição de *Sagarana* em português, editada pela Nova Fronteira, em 2001. Para a tradução em francês, nesse primeiro levantamento, foi utilizada a edição de 1997, publicada na Albin Michel.

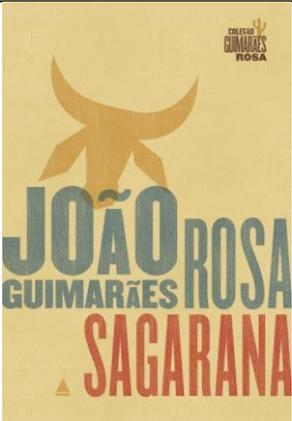
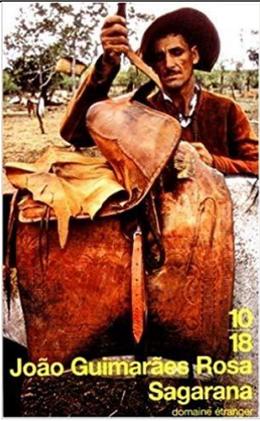
No entanto, uma extração manual das unidades fraseológicas a partir dos dois livros mostrou-se como uma tarefa difícil posto que precisávamos num primeiro momento levantar os candidatos ao estudo, ou seja, todas as unidades fraseológicas que pareciam corresponder aos critérios para ser reconhecidas como tal. Tendo isso, pensamos em digitalizar o material para poder realizar o levantamento de dados com mais facilidade e também não só recolher as unidades

fraseológicas, mas também o contexto no qual elas apareciam para um melhor entendimento dessas unidades usando o contexto para enxergar o sentido.

No início de 2017, foi lançado no Brasil pela editora Nova Fronteira a 72ª edição de *Sagarana* que tinha por objetivo se aproximar das primeiras edições dessa obra, que apareceram em 1946. Nessa edição, apareciam as expressões e formulações que o autor tinha colocado em itálico e entre aspas, enquanto nas edições anteriores tinham ocorrido alterações.

Como foi utilizada a versão mais recente da referida obra, por ser a mais fiel às primeiras edições, foi decidido proceder do mesmo modo com a sua versão francesa e de utilizar a segunda edição do *Sagarana*, publicada em 1999 pela mesma editora que a primeira, a Albin Michel, mas dessa vez na coleção 10/18, e não mais na coleção *Les Grandes Traductions*.

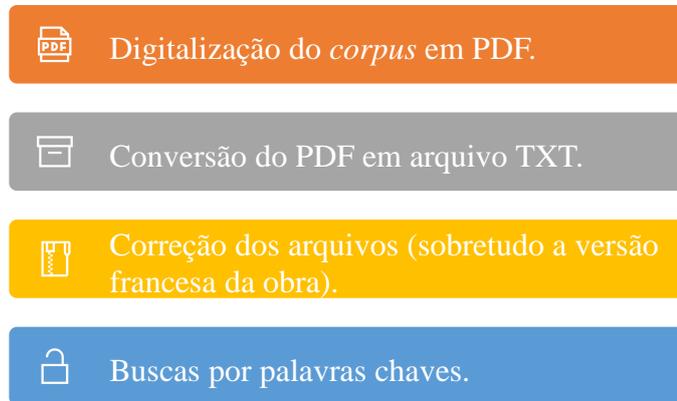
Quadro 2 - Capa das edições de *Sagarana* utilizadas para a realização da pesquisa

 <p><i>Sagarana</i>, 72ª edição Nova Fronteira 2017</p>	 <p><i>Sagarana</i> traduzido por Jacques Thiériot e publicado na edição Albin Michel em 1997</p>
---	--

Fonte: quadro elaborado pelo próprio autor.

Assim, extrair manualmente as unidades fraseológicas, com o contexto no qual elas eram encontradas, tornou-se rapidamente um trabalho muito exigente em termos de tempo e de digitação.

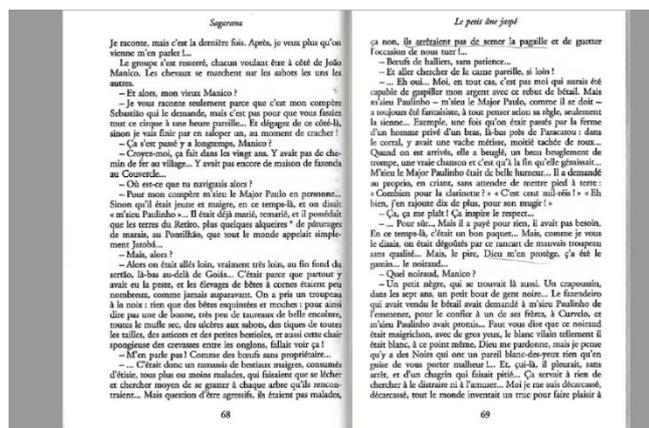
Figura 2 - As etapas da digitalização do *corpus*



Fonte: figura elaborada pelo próprio autor

A partir disso, foi necessário digitalizar as duas obras do *corpus* e criar um arquivo com extensão *Portable Document Format* (PDF). Entretanto, o arquivo PDF de livros digitalizados não possibilita reconhecer nenhuma unidade lexical. Desta forma, foi necessário, com o auxílio de um *software*, para extrair o texto com um Reconhecedor de Textos (OCR), para obter o texto no formato Text (TXT), que possibilita distinguir as unidades lexicais

Figura 3 - Exemplo do arquivo digitalizado no formato de foto



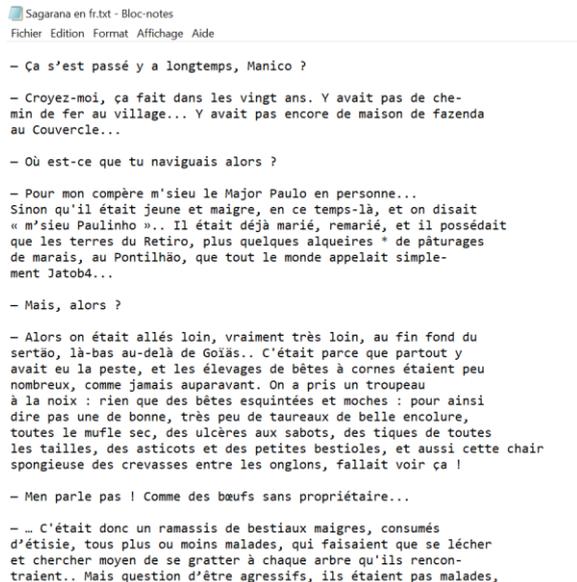
Fonte: figura elaborada pelo próprio autor

Nesse formato não é possível copiar o texto para poder tratá-lo no Word ou no Excel, então, a partir dessas fotos foi utilizado um software de reconhecimento de texto que permitiu de obter o texto em francês ao formato TXT.

Porém, passando do papel ao arquivo em PDF, tipo fotografia, e ao texto, no formato TXT, perde-se muito em qualidade e resolução, sendo necessário corrigir o arquivo obtido,

principalmente, as palavras brasileiras inseridas dentro do texto francês, que eram as que apresentavam o maior número de erros, dado que o sistema francês não conseguia identificá-las.

Figura 4 - Texto no formato TXT sem correção



Sagarana en fr.txt - Bloc-notes
Fichier Edition Format Affichage Aide

- Ça s'est passé y a longtemps, Manico ?

- Croyez-moi, ça fait dans les vingt ans. Y avait pas de chemin de fer au village... Y avait pas encore de maison de fazenda au Couvercle...

- Où est-ce que tu naviguais alors ?

- Pour mon compère m'sieu le Major Paulo en personne... Sinon qu'il était jeune et maigre, en ce temps-là, et on disait « m'sieu Paulinho ». Il était déjà marié, remarié, et il possédait que les terres du Retiro, plus quelques alqueires * de pâturages de marais, au Pontilhão, que tout le monde appelait simplement Jatobá...

- Mais, alors ?

- Alors on était allés loin, vraiment très loin, au fin fond du sertão, là-bas au-delà de Goiás.. C'était parce que partout y avait eu la peste, et les élevages de bêtes à cornes étaient peu nombreux, comme jamais auparavant. On a pris un troupeau à la noix : rien que des bêtes esquintées et moches : pour ainsi dire pas une de bonne, très peu de taureaux de belle encolure, toutes le mufle sec, des ulcères aux sabots, des tiques de toutes les tailles, des asticots et des petites bestioles, et aussi cette chair spongieuse des crevasses entre les onglons, fallait voir ça !

- Men parle pas ! Comme des bœufs sans propriétaire...

- ... C'était donc un ramassis de bestiaux maigres, consumés d'étéisie, tous plus ou moins malades, qui faisaient que se lécher et chercher moyen de se gratter à chaque arbre qu'ils rencontraient.. Mais question d'être agressifs, ils étaient pas malades,

Fonte: figura elaborada pelo próprio autor

Nesse formato é preciso uma correção manual do arquivo a fim de poder respeitar a acentuação das palavras portuguesas, os nomes próprios e todas as unidades lexicais que não foram reconhecidas pelo sistema francês.

Após a correção manual dos arquivos, tendo por base o livro em suporte papel original, foi possível manusear os arquivos e, assim, copiar as unidades fraseológicas do nosso estudo para classificá-las dentro de uma planilha no programar estatístico *Microsoft Excel*.

Como o objetivo da tese é mostrar o universo fraseológico de uma obra, escolhemos classificar as unidades fraseológicas por conto, todavia, o fato de usar o *Microsoft Excel* viabiliza, caso necessário, realizar uma busca de apenas um tipo de unidade como, por exemplo, os provérbios, as locuções ou os pragmatemas.

Essa possibilidade permite uma maior visualização dos dados encontrados, sendo assim, possível visualizar o número final de unidades fraseológicas, o número de locuções, de provérbios e de pragmatemas para poder realizar o gráfico, que segue anexado a presente tese.

Para a seleção das unidades, utilizamos os critérios expostos na parte teórica da análise tendo em consideração a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade. No entanto, a pesquisa revelou que algumas unidades fraseológicas presentes nos diálogos da obra se apresentavam de uma forma simples ou reduzidas. Sendo assim, a expressão “Nossa”, forma reduzida de “Nossa

Senhora” foi levada em consideração, tal como “Virgem”, que poderia ser vista como um “Virgem Maria” ou “Santa Virgem Maria”, especialmente porque ainda foram traduzidos por formas polilexicais em francês.

Como estamos na presença de um texto criativo, construído por um autor, os recursos informáticos têm os seus limites. Como João Guimarães Rosa cria os seus próprios provérbios e suas próprias expressões, não foi possível realizar uma busca totalmente informatizada, pois, em termo de unidades fraseológicas literárias, a máquina ainda não pode substituir o olho humano.

Todavia, a pesquisa revelou que pode fazer no *corpus* buscas a partir de palavras chaves, o que pode funcionar para achar expressões ligadas aos animais mais presentes na obra como vacas, cachorros ou cavalo.

A busca com palavras chaves, que muitas vezes são o traço cultural que destacamos na unidade fraseológica, é também muito eficiente nos pragmatemas como fórmulas religiosas, usando palavras chaves como “Deus” ou “Senhora”. Entretanto, uma verificação humana é fundamental para poder determinar se o que foi encontrado apresenta os critérios fraseológicos para a seleção.

O levantamento dos fraseologismos em português chegou ao número de 594 unidades fraseológicas na versão original da obra e o mesmo número de traduções para o francês.

Esses dados foram transpostos para um quadro, elaborado com 594 potenciais unidades fraseológicas, que se tornou uma ferramenta de pesquisa que permitiu discutir os conceitos, verificar se tais unidades são ou não fraseológicas, de acordo com o quadro teórico. Nela, também foram incluídas as canções tradicionais do sertão, as citações e as rezas, pois também são candidatos ao universo fraseológico da obra. No entanto, essas unidades mais ambíguas foram deixadas de lado para a realização dessa pesquisa que tem como foco os provérbios, os pragmatemas e as locuções.

Esta análise é um recorte feito a partir da nossa base de dados dos 594 fraseologismos, que foram recolhidos nos diferentes contos de *Sagarana*. Esses 594 fraseologismos foram classificados numa tabela de *Microsoft Excel* com suas respectivas traduções para o francês. A classificação no *Microsoft Excel* seguiu a aparição das unidades fraseológicas na obra. A tabela está organizada da seguinte maneira:

Quadro 3 - Exemplo de classificação de unidades fraseológicas do *corpus*

Conto	Unidade fraseológica em português	Unidade fraseológica em francês	Tipologia
O burrinho pedrês	“- Olha para mim, Francolim: ‘joá com flor formosa não garante terra boa!’ ... Arrancha aqui, perto das minhas vistas” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	“- <i>Regarde-moi, Francolim: ‘une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre!’</i> ... <i>Bouge pas d’ici, à portée de mon regard</i> ” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Provérbio

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

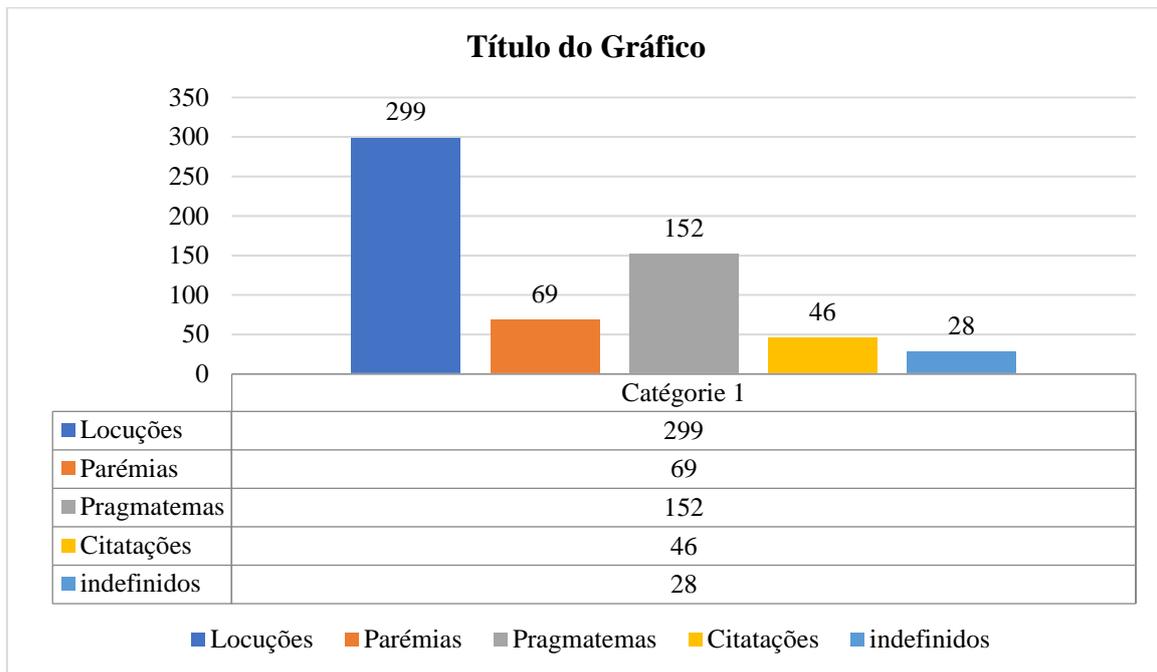
Essa primeira classificação permite, graças às funcionalidades do *Microsoft Excel*, poder observar com facilidade as unidades fraseológicas em português, suas traduções em francês (o que representa um total de 1.108 dados) e sua tipologia. Além disso, é possível fazer buscas por conto, por tipologia de unidades fraseológicas (provérbios, canções tradicionais, pragmatemas ou expressões), como também, por palavras chaves, o que pode ser útil para verificar a recorrência de um animal, como a “vaca”, ou uma fórmula religiosa contendo “Deus” ou “Nossa Senhora”.

A partir da elaboração do quadro, foram escolhidas as unidades fraseológicas da análise. Nessa esteira, foram escolhidos cinquenta provérbios, pois eles abordam todas as dimensões culturais do sertão de Guimarães Rosa e foram as unidades que ensejaram vislumbrar que existia um universo fraseológico dentro dessa obra e que as demais formas de unidades fraseológicas compartilham um universo cultural comum: o imaginário sertanejo.

Além dos provérbios, foram escolhidos dez pragmatemas dentro dos quais se encontram fórmulas de rotina que apresentam o funcionamento social do sertão e fórmulas religiosas elaboradas a partir das palavras “Deus” e “Virgem”, que apresentam o aspecto religioso do povo sertanejo.

Foram selecionadas, também, dez expressões sertanejas e brasileiras que vêm a corroborar que existe uma unidade no seio do universo fraseológico de uma obra literária que é baseada no traço cultural das unidades fraseológicas. As formas dessas unidades mudam, todavia, a fonte metafórica e cultural permanece a mesma. O próximo capítulo, na sequência, apresenta a análise e discussão dos resultados.

Para uma melhor visualização dos dados encontrados, elaboramos um gráfico que contabiliza todos os dados fraseológicos levantados na obra e registrados no apêndice. O gráfico, na sequência, mostra o percentual da distribuição dos fraseologismos levantados no *corpus* por categoria.

Gráfico 1 - Proporção do uso fraseologismos na obra *Sagarana*

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

O estudo mostra que os contos de *Sagarana* são uma fonte importante de unidades fraseológicas. Como foi explicado no quadro teórico, João Guimarães Rosa escolheu representar o sertão mineiro com personagens típicas da região. A presença desse número de unidades fraseológicas explica-se pela dimensão oral da obra, onde os diálogos e os monólogos são onipresentes.

As locuções são o tipo de unidade fraseológica que se encontram mais presentes nas páginas do *corpus*. Dentro dessas locuções, podem se encontrar expressões idiomáticas do português brasileiro, expressões para metaforizar a morte ou então expressões típicas do sertão mineiro que ganham um significado dentro do contexto dos contos.

Após, aparecem os pragmatemas, que são principalmente fórmulas religiosas que apontam as crenças e a organização social do sertão. Esses pragmatemas servem tanto para cumprimentar, quanto para se despedir; são rituais linguísticos que pontuam as cenas dialogadas das diferentes narrativas da obra.

Em terceira posição, aparecem os provérbios que, de acordo com as notas do tradutor, foram por partes coletados no sertão mineiro pelo próprio autor. Contudo, existem também provérbios criados pelo autor, de acordo com a língua e a cultura do Brasil e com o universo ficcional que ele estava criando ao escrever *Sagarana*.

Por fim, vêm as citações que poderiam fazer parte do universo fraseológico do autor, mas por serem unidades fraseológicas ainda poucas estudadas, que não têm uma composição morfossintática definida e onde a presença de um traço cultural específico não fica claramente definido, não foram incluídas ao estudo. Portanto, por terem sido levantadas na coleta dos dados é importante saber que elas estão presentes na obra para estudos futuros.

O que corrobora esse primeiro gráfico é que há uma recorrência das unidades fraseológicas dentro dos contos de *Sagarana* que é certamente devida à grande dimensão oral da obra. O autor conseguiu incluir, em seus contos, unidades fraseológicas que fazem parte da sua linguagem e do seu universo literário. Por serem ainda unidades fraseológicas pouco conhecidas pelos tradutores, um estudo descritivo e contrastivo é necessário para um melhor entendimento da obra e, também, para melhores traduções do seu universo linguístico e cultural.

As locuções, as parêmiás e os pragmatemas selecionados observam critérios fraseológicos precisos, tais como foram descritos no quadro teórico: idiomaticidade, cristalização e polixicalidade. Além desses três critérios eles possuem o quarto critério necessário, a serem reconhecidos como unidades fraseológicas: o traço cultural que permite sua análise e seu entendimento.

O número de unidades fraseológicas do *corpus* revela que existe uma fonte de inspiração fraseológica dentro do universo criado por João Guimarães Rosa. Por se tratar de um meio rural onde se cruzam pessoas sem estudos e pessoas cultas que vêm de grandes centros urbanos do Brasil, há uma multitude de situações de diálogos entre os personagens das quais emergem as diferentes unidades fraseológicas.

O povo sertanejo possui uma sabedoria popular e pertence a uma tradição oral onde o diálogo é de suma importância para a organização social. Sendo assim, expressões, provérbios e pragmatemas revelam os hábitos sociais e linguísticos dos seus habitantes.

De acordo com a tipologia estabelecida no quadro teórico, agrupamos os fraseologismos por tipo, a fim de estabelecer similitudes entre eles e observar como eles foram traduzidos em francês. Os quadros deste estudo foram organizados da seguinte maneira:

Quadro 4 - Exemplo de protocolo de análise

Tipo de unidade fraseológica:	Unidade fraseológica em português	Traço cultural em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
-------------------------------	-----------------------------------	-----------------------------	---	------------------------------	-----------------------------------	--------------------------------

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa organização permite identificar: o tipo de unidade fraseológica; observar a unidade fraseológica em português; propor uma descrição morfossintática; evidenciar se há ou não a presença de um traço cultural em português; a tradução da unidade fraseológica em francês; mostrar se a forma fixa foi mantida na versão traduzida; verificar se o traço cultural brasileiro foi mantido em francês e, caso ele for mantido, mostrar se trata de uma tradução intercultural.

5. ANÁLISE

Devido ao grande número de dados fraseológicos encontrado no *corpus* resolvemos selecionar para a análise apenas os que apresentavam todos os critérios enumerados na parte teórica deste estudo. No que toca aos provérbios, eles estão em número maior quanto em relação aos outros fraseologismos, visto que eles apresentam diferentes formas e traços culturais mais diversificados. Foram analisados dez pragmatemas e dez locuções, pois esse número mostrou-se suficiente para ter uma visão abrangente dessas unidades em *Sagarana*.

5.1. Provérbios

Como já dito anteriormente, esta análise apresenta o recorte da análise de treze provérbios presentes no conto “O burrinho pedrês”, do livro *Sagarana*, publicado em 1946, e suas traduções realizadas pelo francês Jacques Thiériot em 1999. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se o livro *Sagarana*, publicado pela editora Nova Fronteira em 2001 e *Sagarana*, publicado pela editora francesa 10/18, em 1999. Em *Sagarana*, “O burrinho pedrês” é um conto de destaque, e talvez um dos mais conhecidos do autor mineiro, pois narra a jornada de um grupo de vaqueiros que levará uma boiada de uma fazenda no sertão de Minas de Gerais até Cordisburgo. No referido conto, encontramos diversos vaqueiros, dentre os quais o dono da fazenda, o Major Saulo, que é uma personagem emblemática do universo Rosiano. O Major Saulo é dono de uma grande fazenda e não teve estudos, porém, possui a sabedoria do sertão. Nos diálogos das personagens de “O burrinho pedrês” encontram-se muitas canções e provérbios usados pelos vaqueiros.

Como vimos no quadro teórico, o uso dos provérbios permite inscrever marcas de oralidade tipicamente sertanejas no discurso literário. Para efetuar nossa análise, os provérbios aparecem em negrito e, depois da explicação do provérbio em português, segue o estudo da sua tradução para o francês. Quando for preciso, para entender o sentido do provérbio e reconhecer a estrutura proverbial, colocamos, também, o contexto no qual ele foi encontrado no *corpus*, sendo assim, quando as parêias podiam ser reconhecidas como provérbios sem o contexto, encontra-se somente o provérbio.

Nessa perspectiva, fizemos neste estudo a análise classificando os provérbios de acordo com os personagens e segundo a utilização que esses agentes do texto fazem dos provérbios. Sendo assim, encontram-se provérbios usados pelo Major Saulo, a personagem mais importante da história, em torno da qual giram os acontecimentos narrados.

Os provérbios utilizados por João Manico, uma personagem secundária e, após provérbios usados por diversos vaqueiros. De acordo com Xatara e Succi (2008), os provérbios carregam uma sabedoria popular, pois são argumentos de autoridade que vão dar peso ao discurso das personagens. Quem usa mais provérbios é o Major Saulo, o fazendeiro respeitado por todos por suas habilidades e por sua autoridade:

- Pois eu não. Nunca estive em escola, sentado não aprendi nada desta vida. Você sabe que eu não sei. Mas, cada ano que passa, eu vou ganhando mais dinheiro, comprando mais terras, pondo mais bois nas invernadas. Não sei fazer conta de tabuada, tenho até enjojo disso... Nunca assentei o que eu ganho ou o que eu gasto. O dinheiro passa como água no córrego, mas deixa poços cheios, nas beiras. Gosto de caminhar no escuro, João Manico, meu irmão! (ROSA, 2015, p. 41).

Os provérbios demonstram um conhecimento e uma sabedoria do Sertão que não se pode adquirir na escola. As duas autoras explicam que o provérbio funciona como uma citação, mas que a autoria dos provérbios é de ordem coletiva. No caso de Guimarães Rosa, os provérbios são marcas da coletividade sertaneja, portanto, faz uso desses fraseologismos para integrar expressões fixas típicas do sertão dentro do seu discurso literário: “Assim, quando um provérbio é adequadamente utilizado, a argumentação não deixará espaço para a contra argumentação, o discurso passa a ser irrefutável, por constituir uma verdade anônima consagrada” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39).

Os provérbios do Major Saulo, são os provérbios mais elaborados e os mais ligados ao universo cultural do Sertão. Como já dissemos, o Major Saulo é um homem típico do sertão, que herdou uma fazenda e a faz crescer cada ano mais. O Major nunca foi à escola, mas dentro do seu discurso vai usar oito provérbios. Ele é, portanto, um homem sábio que todo mundo respeita.

Quadro 5 - 1º e 2º Provérbios

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	Feijão Alimentar	"- <i>J'ai des bouviers, qui sont bons guitaristes... J'ai des chevaux habiles à défoncer les haies. Ho-ho... Lentement je suis servi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu'il mange... Ho-ho... Et aujourd'hui avec ce foutu temps et le personnel en retard...</i> " (ROSA, 1999, p. 24, grifo nosso).	Sim	Sim <i>Haricot</i>	Sim Privilegia a cultura brasileira

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Na análise do quarto quadro, verificamos que os dois primeiros provérbios estão presentes na mesma frase. No primeiro provérbio, encontra-se uma estrutura binária com o uso de advérbios antes do verbo conjugado, o que lhe atribui ritmo. O segundo provérbio é uma verdade geral que é introduzida por “Todo-o-mundo aqui”, fazendo dessa unidade uma sentença proverbial. Esse efeito é acentuado pelo fato de trazer uma marca cultural tipicamente brasileira: o feijão, que é o prato de cada dia no sertão e no Brasil, em geral. Na versão francesa do conto : “- *J'ai des bouviers, qui sont bons guitaristes... J'ai des chevaux habiles à défoncer les haies. Ho-ho... **Lentement je suis servi, vite je paie ... Tout le monde ici vaut le haricot qu'il mange...** Ho-ho... Et aujourd'hui avec ce foutu temps et le personnel en retard...*” (ROSA, 1999, p. 24, grifo nosso).

Na tradução do primeiro, o tradutor usou também uma estrutura binária, sendo uma estrutura adverbial e manteve o verbo conjugado. Após, efetuou uma modificação, em francês, usando o passado composto na primeira parte do provérbio e, depois, manteve o presente do indicativo que incentiva a ideia que ele paga depressa, o que ajuda a reconhecer essa unidade lexical como um provérbio. Ao nível da tradução, encontramos uma tradução intercultural que cria em francês um novo pragmatema a partir da versão original.

No segundo, foram traduzidas literalmente todas as unidades do provérbio. Essa é uma escolha de tradução interessante, visto que conserva a palavra “feijão” com a tradução *haricot*, alimento muito importante no Brasil, todavia, o leitor francês perde a imagem do alimento de todos os dias. Trata-se, neste caso, de uma tradução intercultural, uma vez que nos parece que

sem uma nota ou a substituição do alimento pelo pão, por exemplo, por ser alimento de base na França, o leitor francês não pensaria no alimento do dia a dia.

Quadro 6 – 3º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Na minha Fazenda ninguém mata outro. Dá risada, Francolim!” (ROSA, 2017, p. 40, grifo nosso).	Fazenda Sertão	" - <i>Dans ma fazenda, personne ne tue son prochain. Tu me fais rire, Francolim !</i> " (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Sim	Sim “Fazenda”	Sim Privilegia a cultura brasileira

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Com o provérbio analisado no quinto quadro, o Major Saulo mostra quem faz a lei na sua fazenda: “- **Na minha Fazenda ninguém mata outro.** Dá risada, Francolim!” (ROSA, 2017, p. 40, grifo nosso). Esse provérbio é reconhecido como tal por ter uma estrutura binária e anunciar uma verdade geral sobre a fazenda, que é visto como um mundo com suas próprias regras. Além disso, no ponto de vista semântico, o Major Saulo usa esse provérbio para confrontar sua autoridade e deixar bem claro que ninguém vai matar ninguém na sua fazenda, afirmando que a mesma é dele e que a sua palavra estabelece lei.

Começar a segunda parte da sentença com a palavra “ninguém”, acresce uma ideia de verdade geral própria aos provérbios, além disso, a estrutura “ninguém mata outro” evidencia uma economia com a ausência de artigo antes de “outro” que ajuda a reconhecer o tom proverbial da sentença. Na tradução francesa : “- *Dans ma fazenda, personne ne tue son prochain. Tu me fais rire, Francolim!*” (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso). Encontra-se, também, uma estrutura binária, porém, o tradutor optou por acrescentar uma imagem cristã na segunda parte do provérbio traduzindo “outro” por *son prochain*. Essa escolha permite reconhecer a unidade como um provérbio com essa imagem religiosa, o que não teria dado o mesmo efeito com *l'autre*. A unidade lexical *prochain* na França sendo totalmente ligada à religião.

Trata-se aqui de uma tradução intercultural, mesmo se a frase traduzida ganhou uma imagem religiosa que não estava presente na versão original, o tradutor criou uma parêmia baseada na cultura religiosa da obra.

Quadro 7 - 4º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Joá com flor formosa não garante terra boa!” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	Joá Flore	“ <i>Une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre !</i> ” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Sim	Sim “joazeiro”	Sim Privilegia a cultura brasileira

Fonte: elaborado pelo próprio autor

No quarto provérbio, aparece uma imagem ligada à flor do sertão: “**Joá com flor formosa não garante terra boa!**” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso). Esse provérbio, além de ter também uma estrutura binária, apresenta a palavra Joá que de acordo é a palavra nordestina para designar o joazeiro. O provérbio tem, portanto, uma dimensão tipicamente brasileira porque a ideia de um joazeiro em flor só será plenamente entendida por quem já viu essa árvore. O uso de palavras peculiarmente nordestinas é uma escolha interessante porque como o sertão mineiro faz fronteira com a Bahia, encontra-se no sertão similitudes de vocabulário e até de sotaques. O tradutor retranscreveu : “*Une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre !*” (ROSA, 1999, p.28, grifo nosso).

O joazeiro não é uma espécie que existe na França, o tradutor escolheu a palavra brasileira comum, sem usar a versão da nordestina que seria incompreensível para um leitor francês. Portanto, o tradutor conseguiu manter a estrutura binária e traduziu “Joá com flor formosa” por “*Une belle fleur de joazeiro*”. Desse modo, se na versão original a primeira imagem era do joazeiro, na versão francesa é a flor que está sendo mais importante.

Essa escolha revela a engenhosidade do tradutor que permite a um leitor francês entender o provérbio sem conhecer a mencionada árvore, o que classifica essa tradução como intercultural, dado que, semanticamente, nada foi perdido.

Quadro 8 - 5º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma” (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Vaca Sertão	“ <i>Ce n’est pas aux taches de la vache qu’on mesure son lait et sa mousse</i> ” (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Sim	Sim <i>vache</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A partir do quinto provérbio, encontramos, no mesmo, imagens com animais: “**não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma**” (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso). De acordo com nossa análise, esse provérbio apresenta uma estrutura binária com uma imagem animal, de acordo com o imaginário e a cultura do sertão, visto que é com o comércio dos bois e das vacas que vivem os sertanejos. O referido provérbio é facilmente compreensível e lembra o provérbio “O hábito não faz o monge”, que significa que as aparências podem enganar.

Na sua versão francesa: “*Ce n’est pas aux tâches de la vache qu’on mesure son lait et sa mousse*” (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso), o tradutor recriou a estrutura binária e todos os elementos do provérbio, e, fez as adaptações necessárias devido à sintaxe do francês, como acrescentar o demonstrativo *ce* e os pronomes possessivos *son* e *sa*, o que não modificou o entendimento do provérbio. Tendo isto, a tradução apresenta uma tradução intercultural.

Quadro 9 - 6º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“ Suspiro de vaca não arranca estaca! ” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	Vaca Sertão	“ <i>Soupir de vache son piquet n’arrache !</i> ” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Sim	Sim <i>vache</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Continuando com as imagens zoomórficas, o provérbio “**suspiro de vaca não arranca estaca!**” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso), também está ligado ao universo agrário. Encontra-se, nesse provérbio, a estrutura binária, como também, uma imagem figurada de acordo com o imaginário e a cultura do sertão. Destacamos, também, a presença de rima entre “vaca” e “estaca” e a ausência de artigo antes de “estaca”; o que contribui ao ritmo da sentença e ao seu reconhecimento como provérbio.

Para a sua tradução francesa “*Soupir de vache son piquet n’arrache!*” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso), o tradutor usou uma estrutura binária e na segunda parte do provérbio, colocou o sujeito antes do verbo, que é um dos recursos que pode ser usado em francês para as sentenças proverbiais. Além disso, não empregou a partícula de negação *pas*, necessária na negação em francês, o que apresenta uma economia sintática, característica geralmente encontrada nos provérbios, o que justifica a tradução intercultural.

Quadro 10 - 7º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“ Para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha ” (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	Vaca Sertão	“ <i>Pour un veau à peine sevré, toute queue de vaches est mamelle!</i> ” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Sim	Sim <i>vache</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

No sétimo provérbio “**para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha**” (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso), encontra-se, ainda, a estrutura binária, e uma aliteração em “m”, o que atribui ritmo ao provérbio. O sentido do provérbio expressa que quem não tem experiência, se engana facilmente.

Na versão francesa do provérbio anteriormente citado, “*Pour un veau à peine sevré, toute queue de vaches est mamelle!*” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso), o tradutor conservou uma estrutura binária, entretanto, mas não manteve a aliteração em “m” contida na versão original. Foi acrescentado o artigo *un*, necessário na sintaxe do francês e o *toute*, que significa “toda”, em português, que participa na ideia de verdade geral do provérbio, assim como, a ausência de artigo na frente de *mamelle*, que permite identificar essa sentença como provérbio, oferecendo deste modo uma tradução intercultural.

Quadro 11 - 8º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Deve de ter sido isso, Raymundão. Mas, mal-feito é mal feito! ... E o que foi mais que ele disse?” (ROSA, 2017, p. 62, grifo nosso).	Trabalho	“- <i>Sans doute que c’est ça, Gros Raymondo. Mais ce qui est mal fait est mal fait !... Et qu’est-ce qu’il a dit d’autre ?</i> ” (ROSA, 1999, p. 56, grifo nosso).	Sim	Trabalho	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Para concluir a análise dos provérbios do Major Saulo, o oitavo provérbio que ele usa é mais uma frase de caráter proverbial, dentro do seu discurso: “- Deve de ter sido isso, Raymundão. **Mas, mal-feito é mal feito!** ... E o que foi mais que ele disse?” (ROSA, 2017, p.

62, grifo nosso). Essa construção apresenta uma estrutura binária e serve de argumento ao Major Saulo, sem ele precisar dar mais explicações.

A repetição é também um dos recursos linguísticos usado para fazer um provérbio. Para retransmitir esse efeito em francês: “- *Sans doute que c’est ça, Gros Raymondo. Mais ce qui est mal fait est mal fait !... Et qu’est-ce qu’il a dit d’autre ?* ” (ROSA, 1999, p. 56), o tradutor acresceu *ce qui*, que é uma das maneiras de se iniciar uma sentença proverbial, levando-o à uma tradução intercultural onde um provérbio é criado na língua de chegada a partir da língua-fonte.

Quadro 12 - 9º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Estou como ovo depois de dúzia... E o burrinho, também, se ele tivesse morrido trasanteontem, não estava fazendo falta a ninguém ” (ROSA, 2017, p. 54, grifo nosso).	Morrido	“- <i>Je suis comme le treizième œuf de la douzaine... Et le bourricot, pareil, s’il était mort la veille d’avant-hier, il aurait manqué à personne !</i> ” (ROSA, 1999, p. 48, grifo nosso).	Sim	<i>Mort</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Os provérbios usados pelo vaqueiro João Manico, não são tão elaborados quanto os do Major Saulo. Apesar de não ser tão reputado e de não possuir toda a sabedoria do Major, João Manico é uma personagem importante da história. Ele é a primeira personagem que será procurada pelo Major Saulo para lhe pedir conselhos e vigiar os outros vaqueiros, denotando que João Manico possui, uma experiência valiosa.

João Manico sobreviverá à travessia do rio graças ao burrinho Sete-de-Ouro, que narra, especialmente, durante a viagem da boiada, uma história tradicional de vaqueiros. Sua voz é importante no desenvolvimento da diegese e é natural que apareçam alguns provérbios nas suas falas que têm sempre por objetivo impressionar o Major e, pela via dos seus conselhos, ser tratado como igual pelo patrão. O nono provérbio: “Estou como ovo depois de dúzia... E o burrinho, também, **se ele tivesse morrido trasanteontem, não estava fazendo falta a ninguém!**” (ROSA, 2017, p. 54, grifo nosso) serve para expressar a sua sabedoria.

Esse provérbio possui uma estrutura binária, começando por “se” e falando uma verdade geral “a ninguém” o reconhecemos, no contexto do diálogo, como uma frase proverbial. Na sua tradução : “- *Je suis comme le treizième œuf de la douzaine... Et le bourricot, pareil, s’il était*

mort la veille d'avant-hier, il aurait manqué à personne!” (ROSA, 1999, p. 48, grifo nosso), o tradutor criou uma estrutura binária da frase proverbial e manteve o mesmo sentido em francês, trazendo uma tradução intercultural.

Quadro 13 - 10º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Olho e ouvido, andando por longe, é bom para dono e patrão...” (ROSA, 2017, p. 55, grifo nosso).	Dono patrão Sertão	“- <i>Œil et oreille qui courent bien loin, c'est bon pour le maître et le patron...</i> ” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Sim	<i>Maître patron</i>	Sim Ordem social sertaneja

Fonte: elaborado pelo próprio autor

No décimo provérbio: “- **Olho e ouvido, andando por longe, é bom para dono e patrão...**” (ROSA, 2017, p. 55, grifo nosso), João Manico mostra ao Major que ele também entende como funcionam as coisas na fazenda: para ser um bom dono de fazenda, tem que saber o que se passa em todos os lugares dela. Esse provérbio tem uma estrutura binária. A economia de artigo antes dos substantivos dá ritmo à frase e participa no seu reconhecimento como provérbio.

O presente provérbio está ligado ao universo do trabalho na fazenda, onde um patrão precisa saber o que se passa longe dos seus olhos, geralmente. Em francês, o referido provérbio guardou a mesma função : “ - *Œil et oreille qui courent bien loin, c'est bon pour le maître et le patron...*” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso). O tradutor usou a mesma estrutura bilíngue, manteve a economia de artigos na primeira parte do provérbio, contudo, teve que colocar os artigos “le”, exigido pela sintaxe francesa. Nesse caso, encontramos um novo provérbio em francês criado a partir do original sendo uma tradução intercultural.

Os provérbios dos outros vaqueiros são menos elaborados do que os do Major Saulo e do João Manico. Parece que, de acordo com a importância das personagens, o uso dos provérbios diminui. Os dois primeiros são homens mais velhos, que possuem a sabedoria do sertão e têm a habilidade de usar suas expressões típicas, que têm o conhecimento suficiente para o uso dos provérbios.

Quadro 14 - 11º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Aí fiando! Quem tem inimigo não dorme! ...” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	Inimigo Sertão	“ <i>Ah, méfie-toi ! Çui qui a un ennemi dort pas!</i> ” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Sim	<i>Ennemi</i>	Sim Ordem social sertaneja

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Um exemplo dos provérbios usados pelos outros vaqueiros é o provérbio: “Aí fiando! **Quem tem inimigo não dorme!**...” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso). Nesse décimo-primeiro provérbio, mantém-se a estrutura binária e começa-se com “quem” para poder estabelecer uma verdade geral. Trata-se de um provérbio conhecido e muito popular da língua portuguesa que avisa que quem conhece seus inimigos, tem que ficar atento. Na tradução francesa : “*Ah, méfie-toi ! Çui qui a un ennemi dort pas !*” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso), Jacques Thiériot escolheu retransmitir uma forma oralizada de *celui* usando o *Çui* para acentuar o lado camponês do vaqueiro que usa esse provérbio. Além disso, na frase negativa *dort pas*, a falta do advérbio de negação *ne* acentua o atributo popular da sentença.

Essa tradução apresenta, então, uma tradução intercultural, pois o sentido foi mantido, entretanto, o tom popular que não está presente na versão original está muito marcado na versão francesa. Essas marcas de popularidade no discurso dos outros vaqueiros em francês, acentua a ideia de que o Major Saulo e o João Manico são bem mais sábios do que os outros.

Quadro 15 - 12º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Bobagem! É andando que cachorro acha osso! ” (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	Cachorro Animal	“- <i>Dis pas de bêtises, Manico. Les os, c’est en marchant qu’un chien les trouve</i> ” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Sim	<i>Chien</i>	Sim Animais do sertão

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Com o décimo-segundo provérbio, “- Bobagem! **É andando que cachorro acha osso!**” (ROSA, 2017, p. 74), vemos uma nova particularidade cultural do sertão: as piadas. Comparar

um homem a um cachorro é uma forma engraçada de dar um conselho e tem um efeito cômico para o leitor.

O referido provérbio apresenta uma estrutura binária. Apresenta, também, economia no emprego dos artigos. Esse provérbio significa que tem que ser ativo, tem que fazer alguma coisa para alcançar algo. Na versão em língua-alvo: “- *Dis pas de bêtises, Manico. Les os, c’est en marchant qu’un chien les trouve*” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso), o tradutor escolheu colocar o substantivo em primeiro lugar, o que atribuiu a forma proverbial à sentença. Mesmo com o emprego de *Les os*, ou seja, “Os ossos”, em português, houve passagem do termo para o plural, na língua francesa, por ser utilizado dessa forma. Assim sendo, encontra-se uma tradução intercultural.

Quadro 16 - 13º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Não zanga atôa, Manico. Todo gosto é regra ” (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	Gosto	“- <i>Te fâche pas pour rien, Manico. Chacun son goût, chacun sa règle</i> ” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Sim	Goût	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O último provérbio do nosso estudo, é apresentado para convencer o João Manico a não se aborrecer: “- Não zanga atôa, Manico. **Todo gosto é regra.**” (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso). Todavia, constatamos que esse provérbio não está tão elaborado quanto os outros: não carrega imagem tipicamente sertaneja, pois está mais ligado ao senso comum. O provérbio é uma sentença proverbial que tem uma estrutura binária mínima, no entanto, a economia de artigos e a impressão de verdade geral nos permite reconhecê-lo como provérbio. Este provérbio significa que todo gosto tem que ser aceito e respeitado.

Na versão francesa, o provérbio apresenta também uma estrutura binária, entretanto, usando a estrutura “*chacun..., chacun...*” forma típica dos provérbios: “- *Te fâche pas pour rien, Manico. Chacun son goût, chacun sa règle*” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso) a tradução é intercultural por ter retransmitido pela via da sintaxe francesa a mesma ideia com os mesmos substantivos.

Quadro 17 - 14º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
Quem viaja por terras estranhas, vê o que quer e o que não quer! (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	Terras	<i>Qui voyage en terres étrangères voit ce qu'il veut et ce qu'il veut pas!</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Sim	<i>Terre</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O décimo-quarto provérbio analisado tem uma estrutura binária, iniciado por “quem”, o que anuncia uma verdade geral. Pode-se notar que em sua segunda parte tem, em português, uma aliteração em “que”, o que lhe atribui ritmo. Do mesmo modo, tem por imagem metafórica “terras estranhas”, que faz referência ao que não pertence ao sertão. O provérbio significa que quando alguém vai longe da terra natal ele descobre coisas interessantes, mas também vê coisas que não queria.

Em francês, esse provérbio tem uma aliteração em “v”, atribuída em razão do verbo *vouloir*, que significa *querer*, em português. Nota-se, em francês, a ausência da negação “ne”, que representa um modo informal, em oposição ao seu emprego em uma sentença, que indica formalidade. A tradução retransmitiu a ideia de que a dita “terras estranhas” é tudo aquilo que se encontra fora do sertão. A tradução é intercultural porque se baseou na cultura brasileira.

Quadro 18 - 15º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Quem não tem brio engorda!” (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	Engordar	<i>“- C'est les feignants qui prennent du lard!”</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	sim	Lard	sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O décimo-quinto provérbio analisado possui uma frase com dois verbos referente a “quem”, o que anuncia uma verdade geral. Ele faz referências ao trabalho, que é algo que é valorizado no sertão e faz parte dos valores principais entre as pessoas de condição humilde, que valorizam o trabalho da terra e do gado.

Em francês, esse provérbio foi traduzido por *c'est*, que é um pronome demonstrativo utilizado para anunciar uma verdade geral, como em português: “são os preguiçosos que engordam”. A tradução em francês aparece mais como uma verdade geral ou uma expressão do que como um provérbio, no entanto, consegue a manter a mesma marca cultural de valor do labor. Essa tradução incluiu uma expressão *prendre du lard*, que significa “engordar”, em português, mas que, entretanto, pertence a uma linguagem mais informal, já que o *lard* é a gordura do porco. Essa tradução acresce mais ainda uma dimensão fraseológica à sentença em português, o que evidencia a importância do uso das unidades fraseológicas na fala dos personagens.

Quadro 19 - 16º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- P’ra uns, as vacas morrem... p’ra outros até boi pega a parir...” (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	Vacas	“- <i>Y a ceux qui voient mourir leurs vaches... et les autres que même leurs bœufs font des veaux...</i> ” (ROSA, 1999, p. 88-89, grifo nosso).	Sim	<i>Vaches</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio contém uma estrutura binária construída com “P’ra uns... P’ra outros...”. Significa que para alguns a sorte não está com eles e que tudo perdem, enquanto, para outros, a vida é boa e sem esforço.

Em francês, o provérbio foi construído com base em *Y a ceux... Et les autres*. Nota-se a presença do *Y* para substituir o pronome *il*, que é uma marca de oralidade e de linguagem informal. A tradução respeitou a marca cultural das vacas e dos bois. O tradutor desse provérbio para a língua francesa acresceu que os bois dão bezerros, para deixar a metáfora mais clara e trazer o sentido de origem na língua alvo para uma tradução intercultural.

Quadro 20 - 17º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Já, já, seu Marrinha. “Quem não trabuca, não manduca”! ...” (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	Trabuca	“- <i>Tout de suite, tout de suite, m'sieu Marrinha. "Pour boulotter, faut boulonner !"</i> (ROSA, 1999, p. 89, p. 86, grifo nosso).	Sim	<i>Travail</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O décimo-sétimo provérbio analisado é construído com uma estrutura binária, baseada no “Quem não... não...”, como uma regra do sertão. Ele significa que tem que trabalhar para poder ter o direito de comer.

Em francês, esse provérbio foi traduzido na base por *pour... faut*, ou seja, “Para... é preciso...”. Em português, há rima no provérbio com as palavras “trabuca” e “manduca”, que na versão francesa foi dada com duas palavras parecidas e com aliteração e assonância. São as palavras *boulotter* e *boulonner*. O tradutor escolheu palavras informais para traduzir esse provérbio, sendo assim, temos uma tradução intercultural, visto que respeita a ideia trazida pela premissa, em português.

Quadro 21 - 18º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Bom, pousei no bom: estou vendo que já tem melancias maduras... Roça do Silva da Ponte... Melancia não tem dono! ...” (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	Melancia	“- <i>Bon, j'ai halte au bon endroit: je vois qu'y a déjà des pastèques mûres... C'est une terre de Silva da Ponte... Une pastèque n'a pas de propriétaire!...</i> ” (ROSA, 1999, p. 107, grifo nosso).	Sim	<i>Pastèque</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase tem um sentido proverbial, na medida em que ela pretende anunciar uma regra geral. Podemos notar a ausência de artigos, o uso do imperativo e a exclamação ao final. Este provérbio significa que todo mundo que vê uma melancia pode se aproveitar e pegá-la como se ela não tivesse dono.

Em francês houve o acréscimo do artigo indefinido “une”, necessário na estrutura do idioma francês, o que lhe permite adquirir o sentido de verdade geral. Esse provérbio não carrega uma marca cultural própria do sertão, contudo, inscreve-se na fraseologia da obra porque pertence ao modo de falar das personagens das narrativas e trata de um alimento produzido e consumido.

Quadro 22- 19º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Terra com sede, criação com fome”, seu Oscar...” (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	Terra	“- <i>La terre a soif, les bêtes ont faim</i> ”, <i>m’sieu Oscar...</i> ” (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Sim	<i>Terre</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio tem uma estrutura binária e as duas partes são frases sem verbos, separadas por uma vírgula. Na versão original do texto, o referido provérbio aparece entre o que significa que é um provérbio do sertão, que o autor incluiu na fala dos personagens significa que quando não chove o gado não tem o que comer e isso tem um impacto para todos os moradores do sertão.

Na tradução francesa, o tradutor teve que incluir os artigos *la/a* e *les/as* para respeitar a estrutura da língua e designar o provérbio como uma verdade geral, dado que se usa os artigos definidos sem ter um sujeito definido. A tradução é intercultural porque a tradução respeita e adapta a estrutura de origem à língua francesa.

Quadro 23 - 20º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Só o que não volta é dinheiro queimado, seu Oscar!” (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	Dinheiro	“- <i>Y a que l’argent brûlé qui revient pas</i> ”, <i>m’sieu Oscar...</i> ” (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Sim	<i>Argent</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial aparece como uma verdade geral. Anuncia uma verdade geral para dizer que tudo acaba por voltar, menos o dinheiro que foi gasto.

Em francês, a tradução começa com *Y*, que é uma forma oralizada para substituir o *il*. A tradução incluiu uma marca de oralidade que não está presente em português, porém, conseguiu trazer a ideia original em francês, o que faz uma dela tradução intercultural, dado que a imagem do dinheiro “queimado” com o termo *bruler* não é tão usual no francês. Para a frase analisada, seria mais comumente utilizado o verbo *flamber*, na língua francesa, no entanto, a tradução seria mais distante do original.

Quadro 24 - 21º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Enquanto um está vivendo, tem o seu lugar”(ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	Lugar	“- <i>Tant qu'on est en vie, on a sa place</i> ” (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Sim	<i>Place</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A frase analisada nesse quadro possui o tom de provérbio, dado que anuncia uma verdade geral. A estrutura lembra a estrutura binária de um provérbio separado por uma vírgula. A marca cultural seria, aqui, o seu lugar no mundo, que é uma coisa importante na obra rosiana. O provérbio significa que enquanto uma pessoa é viva ela pode ter uma chance, ela tem o seu lugar no mundo e na sociedade.

Na tradução francesa foi feito o uso do *on*, que é o pronome impessoal que permite enunciar uma verdade geral. A tradução é intercultural porque conseguiu traduzir em francês a ideia do original.

Quadro 25 - 22º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Só quero servir o senhor, seu Major! Com chefe bom, a gente chega longe!” (ROSA, 2017, p. 117, grifo nosso).	Chefe	“- <i>Je veux seulement vous servir, m'sieu le Major ! Avec un bon chef, on va loin !</i> ” (ROSA, 1999, p. 127, grifo nosso).	Sim	<i>Chef</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O vigésimo-segundo provérbio analisado tem uma estrutura binária, separado por uma vírgula e com aliteração em “om” com as palavras “com”, “bom” e “longe”. Este provérbio mostra a importância dos chefes e das estruturas hierárquicas no sertão.

Em francês, o provérbio respeita a mesma estrutura, porém, perde a aliteração. Trata-se de uma tradução intercultural, onde a figura do chefe foi retransmitida em francês.

Quadro 26 - 23º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Calma, mano Anacleto... A gente não deve de desperdiçar choro em-antes de ver o defunto morrer... ” (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	Morrer	“- <i>Du calme, Anacleto ... On ne doit pas gaspiller ses larmes avant de voir mourir le défunt</i> ” (ROSA, 1999, p. 131, grifo nosso).	Sim	<i>Mourir</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio foi construído tendo como base “a gente”, que anuncia uma verdade geral. O provérbio tem um sentido composicional que significa que não se deve ficar triste antes de se ter uma razão para isso.

A tradução francesa deixou de lado o neologismo “em-antes” e sua estrutura parece seguir o francês clássico. Porém, mesmo sem as marcas de oralidade na linguagem, essa tradução conseguiu retransmitir o tom proverbial e o sentido do original, oferecendo assim, uma tradução intercultural.

Quadro 27 - 24º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s’embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando...” (ROSA, 2017, p. 131, grifo nosso).	Tempo	“- <i>Valait mieux qu’il parte. Tout doit arriver et s’en aller de nouveau...</i> ” (ROSA, 1999, p. 145, grifo nosso).	Sim	<i>Temps</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio está anunciando uma verdade geral da vida. Significa que tudo tem um começo e um fim. Nota-se uma marca de oralidade em português com o uso de “s’embora”, que não aparece na tradução do provérbio em francês. A tradução é intercultural porque criou um provérbio que não existia na língua francesa.

Quadro 28 - 25° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Impossível negar a existência do papo: mas papo pequeno, discreto, bilobado e pouco móvel - para cima, para baixo, para os lados - e não o escandaloso “papo de mola, quando anda pede esmola...” (ROSA, 2017, p. 144, grifo nosso).	Esmola	<i>“Impossible de nier l’existence du goitre: à vrai dire un petit poitre, discret, bilobé et à peine mobile - vers le haut, vers le bas, à gauche, à droite - , et non le scandaleux « goitre à ressort qui mendie quand on le sort ...”</i> (ROSA, 1999, p. 159, grifo nosso).	Sim	<i>Mendie</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio está no texto original entre aspas, o que significa que se trata de um provérbio do sertão que o autor integrou na narrativa. O sentido seria de algo que faz muito barulho, algo escandaloso, mas que não fica claramente explícito.

Em francês, o tradutor conseguiu trazer a mesma ideia, no entanto, o sentido fica difícil de ser entendido para o leitor, o que pode se considerar como tradução intercultural, já que no texto original esse provérbio tinha um grau maior de opacidade do que os outros.

Quadro 29 - 26° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“No meio do caminho a gente topa, e quem puder mais é que vai ter razão... ” (ROSA, 2017, p. 147, grifo nosso).	Razão	<i>“À mi-chemin on se rencontre, et c’est le plus fort qui aura raison...”</i> (ROSA, 1999, p. 164, grifo nosso).	Sim	<i>Raison</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O vigésimo-sexto provérbio analisado anuncia uma verdade geral introduzida pela palavra “quem”, que significa que o mais forte tem razão. Na tradução francesa foi utilizada a forma *c'est* (“é”, em português) para representar uma verdade geral. O sentido foi retransmitido para: a lei do mais forte é uma lei do sertão. Assim sendo, a tradução é intercultural.

Quadro 30 - 27º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Contudo, sabendo que as notícias sempre chegam primeiro do que a gente de bem, achava razoável dar às coisas uma demão” (ROSA, 2017, p. 147, grifo nosso).	Notícias	“ <i>Toutefois, sachant que les nouvelles arrivent toujours avant les gens de bien, il jugeait raisonnable de donner à cette affaire une retouche</i> ” (ROSA, 1999, p. 164, grifo nosso).	Sim	<i>Nouvelles</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio significa que tem que tomar cuidado com o que é dito sem prova, pois as coisas que são faladas sobre alguém chegam mais rápido do que a própria pessoa. Em francês, o provérbio foi traduzido usando a forma *les gens de bien*, que é uma forma antiga, de falar que se acordou bem com o uso proverbial. Tendo isto, a tradução é intercultural, visto que consegue a criar a imagem original na língua francesa.

Quadro 31 - 28º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- não há como um papudo para se sair bem de uma tocaia, todos dizem” (ROSA, 2017, p. 148, grifo nosso).	Papudo	“- <i>nul ne vaut un goitreux pour réchapper d'un affût, tout le monde le dit</i> ” (ROSA, 1999, p. 165, grifo nosso).	Sim	<i>Goitreux</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial que parece ter sido criada pelo personagem para ilustrar sua fala. Usa-se em português a estrutura “Não há como... para...”, que anuncia uma verdade geral. Além disso, o personagem acresce “todos dizem”, o que vem reforçar o tom proverbial da sentença.

Em francês, o tradutor conseguiu operar a mesma estrutura usando *nul ne vaut un... pour...*, ou seja, “nada vale um... para...”, em português, sendo assim, uma tradução intercultural. Na tradução para o francês, o tom proverbial também é reforçado com *tout le monde le dit*, ou seja, “todo mundo fala”, em português oferecendo uma tradução intercultural.

Quadro 32 - 29º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Ah, isso não! Passar, não passo, que já atravessei dois mais não quero, porque quem passa três rios grandes esquece o seu bem-querer... ” (ROSA, 2017, p. 159, grifo nosso).	Rios	“- <i>Ah, pas question! Passer, je peux pas : j'en ai déjà traversé deux et un de plus je veux pas, car celui qui franchit trois grands fleuves oublie sa bien-aimée...</i> ” (ROSA, 1999, p. 177, grifo nosso).	Sim	<i>Fleuves</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio anuncia uma verdade geral usando a palavra “quem” e significa que quem viaja para muito longe, esquece-se da pessoa amada. O provérbio foi traduzido com as palavras *celui qui* (“aquele que”, em português) oferecendo, desta forma, a mesma estrutura e a mesma imagem para o francês, criando mais uma tradução intercultural onde aparece, na língua francesa, um provérbio que antes não existia e que lembra o provérbio longe dos olhos longe do coração.

Quadro 33 - 30º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Era, mesmo, e as mulheres têm sempre razão ” (ROSA, 2017, p. 159, grifo nosso).	Mulheres	“ <i>Et comment! et les femmes ont toujours raison</i> ” (ROSA, 1999, p. 179, grifo nosso).	Sim	<i>Femmes</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O trigésimo provérbio analisado anuncia uma verdade geral que exprime que as mulheres têm sempre razão. No sertão, apesar dos jagunços e dos fazendeiros serem os donos

da terra, nas narrativas podemos ver que dentro das casas quem tem a autoridade são elas. A tradução é intercultural carregando em francês a mesma ideia do que em português.

Quadro 34 - 31º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- P’ra quê?... Essas artes a gente guarda... “Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo”! ...” (ROSA, 2017, p. 186, grifo nosso).	Cavalo	“- <i>Pourquoi ?... Ces malices, on se les garde. “Qui parle trop dit bonjour à son bardot !.”</i> (ROSA, 1999, p. 210, grifo nosso).	Sim	<i>Bardot</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O provérbio analisado no quadro acima, aparece entre aspas e foi incluído à narrativa baseado na palavra “quem” para anunciar uma verdade geral. Significa que as pessoas que falam muito acabam por não serem mais escutadas o que equivale a dizer bom dia aos cavalos já que esses não vão responder. Em francês, o provérbio foi introduzido por *Qui*, que apesar de ser a tradução literal de “quem”, o tradutor teve que fazer uma adaptação.

Em francês, o tradutor trocou a palavra “cavalo” por *bardot*, que seria equivalente a uma mula, o cruzamento do cavalo e de um burro. Todavia, a tradução é intercultural, dado que o tradutor respeitou a ideia original e usou um animal (o *bardot*), que não é tão conhecido, em francês, entre pessoas que não são do meio rural.

Quadro 35 - 32º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Tertuliano Tropeiro aconselha: - Seu doutor, a gente não deve ficar adiante de boi, nem atrás de burro, nem perto de mulher! Nunca que dá certo... ” (ROSA, 2017, p. 188, grifo nosso).	Animais	“ <i>Tertuliano Muletier conseille : Douteur, on ne doit pas se tenir, ni devant un bœuf, ni derrière un âne, ni près d'une femme ! Ça ne vous réussit jamais...</i> ” (ROSA, 1999, p. 212, grifo nosso).	Sim	<i>Animaux</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio seria mais uma acumulação de três provérbios do sertão, introduzido por “a gente não deve”, que estabelece uma regra geral. Aqui, encontram-se elementos da cultura sertaneja, que são os animais como o boi e o burro, comumente encontrados no sertão e que podem dar investida ou coice naqueles que se encontram adiante ou atrás deles.

O provérbio em referência adverte que não se deve permanecer próximo a esses animais, da mesma forma que não se deve ficar perto de uma mulher, visto que esses atos podem incorrer em problemas.

Há nas narrativas como a “Volta do Pródigo”, “Duelo” e até “Corpo Fechado” brigas por conta das mulheres, envolvendo casos de traições e ciúmes que fazem parte do universo sertanejo, onde as pessoas vivem em pequenas comunidades nas aldeias. A tradução francesa começa com o pronome impessoal “on”, que atribui o caráter de verdade geral à sentença, sendo assim, intercultural.

Quadro 36 - 33 ° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Como é que o Xandrão Cabaça, tão sem idéia, foi descobrir a história lá deles? Boi sonso, marrada certa! ” (ROSA, 2017, p. 190, grifo nosso).	Boi	“- <i>Comment est-ce que le grand Xandre Neuneu, si simplet, a pu découvrir l’histoire de ces deux-là ? Bœuf sournois encorne droit!</i> ” (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Sim	<i>Bœuf</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Provérbio construído sem verbo, com estrutura binária. Significa que quando um boi não está bem de saúde ou da cabeça, pode atacar e machucar. No sertão, as metáforas sobre os animais podem se aplicar também aos humanos. Aqui, é feita uma aproximação entre um homem “sem ideia” e um boi sonso. Em francês, o tradutor reproduziu a estrutura binária incluindo o verbo “encorne” (enconar) e criando uma rima entre *sournois* e *droit*.

A tradução aparece como intercultural, porque cria um novo provérbio em francês mesmo se o tradutor usou o adjetivo *sournois*, que é alguém mesquinho, e não sonso.

Quadro 37 - 34 ° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Mas hoje é o dia dele! Cada qual tem o seu dia... ” (ROSA, 2017, p. 190, grifo nosso).	Morte	“ <i>Mais aujourd’hui c’est son dernier jour! Tout un chacun a son dernier jour!</i> ” (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Sim	Sim Morte	não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A frase analisada no quadro 36 possui um tom proverbial, pois manifesta uma verdade geral, sendo introduzida por “cada qual”. O tema cultural aqui é a morte e essa sentença permite justificar a morte prematura de alguém, dado que todo mundo tem de morrer. Em francês, o provérbio foi introduzido por *tout un chacun*, que também indica uma verdade geral. Entretanto, o tradutor teve que acrescentar a palavra *dernier*, que significa “último”, em português, para que um leitor francês possa entender que o homem será morto. A tradução não é intercultural, uma vez que o tradutor teve que acrescentar um elemento para possibilitar ao leitor francês a compreensão da sentença.

Quadro 38 - 35° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Para os mortos... sepultura! Para os vivos..., escapula! ” (ROSA, 2017, p. 192, grifo nosso).	Morte	“ <i>Pour les morts... la sépulture! Pour les vivants... La cavale !</i> ” (ROSA, 1999, p. 215, grifo nosso).	Sim	Morte	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Aparecem nos diálogos do quadro 37 frases com tom proverbial construídas com estrutura binária, que carregam uma sabedoria. Além disso, aparece nessas frases a imagem cultural da morte e da ação pelos vivos. A tradução francesa usou o acréscimo do artigo antes de sepultura e de escapula, que são necessários na sintaxe do francês. A tradução é intercultural, criando um provérbio na língua francesa, a partir do original.

Quadro 39 - 36° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Ninguém manda em coração...” (ROSA, 2017, p. 204, grifo nosso)	Amor	“- <i>Personne n'est maître de son cœur</i> ” (ROSA, 1999, p. 231, grifo nosso).	Sim	<i>Amour</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio estabelece uma verdade geral, usando a palavra “ninguém...” para mostrar que é uma regra universal que significa que não é possível controlar os sentimentos. Este provérbio mostra a importância dos sentimentos no mundo rosiano onde as personagens podem se deixar guiar pelos sentimentos e pelo coração o que as vezes pode levar a brigas ou até mortes. A tradução francesa é intercultural, introduzindo a sentença com a palavra *personne*.

Quadro 40 - 37° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Flor de angico-verdadeiro dura seis meses no pé...” (ROSA, 2017, p. 210, grifo nosso).	Flor	“- <i>La fleur de mimosa, sur sa tige, elle dure six mois</i> ” (ROSA, 1999, p. 238, grifo nosso).	Sim	<i>Fleur</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio analisado se baseia em uma imagem sertaneja: a flor do angico-verdadeiro. Significa que tudo acaba depois de um tempo. A tradução é intercultural, mas o tradutor usou o nome clássico da palavra e não um nome regional, para atribuir mais clareza à tradução francesa. Além disso, o tradutor operou uma mudança na ordem dos elementos no intuito de criar uma rima interna entre “mimosa” e “mois”, que tem por efeito reforçar o tom proverbial.

Quadro 41 - 38° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
-----------------------------------	-----------------------------	---	------------------------------	-----------------------------------	--------------------------------

“Não benze pólvora com tição de fogo!” (ROSA, 2017, p. 219).	Benzer	“ <i>On bénit pas de la poudre avec un tison!</i> ” (ROSA, 1999, p. 248).	Sim	<i>Bénir</i>	Sim
--	--------	---	-----	--------------	-----

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O provérbio apresentado no quadro 40 é estruturado na forma de uma frase negativa com verbo no imperativo. Significa que não se pode ser agressivo se queremos obter um resultado positivo. Em francês, a expressão foi traduzida a partir do pronome impessoal *on* e com o uso de *e* com o uso do termo acessório negativo *pas*. A tradução é intercultural, construindo um novo provérbio na língua francesa.

Quadro 42 - 39º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Deixa ele, seu doutor... P’ra cavalo ruim, Deus bambeia a rédea... ” (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	Cavalo	“- <i>Oubliez-le, doutor.. À un mauvais cheval, Dieu lâche la bride...</i> ” (ROSA, 1999, p. 274, grifo nosso).	Sim	<i>Cheval</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio apresenta uma estrutura binária, separada por uma vírgula. Significa dizer que não adianta falar com pessoas que não querem escutar ou falar com pessoas más, pois Deus se encarrega de lhes mostrar o que lhes é merecido por não terem escutado. Em francês, a expressão foi traduzida com a mesma estrutura, criando a mesma imagem com as duas marcas culturais de *cavalo* e de *Deus*, caracterizando-se como uma tradução intercultural.

Quadro 43 - 40º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“[...] porque toda fazenda tem o seu bobo , que é, ou um velhote baixote, de barba rara no queixo, ou um eterno	Fazenda	“[...] <i>parce que chaque fazenda a son idiot, qui est, soit un vioque basduc, trois poils au menton, ou un éternel béjaune, moitié sourd,</i>	Sim	Fazenda	Sim, usou a palavra brasileira.

rapazola” (ROSA, 2017, p. 244, grifo nosso).		<i>bègue, glabre et albinos</i> ” (ROSA, 1999, p. 277).			
--	--	---	--	--	--

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Provérbio do sertão que começa com “toda” e transmite uma verdade geral. Tem duas marcas culturais dentro deste provérbio sendo, o primeiro, a fazenda. E o segundo, o bobo, que é uma figura que se pode encontrar pelos caminhos do sertão e que por ter sua importância nas narrativas, será desenvolvido em outras obras como “Recado do Mouro” nas *Noites do Sertão*.

Na narrativa, são detalhados os tipos de bobos que podem ser encontrados nas fazendas, o que demonstra a recorrência e as variedades dessa figura. A tradução é intercultural e participa assim à criação do universo de Rosa, em francês.

Quadro 44 - 41° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Não falo nisso. Começa em olho e acaba em honra... E negócio de honra é na faca! ” (ROSA, 2017, p. 246, grifo nosso).	Morte	“- <i>J'en parle pas. Ça commence par les yeux et ça finit par l'honneur... Et une affaire d'honneur, ça se règle au couteau !</i> ”. (ROSA, 1999, p. 280, grifo nosso).	Sim	<i>Mort</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O provérbio acima citado se trata de uma estrutura binária, em que suas duas orações são ligadas pela conjunção “e”. Significa, no contexto da obra, que começa por olhar a mulher dos outros e depois acaba com morte, para a defesa da honra. Esse provérbio retoma uma imagem bíblica que explica que o adultério começa com o olho e que faz parte da sabedoria popular.

Em francês, o provérbio foi traduzido, todavia, a palavra “olho” foi traduzida para *les yeux*, que é o plural de “olho”, em português, sem, no entanto, alterar o sentido da versão original e respeitando as imagens usadas no provérbio em português. Trata-se, então, de uma tradução intercultural.

Quadro 45 - 42º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Ai, seu doutor meu amigo, a cacunda do bobo é o poleiro do esperto! ...” (ROSA, 2017, p. 254, grifo nosso).	Bobo	“Vous savez, ami doutor, l'échine du simplet est le perchoir du roublard! ...” (ROSA, 1999, p. 289, grifo nosso).	Sim	<i>Simplet</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O provérbio analisado no quadro 44 é referente à sabedoria popular e expressa que pessoas mais inteligentes podem se aproveitar facilmente das pessoas crédulas. É possível notar, em português, uma assonância em *o*. Este provérbio usa de novo a figura do bobo que aparece varias vezes no universo rosiano.

Em francês, a expressão foi traduzida de acordo com a língua original, no entanto, o tradutor fez rima entre *perchoir* et *roublard*, o que dá o ritmo à frase que poderia ter sido perdido na tradução, já que as palavras francesas não apresentavam assonância. A tradução é intercultural, pois criou um provérbio na língua francesa, de acordo com o texto original.

Quadro 46 - 43º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Um coice mal dado chega p’ra desmanchar a igrejinha da gente! ...” (ROSA, 2017, p. 256).	Vaca Coice	“Un coup en vache suffit pour vous démolir vot paroisse! ...” (ROSA, 1999, p. 291).	Sim	<i>Vache Coup</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial apresenta uma sabedoria popular. Significa que uma coisa sem importância pode destruir facilmente algo que foi difícil de construir, como a reputação ou um comércio. A tradução francesa escolheu empregar *vot*, que é uma forma oralizada de *votre*, para substituir “da gente”. Além disso, o tradutor optou por não traduzir “igrejinha” por *petite église*, mas por *paroisse*, ou seja, *paróquia* em português, que é algo mais sutil e que se encaixa mais de acordo com o original, porque no sentido de *paroisse* são incluídos os crentes e os moradores da aldeia. A tradução é intercultural, criando um provérbio em francês, de acordo com o universo sertanejo.

Quadro 47 - 44° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“O reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar; o que não recusei, porque: dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza ” (ROSA, 2017, p. 260, grifo nosso).	Dinheiro Carinho Reza	“ <i>Le révérend a regardé en l'air, dans l'attitude d'une vierge nue jetée dans l'arène, et il m'a promis de prier; ce que je n'ai pas refusé, car : prière, amour et argent, mieux vaut en avoir son content</i> ” (ROSA, 1999, p. 297, grifo nosso).	Sim	<i>Prière Amour Argent</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial é baseada em uma enumeração e no uso do advérbio “nunca”, que evidencia que se trata de uma regra. As imagens culturais carregadas aqui são: o dinheiro, importante no mundo rural; o carinho, que representa as relações sociais e familiares; e a reza, que representa a religiosidade e as crenças do povo.

Em francês, o tradutor inverteu a ordem dos três pontos, e, ao invés de empregar uma frase negativa para dizer o que não pode faltar, optou por traduzir para *mieux vaut en avoir*, ou seja, “melhor ter o suficiente” em português, o que lhe permite fazer uma rima entre *argent* e *content*, respectivamente, traduções de “dinheiro” e “contente”, em português, atribuindo ritmo também ao provérbio traduzido para o francês e lhe permitindo uma tradução intercultural adaptada à língua de chegada.

Quadro 48 - 45° Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“E o resto do povo tinham feito o pelosinal e virado as costas, porque faz mal a gente ficar espiando um enterro até ele se sumir ” (ROSA, 2017, p. 280, grifo nosso).	Enterro	“ <i>Et le reste des gens avaient fait le signe de croix et tourné les talons, parce que c'est pas bon de regarder un enterrement jusqu'à tant qu'il disparaisse</i> ” (ROSA, 1999, p. 322, grifo nosso).	Sim	<i>Enterrement</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio que é construído como uma frase que expõe uma verdade geral a partir de “faz mal a gente” e com verbo no infinitivo. A carga cultural aqui é ligada à religiosidade e à superstição do sertão, sendo assim, a frase não aparece como uma frase criada para este único momento.

Não olhar para um enterro até ele sumir é um costume, algo que faz parte do imaginário coletivo sertanejo. A tradução francesa ficou fiel ao original, o tom de verdade geral é introduzido por *C'est pas bon de*. O elemento “a gente” não se encontra na versão francesa, o que cria no provérbio traduzido em francês um tom mais geral, enquanto em português este elemento compreendia os falantes. Apesar de um elemento ter sido retirado na tradução, ela é intercultural, dado que esse provérbio não existia em francês.

Quadro 49 - 46º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...” (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	Deus	“- <i>Oui, mon fils. Dieu mesure l'éperon à l'aune des rênes et il ne retire pas l'étrier du pied à celui qui se repent...</i> ” (ROSA, 1999, p. 356, grifo nosso).	Sim	<i>Dieu</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial age como uma parábola, com a imagem cultural de Deus. Significa que Deus ajuda sempre àqueles que se arrependem e não testará quem se encontra em dificuldade. Em português tem uma assonância em “a” na primeira parte do provérbio, o que lhe confere ritmo e lhe permite depois continuar a parábola na segunda parte. O “nenhum”, no final, parece se acrescentar ao provérbio como um meio de atualizá-lo no diálogo.

A tradução francesa criou uma parábola intercultural que respeitou todas as imagens que tinham sido criadas pelo autor mineiro.

Quadro 50 - 47º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua” (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	Hora e vez	“Chacun a son heure et son tour: tu auras les tiens” (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Sim	<i>Heure e tour</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O provérbio analisado manifesta uma verdade geral a partir de “cada um” e é seguido de dois pontos, que permitem atualizá-lo no diálogo. A repetição dos termos “a sua”, por duas vezes, atribui ritmo ao provérbio. Seu significado é de que todo mundo terá o seu momento de glória neste mundo.

Em francês, o tradutor começou o provérbio com *chacun*, porém, não perdeu o efeito rítmico, mesmo se não se repete, em francês, o artigo antes do pronome possessivo encontra-se o uso de “*son*” duas vezes. Apesar de ter sido adaptado à sintaxe francesa, o provérbio não perde o ritmo interno que carregava, entretanto, o tradutor criou uma tradução intercultural, de acordo com a versão original.

Quadro 51 - 48º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“Primeiro, os sapos: - ‘Sapo na seca coaxando, chuva beirando’ mãe Quitéria!...” (ROSA, 2017, p. 315, grifo nosso).	Sapo	“D’abord les crapauds: - ‘Crapaud qui croasse par temps sec, c’est de la pluie pour bientôt’, mère Quiréria!...” (ROSA, 1999, p. 365, grifo nosso).	Sim	<i>Crapaud</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Provérbio construído com uma estrutura binária onde as duas partes estão ligadas com a conjunção *e*. Significa que o canto dos sapos anuncia a chuva. É um provérbio de sabedoria popular. A imagem cultural carregada é o sapo, anfíbio que é presente no sertão, e a chuva, que é de suma importância para se viver nesse espaço árido e de que dela dependem as culturas e os animais. O tradutor respeitou a estrutura do português e traduziu na seca por *par temps sec*,

porque a expressão teria sido difícil de ser entendida em francês. Logo, a tradução é intercultural, tendo em vista que respeitou os elementos do português e usou as mesmas imagens culturais, em francês.

Quadro 52 - 49º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Não posso, mãe Quitéria. Quando coração está mandando, todo tempo é tempo! ... E, se eu não voltar mais, tudo o que era de meu fica sendo para vocês” (ROSA, 2017, p. 325, grifo nosso).	Coração	“- <i>Je peux pas, mère Quitéria. Quand le cœur commande, tout temps est temps ! Et si je ne reviens plus, tout ce que j'ai sera à vous</i> ” (ROSA, 1999, p. 377, grifo nosso).	Sim	<i>Cœur</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa frase proverbial expressa uma verdade geral que é introduzida pela palavra “Quando”, que exprime uma condição. Significa que quando alguém está apaixonado, o tempo é muito importante. Nota-se uma aliteração em *t* em sua parte final, o que atribui um ritmo acelerado ao provérbio, o que reforça o seu significado. A imagem cultural carregada na frase analisada é ligada ao amor e às relações amorosas do sertão, que são muitas vezes casos de brigas, de mudanças e correlatos. Em francês, o tradutor conseguiu a manter a aliteração em *t* o que cria o mesmo efeito do que em português, a tradução é intercultural.

Quadro 53 - 50º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Boi andando no pasto, p’ra lá e p’ra cá, capim que acabou ou está para acabar ” (ROSA, 2017, p. 328, grifo nosso).	Boi	“- <i>Quand le bœuf broute par tout le pâtis, l’herbe finit ou va finir...</i> ” (ROSA, 1999, p. 380, grifo nosso).	Sim	<i>Bœuf</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Trata-se, aqui, de um provérbio entre aspas, o que significa que é um provérbio que provém do sertão mineiro e que foi inserido às narrativas. Significa que com desorganização,

tudo acaba muito rápido. Observa-se no referido provérbio aliterações em *p* e em *c* que criam um ritmo: uma impressão de movimento, que até lembra o barulho dos bois indo de um lugar para outro.

A carga cultural aqui é presente, pois está ligada aos bois e a sua alimentação. A tradução é intercultural, visto que o tradutor conseguiu retransmitir em francês a imagem criada em português, de acordo com os elementos culturais do sertão e criou também aliterações em *b*, *t* e *f*, o que ajudou a recriar um ritmo adaptado à língua de chegada.

Quadro 54 - 51º Provérbio

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Que nada, mano velho! Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido, para não se deixar rabo para trás... ” (ROSA, 2017, p. 329, grifo nosso).	Rabo	“- <i>Pas du tout, vieux frère ! On est prêts à partir, mais reste à finir un petit boulot, faut jamais rien laisser traîner derrière soi</i> ” (ROSA, 1999, p. 381, grifo nosso).	Sim	Não/ Substituído por <i>Rien</i>	Não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Esse provérbio é típico do sertão e é construído como uma verdade geral. Explica que é melhor não deixar nada atrás de si para não atrair problemas depois. Em português há uma aliteração em *r*, que oferece ritmo à sentença.

Em francês, o tom proverbial é indicado com a utilização do verbo *falloir*, que significa “é preciso” em português. Mesmo se na tradução para o francês se encontra uma aliteração em *r*, a carga cultural do rabo ligado ao universo animal foi perdida, o que transmite uma tradução mais ligada à língua de chegada do que à original.

A partir desses dados pode-se constatar que o texto rosiano é uma fonte de parêmas e frases proverbiais. Essas unidades fraseológicas se encontram na fala dos personagens o que demonstra a importância do uso dos provérbios dentro do universo da obra. Os provérbios analisados possuem as características linguísticas para serem reconhecido como tais e, além disso, um traço cultural específico da obra e com um sentido metafórico.

Pode-se constatar que todos os provérbios foram traduzidos em francês com uma forma proverbial também, o que denota a dimensão intercultural da tradução que cria em francês novas unidades fraseológicas a partir das unidades encontradas no texto original. Trata-se então de

uma verdadeira transmissão e recriação cultural do português para o francês, já que o universo proverbial da obra é retranscrito em francês.

Além disso, contam-se mais provérbios na análise, pelo fato de que eles apresentam uma grande variedade de traços culturais ligados ao universo rosiano como a fauna, a flor, as relações hierárquicas, as relações amorosas, os animais domésticos e os costumes. Os pragmatemas não apresentam tanta variedade de tema e pode-se encontrar mais de uma vez um pragmatema no *corpus*, sobretudo em respeito às fórmulas religiosas. Por isso, a seguir, encontra-se uma amostra de dez pragmatemas que foram selecionados por serem representativos dos demais pragmatemas que se encontram na obra.

5.2. Fórmulas e Pragmatemas

No que concerne os pragmatemas, existem dois tipos de pragmatemas encontrados no corpus: os pragmatemas do dia a dia ou fórmulas de rotina, que são fórmulas da língua portuguesa usadas no cotidiano para cumprimentar, agradecer ou se despedir e as fórmulas religiosas. Considera-se que as fórmulas possuem um traço cultural porque as relações sociais são muito importantes no sertão rosiano. Com efeito, as pessoas se conhecem, conversam e há nas obras uma tradição de acolher o estrangeiro e conversar com ele conforme se pode ver em um conto como “o cavalo que bebia cerveja” de *Primeiras Estórias*.

Além disso, foram analisadas as fórmulas religiosas formadas por “Deus” e “Nossa Senhora” que são as fórmulas mais encontradas no *corpus*. Nota-se que algumas fórmulas religiosas são empregadas justamente como as fórmulas de rotina para cumprimentar ou se despedir. As fórmulas religiosas carregam como traço cultural a religiosidade dos sertanejos para os quais as crenças são muito importantes, como se vê em várias narrativas da obra como “Corpo fechado” ou “São Marcos”.

Quadro 55 – 1º Pragmatema: Cumprimentar com “bom dia”

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“- Bom dia, seu Marrinha! Como passou de ontem? - Bem. Já sabe, não é? Só ganha meio-dia” (ROSA, 2017, p. 102, grifo nosso).	Bom dia	“- <i>Bonjour, m'sieu Marrinha ! Comment va depuis hier ?</i> - <i>Bien. Tu connais le règlement, hein ? Tu ne toucheras qu'une demi-journée</i> ” (ROSA, 1999, p. 114, grifo nosso).	Sim	Tradução	Não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Nesse pragmatema, constata-se o ritual de cumprimentar em português, que apresenta um grau de liberdade maior do que em francês. Porém, o tradutor conseguiu retransmitir as mesmas fórmulas do português ao francês. Existe em francês uma fórmula parecida, mas que não possui a mesma estrutura morfosintática. Além do que, *Comment va* é uma forma abreviada/oralizada da fórmula de *Comment ça va*. O tradutor oferece então uma tradução intercultural.

Quadro 56 – 2º Pragmatema: “boa tarde”

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
“-Olá, Batista! Bastião, bom dia! Essa força como vai?... - Boa tarde! ” (ROSA, 2017, p. 102, grifo nosso).	Olá, Bom dia	“- Salut, Batistião, bonjour ! Ça roule ? - Bonne après-midi! ” (ROSA, 1999, p. 114, grifo nosso).	Sim	Tradução	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

“Boa tarde” existe em português e é a forma comum de se cumprimentar após meio dia, todavia, não existe em francês ou seria uma forma de despedida. O fato de traduzir essa fórmula como se ela tivesse o mesmo sentido em francês aponta, neste trecho, que o tradutor privilegiou a língua-fonte e oferece mais uma tradução intercultural.

Quadro 57 – 3º Pragmatema: “Boas tardes”

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
<p>“-Boas tardes, seu Agenor! Que é que vão carreando? - Um rapadurinhas pretas, mais um defunto... É o pai do meu guia, que morreu p'r'amanhecer hoje...” (ROSA, 2017, p. 162, grifo nosso).</p>	Boa tarde	<p>“ -<i>Bonjour, m'sieu Agenor ! Qu'est-ce que vous transportez là ?</i> - <i>Des pains de cassonade, plus un défunt. C'est le père de mon guide, il est mort à la prime heure d'aujourd'hui...</i>” (ROSA, 1999, p. 162, grifo nosso).</p>	Sim	Não	Não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O terceiro pragmatema mostra que em português as fórmulas de rotina são mais livres e podem ter variações, como é o caso dessa fórmula em que “boa tarde” aparece no plural. Como não existe uma forma equivalente em francês ou uma fórmula parecida para cumprimentar alguém à tarde, foi traduzida somente a fórmula de cumprimento *bonjour*, durante o dia. Neste caso a tradução não é intercultural porque o tradutor apagou a língua-fonte para privilegiar a língua-alvo.

Quadro 58 – 4º Pragmatema: "Benza-o Deus"

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido em francês	Tradução intercultural Sim/não
<p>“e, quando alguém lhe gabava tão formosa prole, ele pedia, ansioso, que acrescentassem: - Benza-o Deus! - para evitar quebranto” (ROSA, 2017, p. 163, grifo nosso).</p>	Benzer	<p>“<i>et quand quelqu'un célébrait une si belle progéniture, il demandait, soucieux, d'ajouter: Dieu le bénisse!</i> - <i>pour déjouer le mauvais œil</i>” (ROSA, 1999, p. 182, grifo nosso).</p>	Sim	Benzer	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

No quarto pragmatema, se encontra um traço cultural forte brasileiro na noção de benzer ou pedir benção. Em francês este ato quase não exista mais, mas a fórmula *Dieu le bénisse* existe. A tradução é intercultural porque o tradutor soube utilizar um pragmatema antigo em francês para poder retransmitir o imaginário e os costumes do interior mineiro.

Quadro 59 – 5º Pragmatema: “Com Deus”, para despedida

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Você me deu boa prosa e companhia... Agora, você pode ir, e manda o meu compadre João Manico aqui, para desberganhar de montada com o Francolim... Com Deus, Raymundão! ” (ROSA, 2017, p. 62, grifo nosso).	Deus	“- <i>Tu m’as fait profiter d’une bonne conversation et de ta compagnie... Maintenant, tu peux me laisser, et envoie-moi mon compère João Manico, pour troquer de monture avec Francolim... Dieu soit avec toi, Gros Raymundo</i> ” (ROSA, 1999, p. 61, grifo nosso).	Sim	<i>Dieu</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Nesse exemplo, a fórmula “Com Deus” é uma fórmula usada no português do Brasil foi traduzida por *Dieu soit avec toi* que é uma fórmula da língua francesa com o mesmo sentido. Nota-se que existe na língua francesa uma fórmula parecida que, no entanto, não possui a mesma estrutura morfossintática. Além do que, “Com Deus” é uma forma abreviada/oralizada da fórmula “Vá com Deus” a tradução é intercultural já que foi mantido o traço cultural brasileiro.

Quadro 60 – 6º Pragmatema: “Vá com Deus”, para se despedir

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Você me deu boa prosa e companhia... “- Vá com Deus! ... - desejou-lhe ainda o balseador. - Amém!... - respondeu Turíbio, já de costas, montando. E torou” (ROSA, 2017, p. 158, grifo nosso).	Deus	“- Dieu soit avec vous !... Lui souhaite même le passeur. - Amen !... répondit Turíbio, déjà de dos, en selle. Et il déguerpit” (ROSA, 1999, p. 176-177, grifo nosso).	Sim	<i>Dieu</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A fórmula de despedida “vá com Deus” em português foi traduzida de um modo intercultural porque existe, em francês, uma fórmula parecida, mas que não possui a mesma estrutura morfossintática, porém, o sentido original foi preservado durante a tradução com a mesma ideia de estar sobre a proteção de Deus ao se despedir de alguém.

Quadro 61 – 7º Pragmatema: “Meu Deus do Céu” como interjeição.

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- O João Manico vai tocar boiada no burrinho! Imagina só, meu-deus-do-céu , que graça!...” (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	Deus do céu	“- <i>João Manico va conduire le troupeau sur le bourricot ! Voyez vous ça, mon-dieu-du-ciel, on va bien rire! ”</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Sim	<i>Dieu du ciel</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

No caso desse pragmatema que serve para exprimir a surpresa estamos em presença de uma tradução completamente intercultural. Com efeito, o autor escolheu colocar hífen entre cada elemento da fórmula já que ela é muito usada no Brasil. Em francês a fórmula *mon-dieu-du-ciel* não existe, foi uma criação do tradutor que conseguiu enriquecer o repertório francês com mais uma fórmula religiosa que permanece inteligível na tradução.

Quadro 62 – 8º Pragmatema: “Deus me livre”, como interjeição de rejeição.

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
<p>“- Ora, a gente manda vir umas raparigas daí de perto... - Deus me livre! - Ou então, seu Marra, os homens mesmo podem fantasiar de mulher... Fica até bom... No teatro que seu Vigário arranjou, quando levaram a [...]” “- Aquilo nem foi teatro! Vida de santo, bobagem! Bem, conta, conta seu” (ROSA, 2017, p. 91, grifo nosso).</p>	Deus	<p>“- Ben, on fait venir des putes des environs... - Dieu m’en garde ! - Ou bien alors, m’sieu Marra, les hommes eux-mêmes peuvent se déguiser en fille... C’est même le mieux... Dans le théâtre que m’sieu Vigário a arrangé, quand ils ont monté...” “- C’était même pas du théâtre! Une vie de saint, une connerie ! Bien, raconte, raconte, Laïo... Ensuite j’aviseraï” (ROSA, 1999, p. 95, grifo nosso).</p>	Sim	<i>Dieu</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As duas fórmulas existem em ambos os idiomas, todavia, é menos usada em francês. Sendo assim a tradução é intercultural porque são atualizadas fórmulas que normalmente não são muito usadas. O tradutor escolhe no repertório fraseológico francês unidades que não são de uso cotidiano para conseguir a respeitar a cultura de origem com os recursos do sistema linguístico francês.

Quadro 63 – 9º Pragmatema: “minha Nossa Senhora”, como um Chamado à Virgem.

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
<p>“E só depois que ele saiu foi que a Véiga mãe de todos os Véigas se desapalermou e pôde gritar: - Me valei-me agora, minha Nossa Senhora!” (ROSA, 2017, p. 262, grifo nosso).</p>	Nossa Senhora	<p>“<i>Et il est sorti et c’est alors seulement que la Véiga mère de tous les Véigas s’est déshébété, pour crier:</i> - <i>Sainte Vierge, au secours !</i>” (ROSA, 1999, p. 299, grifo nosso).</p>	Sim	<i>Sainte Vierge</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A devoção à Virgem Maria é muito mais forte no Brasil do que na França e isso pode se ver pelo uso de fórmulas religiosas consagrada à Mãe de Deus, que não possuem equivalentes em francês. A tradução é intercultural porque o tradutor teve que adaptar o sentido com os recursos do francês, mas usando *au secours* que é a fórmula em francês para pedir ajuda, mas que não é ligada à religião.

Quadro 64 – 10º Pragmatema: “minha Nossa Senhora”, como um Chamado à Virgem.

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Virgem, minha Nossa Senhora!... Ôa, ôa, boi!... Ôa, meu Deus do céu!...” (ROSA, 2017, p. 262, grifo nosso).	Nossa Senhora	“- <i>Sainte Vierge, ma Bonne Mère !... Ho-há, ho-há, boeuf !... Ho-há, mon Dieu du Ciel !...</i> ” (ROSA, 1999, p. 299, grifo nosso).	Sim	<i>Bonne Mère</i>	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O décimo pragmatema apresenta também como traço cultural a Virgem Maria, no entanto, dessa vez o tradutor usou o pragmatema francês *Bonne Mère*, que é uma forma que não se usa mais. Essa fórmula pode ser encontrada no sul da França ou na Bretanha onde, de fato, o culto à Virgem Maria ainda é forte. Trata-se de mais uma tradução intercultural onde o tradutor reatualiza pragmatemas franceses para permanecer fiel à cultura original da obra.

A pesquisa evidencia a importância dos pragmatemas na escrita de João Guimarães Rosa, recorrentes nos diálogos, mostrando que eles são essenciais na dimensão oral e sertaneja da obra. Essas unidades têm um valor pragmático e precisam ser entendidas considerando o contexto cultural do Sertão, sendo assim, o traço cultural aparece como um elemento essencial no uso dos pragmatemas e serve para a sua análise, sua interpretação e sua tradução.

A tradução de um pragmatema de uma língua para outra é um desafio que visa a transferir o universo e o imaginário do Sertão para o francês, mantendo a unidade morfossintática dos elementos que o compõem. Considera-se que o tradutor Jacques Thiériot conseguiu com os pragmatemas uma tradução intercultural que privilegia a língua-fonte e a cultura sertaneja, tal como se pode verificar com a criação de novas fórmulas de rotina em francês, mas também, de novas fórmulas religiosas, como àquelas que são referentes a Nossa Senhora.

Na sequência, são analisadas dez locuções do sertão que exemplificam como além das parênticas e dos pragmatemas o autor cria também suas próprias locuções, participando deste à

construção do seu próprio universo fraseológico, no qual podem-se encontrar, também, algumas expressões idiomáticas do português.

5.3. As Locuções do Sertão

Após os provérbios e os pragmatemas pode-se encontrar nas páginas de Guimarães Rosa vários tipos de locuções que vêm aumentar o conjunto fraseológico da obra. As locuções identificadas podem ter diferentes formas, podem ser expressões idiomáticas da língua portuguesa, locuções ligadas a um assunto em específico como expressões de xadrez ou o truco ou até locuções ligadas às atividades do sertão inventada pelo próprio autor e que o sentido é dado pelo contexto da obra.

Quadro 65 - 1ª locução: *dar à luz*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“Mas, também, qualquer pessoa faria o mesmo, os vaqueiros fariam o mesmo, o Major Saulo faria o mesmo, pois a Açucena deu à luz , há dois dias, um bezerrinho muito galante, e é bem capaz de uma brutalidade sem aviso prévio e de cabeça torta” (ROSA, 2017, p. 31, grifo nosso).	Sim. Expressão humana para os animais do sertão	“ <i>Mais aussi tout un chacun agirait de même, les bouviers agiraient de même, le Major Paulo agirait de même, car la blanche a mis bas, il y a deux jours, un petit veau fort gracieux, et elle est capable d'une brutalité sans préavis, tête de traviole</i> ” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Sim	Não	Não. Expressão para os animais, apenas.

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A Expressão *dar à luz* é uma expressão idiomática consagrada da língua portuguesa que se usa para as pessoas quando há um nascimento. Aqui, essa expressão está sendo usada para tratar de uma vaca, o que demonstra a visão positiva dos animais no universo sertanejo. Com efeito, é graças ao comércio do gado de que vivem as pessoas das fazendas do sertão.

Em francês, a expressão foi traduzida por outra expressão idiomática, mas que tem um caráter totalmente direcionado aos animais. Não se poderia usar essa expressão para um humano, o sentido de luz, o sentido positivo não está presente em francês, mesmo se em si a expressão não carrega nada negativa ela não traz a imagem positiva que o português carregava.

Quadro 66 - 2ª locução: *Manuel não enxerga*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Que manuel-não-enxerga , Francolim!” (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	Manuel	“- C’est <i>toi qui es miraud</i> , Francolim !” (ROSA, 1999, p. 31, grifo nosso).	Sim	Não	Não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Encontram-se locuções que não são consagradas e parecem terem sido criadas por Guimarães Rosa. O uso do “Manuel” para criar uma locução, graças aos hifens, é algo que a língua portuguesa permite: Manuel, sendo um nome comum, poderia ser assimilado a Fulano-não-enxerga. Em francês, a expressão foi traduzida por uma expressão idiomática construída com o verbo suporte ser (*être*) e com o adjetivo *miraud*, que é um adjetivo familiar para falar de uma pessoa que não enxerga bem. A dimensão oral foi então traduzida para o francês.

Quadro 67 - 3ª locução: *desassa a tua mandioca*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
- “ Desassa a tua mandioca! ” E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	mandioca	- “ <i>Remballe tes vannes ! Et Juca Bananier, qui donne une tape sur la croupe du Belmonte</i> ” (ROSA, 1999, p. 27, grifo nosso).	Sim	Não	Não

Fonte: elaborado pelo próprio autor

A locução “desassa a tua mandioca” parece uma construção inventada pelo autor, para que alguém se acalme. O traço cultural aqui é a mandioca, um alimento típico do Brasil e das zonas rurais como o sertão, onde ele se encontra, e é consumido pelos habitantes locais. O traço cultural não foi mantido em francês e o tradutor escolheu traduzir o sentido da locução usando a palavra *vanne*, um pouco informal, mas que, entretanto, é usada quando alguém está brincando ou chateando outra pessoa.

Quadro 68 - 4ª locução: *a olho*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“O peso era calculado a olho ” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	Olho	“ <i>Le poids était calculé à vue d’œil</i> ” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Olho	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

“A olho” é uma locução consagrada em português, empregada quando queremos dizer que vamos medir apenas usando o olho, sem usar outro instrumento mais rigoroso de medição. O uso dessa locução no texto é importante porque se percebe que no sertão a ordem social não corresponde às regras estritas das grandes cidades.

No sertão, as coisas podem ser feitas a partir da confiança e da experiência, o que vale mais do que os métodos modernos. O sertão tem suas próprias regras e seu próprio funcionamento e as unidades fraseológicas encontradas ilustram esse mundo, sobretudo, quando se trata de expressões idiomáticas já consagradas na língua portuguesa.

O autor parece ter critérios para selecionar àquelas que vão corresponder ao seu universo. Em francês existe uma locução equivalente que foi escolhida pelo tradutor, guardando, assim, o mesmo efeito na língua de chegada.

Quadro 69 - 5ª locução: *para tocar boiada*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“Mas, para tocar boiada , eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!...” (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Boiada	“ <i>Mais pour mener un troupeau de bœufs, ah, qu’à Dieu ne plaise si je veux un bourricot pareil !...</i> ” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Sim	sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa locução é criada pelo autor e que não parece ter sido registrada na língua brasileira. Ela é construída com um verbo suporte “tocar”, que é juntado a uma palavra bem específica do sertão que vem a marcar o traço cultural: boiada. É considerada como uma locução na medida em que as duas unidades formam juntos um sentido comum e que não é totalmente composicional, dado que *tocar boiada* poderia ter vários sentidos, dependendo do contexto.

O tradutor francês escolheu traduzir por *mener un troupeau de boeufs*. Encontra-se, então, o traço cultural porque se trata de um *troupeau de boeufs*, entretanto, algo se perdeu na tradução, porque “tocar boiada” poderia ter vários sentidos, precisando de um contexto para ser entendido, enquanto o sentido de *mener*, que significa “levar”, em português, fica mais claro. Há certa atração entre a palavra *mener* e o *troupeau*, que significa “boiada”, o que permite dizer que a marca cultural foi mantida. Sem ser totalmente uma locução, há um pequeno grau de fixidez.

Quadro 70 - 6ª locução: *vão dar o que fazer*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“-Vi-i! Vão dar o que fazer! ” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	Fazer	“-Aïe ! <i> Ils vont nous donner du boulot !</i> ” (ROSA, 1999, p. 33, grifo nosso).	Trabalho	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

“Dar o que fazer” aparece como uma locução baseada no verbo suporte “dar”. Ela não parece ser uma locução consagrada, no entanto, as unidades dela ganham um sentido preciso quando estão juntas. É um tipo de construção como “dar trabalho”, que é uma expressão metafórica.

O tradutor escolheu *ils vont nous donner du boulot* baseando-se no mesmo verbo suporte em francês, *donner*. A escolha da palavra *boulot* é interessante porque é uma palavra informal em francês, que pertence a um registro mais familiar ou oralizado, o que é uma escolha do tradutor que permite atribuir um tom mais oral ao seu texto em francês e que se aproxima, assim, da dimensão oral da obra original.

Quadro 71 - 7ª locução: *faz parede!*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“-Toca, gente! Ligeiro! Faz parede! ” (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	Parede pelo gado	“- <i>En avant les gars ! Vite ! "Faites la haie !</i> ” (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	O que guarda o gado na França é a vegetação chamada <i>haie</i> , uma parede vegetal	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa locução é construída com o verbo suporte “fazer”. *Fazer parede* significa, literalmente, fazer uma parede, ou um obstáculo, para impedir o gado de passar, escapar ou se dispersar. Nesse sentido, pode parecer que não se trata de uma locução, mas o sentido metafórico da parede e a combinação com um verbo suporte, se tratando de uma coisa específica do trabalho com os bois, permite reconhecer essa unidade como unidade fraseológica.

O tradutor escolheu, em francês, empregar o mesmo verbo suporte, porém, optou por substituir a palavra “parede”, que seria *mur*, em francês, pela palavra *haie*. É uma escolha interessante visto que as *haies* são as estruturas que guardam os gados nas regiões rurais francesas. Do mesmo modo, a locução *faites la haie* causa uma certa estranheza ao leitor, o que significa que estamos dentro da tradução intercultural que privilegiou a língua fonte.

Quadro 72- 8ª locução: *fazer o gado*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Apertem mais, p’ra o gado sair fino, gente! Ajusta, Juca, tu não sabe <i>fazer o gado</i> ? Ei, um!...” (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	Gado	“- <i>Serrez plus, les gars, pour que le bétail sorte petit à petit! Tiens bien ta place, Juca, tu sais pas "filtrer" le bétail ? Attention, un !... ”</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	Gado	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Essa locução é construída com o verbo suporte “fazer”. *Fazer o gado* poderia ter diferentes interpretações, visto que não se trata literalmente de fazer o gado. O traço cultural corresponde ao universo sertanejo, já que a atividade do sertão gira em torno do trabalho com o citado animal.

O tradutor escolheu basear sua expressão com o verbo *filtrer*, literalmente “filtrar”, em língua portuguesa, ao invés de utilizar o verbo *faire*, que teria sido mais difícil de entender no idioma francês. *Filtrer* representa uma escolha, dado que os vaqueiros, naquele momento, estão preparando o gado para sair das terras do dono da fazenda, o Major Saulo. Então, é preciso que ele saia em fila para ter uma boiada organizada caminhando pelo sertão.

Filtrer ajuda o leitor francês a entender a locução e a visualizar de maneira concreta o que estão fazendo os vaqueiros. O traço cultural é mantido na versão francesa e o tradutor escolheu colocar filtrar entre aspas, com a finalidade de marcar que não se trata aqui de uma locução comum, mas de uma locução típica do sertão, tal como ele o indicou no prefácio que

as expressões entre aspas ou em itálico foram recolhidas pelo próprio o autor durante as suas viagens no sertão.

Quadro 73 - 9ª locução: *olho-de-choro*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“Aristides bebeu sua cachaça, que não foi brincado, mas ninguém não falou, porque o Aristides se estava com olho-de-choro ... Até eu mesmo” (ROSA, 2017, p. 72)	Olho	“ <i>Aristides a bu sa cachaça, et c'était pas de la rigolade, mais personne a pipé, parce que Aristides avait la larme à l'œil... Même moi</i> ” (ROSA, 1999, p. 72)	Olho	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Um dos processos criativos de locuções, utilizado pelo autor mineiro, é juntar os elementos de uma unidade fraseológica com hifens com o objetivo de marcar graficamente a solidariedade que tem entre os elementos que a compõe. “Olho-de-choro” tem um sentido composicional, que pode se deduzir por seus elementos. Não tem traço cultural marcado ou ligado à cultura sertaneja. A locução usa como imagem parte do corpo humano.

Na tradução francesa, o tradutor escolheu usar uma expressão consagrada em francês *avoir la larme à l'oeil*, que se traduz com uma unidade fraseológica a ideia de “olho-de-choro”, que seria um olho com lágrimas. Em francês, o tradutor não manteve os hifens, mas entendeu que se tratava de uma unidade fraseológica e foi buscar um equivalente fraseológico na língua de chegada que trazia a mesma imagem ligada ao olho.

Quadro 74 - 9ª Expressão - *Tirar o cavalo da chuva*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“- Pode tirar o cavalo da chuva , seu Laio!” (ROSA, 2017, p. 115, grifo nosso).	Cavalo	“- <i>Tu peux dételer, Laïo !</i> ” (ROSA, 1999, p. 125, grifo nosso).	Não	Não	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O autor faz também uso de expressões idiomáticas consagradas do português brasileiro, como é o caso de *tirar o cavalo da chuva*. A expressão já é reconhecida e registrada em obras

lexicográficas. Essa expressão tem o interesse que as imagens metafóricas que ela carrega se encaixam perfeitamente no universo cultural do sertão.

Com efeito, o cavalo é um animal presente no sertão e também, há a chuva, que é um elemento da natureza de grande importância nas regiões mais secas do território brasileiro. O tradutor entendeu a expressão, no entanto, não a traduziu por uma unidade fraseológica. Ele escolheu apenas traduzir o sentido: *tu peux dételer*. Nota-se, portanto, que *dételer* é um termo familiar que pertence à linguagem oral em francês. O uso de palavra informal e mais usada na língua oral é um recurso que usa o tradutor, com a finalidade de manter a dimensão oral das obras.

Quadro 75 - 10ª Expressão: *ficar no mato sem cachorro*

Unidade fraseológica em português	Traço cultural Em português	Tradução da Unidade fraseológica em francês	Unidade fraseológica Sim/não	Traço cultural mantido	Tradução intercultural Sim/não
“[...] nós ficamos é no mato sem cachorro... ” (ROSA, 2017, p. 116, grifo nosso).	Cachorro	“ [...] <i>on se serait fait avoir...</i> ” (ROSA, 1999, p. 126, grifo nosso).	Sim	Não	Sim

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Trata-se, o décimo exemplo, de uma expressão consagrada do português brasileiro e registrada em obras lexicográficas. Mais uma vez, observa-se que quando o autor usa uma expressão idiomática já existente na língua portuguesa, ela se insere no universo cultural do sertão. As duas imagens metafóricas da expressão são o mato, que é o espaço onde vivem os moradores da região, e o cachorro, que é um animal que aparece muito nas diferentes narrativas.

O tradutor entendeu o sentido negativo da expressão e traduziu com a expressão *se faire avoir*, baseada no verbo suporte “fazer”. A expressão em francês significa que alguém será enganado ou cairá em uma armadilha. O tradutor escolheu, então, traduzir por um sentido da expressão “ficar no mato sem cachorro”, porém, sem conseguir manter o traço cultural que estava presente na versão original.

A análise demonstra que os traços culturais permitem a interpretação das locuções presentes na obra. Verifica-se que o tradutor não conseguiu sempre reproduzir, em francês, o traço cultural da língua-fonte, o que não permite oferecer uma tradução intercultural. O traço cultural e a tradução intercultural parecem ser interligados e mantêm uma relação de dependência para que a tradução privilegie a língua-fonte.

Além disso, encontrou-se apenas duas expressões idiomáticas da língua portuguesa. Essas duas expressões apresentam traços culturais ligados ao universo rosiano, que são os

animais, cavalos e cachorros presente na maioria das narrativas. Sendo assim, repara-se que a criação de locuções ligadas ao universo sertanejo baseadas em verbos suporte faz parte do processo criativo do autor mineiro e essas locuções incluem-se no universo fraseológico da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese propôs-se a analisar os fraseologismos de *Sagarana*, a primeira obra do autor mineiro João Guimarães Rosa, e sua tradução para o francês, com o intuito de demonstrar a presença desse fenômeno linguístico no texto rosiano e de como é possível traduzir, para outro idioma, essas unidades marcadas culturalmente.

O presente trabalho mostrou a recorrência dos fraseologismos na fala dos contos de *Sagarana*. Apesar de serem unidades de categorias distintas, todas essas ocorrências compartilham os critérios para serem reconhecidas como unidades fraseológicas: polilexicalidade, fixidez e sentido opaco. A esses critérios, acrescentamos o critério cultural, porque essas compartilham de um mesmo imaginário coletivo sertanejo do qual elas são parte.

O Primeiro Capítulo serviu para definir os critérios que permitiram reconhecer uma unidade lexical como fraseológica. Pudemos constatar que existem características específicas para cada tipo de fraseologismo. Questões fraseológicas ainda permanecem para serem debatidas e investigadas no que toca às canções tradicionais, às rezas ou citações. Todavia, para a realização deste trabalho, foi escolhido se concentrar sobre três tipos de fraseologismos: os provérbios, os pragmatemas e as expressões. A tipologia desses três grupos de unidades fraseológicas foi discutida dentro do capítulo teórico e forneceu as bases para a delimitação e levantamento de dados do *corpus* e sua análise.

Foram identificados, no total, 69 provérbios, 154 pragmatemas e 299 expressões. As unidades fraseológicas não são marginais na obra do autor mineiro, pois fazem parte dos componentes da língua portuguesa que ele usa para a construção dos seus contos. Além disso, e apesar de serem de natureza distinta, foi observada nas diferentes unidades fraseológicas uma coesão nas imagens culturais carregadas por elas, o que comprova que existe um universo fraseológico dentro da obra literária analisada.

Desse número total de fraseologismos identificados na obra foi escolhida uma amostra de 51 provérbios, 10 pragmatemas e 10 expressões que apresentavam os critérios estabelecidos no quadro teórico por serem reconhecidos como unidades fraseológicas e que estavam marcados por traços culturais significativos.

No segundo capítulo, foi discutida justamente a visão do *corpus* que adotamos para realizar essa tese. *Sagarana* é uma obra literária clássica da literatura brasileira, mas que apesar de ser uma obra muito conhecida e já estudada, ainda aponta caminhos a serem explorados nos sertões de Guimarães Rosa.

Rosa é um autor profundamente brasileiro, grande amador e conhecedor da sua própria cultura e do seu país, que ele serviu como médico e diplomata, o que lhe deu considerável conhecimento do povo, já que ele exercia sua primeira atividade no sertão mineiro, como também, da cultura brasileira e da necessidade de mostrar sua autenticidade e riquezas pelo mundo, sendo uma delas sendo, no nosso entendimento, seu universo fraseológico.

A dimensão regionalista da obra deve ser levada em consideração para poder abordar qualquer questão lexical relativa à obra dele. E mais ainda, quando as unidades lexicais possuem uma forte dimensão cultural, como é o caso neste trabalho. Comprovamos neste capítulo que a dimensão regional é de suma importância, ainda mais nessas unidades que foram escolhidas com cuidado pelo autor para dar autenticidade à dimensão regional da obra.

Este estudo se distingue dos demais por ter comprovado que existe uma unidade cultural em diferentes tipos de fraseologismos no seio da mesma obra. Os traços culturais compartilhados pelas diferentes unidades facilitam a interpretação que pode se fazer de acordo com o contexto e o universo da obra. O reconhecimento de um universo fraseológico dentro de uma obra não só ajuda na sua compreensão, como também pode ajudar os tradutores a reconhecer com mais facilidade essas unidades que, pela própria natureza opaca, polilexical, fixas e marcadas culturalmente, podem ser difíceis de serem interpretadas.

Todas essas unidades se encontram traduzidas em francês, mas nem sempre na forma do fraseologismo, posto que, às vezes o tradutor escolhe apenas devolver o sentido das unidades fraseológicas, sem, no entanto, retransmitir a forma original, o que pode evidenciar que o tradutor não reconheceu a forma fraseológica na língua fonte ou que ele não conseguiu achar uma forma equivalente na língua de chegada.

A dimensão cultural se mostra como um critério essencial de descrição das unidades fraseológicas, porque foi comprovado que mesmo se a estrutura morfossintática da unidade se perde na língua de chegada, o traço cultural, muitas vezes em estrita relação com o sentido, é mantido. Além disso, o traço cultural aparece como ligado à dimensão metafórica dos demais fraseologismos, o que constitui, ainda, uma pista a ser explorada para comprovar a sua importância na descrição desse fenômeno.

As escolhas tradutológicas variam de acordo com os diferentes tipos de fraseologismos. Para os provérbios, que por possuírem uma estrutura morfossintática maior, confere mais facilidade ao tradutor para criar um provérbio equivalente na língua de chegada. Enquanto, para as fórmulas, o tradutor pode escolher uma fórmula equivalente na língua de chegada, todavia, isso não irá obrigatoriamente criar o mesmo efeito da língua fonte.

No caso da nossa pesquisa, demonstramos que havia um número maior de ocorrência de fórmulas baseadas na palavra “virgem” em português, do que em francês. E vimos, também, que quando o tradutor opta por uma fórmula como *bonne mère*, ele privilegia a língua fonte, oferecendo assim uma tradução intercultural a partir de uma fórmula consagrada em francês, mas que, no entanto, é rara.

No que tange às locuções, no caso das expressões idiomáticas consagradas da língua portuguesa, vimos que o tradutor transpôs apenas o sentido, o que evidencia conhecimento da unidade fraseológica em português, entretanto, ele não achou necessário retraduzir essas unidades da mesma forma, em francês. Para as expressões ligadas ao universo sertanejo, o tradutor recriou expressões equivalentes em francês, todavia, constatamos que, às vezes, o verbo suporte neutro, em português, é traduzido por um verbo mais preciso na língua francesa, o que orienta a interpretação da expressão para o leitor francês.

A pesquisa demonstrou que a análise das traduções das unidades fraseológicas, do português para o francês, vai além da busca de nível de equivalência ou de reparar se essa unidade foi também traduzida por um fraseologismo em francês. A importância do traço cultural na descrição dos fraseologismos, seja ele propriamente marcado na unidade ou apenas ao nível semântico, ajudou a elaborar um critério de análise das traduções que era o de observar se esse traço tinha sido mantido na tradução para o francês.

Nesse viés, o critério utilizado pela análise das unidades fraseológicas foi o de saber se o traço cultural brasileiro tinha sido mantido na tradução francesa o que oferece, de acordo com o nosso quadro teórico do capítulo três, uma tradução intercultural, orientada para a língua fonte, que vai privilegiar, pontualmente, a cultura da obra. Este fato revela que uma tradução não é algo fixo no tempo e que várias interpretações são possíveis de acordo com os conhecimentos dos tradutores e da familiaridade que eles têm com o fenômeno fraseológico da cultura à qual esses provêm. Com efeito, vindo da cultura popular e do imaginário coletivo brasileiro, a tradução dos fraseologismos implica não somente um excelente conhecimento linguístico da língua, mas também, um conhecimento extralinguístico e uma vivência da língua.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do S. S. de. A fraseologia como marca do léxico regional popular. In: COSTA, D. de S. S.; BENÇAL, D. R. (Orgs.) **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016. p. 33-49.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française** : volume 1. Paris: Les Procédés Dorel, 1951.
- BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris : Seuil, 1999.
- BERMAN, A. **L'épreuve de l'étranger**. Domont: Gallimard, 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: CARRATORE, E. D.; QUEIROZ, T. A. **Estudos de Filologia e Linguística**. São Paulo: Queiroz/ Edusp, 1981. p. 131-145.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande:UFMS, 1998. p. 13-22.
- BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. In: **Palavra/Departamento de Letras da PUC-Rio**. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Orgs.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-757.
- BLANCO, X. ; MEJRI, S. **Les pragmatèmes**. Paris: Garnier, 2018.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite**. São Paulo: Atica, 1987. p. 147-162.
- CANDIDO, A. Sagarana. In: COUTINHO, E. F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 243-247.
- CANNABRAVA, E. Guimarães Rosa e a linguagem literária. In: COUTINHO, E. F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 264-270.
- CHACOTO, L. Les chemins du traducteur de parémies – um Voyage au coeur du “levantado do chão” de José Saramago. In: BENAYOU, J. -M ; KUBLER, N., ZOUOGBO, J-P (Orgs). **Parémiologie proverbes et formes voisines, tome I**. Sainte Gemme : Presses Universitaires de Sainte Gemme, 2013. p. 331-343.
- CORPAS-PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COUTINHO, E. F. Guimarães Rosa e o Processo de Revitalização da Linguagem. In: COUTINHO, E. F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 202-234.

DURANTI, A. **Antropologia linguística**. Madrid: Cambridge University Presse, 2000.

BORGES DE FAVERI, C. A tradução de Guimarães Rosa na França. In: **Estudos Neolatinos**, vol. 11, no. 2, 2009, p. 264-277.

GONZÁLEZ-REY, I. **La phraséologie du français**. Toulouse : Presse universitaire du Midi, 2015.

GONZÁLEZ-REY, I. **La nouvelle phraséologie du français**. Toulouse : Presse universitaire du Midi, 2021.

GRÉCIANO, G. Phraséologie et Traduction. In : MEJRI, B. ; GROSS, G. (Eds.) : **Traduire la langue, Traduire la culture**. Tunis/Paris: Sud Editions/Maisonneuve et Larose, 2003. p. 81-93.

GROSS, G. **Les Expressions Figées en Français**. Paris : Orphys, 1996.

GROSS, G. **Manuel d'analyse linguistique**. Lille : Presses Universitaires du Septentrion, 2012.

KRZYŻANOWSKA A. Les expressions figées -porteuses de valeurs conditionnées par la culture. In : SOUTET, O.; SFAR, I.; MEJRI, S. (org.). **La phraséologie contrastive**. Paris: Honoré Champion, 2018a. p. 173-184.

LADMIRAL, J. -R. **Traduire** : théorèmes pour la traduction. Paris : Gallimard, 2016.

LADMIRAL, J. -R. **Sourcier ou cibliste les profondeurs de la traduction**. Paris : Les Belles Letres, 2015.

LEGUY, C. *Langage, culture et expression littéraire du point de vue de l'anthropologie linguistique*. In : AGUILAR, J. BRUDERMANN, C. ; LECLERE, M. (Coords.). **Langues, cultures et pratiques en contexte** : interrogations didactiques. Paris : Riveneuve éditions, 2014. p. 151-176.

MARQUES, E. A. É aí que o bicho pega: el estereotipo animal en locuciones brasileñas, españolas y francesas formadas por zoonimos. In : SOUTET, O.; SFAR, I.; MEJRI, S. (org.). **La phraséologie contrastive**. Paris: Honoré Champion, 2018a. p. 159-171.

MARQUES, E. A. Um olhar sobre a interrelação entre fraseologia, memória e cultura: foco sobre o português brasileiro. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo grande: UFMS, 2018b. p. 147-160.

MARTINS, N. S. **O Léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MEFFTAH TLILI, N. Traduction et plurilinguisme/traduction et culture. In : Mejri S. et al., **Traduire la langue, traduire la culture**. Tunis/Paris: Sud Editions/Maisonneuve et Larose, 2003. p. 169-176.

MEJRI, A. La traduction des séquences figées : le cas des textes littéraires. In: HUERTA, P. M.; MEJRI, S. (Org.). **Las constucciones verbo-nominales libres y fijas**: aproximación contrastiva y traductológica. Alicante: Universidad de Alicante, 2008. p. 183-190.

MEJRI, S. **Le figement lexical** : descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis : Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, S. Traduire, c'est gérer un déficit. **Meta**, v. 50, n. 1, p. 120-128, mar. 2005.

MEJRI S. Possibles de langues, possibles de discours : entre (dé)figement et traduction. In: HUERTA, P. M.; MEJRI, S. (Orgs.). **Fijación, traducción, variación y desautomatización**. Alicante: Universidad de Alicante, 2014. p. 187-202.

MEJRI, S. **Les formules de politesse et de présentation** : les petits guides de la langue française, Le Monde. Paris: Garnier, 2017.

MOARES, Juliana. Fórmulas de rotina – definição, funções e classificação. **Pandaemonium Germanicum**, v. 12, p. 210-220, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/download/62284/65095/81123>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza : Imprensa Universitária, 2014.

OSÉKI-DÉPRÉ, I. **Théories et pratiques de la traduction littéraire en France**. Paris : Armand Colin, 1999.

OSEKI-DÉPRÉ, I. Théories et pratiques de la traduction littéraire en France. **Le français aujourd'hui**, v. 142, n. 3, p. 5-17, 2003.

PAMIES-BERTRAN, A. Aux limites du limitrophe : à propos des catégories phraséologiques. In : SFAR, I. ; BUVET, P.-A. **La phraséologie entre fixité et congruence**. Louvain-la-neuve : Le harmattan, 2018. p. 221-263.

ROSA, J. G. **Toutaméia**: Troisièmes histoires. Tradução de Jacques Thiériot. Paris: Seuil, 1994.

ROSA, J. G. **Premières Histoires**. Tradução de Ines Oséki-Dépré. Paris: Métailié, 1995.

ROSA, J. G. **Sagarana**. Tradução de Jacques Thiériot. Paris: 10/18, 1999.

ROSA, J. G. **Correspondência com seu tradutor Italiano Eduardo Bizzarri**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, J. G. **Mon oncle le jaguar & autres histoires**. Tradução de Mathieu Dosse. Paris : Chandeigne, 2016a.

ROSA, J. G. **Sept-de-carreau l'âne du sertão**. Tradução de Michel Riaudel. Paris: Chandeigne, 2016b.

ROSA, J. G. **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017a.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017b.

ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017c.

ROSA, J. G. **Tutameia (Terceiras Estórias)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017d.

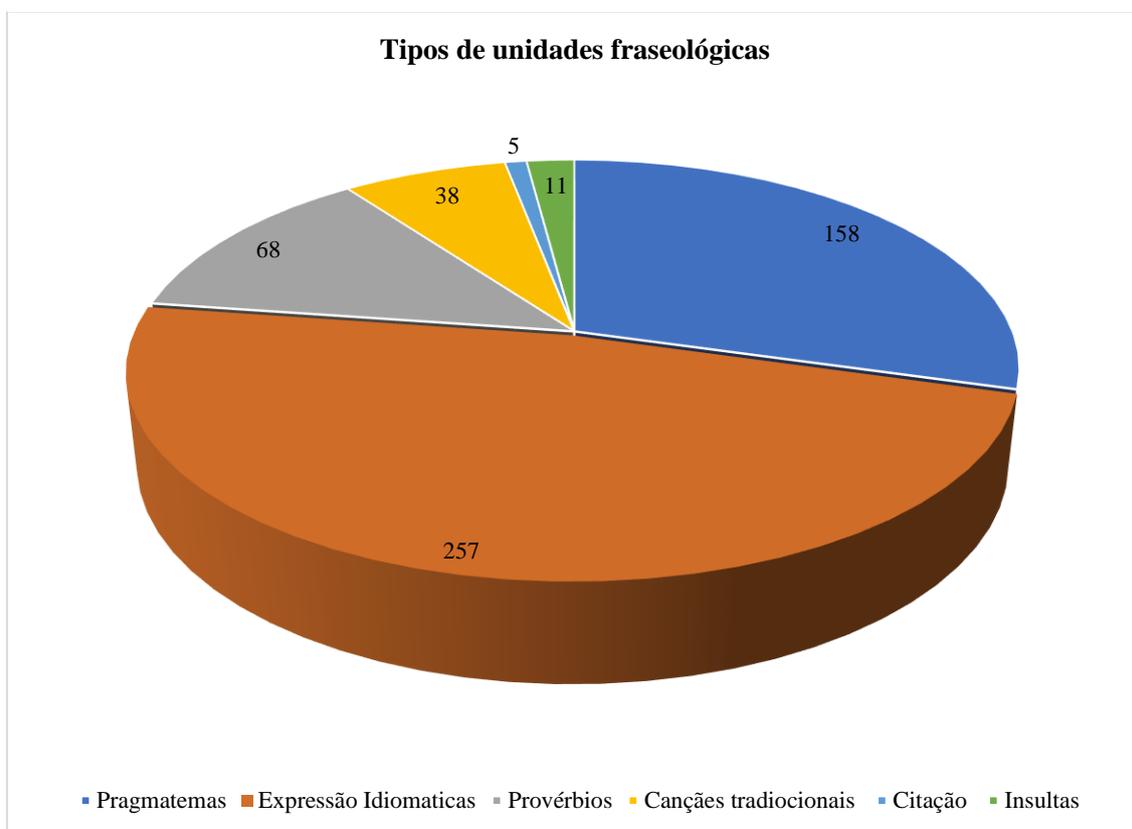
SAPIR, E. **Linguistique**. Alençon : Les éditions de Minuit, 1968.

SAPIR, E. **Le langage introduction à l'étude de la parole**. Paris : Payot & Rivages, 2001.

TORRES, M.-H. **Variations sur l'étranger dans les lettres** : cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes. Arras: Artois Presses Université, 2004.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. 3) Revisitando o conceito de provérbio. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 12, n. 1, p. 33-48, 2008.

APÊNDICE

Gráfico 2 - Tipos de unidades fraseológicas encontradas na obra *Sagarana*

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 76 - Dados Fraseológicos de Rosa

Número da unidade fraseológica	Tipo de unidade fraseológica: Provérbios	Traço cultural	Fraseologismos em francês	Traço cultural	Unidade fraseológica Sim/não	Tipo de tradução
1	“Porque: ‘quem é visto é lembrado’ , e o Major Saulo estava ali”.	Sabedoria popular	“ <i>Car: ‘si on te voit on se souviendra de toi’</i> ” (ROSA, 1999, p. 23, grifo nosso).	Sabedoria popular	Sim	Calque
2	“- Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...” (ROSA, 2017, p. 32-33, grifo nosso).	Sabedoria popular	“ <i>J’ai des bouviers qui sont bons guitaristes... J’ai des chevaux habiles a défoncer les haies. Ho-ho... Lentement je suis sevi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu’il manger... ho-ho... Et aujourd’hui avec ce foutu temps et les personnes en retard...</i> ”	Sabedoria popular	Sim	Intercultural
3	“- Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...”	Alimentação Feijão	“ <i>J’ai des bouviers qui sont bons guitaristes... J’ai des chevaux habiles a défoncer les haies. Ho-ho... Lentement je suis sevi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu’il mange... ho-ho... Et aujourd’hui avec ce foutu temps et les personnes en retard...</i> ”	Alimentação Feijão	Sim	Intercultural

Número da unidade fraseológica	Tipo de unidade fraseológica: Provérbios	Traço cultural	Fraseologismos em francês	Traço cultural	Unidade fraseológica Sim/não	Tipo de tradução
4	“-Vamos, gente, pessoal, quem vai na frente bebe a água limpa!”	Natural Água do rio	“- <i>On y va, les gars, çui qui arrive en premier boit l'eau claire!</i> ” (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Natural Água do rio	Sim	
5	“- Olha para mim, Francolim: “joá com flor formosa não garante terra boa!”... Arrancha aqui, perto das minhas vistas” (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	Natural Flore	“- <i>Regarde-moi, Francolim : "une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre !"...</i> Bouge pas d'ici, à portée de mon regard” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Natural Flore	Sim	Intercultural
6	“- Na minha Fazenda ninguém mata outro. Dá risada, Francolim!” (ROSA, 2017, p. 37, grifo nosso).	Espaço fazenda	“ <i>Dans ma fazenda, personne tue son prochain. Tu me fais rire, Francolim !</i> ” (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Espaço Fazenda	Sim	Intercultural
7	“- Escuta, Francolim: ‘não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma’!... Vamos embora, de uma vez” (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Animal Vaca	“- <i>Écoute, Francolim : " Ce n'est pas aux taches de la vache qu'on mesure son lait et sa mousse" !... En route d'une bonne fois ”</i> (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Animal Vaca	Sim	Intercultural
8	“- Mais coragem, Manico, sem gemer... ‘Suspiro de vaca não arranca estaca’...” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	Animal Vaca	“- <i>Allons, courage, Manico, sans geindre... "Soupir de vache son piquet n'arrache!"...</i> Mais, qu'est ce que tu regardes si fixement, Francolim ?” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Animal Vaca	Sim	Intercultural

Número da unidade fraseológica	Tipo de unidade fraseológica: Provérbios	Traço cultural	Fraseologismos em francês	Traço cultural	Unidade fraseológica Sim/não	Tipo de tradução
	“ - Aí fiando! Quem tem inimigo não dorme!... ” (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	Sabedoria popular	“- Ah, méfie-toi ! Çui qui a un ennemi dort pas !... ” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Sabedoria popular	Sim	Calque oralizado
	“ - Há-há, Manico velho! Escuta: ‘para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha’... ” (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	Animal Bezerro	“-Ha ha, mon vieux Manico ! Écoute : ‘Pour un veau à peine sevré, toute queue de vache est mamelle !’... ” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Animal Bezerro	Sim	Intercultural

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 77 - Quadro dos pragmatemas de fórmulas religiosas

Tipo de unidade fraseológica: Fórmulas religiosas	Traço cultural	Fraseologismos em francês	Traço cultural	Unidade fraseológica Sim/não	Tipo de tradução
- O João Manico vai tocar boiada no burrinho! Imagina só, meu-deus-do-céu , que graça!... (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	Deus e Céu	- <i>João Manico va condire le troupeau sur le bourricot ! Voyez-vous ça, mon-dieu-du-ciel, on va bien rire!...</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Deus e Céu	Sim	Intercultural
Depois, peio certo, antes de arrear, bate na cabeça do burrinho, como Deus manda . (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Deus	<i>Puis, pour bien faire, avant de le harnacher, il tapote la tête du petit âne, selon l'usage.</i> (ROSA, 1999, p. 31, grifo nosso).	X	Sim	Sentido, mas sem a marca cultural
Mas, para tocar boiada, eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!... (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Deus	<i>Mais pour mener un troupeau de bœufs, ah, qu'à Dieu ne plaise si je veux un bourricot pareil !...</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Deus	Sim	Intercultural
- Não mata o Calundú, pai, pelo amor de Deus! Não quero que ninguém judie com o Calundú!... (ROSA, 2017, p. 61, grifo nosso).	Deus	- <i>Papa, tue pas le Mal-luné, pour l'amour de Dieu ! Je veux pas qu'on maltraite le Mal-luné!...</i> (ROSA, 1999, p. 58, grifo nosso).	Deus	Sim	Equivalente
Bem, vou indo. Deus lhe pague , amigo! (ROSA, 2017, p. 179, grifo nosso).	Deus	<i>Bon, je continue. Dieu vous le rende, l'ami!</i> (ROSA, 1999, p. 201, grifo nosso).	Deus	Sim	Intercultural
- Virgem Santa! Eu logo vi que sé podia ser você, meu primo Nhô Augusto... (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	Virgem	- <i>Sainte Vierge! J'ai vu tout de suite que ça pouvait être que toi, mon cousin Augusto</i> (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).	Virgem	Sim	Intercultural
- Vão com Deus! Até à volta, vocês todos. 'Té a volta, seu Joãozinho Bem-Bem! (ROSA, 2017, p. 321, grifo nosso).	Deus	- Dieu soit avec vous! Au revoir, vous tous. Au revoir, m'sieu Joãozinho Bem-Bem ! (ROSA, 1999, p. 372, grifo nosso).	Deus	Sim	Intercultural
- Virgem, minha Nossa Senhora! ... Ôa, ôa, boi!.. (ROSA, 2017, p. 293, grifo nosso).	Virgem	- <i>Sainte Vierge, ma Bonne Mère !... Ho-há, ho-há, boeuf!... Ho-há, mon Dieu du Ciel !...</i> (ROSA, "Corps cousu", p. 299, grifo nosso).	Virgem	Sim	Intercultural
- Só tinha, graças-a-deus , aqueles dois pipotes de cachaça, porque eu ia era buscar a família do patrão no arraial... (ROSA, 2017, p. 287, grifo nosso).	Deus	- <i>Grâce à Dieu, seulement ces deux pipes de cachaça, vu que j'allais chercher la famille du patron au village</i> (ROSA, 1999, p. 331, grifo nosso).	Deus	Sim	Intercultural

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Quadro 78 - Amostra de locuções

Tipo de unidade fraseológica: <u>Expressões</u> <u>idiomáticas</u>	Traço cultural	Fraseologismos em francês	Traço cultural	Unidade fraseológica Sim/não	Tipo de tradução
Mas, também, qualquer pessoa faria o mesmo, os vaqueiros fariam o mesmo, o Major Saulo faria o mesmo, pois a Açucena deu à luz , há dois dias, um bezerrinho muito galante, e é bem capaz de uma brutalidade sem aviso prévio e de cabeça torta. (ROSA, 2017, p. 31, grifo nosso).	Luz	<i>Mais aussi tout un chacun agirait de même, les bouviers agiraient de même, le Major Paulo agirait de même, car la blanche a mis bas, il y a deux jours, un petit veau fort gracieux, et elle est capable d'une brutalité sans préavis, tête de traviole</i>	Expressão usada para se referir aos animais	Sim	Sentido
- Que manuel-não-enxerga , Francolim! (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	Manuel	- <i>C'est toi qui es miraud, Francolim !</i> (ROSA, 1999, p. 31, grifo nosso).	X	Não	Sentido, mas sem a marca cultural
- “Desassa a tua mandioca!” E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte (ROSA, 2017, p. 35).	Mandioca	- <i>Remballe tes vanes ! Et Juca Bananier, qui donne une tape sur la croup du Belmonte</i> (ROSA, 1999, p. 27, grifo nosso).	X	Não	Sentido, mas sem a marca cultural
O peso era calculado a olho (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	Olho	<i>Le poids était calculé à vue d'œil</i> (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Olho	Sim	Equivalente
Mas, para tocar boiada , eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!... (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	Boi	<i>Mais pour mener un troupeau de bœufs, ah, qu'à Dieu ne plaise si je veux un bourricot pareil !...</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Boi	Não	Sentido Mas com a marca cultural
- Vi-i! Vão dar o que fazer! (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	fazer	- <i>Aïe ! Ils vont nous donner du boulot!</i> (ROSA, 1999, p. 33, grifo nosso).	Trabalho	Sim	Adaptação do sentido
- Toca, gente! Ligeiro! Faz parede! (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	Parede pelo gado	- <i>En avant les gars ! Vite ! "Faites la haie" !</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	O que guarda o gado na França é a vegetação chamada “haie” uma parede vegetal	Sim	Intercultural

- Apertem mais, p'ra o gado sair fino, gente! Ajusta, Juca, tu não sabe fazer o gado ? Ei, um!... (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	gado	- <i>Serrez plus, les gars, pour que le bétail sorte petit à petit ! Tiens bien ta place, Juca, tu sais pas "filtrer" le bétail ? Attention, un !...</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	gado	Sim	Intercultural com adaptação do sentido
Aristides bebeu sua cachaça, que não foi brincado, mas ninguém não falou, porque o Aristides se estava com olho-de-choro ... Até eu mesmo. (ROSA, 2017, p. 72, grifo nosso).	olho	<i>Aristides a bu sa cachaça, et c'était pas de la rigolade, mais personne a pipé, parce que Aristides avait la larme à l'œil... Même moi</i> (ROSA, 1999, p. 72, grifo nosso).	olho	Sim	Equivalente
- Pode tirar o cavalo da chuva , seu Laio! (ROSA, 2017, p. 115, grifo nosso).	Cavalo	- <i>Tu peux déteiler, Laïo !</i> (ROSA, 1999, p. 125, grifo nosso).	X	Não	Tradução do sentido
[...] nós ficamos é no mato sem cachorro ... (ROSA, 2017, p. 116, grifo nosso).	Cachorro	[...] on se serait fait avoir... (ROSA, 1999, p. 126, grifo nosso).	X	Não	Tradução do sentido

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Quadro 79 - Resultado do levantamento de dados dos 594 fraseologismos da obra *Sagarana*.

Nº	Conto	Fraseologismo em português	Fraseologismo em francês	Tipologia
1	O burrinho pedrês	E, ao meu macho rosado, carregado de algodão, perguntei: p'ra donde ia? P'ra rodar no mutirão. (Velha cantiga, solene, da roça.) (ROSA, 2017, p. 27).	<i>Alors, à mon âne roset/ Sous sa bâtee de Coton/ J'ai demandé où il allait ?/ Faire sa part du Chantier..." (vieille chanson solennelle des champs) (ROSA, 1997, p.17).</i>	Canção Tradicional
2	O burrinho pedrês	E o dono, o Major Saulo, de botas e esporas, corpulento, quase um obeso, de olhos verdes, misterioso, que só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo , e que ria, sempre ria (ROSA, 2017, p. 28, grifo nosso).	<i>Le Major Paulo, en bottes et éperons, corpulent, presque un obèse, les yeux verts, mystérieux, qui d'un simple regard envoyait un bœuf rebelle au piquet, et qui riait (ROSA, 1997, p.18, grifo nosso).</i>	Locução
3	O burrinho pedrês	Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando remoinhos: sempre um vai-vem , os focinhos babosos apontando, e as caudas, que não cessam de espanejar com as vassourinhas.	<i>Comme les houles océanes, s'agitent des ensemble constants, roulant des tourbillons : toujours un va-et-vient, les mufles baveux qui pointent, et les queues qui ne cessent d'épouser avec leurs balais (ROSA, 1997, p. 20, grifo nosso).</i>	Locução
4	O burrinho pedrês	Não tem marca de ferro, não perdeu a virilidade , e faz menos de seis meses que enxergou gente pela primeira vez.	<i>Il n'est pas marqué au fer, n'a pas perdu sa virilité, et il y a moins de six mois qu'il a vu des hommes pour la première fois (ROSA, 1997, p.21, grifo nosso).</i>	Locução
5	O burrinho pedrês	Agora, se alertam , porque pressentem o corisco. Esperam que a trovoadá bata pilão, na gruta longe, e então se sobrechegam e se agitam, recomeçando os espiralados deslocamentos.	<i>Maintenant, ils sont en alerte, parce qu'ils pressentent la foudre (ROSA, 1997, p. 21, grifo nosso).</i>	Alertar-se, Verbo Pronominal Fraseológico?
6	O burrinho pedrês	Então, sem ao menos verificar o que há, o matungo de Zé Grande espanca o tabique da coberta, o amarelho de Silvino saracoteia empinado, quase partindo o látego, e o poldro pampa, de finca-pé , relincha escandalosamente.	<i>Alors, sans au moins vérifier ce qui se passe, le canasson du Grand Zé, cogne sur la cloison de l'apprentis, l'isabelle de Silvino, cabré, se trémousse et manque se péter la sous-ventrière, et le poulain moucheté, de pied ferme, hennit sandaleusement. (ROSA, 1997, p. 22, grifo nosso).</i>	Locução
7	O burrinho pedrês	Passa rente aos bois-de-carro - pesados eunucos de argolas nos chifres, que remastigam, subalternos, como se cada um trouxesse ainda ao pescoço a canga, e que mesmo disjuntos se mantêm paralelos, dois a dois. (ROSA, 2017, p. 31, grifo nosso).	Il passe juste	Locução

8	O burrinho pedrês	Mas, também, qualquer pessoa faria o mesmo, os vaqueiros fariam o mesmo, o Major Saulo faria o mesmo, pois a Açucena deu à luz , há dois dias, um bezerrinho muito galante, e é bem capaz de uma brutalidade sem aviso prévio e de cabeça torta. (ROSA, 2017, p. 31),	<i>Mais aussi tout un chacun agirait de même, les bouviers agiraient de même, le Major Paulo agirait de même, car la blanche a mis bas, il y a deux jours, un petit veau fort gracieux, et elle est capable d'une brutalité sans préavis, tête de traviole.</i>	Locução
9	O burrinho pedrês	crível é que o homem mais virtuoso do mundo possa ser atirado a seis metros de distância, e a toda a velocidade , com alças de intestino penduradas e muito sangue de pulmão à vista (ROSA, 2017, p. 32, grifo nosso).	<i>Il est possible que l'homme le plus virtuose du monde puisse être balancé à six mètres de ditance, et à toute vitesse, avec des volutes d'intestin pendouillantes et pas mal de sang de poumon à l'étal (ROSA, 1997, p. 23, grifo nosso).</i>	Locução
10	O burrinho pedrês	O primeiro engano seu nesse dia. O equívoco que decide do destino e ajeita caminho à grandeza dos homens e dos burros.	<i>Mais il avait commis une erreur. Sa première bévue ce jour-là. La maldonne qui décide du destin et ouvre la voie à la grandeur des hommes et des ânes (ROSA, 1997, p. 23, grifo nosso).</i>	Locução
11	O burrinho pedrês	Porque: “quem é visto é lembrado” , e o Major Saulo estava ali:	<i>Car: "si on te voit on se souviendra de toi" (ROSA, 1997, p. 23, grifo nosso).</i>	Provérbio
12	O burrinho pedrês	Mas ainda pode aguentar uma viagem, vez em quando... Arreia este burro também, Francolim!	<i>Mais il peut encore endure un voyage de temps en temps.</i>	Locução
13	O burrinho pedrês	- Me disseram que isto é sério. Fecha a cara , Francolim!	<i>À ce qu'on m'a dit, c'est sérieux. Alors arrête de rigoler, Francolim!</i>	Locução
14	O burrinho pedrês	Com a risada do Major, Sete-de-Ouros velou os olhos, desgostoso, mesmo sem saber que eram donas de duras as circunstâncias.	<i>Sur le petit rire du Major, Sept-de-carreau s'est voilé les yeux, mécontenté, même sans savoir combien dures de dures étaient les circonstances.</i>	Locução
15	O burrinho pedrês	- Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada... (ROSA, 2017, p. 32-33, grifo nosso).	<i>J'ai des bouviers qui sont bons guitaristes... J'ai des chevaux habiles a défoncer les haies. Ho-ho... Lentement je suis sevi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu'il manger... ho-ho... Et aujourd'hui avec ce foutu temps et les personnes en retard...</i>	Provérbio
16	O burrinho pedrês	- Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...	<i>J'ai des bouviers qui sont bons guitaristes... J'ai des chevaux habiles a défoncer les haies. Ho-ho... Lentement je suis sevi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu'il mange... ho-ho... Et aujourd'hui avec ce foutu temps et les personnes en retard...</i>	Provérbio

17	O burrinho pedrês	E a preta e Francolim, certos, a um tempo , sorriam, riam e ficavam sérios outra vez. (ROSA, 2017, p. 33, grifo nosso).	<i>Et la noire et Francolim, au doigt et à l'œil, à l'unisson, souriaient, riaient et reprenaient leur sérieux.</i> (ROSA, 1999, p. 25, grifo nosso).	Locução
18	O burrinho pedrês	- Que manuel-não-enxerga , Francolim! (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	- <i>C'est toi qui es miraud, Francolim !</i> (ROSA, 1999, p.25, grifo nosso).	Locução
19	O burrinho pedrês	Agora, Francolim, vá-s'embora, que eu já estou com muita preguiça de você . (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	<i>Maintenant, Francolim, dégage, car j'en ai plein la musette de te voir</i> (ROSA, 1999, p. 25, grifo nosso).	Locução
20	O burrinho pedrês	E logo se pôs aceso o mundo : - O João Manico vai tocar boiada no burrinho! Imagina só, meu-deus-do-céu , que graça!... (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	<i>Et aussitôt le monde a pris feu : - João Manico va condire le troupeau sur le bourricot ! Voyez-vous ça, mon-dieu-du-ciel, on va bien rire!...</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Locução e Fórmula Religiosa
21	O burrinho pedrês	Porém, cá fora, a vaqueirama começava o corre-corre, pega-pega, arreia-arreia , aos gritos benditos de confusão.	<i>Entre-temps, dehors, la bouverie commençait à s'agiter, cours-ci, attrape-ça, sangle-ça, dans n tohu-bohu de cris confus</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Locução
22	O burrinho pedrês	- Vamos, gente, pessoal, quem vai na frente bebe a água limpa!	- <i>On y va, les gars, çui çui arrive en premer boit l'eau claire !</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Provérbio
23	O burrinho pedrês	Daí Leofredo, magrelo, de cara bexiguenta, que se prepara, cantando: - “Eu vou dar a despedida, como deu o bem-te-vi...” (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	<i>Là-dessus Leofredo, maigrichon, la figre grêlée, qui se prépare, en chantant : - Je vais vous dire adieu, comme l'a fait le colibri...</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Canção Tradicional
24	O burrinho pedrês	Mas doutor para conhecer no campo as negaças da rês brava e para se esbarrar para a derrubada, de seda ou de vara . (ROSA, 2017, p. 34, grifo nosso).	<i>Mais docteur ès matoiseries d'un bovin sauvage dont il sait comment l'arrêter et le renverser, " à la douce ou à la pique</i> (ROSA, 1999, p. 26, grifo nosso).	Locução
25	O burrinho pedrês	- “Desassa a tua mandioca!” E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	- <i>Remballe tes vannes ! Et Juca Bananier, qui donne une tape sur la croup du Belmonte</i> (ROSA, 1999, p. 27, grifo nosso).	Locução
26	O burrinho pedrês	- Cavalo do menino da casa , desbocado, viciado e inventador de modas (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	- <i>Le cheval de l'enfant de la maison, rétif, vicelard et inventeur de caprices</i> (ROSA, 1999, p. 27, grifo nosso).	Locução
27	O burrinho pedrês	- Fui ver se tudo vai ficar em ordem , lá por dentro, seu Major. (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	- <i>J'ai été voir si tout était en ordre dans la maison, m'sieu le Major</i> (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	

28	O burrinho pedrês	- Olha para mim, Francolim: “ joá com flor formosa não garante terra boa! ”... Arrancha aqui, perto das minhas vistas (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	- <i>Regarde-moi, Francolim : "une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre !" ... Bouge pas d'ici, à portée de mon regard</i> (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Provérbio
29	O burrinho pedrês	- E que é que eu tenho com os santos-óleos? (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	- <i>Et qu'est-ce que j'ai à voir avec ces micmacs ?</i> (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso).	Locução
30	O burrinho pedrês	O peso era calculado a olho (ROSA, 2017, p. 35, grifo nosso).	<i>Le poids était calculé à vue d'œil.</i> (ROSA, 1999, p. 28).	Locução
31	O burrinho pedrês	- Vai cair chuvinha fina, mas as enchentes ainda vão ser bravas. Este ano acaba em seis! ... (ROSA, 2017, p. 36, grifo nosso).	- <i>Il va tomber une petite pluie fine, mais on aura encore de méchantes crues... C'est une année en six !...</i> (ROSA, 1999, p. 29, grifo nosso).	Provérbio
32	O burrinho pedrês	Mantém-se quieto, a grosso ver , mas lançando de si estremeções e sobressaltos (ROSA, 2017, p. 36, grifo nosso).	<i>il se tient tranquille, à première vue, mais il emet des frissons et des susrsauts</i> (ROSA, 1999, p. 29, grifo nosso).	Locução
33	O burrinho pedrês	- Na minha Fazenda ninguém mata outro. Dá risada, Francolim! (ROSA, 2017, p. 37, grifo nosso).	<i>Dans ma fazenda, personne tue son prochain. Tu me fais rire, Francolim!</i> (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Provérbio
34	O burrinho pedrês	- Escuta, Francolim: “ não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma! ”... Vamos embora, de uma vez (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	- <i>Écoute, Francolim : " Ce n'est pas aux taches de la vache qu'on mesure son lait et sa mousse" !... En route d'une bonne fois</i> (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso).	Provérbio
35	O burrinho pedrês	encabrestado, Sete-de-Ouros não está disposto a entregar-se: “ Vai, mas custa! ”, quando outros o irritam, é a divisa de um burrico que ancião (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	<i>Licou déjà mis, Sept-de-carreau n'est pas disposé à se rendre : "on y va, mais ce sera dur ! ", quand d'autres l'irritent, c'est la devise d'un bourricot de la vieille</i> (ROSA, 1999, p. 31, grifo nosso).	Locução
36	O burrinho pedrês	Depois, peio certo, antes de arrear, bate na cabeça do burrinho, como Deus manda. (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	<i>Puis, pour bien faire, avant de le harnacher, il tapote la tête du petit âne, selon l'usage</i> (ROSA, 1999, p. 31, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
37	O burrinho pedrês	Mas, para tocar boiada , eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!... (ROSA, 2017, p. 38, grifo nosso).	<i>Mais pour mener un troupeau de bœufs, ah, qu'à Dieu ne plaise si je veux un bourricot pareil !...</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Locução e Fórmula Religiosa
38	O burrinho pedrês	- Mais coragem, Manico, sem gemer... “ Suspiro de vaca não arranca estaca! ”... (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	- <i>Allons, courage, Manico, sans geindre... "Soupir de vache son piquet n'arrache!"... Mais, qu'est ce que tu regardes si fixement, Francolim ?</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Provérbio

39	O burrinho pedrês	Mas Silvino é medroso, mole, está sempre em véspera de coisa nenhuma! (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	<i>Mais Silvino est froussard, mollasse, il vit toujours la veille que rien n'arrive !</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Locução
40	O burrinho pedrês	- "Aí fiando! Quem tem inimigo não dorme! ..." (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	- <i>Ah, méfie-toi ! Çui qui a un ennemi dort pas !...</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Provérbio
41	O burrinho pedrês	Porque confia tanto na moleza de Silvino quanto um tem-farinha-aí acredita na imobilidade de uma cobra-cipó (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	<i>Car il a autant confiance dans la mollesse de Silvino qu'un gobe-mouches croit dans l'immobilité d'un couleuvre-liane</i> (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso).	Locução
42	O burrinho pedrês	- Vi-i! Vão dar o que fazer! (ROSA, 2017, p. 39, grifo nosso).	- <i>Aïe ! Ils vont nous donner du boulot !</i> (ROSA, 1999, p. 33, grifo nosso).	Locução
43	O burrinho pedrês	- Olha aquela aratanha araca, que às há-de-as! (ROSA, 2017, p. 40, grifo nosso).	- <i>Vise cette vachette tigrée, si elle en veut !</i> (ROSA, 1999, p. 33, grifo nosso).	Locução
44	O burrinho pedrês	Está empurrando os outros, para poder ficar no largo sozinha; não deixa nenhum se encostar. É para curro, vaca roda-saia... (ROSA, 2017, p. 40, grifo nosso).	<i>Elle pousse les autres, pour pouvoir rester seule à l'aise ; elle en laisse pas un s'approcher. C'est ne bagarreuse, une vache vicieuse...</i> (ROSA, 1999, p. 33, grifo nosso).	Locução
45	O burrinho pedrês	já a diaba da vaquinha estava de lá, herege, tomando conta do que a gente queria querer fazer!... (ROSA, 2017, p. 40, grifo nosso).	<i>Et déjà cette foutue vachette était sur nous, c'te mécréante, à surprendre ce qu'on voulait vouloir faire !...</i> (ROSA, 1999, p. 34, grifo nosso).	Locução
46	O burrinho pedrês	Culpa eu tive?... Má sorte do companheiro. Era o dia dele, o meu não era! ... (ROSA, 2017, p. 41, grifo nosso).	<i>La faute à moi ?... La malchance de mon camarade. C'était son jour, pas le mien !...</i> (ROSA, 1999, p. 34, grifo nosso).	Locução
47	O burrinho pedrês	Mas, Virgem! Não viram aquela prenda? E ia como boi de corte? Vigia se é capão ou não... (ROSA, 2017, p. 41, grifo nosso).	<i>Mais, Bonne mère, vous avez pas vu ce morceau de choix ? Et ça allait partir comme bœuf de boucherie ? Regarde s'il est châtré ou non...</i> (ROSA, 1999, p. 35), grifo nosso).	Fórmula Religiosa
48	O burrinho pedrês	- É inteiro... Não, é roncolho. Mas bonito como um bicho de Deus! ... (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	- <i>Il est entier... Non, n'en a qu'une. Mais beau comme un animal de Dieu...</i> (ROSA, 1999, p. 35, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
49	O burrinho pedrês	E vamos, vamos com Deus , minha gente (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	<i>Et partons, que Dieu nous protège, les gars.</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
50	O burrinho pedrês	- Toca, gente! Ligeiro! Faz parede! (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	- <i>En avant les gars ! Vite ! "Faites la haie" !</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	Locução
51	O burrinho pedrês	- Apertem mais, p'ra o gado sair fino, gente! Ajusta, Juca, tu não sabe fazer o gado? Ei, um!... (ROSA, 2017, p. 42)	- <i>Serrez plus, les gars, pour que le bétail sorte petit à petit ! Tiens bien ta place, Juca, tu sais pas "filtrer" le bétail ? Attention, un !...</i> (ROSA, 1999, p. 36, grifo nosso).	Locução

52	O burrinho pedrês	E, ao trompear intercendente do berrante, já ecoam as canções: “O Curvelo vale um conto, Cordisburgo um conto e cem. Mas as Lages não têm preço, Porque lá mora o meu bem...” (ROSA, 2017, p. 42, grifo nosso).	<i>Et, alternant avec les sonneries de trompe, se répondent les chansons : “Curvelo vaut un conte, Cordisburgo un conte et demi. Mais les Lages non pas de prix, Car c’est là qu’habite ma mie...”</i> (ROSA, 1999, p. 37, grifo nosso).	Canção Tradicional
53	O burrinho pedrês	Este eu não vou perder de olho , que ele é boi espirador... (ROSA, 2017, p. 44, grifo nosso).	<i>Çui-là, je vais pas le perdre de vue, c’est un bœuf complètement baque...</i> (ROSA, 1999, p. 38, grifo nosso).	Locução
54	O burrinho pedrês	“Um boi preto, um boi pintado, cada um tem sua cor. Cada coração um jeito de mostrar o seu amor.” (ROSA, 2017, p. 44, grifo nosso).	<i>“Qu’il soit noir ou qu’il soit brun, Chaque bœuf a sa couleur. Chacun montre à sa façon L’amour qu’il porte dans son coeur.”</i> (ROSA, 1999, p. 39, grifo nosso).	Canção Tradicional
55	O burrinho pedrês	“Todo passarinh’ do mato tem seu pio diferente. Cantiga de amor doído não carece ter rompante...” (ROSA, 2017, p. 44, grifo nosso).	<i>“Chaque oiseau de la forêt a son petit air à lui. Pas la peine de hurler quand on aime à la folie...”</i> (ROSA, 1999, p. 39, grifo nosso).	Canção Tradicional
56	O burrinho pedrês	Oh, diabo, você é mestre, e eu querendo ensinar você a fazer trecho... (ROSA, 2017, p. 46, grifo nosso).	<i>Dis donc, t’es un sacré malin, et moi qui voulais t’apprendre à tirer au flanc...</i> (ROSA, 1999, p. 38, grifo nosso).	Locução
57	O burrinho pedrês	Por isso ela estava emperreada, tinha virado bicho-do-mato , correndo atrás de qualquer barulhinho, arremetendo à toa (ROSA, 2017, p. 47, grifo nosso).	<i>Du coup elle était enragée, elle était devenue sauvage, à courir après le moindre petit bruit, à charger à tort et à travers</i> (ROSA, 1999, p. 40, grifo nosso).	Locução
58	O burrinho pedrês	- Ei, gente, olha o pé-d’água! (ROSA, 2017, p. 48, grifo nosso).	- <i>Eh, gars, tu parles d’une saucée !</i> (ROSA, 1999, p. 43, grifo nosso).	Locução
59	O burrinho pedrês	“Chove, chuva, choverá, Santa Clara a clarear Santa Justa há-de justar Santo Antônio manda o sol P’ra enxugar o meu lençol...” (ROSA, 2017, p. 48, grifo nosso).	<i>Il pleut, il pleut, il pleuvra, Sainte Claire nous éclaircira Sainte Justine nous rajustera Saint Antoine, envoie le soleil Chaque jour du matin au soir Pour reessuyer mon mouchoi !...</i> (ROSA, 1999, p. 43, grifo nosso).	Canção Tradicional
60	O burrinho pedrês	- Oh, diabo , custou que melhorou. A gente nem estava podendo tomar fôlego, embaixo desse dilúvio... (ROSA, 2017, p. 48, grifo nosso).	- <i>Ah, diantre, ç’a été dur mais ça va mieux. On pouvait même pas trouver son souffle, sous ce déluge...</i> (ROSA, 1999, p. 43, grifo nosso).	Locução
61	O burrinho pedrês	Aquilo, eu pedia a Deus para mandar ela não vir do meu lado... (ROSA, 2017, p. 48, grifo nosso).	<i>En tout cas, j’ai prié Dieu de lui commander de pas venir de mon côté...</i> (ROSA, 1999, p. 44, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

62	O burrinho pedrês	Naquela hora, nem o capeta não era gente de chegar no guzerá velho-de-guerra. (ROSA, 2017, p. 49)	<i>À ce moment-là, pas même le diable était capable de s'approcher de gujarât briscad</i> (ROSA, 1999, p. 44, grifo nosso).	Locução
63	O burrinho pedrês	Mas, então foi que eu fiquei sabendo que tem também anjo-da-guarda de onça!... (ROSA, 2017, p. 49, grifo nosso).	<i>Mais c'est alors que j'ai su qu'y a aussi un ange gardien pour l'once !...</i> (ROSA, 1999, p. 45, grifo nosso).	Locução
64	O burrinho pedrês	- Virgem! E agaranto que em até de noite ainda sobe mais... A lua não é boa... Ano acabando em seis... (ROSA, 2017, p. 50, grifo nosso).	- Bonne Mère ! Et je te garantis que d'ici ce soir elle va monter encore plus... La lune est pas bonne... Une année en six... (ROSA, 1999, p. 45, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
65	O burrinho pedrês	Estou como ovo depois de dúzia... E o burrinho, também, se ele tivesse morrido trasanteontem, não estava fazendo falta a ninguém! (ROSA, 2017, p. 52, grifo nosso).	<i>Je suis comme le treizième œuf de la douzaine... Et le bourricot, pareil, s'il était mort la veille d'avant-ier, il aurait manqué à personne !</i> (ROSA, 1999, p. 48, grifo nosso).	Locução
66	O burrinho pedrês	- Olho e ouvido, andando por longe, é bom para dono e patrão... (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	- <i>Œil et oreille qui courent bien loin, c'est bon pour le maître et le parton...</i> (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Provérbio
67	O burrinho pedrês	- Há-há, Manico velho! Escuta: "para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha" ... (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	- <i>Ha ha, mon vieux Manico! Écoute : "Pour un veau à peine sevré, toute queue de vache est mamelle !" ...</i> (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Provérbio
68	O burrinho pedrês	Esta vida é engraçada... Galinha, tem de muita cor, mas todo ovo é branco. (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	<i>Cette vie est drôle... Des poules il y en a de toutes les couleurs mais tous les œufs sont blancs</i> (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Provérbio
69	O burrinho pedrês	- Em Deus estando ajudando, é bom, meu compadre seô Major. (ROSA, 2017, p. 53)	- <i>Dieu aidant, c'est bon, mon compère m'sieu le Major.</i> (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
70	O burrinho pedrês	- Também não tomo a reza dos outros, não desfaço na valia deles... (ROSA, 2017, p. 53, grifo nosso).	- <i>Et puis je prends pas les prières des autres, j'entame pas ce qui est à eux.</i> (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso).	Locução
71	O burrinho pedrês	- Põe p'ra lá, marroeiro! (ROSA, 2017, p. 55, grifo nosso).	- <i>Viens-y voir, connard !</i> (ROSA, 1999, p. 51, grifo nosso).	Locução
72	O burrinho pedrês	- Assim, cabrito! Não é só com força, é com jeito, que a gente topa boi! (ROSA, 2017, p. 55, grifo nosso).	- <i>Tiens donc, cabri! Faut non seulement de la force, mais aussi de l'adresse pour piquer un bœuf !</i> (ROSA, 1999, p. 52)	Locução Sertão
73	O burrinho pedrês	- Isto, sim, dou meu pescoço! Em serviço do senhor, carrego pedras, seu Major. (ROSA, 2017, p. 56)	- <i>Ça, c'est sûr, j'accepte le joug ! Pour vous servir, je coltinerai des pierres, m'sieu le Major</i> (ROSA, 1999, p. 53)	Locução

74	O burrinho pedrês	Meu pai, que era vaqueiro mestre, achou que era o dia de experimentar minha força... Dei certo, na regra, graças a Deus... (ROSA, 2017, p. 56, grifo nosso).	<i>Je m'en suis bien sorti, en règle, grâce à Dieu...</i> (ROSA, 1999, p. 5, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
75	O burrinho pedrês	Ele queria ser boiadeiro, queria, por toda-a-lei. (ROSA, 2017, p. 59, grifo nosso).	<i>Il voulait être conducteur, il voulait à toute force</i> (ROSA, 1999, p. 57, grifo nosso).	Locução
76	O burrinho pedrês	- Toda a vida. Na hora de um boi partir na gente, os olhos mudam de jeito e ficam maiores, parecendo que não vão caber mais nos buracos das vistas... (ROSA, 2017, p. 60, grifo nosso).	- Bien sûr. Au moment où un bœuf vous charge, ses yeux changent de forme, ils deviennent plus grands, à croire qu'ils vont plus tenir dans leurs trous... (ROSA, 1999, p. 58, grifo nosso).	Locução
77	O burrinho pedrês	- Não mata o Calundú, pai, pelo amor de Deus! Não quero que ninguém judie com o Calundú!... (ROSA, 2017, p. 61)	<i>Papa, tue pas le Mal-luné, pour l'amour de Dieu ! Je veux pas qu'on maltraite le Mal-luné!...</i> (ROSA, 1999, p. 58, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
78	O burrinho pedrês	Aí eu disse que levava, porque só eu era quem sabia fazer a simpatia do camarará. O senhor conhece? (ROSA, 2017, p. 61, grifo nosso).	<i>Alors j'ai dit que je l'emmènerais, parce que j'étais le seul qui savait faire la "magique" du lantanier. Vous connaissez?</i> (ROSA, 1999, p. 58, grifo nosso).	Locução
79	O burrinho pedrês	Agora, você pode ir, e manda o meu compadre João Manico aqui, para desberganhar de montada com o Francolim... Com Deus, Raymundão! (ROSA, 2017, p. 62, grifo nosso).	<i>Dieu soit avec toi, Gros Raymundo!</i> (ROSA, 1999, p. 61, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
80	O burrinho pedrês	- Às ordens, seu Major (ROSA, 2017, p. 63, grifo nosso).	- <i>À vos ordres, m'sieu le Major</i> (ROSA, 1999, p. 61, grifo nosso).	Fórmula De Cumprimento
81	O burrinho pedrês	- Nem que eu morra em nome da lei, na palavra do senhor, seu Major! (ROSA, 2017, p. 63).	- <i>Plutôt mourir au nom de la loi, selon votre parole, m'sieu le Major !</i> (ROSA, 1999, p. 62, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
82	O burrinho pedrês	- Oi, gente, corta aquela golpe, Badú! (ROSA, 2017, p. 63, grifo nosso).	- Hé, toi, te laisse pas avoir, Badou ! (ROSA, 1999, p. 62, grifo nosso).	Locução
83	O burrinho pedrês	- É para vigiar o Silvino, todo o tempo, que ele quer mesmo matar o Badú e tomar rumo. Agora, eu sei, tenho a certeza. Não perde os dois de olho, Francolim Ferreira! (ROSA, 2017, p. 63, grifo nosso).	- <i>Faut surveiller Silvino, tout le temps, il veut pour de bon tuer Badou et décaniller. maintenant, je sais, j'en suis sûr. perd pas de vue ces deux là, Francolim Ferreira!!</i> (ROSA, 1999, p. 62, grifo nosso).	Locução
84	O burrinho pedrês	Era uma vez, era outra vez, no umbigo do mundo, um burrinho pedrês (ROSA, 2017, p. 64, grifo nosso).	<i>Il était une fois, il était une autre fois, dans l'ombilic du monde, un petit âne jaspé</i> (ROSA, 1999, p. 63)	Pragmatema e Locução

85	O burrinho pedrês	Rio Preto era um negro que não tinha sujeição. No gritar da liberdade o negro deu para valentão... (ROSA, 2017, p. 65, grifo nosso).	<i>Rio était un nègre qui refusait le servage. Au cri de la liberté le nègre a trouvé courage...</i> (ROSA, 1999, p. 64, grifo nosso).	Canção Tradicional
86	O burrinho pedrês	- Deixa de chamar mais chuva , vá-s'embora, Badú! - gritaram, lá de fora. (ROSA, 2017, p. 65, grifo nosso).	- <i>Arrête de faire venir la pluie, on s'en va. Badou ! On criait, du dehors</i> (ROSA, 1999, p. 64, grifo nosso).	Locução
87	O burrinho pedrês	- Que me importa?! É de sua conta? (ROSA, 2017, p. 66, grifo nosso).	- <i>Je m'en fous ! Ça te regarde ?</i> (ROSA, 1999, p. 65, grifo nosso).	Locução
88	O burrinho pedrês	- Nos cornos! Estou cuspindo nessa bobagem! Não quero prosa com gente pirrônica... Vou com paz, mas vou ligeiro, sem conversa! (ROSA, 2017, p. 66, grifo nosso).	- <i>Va te faire foutre ! Je crache sur cette connerie ! Je veux pas de converse avec des pretentiards... Je vais en paix, mais je vais à bonne allure, sans parlote !</i> (ROSA, 1999, p. 65, grifo nosso).	Locução
89	O burrinho pedrês	- Ah, isso não é de pouca-vergonha nenhuma, e eu mesmo sei de mim. Não gosto, não vou mesmo!... (ROSA, 2017, p. 67, grifo nosso).	- <i>Ah, c'est pas du tout un manque de vergogne, et moi je me connais bien. Ça me plaît pas, j'y vais pas !...</i> (ROSA, 1999, p. 66, grifo nosso).	Locução
90	O burrinho pedrês	Faço o meu serviço, pego a estrada da Lagoa, e calço de areia ... O sujeito vem no burrinho sem préstimo, e ele está tonto como negro em Folia-de-Reis ... Cumpro, e caio no mundo . (ROSA, 2017, p. 68, grifo nosso, grifo nosso).	<i>Je fais ce que j'ai à faire, je prends la route de Lagoa, et je mets les bouts... Le gars arrive arrive sur son bourricot tocado, bourré comme un nègre à la fête de l'Épiphanie... Je fais mon devoir et je disparais</i> (ROSA, 1999, p. 67, grifo nosso).	Locução
91	O burrinho pedrês	- E é da sua conta , Francolim?! (ROSA, 2017, p. 68)	- Et ça te regarde, Francolim ? (ROSA, 1999, p. 67)	Locução
92	O burrinho pedrês	- Bem, pelo amor-de-deus vocês parem com isso, que eu não gosto de frojoca com o meu nome no meio! (ROSA, 2017, p. 68, grifo nosso).	- <i>Bon, pour l'amour de Dieu, arrêtez tout ça, moi j'aime pas qu'on fasse du bousin en y mêlant mon nom !</i> (ROSA, 1999, p. 67, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
93	O burrinho pedrês	Mas, para ser bravos, isso eles não estavam doentes, não, que eram só fazendo arrelia e tocaiano para querer matar gente!... (ROSA, 2017, p. 69, grifo nosso).	<i>Mais question d'être agressifs, ils étaient pas malades ça non, ils arrêtaient pas de semer la pagaille et de guetter l'occasion de nous tuer !...</i> (ROSA, 1999, p. 69, grifo nosso).	Locução
94	O burrinho pedrês	Mas, o pior, Deus que me livre dele , foi o menino... o pretinho... (ROSA, 2017, p. 70, grifo nosso).	<i>Mais le pire, Dieu m'en protège, ç'a été le gamin... le noiraud...</i> (ROSA, 1999, p. 69, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

95	O burrinho pedrês	Á pois, o tal pretinho era magrelo, com uns olhos graúdos, com o branco feio de tão branco, que até mesmo, Deus que me perdoe , mas eu acho que alguns pretos têm o branco-dos-olhos assim só para modo de assombrar a gente!... (ROSA, 2017, p. 70, grifo nosso).	<i>Faut vous dire ce noiraud était maigrichon, avec de gros yeux, le blanc vilain tellement il était blanc, à ce point même, Dieu me pardonne, mais je pense qu'y a des Noirs qui ont un pareil blanc-des-yeux rien qu'en guise de vous porter malheur !...</i> (ROSA, 1999, p. 69, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
96	O burrinho pedrês	- Que inferno! (ROSA, 2017, p. 70, grifo nosso).	- <i>Tu parles d'un enfer !</i> (ROSA, 1999, p. 70, grifo nosso).	Locução
97	O burrinho pedrês	E era só seu Saulinho recomendando: - “Abre o olho , meu povo, que eles estão com vontade de voltar!” (ROSA, 2017, p. 70, grifo nosso).	<i>Et il y avait seulement m'sieu Paulinho à recommander : "Faites gaffe, les gars voyez qu'il ont envie de faire demi-tour !" (ROSA, 1999, p. 70, grifo nosso).</i>	Locução
98	O burrinho pedrês	...Afinal, atravessamos um rio grande, e ficamos mais descansados, porque agora decerto que eles iam tomar consolo e dar uma folga ... (ROSA, 2017, p. 71, grifo nosso).	<i>...Finalement, on a traversé un grand fleuve, et on a pu se détendre, parce qu'à partir de là ils allaient sûrement se résginer et nous donner un répit...</i> (ROSA, 1999, p. 71, grifo nosso).	Locução
99	O burrinho pedrês	Mas não tinha manga, nem malhador, nem pasto nenhum fechado, e então tivemos de pôr o gado no encosto ... (ROSA, 2017, p. 71, grifo nosso).	<i>Mais y avait pas de clôture, ni d'ombage, ni de pâtis fermé, et alors on a été obligés de mettre le bétail "en cul-de-sac".</i> (ROSA, 1999, p. 71, grifo nosso).	Locução
100	O burrinho pedrês	... “Ninguém de mim ninguém de mim tem compaixão...” (ROSA, 2017, p. 72, grifo nosso).	<i>...Personne pour moi, personne pour moi n'a de compassion...</i> (ROSA, 1999, p. 72, grifo nosso).	Canção Tradicional
101	O burrinho pedrês	- “Deixa o menino chorar suas mágoas, que o pobre está com a alminha dele entalada na garganta!” ... (ROSA, 2017, p. 72, grifo nosso).	- <i>Laisse le gamin pleurer ses chagrins, le pauvre, il a sa petite âme coincée dans la gorge !</i> (ROSA, 1999, p. 72, grifo nosso).	Locução
102	O burrinho pedrês	Aristides bebeu sua cachaça, que não foi brinquedo, mas ninguém não falou, porque o Aristides se estava com olho-de-choro ... Até eu mesmo (ROSA, 2017, p. 72, grifo nosso).	<i>Aristides a bu sa cachaça, et c'était pas de la rigolade, mais personne a pipé, parce que Aristides avait la larme à l'œil... Même moi</i> (ROSA, 1999, p. 72, grifo nosso).	Locução
103	O burrinho pedrês	E sonhei com uma trovoada medonha, e um gado feio correndo, desembolado, todo doido, e com um menino preto passar cantando, toda a vida, toda a vida , sentado em cima do cachaço de um marruás nambiju!... (ROSA, 2017, p. 73, grifo nosso).	<i>Et j'ai rêvé d'un coup de tonnerre terrible, et d'un affreux bétail qui courait, débandé, complètement fou, et d'un gamin noir qui passait en chantant, à tout va, à tout va, assis sur le garrot d'un marruaz à oreilles jaunes !...</i> (ROSA, 1999, p. 73, grifo nosso).	Locução

104	O burrinho pedrês	Sei lá... Mas - Virgem Santa Mãe de Deus! - acordei, de madrugada, foi com os gritos do patrão (ROSA, 2017, p. 73, grifo nosso).	<i>J'en sais rien... Mais - Sainte mère de Dieu ! - je me suis réveillé, au petit matin, en entendant crier le patron</i> (ROSA, 1999, p. 73, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
105	O burrinho pedrês	E, os que a gente pôde arrebanhar de novo, deram, mal e mal, uma boiadinha chocha, assim de brinquedo, e numa petição-demiséria , que a gente até tinha pena, e dava vontade de se botar a bênção neles e soltar todos no sem-dono! (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	<i>Et ceux qu'on a pu regrouper n'ont donné, tout au plus, qu'un petit troupeau de rien du tout, comme qui dirait un brimborion, dans un état délorable, au point même qu'on en avait pitié et que ça vous donnait envie de leur filer une bénédiction et de les lâcher dans la nature !</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Fórmula
106	O burrinho pedrês	Eram só bois náfegos, vacas descadeiradas, bezerros com torcedura de munheca ou canela partida, garrotes com quebra de palheta ou de anca, o diabo! (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	<i>C'était un ramassis de bœufs bancroches, de vaches traîne-cul, e veaux une cheville tordue ou un tibia cassé, de bouvillons avec une fractures de l'omoplate ou de la hanche. L'enfer, quoi !</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Expressão
107	O burrinho pedrês	Coisa. Deus que diga minha alma salva! ... (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	<i>Drôle d'histoire. Dieu sauve mon âme !...</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
108	O burrinho pedrês	Quem viaja por terras estranhas, vê o que quer e o que não quer! (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	<i>Qui voyage en terres étrangères voit ce qu'il veut et ce qu'il veut pas !</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Provérbio
110	O burrinho pedrês	- Bobagem! É andando que cachorro acha osso. (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	- <i>Dis pas de bêtises, Manico. Les os, c'est en marchant qu'un chien les trouve</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Provérbio
111	O burrinho pedrês	- Não zanga à toa, Manico. Todo gosto é regra. (ROSA, 2017, p. 74, grifo nosso).	- <i>Te fâche pas pour rien, Manico. Chacun son goût, chacun sa règle</i> (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso).	Provérbio
112	O burrinho pedrês	- Tira tua colher do tacho, Francolim! Isto aqui não é hora para palhaçada! (ROSA, 2017, p. 75, grifo nosso).	- <i>En rajoute pas, Francolim ! C'est pas le moment de faire le mariolle !</i> (ROSA, 1999, p. 76, grifo nosso).	Locução
113	O burrinho pedrês	- Veio com o corno cheio ... está bêbado que nem gambá. (ROSA, 2017, p. 76, grifo nosso).	- <i>Il est complètement bourré... Il est plein comme une outre</i> (ROSA, 1999, p. 76, grifo nosso).	Locução
114	O burrinho pedrês	- Tu arrepende essa boca, Francolim! filho de outra ... Desarreganha, sai por embaixo!... Eu vou aonde eu quero!... (ROSA, 2017, p. 76, grifo nosso).	- <i>Ferme ta gueule, Francolim, enfant d'une autre... Arrête de montrer les dents, écrase-toi !... Je vais où je veux !...</i> (ROSA, 1999, p. 76, grifo nosso).	Locução

115	O burrinho pedrês	- Alguma, não! Razão inteira, porque estou representando seu Major, por ordem dele, e meu revólver pode parir cinco filhotes, para mamarem no couro de quem trucar de-falso! (ROSA, 2017, p. 76, grifo nosso).	- <i>Un peu non! Complètement raison, parce que je représente m'sieu le Major, sur son ordre, et mon revolver peut accoucher de cinq petits qui téteront la peau de çui qui voudrait tricher!</i> (ROSA, 1999, p. 77, grifo nosso).	Locução
116	O burrinho pedrês	- Medo não, companheiro, dobra a língua! Estou meio ruim, resfriado, e não posso molhar mais o corpo!... (ROSA, 2017, p. 77, grifo nosso).	- <i>Pas du tout, l'ami, fais gaffe à ce que tu dis ! Je me sens pas très bien, j'ai pris un coup de froid, et mieux vaut que je me mouille pas le corps !...</i> (ROSA, 1999, p. 78, grifo nosso).	Locução
117	O burrinho pedrês	- Ai, meu Deus , que nem beber não posso, que só disse copo e meio em antes, garrafa e meia ao depois!... (ROSA, 2017, p. 78, grifo nosso).	- <i>Ah, mon Dieu, je peux même pas boire. Ah, si seulement j'avais pas dit un verre et demi d'abord, une bouteille et demie plus tard !...</i> (ROSA, 1999, p. 79, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
118	O burrinho pedrês	Contra o dito, sem porquê, bom e melhor que Badú estava como estava, que para córrego cheio mais vale homem muito ébrio, em cima de burro mui lúcido. Progrediam, varando os rolos d'água (ROSA, 2017, p. 78, grifo nosso).	<i>En dépit de ce qu'on dit, sans raison, il était bon et préférable que Badou soit en cet état, car pour un cours d'eau en crue mieux vaut un homme fin soûl sur un petit âne très lucide. Il progressaient, fendant les rouleaux</i> (ROSA, 1999, p. 79, grifo nosso).	Provérbio
119	O burrinho pedrês	- “ São Bento me valha , que aí vem jacarezão, caçando o que comer!” - O mundo trepidava. (ROSA, 2017, p. 78, grifo nosso).	- <i>Saint Benoît, aide-moi ! Que v'là un jacaré qui cherche quoi manger !</i> (ROSA, 1999, p. 79, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
120	O burrinho pedrês	Força de mão , para jogar para lá essa coisama! Paz, que já virou, graç'a Deus , também (ROSA, 2017, p. 78, grifo nosso).	<i>Force de main, pour repousser cette diablerie ! Paix, qu'elle a déjà viré, grâce à Dieu, aussi.</i> (ROSA, 1999, p. 80, grifo nosso).	Locução e Fórmula Religiosa
121	O burrinho pedrês	- “Me molhou todo, rasgou minha roupa, diabo! ... (ROSA, 2017, p. 78, grifo nosso).	- <i>Me v'là trempé. C'te saloperie m'a déchiré les habits, au diable !...</i> (ROSA, 1999, p. 80, grifo nosso).	Locução
122	O burrinho pedrês	O frio aumentou. Estavam no leito primitivo e normal do córrego da Fome. Atravessavam a mãe-do-rio . (ROSA, 2017, p. 79, grifo nosso).	<i>Le froid a redoublé. Ils se trouvaient dans le lit primitif et normal de la rivière de la Faim. Ils traversaient la matrice du Fleuve</i> (ROSA, 1999, p. 81, grifo nosso).	Locução

123	O burrinho pedrês	Lá, acolá, devia haver terríveis cabeças humanas apontando da água, como repolhos de um canteiro, como moscas grudadas no papel-de-cola . (ROSA, 2017, p. 80, grifo nosso).	<i>Là-bas, plus loin, il devait y avoir de terribles têtes humaines, pointant de l'eau comme des choux dans un carré, comme des mouches engluées sur le papier collant</i> (ROSA, 1999, p. 81, grifo nosso).	Locução
124	O burrinho pedrês	Ao fim de um tempo, o cavaleiro acordou. Bradou nomes feios, e começou a cantar um ferra-fogo - dança velha, que os negros tinham de entoar em coro, fazendo de orquestra para o baile dos senhores, no tempo da escravidão. (ROSA, 2017, p. 81, grifo nosso).	<i>Il a braillé des gros mots et s'est mis à chanter un ferra-ferra - une vieille danse que les nègres devaient entonner en chœur, en guise d'orchestre pour le bal des maîtres, du temps de l'esclavage</i> (ROSA, 1999, p. 82, grifo nosso).	Canção Tradicional
125	O burrinho pedrês	Aí, os camaradas que dormiam no paiol grande despertaram com a algazarra, vieram desmontá-lo, e carregaram com ele, para curtir a bebedeira num jirau (ROSA, 2017, p. 81, grifo nosso).	<i>Alors, les journaliers qui dormaient dans la grange, réveillés par tout ce potin, sont venus le descendre de selle et l'ont transporté jusqu'à un grabat, où cuver sa cuite</i> (ROSA, 1999, p. 82, grifo nosso).	Locução
126	Traços Biográficos	“Negra danada, siô, é Maria: ela dá no coice, ela dá na guia, lavando roupa na ventania. Negro danado, siô, é Heitô: de calça branca, de paletó, foi no inferno, mas não entrou!” (Cantiga de batuque, a grande velocidade) (ROSA, 2017, p. 83, grifo nosso).	<i>“Sacrée négresse, m'sieu, la Maria: elle donne du sabot et de la galoche, lavant son linge dans l'ouragan. Sacré noiraud, m'sieu, ce Heitô: Pantalon blanc et paletot, va en enfer sans y entrer !”</i> (Chanson de bastringue, à toute vitesse) (ROSA, 1999, p. 85, grifo nosso).	Canção Tradicional
127	Traços Biográficos	“- Ó seu Bicho-Cabaça!? Viu uma velhinha passar por aí?... - Não vi velha, nem velhinha, corre, corre, cabacinha... Não vi velha nem velhinha! Corre! corre! cabacinha...” (De uma estória.) (ROSA, 2017, p. 83, grifo nosso).	<i>- Ó cher tatou, t'as-vu-ti une petite vieille passer par ici ? J'ai vu ni vieille ni vieillette, cours, cours, petit tatou... J'ai vu ni vieille ni vieillette, cours, cours, petit tatou...”</i> (D'une histoire.) (ROSA, 1999, p. 85, grifo nosso).	Canção Tradicional
128	Traços Biográficos	E isto aqui é um quilômetro da estrada-de-rodagem Belorizonte - São Paulo, em ativos trabalhos de construção. (ROSA, 2017, p. 84, grifo nosso).	<i>Et c'est ici un kilomètre de la route nationale Belo-Horizonte-São Paulo, en pleins travaux de construction.</i> (ROSA, 2017, p. 87, grifo nosso).-	Locução
129	Traços Biográficos	Seu Marra fiscaliza e feitora. De vez em quando, pega também no pesado . Mas não tira os olhos da estrada. (ROSA, 2017, p. 84, grifo nosso, grifo nosso).	<i>M'sieu Marra contôle et supervise. De temps à autr, lui aussi en fiche une rame. Mais il ne quitte pas des yeux</i>	Locução

			<i>la route</i> (ROSA, 2017, p. 87, grifo rosso).	
--	--	--	--	--

130	Traços Biográficos	- Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas , e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!...) (ROSA, 2017, p. 85, grifo nosso).	- <i>Culotté, le noiraud ! Il fait la bringue, dort jusqu'à point d'heure et quand il arrive, il est encore tout gandin et gommeux !...</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Locução
131	Traços Biográficos	- Não se venha! Deixa os outros em paz... (ROSA, 2017, p. 85, grifo nosso).	- <i>La ramène pas ! Laisse les autres en paix...</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Locução
132	Traços Biográficos	- Trabalhar é que não trabalha. Se encosta p'ra cima, e fica contando história e cozinhando o galo... (ROSA, 2017, p. 85, grifo nosso).	- <i>Travailler, pour sûr il travaille pas. Y se planque et tire au flanc à raconter des histoires, façon de tuer le temps...</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Locução
133	Traços Biográficos	- Também, no final, ganha feito todos, porque, os que são mão, dão trela! (ROSA, 2017, p. 85, grifo nosso).	- <i>Et puis, finalement, il a la même paye que les autres, parce que ses copains qui bossent sont de mèche avec lui</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Provérbio
134	Traços Biográficos	- Tu está fagueiro... Dormiu mais do que o catre... (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	- <i>T'as l'air en forme...T'as dormi plus que ton lit...</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Locução
135	Traços Biográficos	- Quem não tem brio engorda! (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	- <i>C'est les feignants qui prennent du lard !</i> (ROSA, 1999, p. 88, grifo nosso).	Provérbio
136	Traços Biográficos	- "P'ra uns, as vacas morrem... p'ra outros até boi pega a parir..." (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	- <i>Y a ceux qui voient mourir leurs vaches... et les autres que même leurs bœufs font des veaux...</i> (ROSA, 1999, p. 88-89, grifo nosso).	Provérbio
137	Traços Biográficos	- Já, já, seu Marrinha. "Quem não trabuca, não manduca"! ... (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	- <i>Tout de suite, tout de suite, m'sieu Marrinha. "Pour boulotter, faut boulonner!"</i> ... (ROSA, 1999, p. 89, grifo nosso).	Provérbio
138	Traços Biográficos	Seu Marra sente-se obrigado a dar as costas. Opor carranca não adianta (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	<i>M'sieu Marra se sent obligé de tourner les talons. Faire la gueule ne sert à rien</i> (ROSA, 1999, p. 89, grifo nosso).	Locução
139	Traços Biográficos	- P'ra que é que você põe tanto braço no braçal? Com menos força e mais de jeito, você faz o mesmo serviço, sem carecer de ficar suando, pé-decouve no chuisco! (ROSA, 2017, p. 86, grifo nosso).	- <i>Pourquoi tu mets tant de bras à l'ouvrage ? Avec moins de force et plus d'adresse, tu fais le même travail, sans avoir besoin de suer comme un chou pommé sous l'averse!</i> (ROSA, 1999, p. 89, grifo nosso).	Locução
140	Traços Biográficos	Foi a espanholada quem mandou você vir bater panela aqui? (ROSA, 2017, p. 88, grifo nosso).	<i>C'est les Epingouins qui t'envoient rouler ton cul par ici ?</i> (ROSA, 1999, p. 91, grifo nosso).	Locução
141	Traços Biográficos	Parece que vê passarinho verde toda-a-hora... Se reveste de bobo! (ROSA, 2017, p. 88, grifo nosso).	<i>On dirait qu'il arrête pas de trouver des trèfles à quatre feuilles...</i> (ROSA, 1999, p. 91, grifo nosso).	Locução

142	Traços Biográficos	- É, mas, seja não: é só esperto, que nem mico-estrela... (ROSA, 2017, p. 88, grifo nosso).	- <i>Ouais, mais c'est pas le cas : il est plutôt malin comme un singe...</i> (ROSA, 1999, p. 91, grifo nosso).	Locução
143	Traços Biográficos	- É, mas, quem tem mulher bonita e nova, deve de trazer debaixo de olho... (ROSA, 2017, p. 88, grifo nosso).	- <i>Ouais, mais çui qui a une femme belle et jeune doit pas la perdre de vue...</i> (ROSA, 1999, p. 92, grifo nosso).	Locução
144	Traços Biográficos	Aposto que vocês nunca viram uma espanhola... Já?... Também, - Lalino ri com cartas - também aqui ninguém não conhece o Rio de Janeiro, conhece?... (ROSA, 2017, p. 89, grifo nosso).	<i>Je parie que vous avz jamais vu une espagnole... Si?... Et d'abord (Lalino est tout content de la donne), en plus personne ici ne connaît Rio de Janeiro, pas vrai?... (ROSA, 1999, p. 92, grifo nosso).</i>	Locução
145	Traços Biográficos	Só vendo, seus mandioqueiros! Cambada de capiaus! ... (ROSA, 2017, p. 89, grifo nosso).	<i>Faut voir ça, bougres de malotrus ! Bande de pedzouilles !...</i> (ROSA, 1999, p. 93, grifo nosso).	Locução
146	Traços Biográficos	E muitas são novas, parecendo até moça-de-família... (ROSA, 2017, p. 89, grifo nosso).	<i>Et beaucoup sont jeunes, qu'on dirait même des jeunes filles de bonne famille...</i> (ROSA, 1999, p. 93, grifo nosso).	Locução
147	Traços Biográficos	- Espera! Espera, homem... Vamos devagar com o terço. Primeiro o “Visconde Sedutor”. (ROSA, 2017, p. 91, grifo nosso).	- <i>Attends ! Attends, mon gars... Doucement, t'emballer pas. D'abord Le Vicomte Séducteur</i> (ROSA, 1999, p. 95, grifo nosso).	Locução
148	Traços Biográficos	- Ora, a gente manda vir umas raparigas daí de perto... - Deus me livre! (ROSA, 2017, p. 91, grifo nosso).	- <i>Ben, on fait venir des putes de environs... - Dieu m'en garde!</i> (ROSA, 1999, p. 95, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
149	Traços Biográficos	E, olhe: um dia é um dia: pode chegar para jantar... No emponto! (ROSA, 2017, p. 92, grifo nosso).	<i>Et écoutez, un jour est un jour: vous pouvez vous pointer pour dîner... À l'heure tapante !</i> (ROSA, 1999, p. 96, grifo nosso).	Locução
150	Traços Biográficos	“ Eu vou ralando o coco, ralando até aqui... Eu vou ralando o coco, morena, o coco do ouricuri! ...” (ROSA, 2017, p. 92-93, grifo nosso).	“ <i>Je râpe, je râpe le coco, je râpe jusqu'ici... Je râpe, je râpe le coco, ma brunette jolie, la noix de l'ouricuri!</i> ” (ROSA, 1999, p. 96-97, grifo nosso).	Canção Tradicional
151	Traços Biográficos	Na manhã depois, vendo que o marido não ia trabalhar, esperou ela o milagre de uma nova lua-de-mel. (ROSA, 2017, p. 93, grifo nosso).	<i>Le matin suivant, voyant que son mari n'allait pas travailler, elle espéra le miracle d'une nouvelle lune de miel</i> (ROSA, 1999, p. 97, grifo nosso).	Locução

152	Traços Biográficos	Não sabe de nada, mas o arcanjo-da-guarda das mulheres está induzindo-a a dar a última investida, está mandando que ela cante, com tristeza na voz, o: “Eu vim de longe, bem de longe, p’ra te ver...” (ROSA, 2017, p. 93, grifo nosso).	<i>Elle ne sait rien, mais l'archange gardien des femmes l'incite à donner le dernier assaut, il lui commande de chanter, avec tristesse dans la voix, le : Je suis venue de loin, de très loin, pour te voir...</i> (ROSA, 1999, p. 98, grifo nosso).	Locução
153	Traços Biográficos	- Adeus, seu Waldemar!... “ Fé em Deus, e... unha no povo! ”... (ROSA, 2017, p. 94, grifo nosso).	- <i>Adieu, m'sieu Waldemar !... "Foi en Dieu et... poignez vilain!..."</i> (ROSA, 1999, p. 95, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
154	Traços Biográficos	(Nada importa. Foi o diabo quem mandou o espanhol aqui... Ele tem muito dinheiro junto, é o que o povo diz) (ROSA, 2017, p. 95, grifo nosso).	<i>(Aucune importance. C'est le diable qui a envoyé l'Espagnol ici... Il s'est mis de côté un bon paquet, à ce qu'on dit)</i> (ROSA, 1999, p. 100, grifo nosso).	Locução
155	Traços Biográficos	- De certo que não. Não seja! (Lalino tem outro acesso de precipitação:) Ixe, já viu sapo não querer a água?! (ROSA, 2017, p. 95, grifo nosso).	- <i>Bien sûr que non. Pas question ! (Lalino a un autre accès de précipitation :) Eh, vous avez déjà vu un crapaud ne pas chercher l'eau ? !</i> (ROSA, 1999, p. 100, grifo nosso).	Locução
156	Traços Biográficos	- Té quando Deus quiser! O dinheiro eu lhe mando, seu Ramiro. (ROSA, 2017, p. 96, grifo nosso).	- <i>Au revoir, si Dieu veut ! L'argent, je vous l'envoie, m'sieu Ramiro</i> (ROSA, 1999, p. 101, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
157	Traços Biográficos	- Vem tomar uma cerveja, seu Miranda. Oi! Que é aquilo, meu-deus? (ROSA, 2017, p. 96, grifo nosso).	- <i>Venez boire une bière, m'sieu Miranda. Hé ! Qu'est-ce que c'est que ça, sacredieu ?</i> (ROSA, 1999, p. 101, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
158	Traços Biográficos	- E, é. Quiser dar o recado, dá. Não quiser, faz de conta. (ROSA, 2017, p. 96, grifo nosso).	- <i>Ouais, c'est ça. Si vous voulez, vous faites la commission. Sinon, c'est du pareil au même</i> (ROSA, 1999, p. 102, grifo nosso).	Locução
159	Traços Biográficos	- Inda está em tempo de ter juízo, seu Laio! O senhor pode merecer um castigo de Deus... (ROSA, 2017, p. 97, grifo nosso).	- <i>Il est encore temps d'être raisonnable, m'sieu Laio ! Vous pouvez encourir un châtement de Dieu...</i> (ROSA, 1999, p. 102, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
160	Traços Biográficos	- Que nada, seu Miranda! Deus está certo comigo, e eu com ele. (ROSA, 2017, p. 97, grifo nosso).	- <i>Jamais de la vie, m'sieu Miranda ! Dieu est d'accord avec moi, et moi avec lui</i> (ROSA, 1999, p. 102, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
161	Traços Biográficos	Eulálio de Souza Salãthiel veio a tomar uma vez o trem das oito e cinquenta e cinco, sem bênçãos e sem matalotagem, e com o bolso do dinheiro defendido por um alfinete-de-mola. (ROSA, 2017, p. 97, grifo nosso).	<i>Eulálio de Souza Salantheil en vnt à prendre une fois le train de 8 h 55, sans bon-voyage et sans victuailles, et avec son argent en poche défendu par une épingle de nourrice</i> (ROSA, 1999, p. 102, grifo nosso).	Locução

162	Traços Biográficos	E que o Ramiro espanhol era um homem de bem, porque estava protegendo a abandonada, evitando que ela caísse na má-vida . (ROSA, 2017, p. 97, grifo nosso).	<i>Et que l'Espagnol Ramiro était un homme de bien, car il protégeait l'abandonnée, lui évitant de tomber dans la mauvaise vie</i> ROSA, 1999, p. 103, grifo nosso).	Locução
163	Traços Biográficos	- Mulatinho indecente! Cachorro lambeu a vergonha da cara dele! (ROSA, 2017, p. 97, grifo nosso).	- <i>L'indécence de ce mulâtre ! Un chien a léché la vergogne de sa figure !</i> (ROSA, 1999, p. 103, grifo nosso).	Locução
164	Traços Biográficos	- Bem, se o senhor dá a conta por liquidada, eu lhe pego da palavra, porque “sal da seca é que engorda o gado!...” (ROSA, 2017, p. 100, grifo nosso).	- <i>Bon, si vous dites que le compte est soldé, je vous prends au mot, parce que " c'est le sel de la sécheresse qui engraisse le bétail !"...</i> (ROSA, 1999, p. 106, grifo nosso).	Locução
165	Traços Biográficos	- Que nada, seu espanhol... Não tenho que dar satisfação a ninguém, tenho?... (ROSA, 2017, p. 100, grifo nosso).	- <i>Alors lá, l'Espagnol... J'ai de comptes à rendre à personne, non ?...</i> (ROSA, 1999, p. 106, grifo nosso).	Locução
166	Traços Biográficos	E agora, outra coisa: eu quero-porque-quero conversar com a Ritinha! (ROSA, 2017, p. 100, grifo nosso).	<i>Et maintenant y a une chose que je veux mon neveu, c'est causer avec Ritinha !</i> (ROSA, 1999, p. 106, grifo nosso).	Locução
167	Traços Biográficos	Mas não lhe aproveita, que ela não o quer ver nem em pinturas! (ROSA, 2017, p. 100, grifo nosso).	<i>Mais ça vous servira à rien, vu qu'elle veut pas vous voir même en peinture!</i> (ROSA, 1999, p. 106, grifo nosso).	Locução
168	Traços Biográficos	- Passe bem, senhor Eulálio. Deus o leve... (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	- <i>Portez-vous bien, señor Eulálio. Dieu vous guide...</i> (ROSA, 1999, p. 107, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
169	Traços Biográficos	Ah, mas tem os outros espanhóis, também... Diabo! (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	<i>Ah, mais y a les autres Espagnols, en plus... Diable !</i> (ROSA, 1999, p. 107, grifo nosso).	Locução
170	Traços Biográficos	É, então vamos ver como é que a abóbora alastra... (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	<i>C'est vrai et on va donc voir comment la courge s'allonge...</i> (ROSA, 1999, p. 107, grifo nosso).	Locução
171	Traços Biográficos	[...] e deixa o tiziu mudar as penas , p'ra depois cantar... (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	<i>[...] et laisser le tiziou changer de plumes, pour ensuite chanter...</i> (ROSA, 1999, p. 107, grifo nosso).	Locução
172	Traços Biográficos	- Bom, pousei no bom: estou vendo que já tem melancias maduras... Roça do Silva da Ponte... Melancia não tem dono!... (ROSA, 2017, p. 101, grifo nosso).	<i>Bon, j'ai halte au bon endroit : je vois qu'y a déjà des pastèques mûres... C'est une terre de Silva da Ponte... Un pastèque n'a pas de propriétaire !...</i> (ROSA, 1999, p.107, grifo nosso).	Provérbio
173	Traços Biográficos	“Eu estou triste como sapo na lagoa...” Não, a cantiga é outra, com toada rida: “Eu estou triste, como o sapo na água suja...” (ROSA, 2017, p. 102, grifo nosso).	<i>"Je suis triste comme un crapaud dans le lac..."</i> Non, la chanson dit autre chose, sur un air rigolo : <i>“Je suis triste, comme le crapaud dans l'eau sale...”</i> (ROSA, 1999, p. 109, grifo nosso).	Canção Tradicional

174	Traços Biográficos	- “Terra com sede, criação com fome” , seu Oscar... (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	- <i>“La terre a soif, les bêtes ont faim”, m'sieu Oscar...</i> (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Provérbio
175	Traços Biográficos	- Só o que não volta é dinheiro queimado , seu Oscar! (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	- <i>Y a que l'argent brûlé qui revient pas, m'sieu Oscar...</i> (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Provérbio
176	Traços Biográficos	- Enquanto um está vivendo, tem o seu lugar (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	- <i>Tant qu'on est en vie, on a sa place</i> (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Ditado
177	Traços Biográficos	Malfeito! Isso é ter sangue de barata... Seja homem! (ROSA, 2017, p. 103, grifo nosso).	<i>T'as tord ! C'est avoir du sang de cancrelat... Sois un homme !</i> (ROSA, 1999, p. 110, grifo nosso).	Locução
178	Traços Biográficos	Mas, o senhor repare: se eu for agora lá, derrubo cinza no mingau! (ROSA, 2017, p. 104, grifo nosso).	<i>Mais, imagines : si je vais là-bas, ce sera verser de la cendre dans la soupe!</i> (ROSA, 1999, p. 111, grifo nosso).	Locução
179	Traços Biográficos	A Ritinha, uma hora destas, há-de estar me esconjurando, querendo me ver atrás de morro... (ROSA, 2017, p. 104, grifo nosso).	<i>Ritinha, à un moment pareil, sûrement qu'elle veut me voir de l'autre côté de la colline...</i> (ROSA, 1999, p. 111, grifo nosso).	Locução
180	Traços Biográficos	- E você fica aí, de papo p'ra riba? (ROSA, 2017, p. 104, grifo nosso).	- <i>Et tu restes là, le menton en l'air ?</i> (ROSA, 1999, p. 111, grifo nosso).	Locução
181	Traços Biográficos	- Cruz-credo! seu Laio. (ROSA, 2017, p. 104)	- <i>Parle pas de malheur, Laio.</i> (ROSA, 1999, p. 111, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
182	Traços Biográficos	Já estou vendo a gente ganhando no fim da mão! (ROSA, 2017, p. 105, grifo nosso).	<i>Je nous vois déjà remporter la mise !</i> (ROSA, 1999, p. 112, grifo nosso).	Locução
183	Traços Biográficos	- Não pega fogo , seu Laio. Vou indo... (ROSA, 2017, p. 105, grifo nosso).	- <i>Pends pas feu, Laio. Bon, je m'en vas</i> (ROSA, 1999, p. 111, grifo nosso).	Locução
184	Traços Biográficos	Esse “mudando de conversa”, com o Major Anacleto, era tiro e queda: (ROSA, 2017, p. 106, grifo nosso).	<i>Ce "pour changer de sujet" avec le Major Anacleto, c'était taper dans le mille</i> (ROSA, 1999, p. 113, grifo nosso).	Locução
185	Traços Biográficos	E ele nunca dava nem um dedo a torcer (ROSA, 2017, p. 106, grifo nosso).	<i>Et lui, il ne se laissait jamais prendre le petit doigt.</i> (ROSA, 1999, p. 113, grifo nosso).	Locução
186	Traços Biográficos	Tio Laudônio “chorou na barriga da mãe” e, como natural consequência, é compadre das coisas, enxerga no escuro, sabe de que lado vem a chuva, e escuta o capim crescer (ROSA, 2017, p. 106, grifo nosso).	<i>Oncle Laudônio "a pleuré dans le ventre de sa mère" et, par voie de naturelle conséquence, il est en cheville avec l'occulte, voit dans le noir, sait de quel côté vient la pluie et entend l'herbe pousser</i> (ROSA, 1999, p. 114, grifo nosso).	Locução
187	Traços Biográficos	- Um mulato desses pode valer ouros... (ROSA, 2017, p. 106, grifo nosso).	- <i>Un mulâtre de cet acabit peut valoir son pesant...</i> (ROSA, 1999, p. 114, grifo nosso).	Locução

188	Traços Biográficos	[...] que estão virando casaca p'ra o lado de seu Benigno, (ROSA, 2017, p. 108)	[...] <i>qui sont en tran de retourner leur veste du côté de m'sieu Benigno</i> (ROSA, 1999, p. 115)	Locução
189	Traços Biográficos	Por deus-do-céu , como isto tudo que eu lhe contei é a verdade!... (ROSA, 2017, p. 108, grifo nosso).	<i>Par dieu du ciel, tout ce que je vous ai raconté, est la vérité, et comment!</i> ... (ROSA, 1999, p. 116, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
190	Traços Biográficos	Durou o prazo de se capar um gato (ROSA, 2017, p. 108, grifo nosso).	<i>Qui dura le temps de châtrer un chat</i> (ROSA, 1999, p. 116, grifo nosso).	Locução
191	Traços Biográficos	Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo , seu Major! (ROSA, 2017, p. 109, grifo nosso).	<i>Loué soit Notre-Seigneur Jésus-Christ, m'sieu le Major !</i> (ROSA, 1999, p. 117, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
192	Traços Biográficos	E tudo o mais, com a graça de Deus , foi correndo bem (ROSA, 2017, p. 109, grifo nosso).	<i>Et tout le reste, par la grâce de Dieu, se passa bien</i> (ROSA, 1999, p. 117, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
193	Traços Biográficos	- Com a Virgem me amparo , seu Vigário! (ROSA, 2017, p. 110, grifo nosso).	- <i>La Vierge est mon recours, monsieur le curé !</i> (ROSA, 1999, p. 117, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
194	Traços Biográficos	Aí, foi o diabo . Major Anacleto ficou peru, de tanta raiva. Então, o Lalino, andando com o filho do adversário, e indo os dois para a Boa Vista, um dos focos da oposição? (ROSA, 2017, p. 111, grifo nosso).	<i>Alors, un pétard du diable. Le Major Anacleto, rouge dindo, tellement il était en rage</i> (ROSA, 1999, p. 119, grifo nosso).	Locução
195	Traços Biográficos	Tu vendeu a mulher, é capaz de vender até hóstias de Deus, seu filho de uma! (ROSA, 2017, p. 111, grifo nosso).	<i>Tu as vendu ta femme, tu es capable de vendre les hosties de Dieu, enfant de putain!</i> (ROSA, 2017, p. 119, grifo nosso).	Locução
196	Traços Biográficos	[...] começando por seu Cesário, vai virar mãe-benta para votar em nós... (ROSA, 2017, p. 111, grifo nosso).	[...] <i>à commencer par m'sieu Cesário, ça sera du gâteau les faire voter pour nous...</i> (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	Locução
197	Traços Biográficos	- Seu Major, só se aqueles estrangeiros acham que a gente dar viva ao Brasil é mexer com eles . (ROSA, 2017, p. 111, grifo nosso).	- <i>M'sieu le Major, y a que ces étrangers pour croire que crier "Vive le Brésil" c'est leur chercher des poux.</i> (ROSA, 1999, p. 120, grifo nosso).	Locução
198	Traços Biográficos	- Deixe de querer se fazer! (ROSA, 2017, p. 112, grifo nosso).	- <i>Arrêtez de jouer les flambards !</i> (ROSA, 1999, p. 120, grifo nosso).	Locução
199	Traços Biográficos	As mulheres chorando, rezando, o diabo! ... Depois sosseguei todos, e eles prometeram ficar com o senhor, direitinho, p'ra votar e tudo!... (ROSA, 2017, p. 112, grifo nosso).	<i>Les femmes pleuraient, priaient, un vrai cirque !</i> ... (ROSA, 1999, p. 120, grifo nosso).	Locução
200	Traços Biográficos	- Depois, fui dar uma chegada lá no Mucambo, e, com a ajuda de Deus , acabei com a questão que o seu Benigno tinha atijado... (ROSA, 2017, p. 112, grifo nosso).	- <i>Ensuite j'ai été faire un tour à Moucambo et, Dieu aidant, j'en ai fini avec cette histoire que Benigno avait commencé à assister...</i> (ROSA, 1999, p. 121, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

201	Traços Biográficos	Quando falei nos impostos, então, Virgem! (ROSA, 2017, p. 113, grifo nosso).	<i>Quand j'ai parlé des impôts, alors, Bonne mère !</i> (ROSA, 1999, p. 121, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
202	Traços Biográficos	Então, resolveram partir a razão no meio. Ajudei os dois a fazerem as pazes... (ROSA, 2017, p. 113)	Alors ils ont décidé e couper la poire en deux. Je les ai aidés à faire la paix... (ROSA, 1999, p. 121)	Locução
203	Traços Biográficos	E, vai então pois então , Lalino teve um momento de fraqueza, e pediu a seu Oscar que procurasse a Ritinha e falasse, e dissesse, mas não dissesse isso, e calasse aquilo, mas dando a entender que... (ROSA, 2017, p. 114, grifo nosso).	<i>Or, une chose poussant l'autre, Lalino eut un moment de faiblesse et demanda à m'sieu Oscar d'aller voir Ritinha, et de lui parler, et de lui dire que, mais sans lui dire ceci et en taisant cela, mais tout en faisant comprendre que...</i> (ROSA, 1999, p. 121, grifo nosso).	Locução
204	Traços Biográficos	Seu Oscar era jogador de truque e sabia que "a primeira é a que vai à missa!" Assim, achou que estava na hora de não perder a vaza , e disse: (ROSA, 2017, p. 114, grifo nosso).	<i>M'sieu Oscar était joueur de truque et il savait que c'est "l'attaque qui sauve la mise". Aussi jugea-t-il que c'était le moment de ne pas perdre la levée</i> (ROSA, 1999, p. 123, grifo nosso).	Ditado e Locução
205	Traços Biográficos	Porque eu cá tenho sentimento! Nem vestido de santo , não quero ver! (ROSA, 2017, p. 114, grifo nosso).	<i>Il a très bien fait. Parce que moi, j'ai du sentiment ! Même habillé en saint, je veux pas le voir !</i> (ROSA, 1999, p. 124, grifo nosso).	Locução
206	Traços Biográficos	- Pode tirar o cavalo da chuva , seu Laio! (ROSA, 2017, p. 115)	- Tu peux déteiler , Laïo ! (ROSA, 1999, p. 125)	Locução
207	Traços Biográficos	Seu Oscar foi de focinho (ROSA, 2017, p. 116, grifo nosso).	M'sieu Oscar se garda de tergiverser (ROSA, 1999, p. 125, grifo nosso).	Locução
208	Traços Biográficos	- Pois não foi? Se o Compadre Vieira não abrir os olhos , com o pessoal das Sete-Serras (ROSA, 2017, p. 116, grifo nosso).	<i>Si mon compère Vieira n'avait pas eu l'œil, avec les gens de Sete-Serras</i> (ROSA, 1999, p. 126, grifo nosso).	Locução
209	Traços Biográficos	nós ficamos é no mato sem cachorro... (ROSA, 2017, p. 116)	on se serait fait avoir (ROSA, 1999, p. 126)	Locução
210	Traços Biográficos	- Não senhor, seu Major meu padrinho... Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo... (ROSA, 2017, p. 116, grifo nosso).	- <i>Non, monsieur le Major mon parrain. Loué soit Notre- Seigneur Jésus-Christ...</i> (ROSA, 1999, p. 126, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
211	Traços Biográficos	- Foi porque o filho do seu Benigno, o Nico..., que desonrou , com perdão da palavra, seu Major meu padrinho... que desonrou a filha mais nova do seu Cesário... (ROSA, 2017, p. 117, grifo nosso).	- <i>Ça été parce que le fils de m'sieu Benigno, le Nico... il a déshonoré, sauf votre respect, m'sieu le Major mon parrain... il a déshonoré la benjamine de m'sieu Cesário</i> (ROSA, 1999, p. 126, grifo nosso).	Locução

212	Traços Biográficos	Pois foi p'ra isso que eu levei o Nico na Boa Vista, ensinando o rapaz a cantar serenata e botar flor , e ajeitando o namoro com a Gininha! (ROSA, 2017, p. 117, grifo nosso).	<i>C'est pour ça que j'ai emmené le Nico à Boa Vista, que j'ai appris à ce garçon à chanter des sérénades et à conter fleurette et que j'ai arrangé son béguin avec Gininha!</i> (ROSA, 1999, p. 127, grifo nosso).	Locução
213	Traços Biográficos	- Só quero servir o senhor, seu Major! Com chefe bom, a gente chega longe! (ROSA, 2017, p. 117, grifo nosso).	- <i>Je veux seulement vous servir, m'sieu le Major ! Avec un bon chef, on va loin!</i> (ROSA, 1999, p. 127, grifo nosso).	Provérbio
214	Traços Biográficos	- Pau neles , isto sim, que era bom! (ROSA, 2017, p. 118, grifo nosso).	- <i>Il faudrait leur taper dessus, voilà, oui !</i> (ROSA, 1999, p. 128, grifo nosso).	Locução
215	Traços Biográficos	- Diabo! Vocês, também, não deixam nada para eu pensar!... (ROSA, 2017, p. 119, grifo nosso).	- <i>Diable ! Vous autres, aussi, vous ne me laissez rien à penser !...</i> (ROSA, 1999, p. 129, grifo nosso).	Locução
216	Traços Biográficos	Pela Virgem Santíssima , não me largue na mão dele, seu Majorzinho nosso! (ROSA, 2017, p. 119, grifo nosso).	<i>Par la Très Sainte Vierge, me remettez pas dans ses pattes, m'sieu notre bon Major !</i> (ROSA, 1999, p. 130, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
217	Traços Biográficos	Foi só falta de juízo dele, porque no fundo ele é bom... Mas, que diabo! O espanhol é boa pessoa... (ROSA, 2017, p. 119, grifo nosso).	<i>Il a simplement manqué de jugeote,-parce que dans le fond il est bon... Mais, que diable! L'Espagnol est un type bien...</i> (ROSA, 1999, p. 130, grifo nosso).	Locução
218	Traços Biográficos	[...] no botequim velho que foi cia empresa, com outros companheiros, fazendo sinagoga . (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	<i>[...] à la vieille buvette de l'entreprise, avec des copains, en pleine rigolade</i> (ROSA, 1999, p. 130, grifo nosso).	Locução
219	Traços Biográficos	- Ra-ch'ou-parta! diabo dos infernos! Maldito! Referido! (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	- <i>Mille pétards ! Diable des enfers ! Maudit ! Renégat !</i> (ROSA, 1999, p. 130, grifo nosso).	Locução
220	Traços Biográficos	Cachorro! Agora vai dar tudo com os burros n'água , só por causa daquele cafajeste! (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	<i>Le chien ! Maintenant tout va foirer, rien qu'à cause de ce guignol!</i> (ROSA, 1999, p. 131, grifo nosso).	Locução
221	Traços Biográficos	- Calma, mano Anacleto... A gente não deve de esperdiçar choro em-antes de ver o defunto morrer... (ROSA, 2017, p. 120, grifo nosso).	- <i>Du calme, Anacleto.... On ne doit pas gaspiller ses larmes avant de voir mourir le défunt</i> (ROSA, 1999, p. 131, grifo nosso).	Provérbio
222	Traços Biográficos	Entrar nesta cafua, que menos merece e mais recebe... (ROSA, 2017, p. 121, grifo nosso).	<i>Entrez dans cette mesure, qui mérite si peu et reçoit tant...</i> (ROSA, 1999, p. 132, grifo nosso).	Provérbio
223	Traços Biográficos	Olhem: amanhã cedo vocês vão lá nos espanhóis, e mandem aqueles tomarem rumo! (ROSA, 2017, p. 122, grifo nosso).	<i>Écoutez : demain de bonne heure, vous allez chez les Espagnols et vous leur commandez d'aller se faire voir ailleurs !</i> (ROSA, 1999, p. 134, grifo nosso).	Locução

224	Traços Biográficos	E os bate-paus abandonam o foguinho do pátio, e, contentíssimos, porque de há muito tempo têm estado inativos, fazem coro: “Pau! Pau! Pau! Pau dejacarandá!... Depois do cabra na unha, quero ver quem vem tomar!...” (ROSA, 2017, p. 122, grifo nosso).	Et les hommes de main abandonnent le petit feu de la cour, très contents, parce que cela fait bien longtemps qu'ils sont inactifs, et en chœur : “Un coup ! Deux coups ! Trois coups ! De bambou ! de bambou !... Après le croquant débusqué, Je veux voir qui va déguster...” (ROSA, 1999, p. 134, grifo nosso).	Canção Tradicional
225	Traços Biográficos	- Olha, Estêvam: se a espanholada miar, mete a lenha! (ROSA, 2017, p. 123, grifo nosso).	- <i>Écoute, Estêvam : si les Espingos renaudent, vous cognez !</i> (ROSA, 1999, p. 134, grifo nosso).	Locução
226	Traços Biográficos	- E, pronto: se algum quiser resistir, berrem fogo! (ROSA, 2017, p. 123, grifo nosso).	- <i>Et, pas de problème : s'il y en a un qui veut résister, feu à volonté !</i> (ROSA, 1999, p. 135, grifo nosso).	Locução
227	Sarapalha	“Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai... Não cantes fora de hora, ai, ai, ai... A barra do dia aí vem, ai, ai, ai... Coitado de quem namora!...” (O trecho mais alegre, da cantiga mais alegre, de um capiau beira-rio.) (ROSA, 2017, p. 125, grifo nosso).	<i>Chant', chant', mon petit canari, là Là là... Ne chante pas à contretemps, là là là... Le jour bientôt va se lever, là là là... Plaignez les pauvres amoureux !... (Passage le plus gai de la chanson la plus gaie d'un croquant riverain)</i> (ROSA, 1999, p. 137, grifo nosso).	Canção Tradicional
228	Sarapalha	- Talvez que até aqui ela não chegue... Deus há-de... (ROSA, 2017, p. 125, grifo nosso).	- <i>Peut-être qu'elle viendra pas jusqu'ici... Si Dieu veut...</i> (ROSA, 1999, p. 137, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
229	Sarapalha	Aí a beldroega, em carreirinha indiscreta - ora-pro-nobis! ora-pro-nobis! - apontou caules ruivos no baixo das cercas hortas, e, talo a talo, avançou. (ROSA, 2017, p. 126, grifo nosso).	<i>Alors, le pourpier, à petits pas indiscrets - ora-pro-nobis ! ora-pro-nobis ! - a pointé des tiges vermeilles sous les clôtures des potagers et, pousse par pousse, a avancé</i> (ROSA, 1999, p. 138, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
230	Sarapalha	Porque, faz muito tempo, entra ano e sai ano , toda manhã assim. (ROSA, 2017, p. 128, grifo nosso).	<i>Car, depuis bien longtemps, année après année, c'est ainsi chaque matin</i> (ROSA, 1999, p. 140, grifo nosso).	Locução
231	Sarapalha	Vão assaltar a rocinha; mas, antes, piam e contrapiam, ameaçando um hipotético semeador: - Finca,fin-ca, qu'eu 'ranco! qu'eu 'ranco!.. (ROSA, 2017, p. 130, grifo nosso).	<i>Ils vont attaquer le lopin planté ; mais, au préalable, ils piaillent et contrepiaillent, menaçant un hypothétique semeur: - Plante, plan-plan-plante, que moi j arra ! j arra”! j arrache !..</i> (ROSA, 1999, p. 143, grifo nosso).	Canção Tradicional

232	Sarapalha	- Pois então, olha: quando for a minha hora , você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mas é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... (ROSA, 2017, p. 130, grifo nosso).	- <i>Eh bien, écoute : quand ce sera mon heure, me laisse pas conduire au village</i> (ROSA, 1999, p. 144, grifo nosso).	Locução
233	Sarapalha	- Deus me livre e guarde , Primo Ribeiro..., O senhor ainda vai durar mais do que eu (ROSA, 2017, p. 131, grifo nosso).	- <i>Dieu nous préserve, cousin Ribeiro. Vous allez durer bien plus que moi</i> (ROSA, 1999, p. 144, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
234	Sarapalha	- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há de querer , eu prometo (ROSA, 2017, p. 131, grifo nosso).	- <i>Eh bien, si jamais ça devait se passer comme à Dieu ne plaise, je promets</i> (ROSA, 1999, p. 144, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
235	Sarapalha	- Deus lhe ajude , Primo Argemiro. (ROSA, 2017, p. 131, grifo nosso).	- <i>Dieu te vienne en aide, cousin Argemiro</i> (ROSA, 1999, p. 144, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
236	Sarapalha	- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... (ROSA, 2017, p. 131, grifo nosso).	- <i>Valait mieux qu'il parte. Tout doit arriver et s'en aller de nouveau...</i> (ROSA, 1999, p. 145, grifo nosso).	Provérbio
237	Sarapalha	Falou: - “Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se mudar daqui... Mas andem depressa, pelo amor de Deus! ”... (ROSA, 2017, p. 132, grifo nosso).	<i>Il a dit: “Ça ne sert à rien de prendre le remède, puisque le moustique n'arrête pas de piquer... Vous devez tous déménager d'ici... Mais dépêchez-vous de partir, pour l'amour de Dieu!</i> (ROSA, 1999, p. 145, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
238	Sarapalha	Mas Deus ajudou , tirando-lhe a coragem... (ROSA, 2017, p. 135, grifo nosso).	<i>Mais Dieu l'avait aidé, en lui ôtant le courage</i> (ROSA, 1999, p. 149, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
239	Sarapalha	Deus que livre a gente desses maus pensamentos!... (ROSA, 2017, p. 136, grifo nosso).	<i>Dieu, délivrez-moi de ces mauvaises pensées !...</i> (ROSA, 1999, p. 151, grifo nosso). - <i>Pourquoi faut-il qu'y ait des femmes en ce monde, mon Dieu ? !...</i>	Fórmula Religiosa
240	Sarapalha	- P'ra que é que há-de haver mulher no mundo, meu Deus?!... (ROSA, 2017, p. 136, grifo nosso, grifo nosso).	- <i>Pourquoi faut-il qu'y ait des femmes en ce monde, mon Dieu ? !...</i> (ROSA, 1999, p. 151, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
241	Sarapalha	Tem de ter tento na cabeça e de subjugar a doideira, e sofre o demônio , por via disso. (ROSA, 2017, p. 137, grifo nosso).	<i>Il lui faut faire un effort dans sa tête et subjuguier la folie, et il souffre l'enfer, de ce fait</i> (ROSA, 1999, p. 151, grifo nosso).	Locução
242	Sarapalha	Parece que ele engordou, de repente. Inchaço. E está pegando fogo... (ROSA, 2017, p. 137, grifo nosso).	<i>On dirait qu'il a grossi, tout à coup. Bouffi. Et il prend feu.</i> (ROSA, 1999, p. 151)	Locução
243	Sarapalha	Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... (ROSA, 2017, p. 137, grifo nosso).	<i>Alors le beau jeune homme apparut, habillé en costume du dimanche et avec une guitare ornée de rubans</i> (ROSA, 1999, p. 152, grifo nosso).	Locução

244	Sarapalha	[...] e começou a cantar: - “Eu vou rodando rio-abaxo, Sinhá... Eu vou rodando rio-abaxo, Sinhá...” (ROSA, 2017, p. 138, grifo nosso).	[...] <i>Je roule roule Dame, vers l'aval... Je roule roule Dame, vers l'aval</i> (ROSA, 1999, p. 153, grifo nosso).	Canção Tradicional
245	Sarapalha	[...] ou se morreu de medo... ou fez o sinal-da-cruz ... (ROSA, 2017, p. 138, grifo nosso).	[...] ou si elle est morte de peur... ou si elle a fait le signe de croix ... (ROSA, 1999, p. 153, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
246	Sarapalha	- Deus lhe pague , Primo. (ROSA, 2017, p. 139, grifo nosso).	- <i>Dieu te le rende, cousin.</i> (ROSA, 1999, p. 154, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
247	Sarapalha	- Não teve nada, Primo!... Juro!... Por esta luz! ... Nem ela nunca ficou sabendo... Por alma de minha mãe! (ROSA, 2017, p. 140, grifo nosso).	- <i>Il s'est rien passé, cousin !... Je le jure! Par le Ciel!.. Et elle en a jamais rien su... Sur l'âme de ma mère!</i> (ROSA, 1999, p. 154, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
248	Sarapalha	- O senhor está variando... Escuta! Me escuta, pelo amor de Deus ... (ROSA, 2017, p. 140, grifo nosso).	- <i>Vous délirez... Écoutez ! Écoutez-moi, pour l'amour de Dieu</i> (ROSA, 1999, p. 155, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
249	Sarapalha	E ele, Argemiro, terá de respeitar Primo Ribeiro, que é o marido em nome de Deus ... (ROSA, 2017, p. 142, grifo nosso).	<i>Et lui, Argemiro, devra respecter cousin Ribeiro, qui est le mari devant Dieu</i> (ROSA, 1999, p. 157, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
250	Sarapalha	Nunca mais? Nunca mais... Ai, meu Deus! por mim era mui to melhor não ter céu nenhum... (ROSA, 2017, p. 142, grifo nosso).	<i>Jamais plus ? Jamais plus... Ah, mon Dieu, pour moi ce serait bien préférable qu'y ait pas de ciel du tout...</i> (ROSA, 1999, p. 157, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
251	Sarapalha	[...] A primeira vez que Argemiro dos Anjos viu Luisinha, foi numa manhã de dia-de-festa-de-santo (ROSA, 2017, p. 142, grifo nosso).	[...] <i>La première fois qu'Argemiro dos Anjos a vu Luisinha, c'était un matin de fête votive</i> (ROSA, 1999, p. 158, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
252	Sarapalha	- Mas, meu Deus , como isto é bonito! Que lugar bonito p'r'a gente deitar no chão e se acabar!... (ROSA, 2017, p. 142, grifo nosso).	<i>Mais, mon Dieu, comme tout cela est beau! Quel bel endroit pour se coucher par terre et finir !...</i> (ROSA, 1999, p. 158, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
253	Sarapalha	E grita a piranha cor de palha, Irritadíssima: - Tenho dentes de navalha, e com um pulo de ida-e-volta resolvo a questão Exagero... - diz a arraia - eu durmo na areia, de ferrão a prumo, e sempre há um descuidoso que vem se espetar. Pois, amigas, murmura o gimnoto, mole, carregando a bateria nem quero pensar no assunto: se eu soltar três pensamentos elétricos, bate-poço, poço em volta, até vocês duas boiarão mortas... (Conversa a dois metros de	<i>Et le piranha couleur paille de crier fort-en colère :</i> - <i>J'ai des dents de cisaille et d'un saut aller-retour je règle le problème !..</i> - <i>Tu te vantes..., dit la raie. Moi je dors dans le sable, l'épine à la verticale, et y à toujours un étourdi qui passe et s'y empale.</i> - <i>Eh bien, mes amis, murmure le gymnote, tout mou, chargeant sa batterie, je veux même pas y son-ger : si j'émetts trois pensées électriques, zim par-ci, boum par-là et tous les deux</i>	Canção Tradicional

		profundidade) (ROSA, 2017, p. 143, grifo nosso).	<i>mortibus la panse en l'air on vous verra</i> (ROSA, 1999, p. 159, grifo nosso).	
254	Sarapalha	Impossível negar a existência do papo: mas papo pequeno, discreto, bilobado e pouco móvel - para cima, para baixo, para os lados - e não o escandaloso “ papo de mola, quando anda pede esmola ”... (ROSA, 2017, p. 144, grifo nosso).	<i>Impossible de nier l'existence du goitre : à vrai dire un petit poitre, discret, bilobé et à peine mobile - vers le haut, vers le bas, à gauche, à droite - , et non le scandaleux “goitre à ressort qui mendie quand on le sort ...”</i> (ROSA, 1999, p. 159, grifo nosso).	Provérbio
255	Sarapalha	Turíbio Todo dali se afastou mais macio ainda do que tinha chegado, e foi cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria . (ROSA, 2017, p. 145, grifo nosso).	<i>Turíbio Toutim dégagea du lieu encore plus en douceur qu'il n'y était arrivé, et s'en fut mijoter sa haine blanche dans une casserole d'eau froide</i> (ROSA, 1999, p. 162, grifo nosso).	Locução
256	Sarapalha	Agora tinha de cair no mundo e passar algum tempo longe, e tudo estaria muito bem, (ROSA, 2017, p. 146, grifo nosso).]	<i>Maintenant il devait se perdre dans le vaste monde et passer un certain temps au loin, et tout serait très bien</i> (ROSA, 1999, p. 162, grifo nosso).	Locução
257	Sarapalha	No meio do caminho a gente topa, e quem puder mais é que vai ter razão ... (ROSA, 2017, p. 147, grifo nosso).	<i>À mi-chemin on se rencontre, et c'est le plus fort qui aura raison...</i> (ROSA, 1999, p. 164, grifo nosso).	Provérbio
258	Sarapalha	Contudo, sabendo que as notícias sempre chegam primeiro do que a gente de bem , achava razoável dar às coisas uma demão (ROSA, 2017, p. 147, grifo nosso).	<i>Toutefois, sachant que les nouvelles arrivent toujours avant les gens de bien, il jugeait raisonnable de donner à cette affaire une retouche</i> (ROSA, 1999, p. 164, grifo nosso).	Provérbio
259	Sarapalha	[...] e bastara-lhe um dia de repouso, para compreender que estava num fundo-de-saco , pois que aquele lugarejo era a boca do sertão. (ROSA, 2017, p. 148, grifo nosso).	<i>[...] et un jour de repos lui avait suffi pour comprendre qu'il se trouvait dans un cul-de-sac, car ce bled était l'orée du sertão</i> (ROSA, 1999, p. 165, grifo nosso).	Locução
260	Sarapalha	[...] aí houve que foi onde Cassiano tinha descalculado, mancando a traça e falseando a mão (ROSA, 2017, p. 148, grifo nosso).	<i>[...] justement l'endroit que Cassiano avait mécalculé, déjouant ainsi le plan et faussant la donne</i> (ROSA, 1999, p. 165, grifo nosso).	Locução
261	Sarapalha	- Não há como um papudo para se sair bem de uma tocaia, todos dizem [...] (ROSA, 2017, p. 148)	- <i>Nul ne vaut un goitreux pour réchapper d'un affût, tout le monde le dit</i> - (ROSA, 1999, p. 165, grifo nosso).	Provérbio
262	Sarapalha	- Por esta luz! ... Pois será que você já não tem mais confiança nem em mim?! (ROSA, 2017, p. 151, grifo nosso).	- <i>Qu'on me crève les yeux ! C'est-y possible que t'aies plus confiance, même pas en moi ? !</i> (ROSA, 1999, p. 168, grifo nosso).	Locução

263	Sarapalha	- Pois, olha: eu, afora o papo, tenho muita saúde, graças a Deus... (ROSA, 2017, p. 151, grifo nosso).	- <i>Eh bien voilà : moi, à part mon goitre, j'ai une très bonne santé, grâce à Dieu</i> (ROSA, 1999, p. 168, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
264	Sarapalha	E, virando-se para trás, insultou a visão invisível do inimigo: - “Pega à unha, João-da-cunha!..” (ROSA, 2017, p. 151, grifo nosso).	<i>Et, se retournant, il insulta la vision invisible de son ennemi:</i> - <i>Cramponne-toi, João-putois !</i> (ROSA, 1999, p. 169, grifo nosso).	Insulta
265	Sarapalha	Depois, viajaram quase de conserva, perfeitamente paralelos, e ambos sentindo que estava chegando a hora da missa-cantada , e o fim de tanta caceteação (ROSA, 2017, p. 152, grifo nosso).	<i>Ensuite, ils voyagèrent presque de conserve, parfaitement parallèles, et tous deux sentant qu'arrivait l'heure de la grand-messe, et la fin de ces tas de tracas</i> (ROSA, 1999, p. 170, grifo nosso).	Locução
266	Sarapalha	<i>Até costumava perguntar sempre aos viajantes que vinham para o Oeste, se o “truco, fecha!” já tinha havido...</i> (ROSA, 2017, p. 155, grifo nosso).	<i>Il avait même l'habitude de toujours demander aux voyageurs en route pour l'Ouest, si le « capot ! » avait déjà eu lieu...</i> (ROSA, 1999, p. 173, grifo nosso).	Locução
267	Sarapalha	o Elias Ruiivo vivia prosando que ia benzer em sangue a água do rio... (ROSA, 2017, p. 155, grifo nosso).	<i>Et Elias le Rouquin arrêta pas de chanter qu'il allait bénir en sang l'eau du fleuve...</i> (ROSA, 1999, p. 173, grifo nosso).	Locução
268	Sarapalha	pois na realidade se sentia de repente cansado, porque um homem é um homem e não é de ferro (ROSA, 2017, p. 155, grifo nosso).	<i>Or Cassiano Gomes se leurrait lui-même, car en réalité il se sentait tout à coup fatigué, vu qu'un homme est un homme et n'est pas de fer</i> (ROSA, 1999, p. 173, grifo nosso).	Locução
269	Sarapalha	Turíbio Todo se acomodara, e ficou vigiando o outro com o rabo-do-olho , bem desconfiadíssimo. (ROSA, 2017, p. 156, grifo nosso).	<i>Turibio Toutim s'était installé, et il se mit à surveiller l'autre du coin de l'œil, en grande défiance</i> (ROSA, 1999, p. 174, grifo nosso).	Locução
270	Sarapalha	- Bom, 'tá bom... Ah, Deus que me livre . (ROSA, 2017, p. 156, grifo nosso).	- <i>Bon, c'est bon... Ah, Dieu m'en garde.</i> (ROSA, 1999, p. 175, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
271	Sarapalha	- Vá com Deus! ... - desejou-lhe ainda o balseador (ROSA, 2017, p. 158, grifo nosso).	- <i>Dieu soit avec vous !... lui souhaita même le passeur.</i> (ROSA, 1999, p. 176, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
272	Sarapalha	- Amém! ... - respondeu Turíbio, já de costas, montando. E torou (ROSA, 2017, p. 158, grifo nosso).	- <i>Amen !... répondit Turibio, déjà de dos, en selle. Et il déguerpit</i> (ROSA, 1999, p. 177, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
273	Sarapalha	Turíbio Todo tinha pulado fora da roda , e não mais brincou. (ROSA, 2017, p. 158, grifo nosso).	<i>Turibio Toutim avait bondi hors de la ronde, et fini de jouer désormais</i> (ROSA, 1999, p. 177, grifo nosso).	Locução

274	Sarapalha	- Ah, isso não! Passar, não passo, que já atravessei dois mais não quero, porque quem passa três rios grandes esquece o seu bem-querer... (ROSA, 2017, p. 159, grifo nosso).	- <i>Ah, pas question ! Passer, je peux pas : j'en ai déjà traversé deux et un de plus je veux pas, car celui qui franchit trois grands fleuves oublie sa bien-aimée...</i> (ROSA, 1999, p. 177, grifo nosso).	Provérbio
275	Sarapalha	- Negócio de vingança não paga a pena. Não quero saber mais! É melhor entregar p'ra Deus... (ROSA, 2017, p. 159, grifo nosso).	- <i>Affaire de vengeance ne vaut pas la peine. Je veux plus rien savoir ! Vaut mieux laisser ça à Dieu...</i> (ROSA, 1999, p. 178, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
276	Sarapalha	E, enquanto pois, Cassiano continuava se encontrando com a mulher fatal da história, aquela mesma que tinha os olhos cada vez maiores, mais pretos e mais de cabra tonta (ROSA, 2017, p. 159)	<i>Or, entre-temps, Cassiano continuait de rencontrer la femme fatale de l'histoire, celle-là même qui avait des yeux toujours plus grands, plus noirs et plus encore de chèvre effarée</i> (ROSA, 1999, p. 178, grifo nosso).	Locução
277	Sarapalha	Era, mesmo, e as mulheres têm sempre razão (ROSA, 2017, p. 159, grifo nosso).	<i>Et comment ! et les femmes ont toujours raison</i> (ROSA, 1999, p. 179, grifo nosso).	Provérbio
278	Sarapalha	- Bom, está direito. Saúde é de Deus , seu Raymundo... (ROSA, 2017, p. 160, grifo nosso).	- <i>Bien, c'est net et clair. Dieu donne la santé, m'sieu Raymundo</i> (ROSA, 1999, p. 179, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
279	Sarapalha	- P'ra nós todos, seu Cassiano, se Deus quiser ajudar! ... (ROSA, 2017, p. 160, grifo nosso).	- <i>À nous tous, m'sieu Cassiano, si Dieu veut nous venir en aide !...</i> (ROSA, 1999, p. 179, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
280	Sarapalha	Mas, graças a Deus , tinha dinheiro. (ROSA, 2017, p. 160, grifo nosso).	<i>Mais, grâce à Dieu, il avait de l'argent</i> (ROSA, 1999, p. 180, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
281	Sarapalha	- Sai p'ra lá, diabo! Tu é valente demais. Tu é ferrabrás... Sai daqui, que o baralho ainda não bateu na tua porta... Quando eu fizer cu1é-culé você pode acudir. (ROSA, 2017, p. 161, grifo nosso).	- <i>Dégage, diable ! T'es trop intrépide. T'es un fier-à-bras... Dégage, c'est pas encore ton tour de jouer aux cartes... Quand je sifflerai les cochons, tu pourras te pointer</i> (ROSA, 1999, p. 181, grifo nosso).	Locução
282	Sarapalha	E, como eles todos são de mais idade, por isso todos gostam de dar em mim . (ROSA, 2017, p. 162, grifo nosso).	<i>Et comme ils sont tous plus âgés que moi, ils en profitent tous pour me cogner de bon cœur</i> (ROSA, 1999, p. 182, grifo nosso).	Locução
283	Sarapalha	Mas, no outro dia, o Timpim fez uma surpresa a Cassiano: trouxe o bebê, para “tomar benção” (ROSA, 2017, p. 163, grifo nosso).	<i>Mais, le lendemain, Timpim fit une surprise à Cassiano : il lui amena le bébé, pour recevoir sa bénédiction</i> (ROSA, 1999, p. 182, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

284	Sarapalha	[...] e, quando alguém lhe gabava tão formosa prole, ele pedia, ansioso, que acrescentassem: - Benza-o Deus! - para evitar quebranto. (ROSA, 2017, p. 163, grifo nosso).	[...] <i>et quand quelqu'un célébrait une si belle progéniture, il demandait, soucieux, d'ajouter : Dieu le bénisse ! - pour déjouer le mauvais œil</i> (ROSA, 1999, p. 182, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
285	Sarapalha	- Tem sim, mas em-antes não tivesse, meu Deus! ... (ROSA, 2017, p. 164, grifo nosso).	- <i>Oui-da! Mais ça vaudrait mieux qu'y en ait pas, mon Dieu!</i> (ROSA, 1999, p. 183, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
286	Sarapalha	- Deus há de lhe dar o pago , seu Cassiano Gomes! (ROSA, 2017, p. 164, grifo nosso).	- <i>Dieu vous le rendra, m'sieu Cassiano Gomes!</i> (ROSA, 1999, p. 184, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
287	Sarapalha	Veio o médico; veio o padre: Cassiano confessou-se, comungou, recebeu os santos-óleos , rezou, rezou. (ROSA, 2017, p. 165, grifo nosso).	<i>Vint le médecin ; vint le curé: Cassiano se confessa, communia, reçut les saintes huiles, pria, pria</i> (ROSA, 1999, p. 184, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
288	Sarapalha	Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o Céu . (ROSA, 2017, p. 165, grifo nosso).	<i>Alors, il montra un visage heureux, parla de sa mère, serra dans ses sn la petite «ee de Notre-Dame des Douleurs, mourut et monta au Ciel</i> (ROSA, 1999, p. 185, grifo nosso).	Locução
289	Sarapalha	[...] por que estava um dia incerto, de casamento de raposa ou de viúva , com uma chuvinha diáfana, oblíqua e apressada, correndo aqui e ali para disputar com o sol. (ROSA, 2017, p. 165, grifo nosso).	[...] <i>car c'était un jour incertain, un jour où le diable bat sa femme et marie sa fille, avec un crachin diaphane, oblique et précipité, courant de-ci de-là pour rivaliser avec le soleil</i> (ROSA, 1999, p. 185, grifo nosso).	Locução
290	Sarapalha	- Ora, deixe de curtir mal sem paga ... Que é isso!?... (ROSA, 2017, p. 168, grifo nosso).	<i>Écoute, arrête de te ronger pour-des nèfles... Qu'est-ce que ça veut dire ?...</i> (ROSA, 1999, p. 189, grifo nosso).	Locução
291	Sarapalha	Muito abatido, lúgubre, dava o ar de quem estivesse carregando o peso do mundo . (ROSA, 2017, p. 168, grifo nosso).	<i>Très abattu, lugubre, il donnait l'impression de supporter tout le poids du monde</i> (ROSA, 1999, p. 189, grifo nosso).	Locução
292	Sarapalha	Então Turfbio Todo, encarando-o, fez figura e fez voz . (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	<i>Alors Turfbio Toutim, le regardant bien en face, montra les dents et donna de la voix</i> (ROSA, 1999, p. 189, grifo nosso).	Locução
293	Sarapalha	Peço perdão a Deus e ao senhor, mas não tem outro jeito, porque eu prometi ao meu compadre Cassiano, (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	<i>Je demande pardon, à Dieu et à vous, mais y a pas d'autre solution, parce que je l'ai promis à mon compère Cassiano, là-bas à Mosquito</i> (ROSA, 1999, p. 189, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

294	Sarapalha	[...] lá no Mosquito, na horinha mesma d'ele fechar os olhos... (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	[...] <i>là-bas à Mosquito, juste au moment où il fermait les yeux...</i> (ROSA, 1999, p. 189, grifo nosso).	Locução
295	Sarapalha	E eu pro meti, quando ele já estava de vela na mão... (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	<i>Et moi, je lui ai promis, quand il avait déjà la bougie dans la main...</i> (ROSA, 1999, p. 190, grifo nosso).	Locução
296	Sarapalha	- Pelo amor da Virgem Santíssima! Pelo amor do teu filho! Não faz isso! Deus castiga!... Não me mata... (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	- <i>Pour l'amour de la Très Sainte Vierge ! Pour l'amour de ton fils ! Fais pas ça ! Dieu te punira !.. Me tue pas.</i> (ROSA, 1999, p. 190, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
297	Sarapalha	E levantou a mão à testa, se benzendo , com voz gritada, em que o choro já começava a tremer (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	<i>Et il porta la main à son front, pour se signer, avec une voix criarde où tremblaient déjà des sanglots</i> (ROSA, 1999, p. 190, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
298	Sarapalha	- Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, amém!... Padre nosso... (ROSA, 2017, p. 169, grifo nosso).	- <i>Au nom du Père, du Fils et du Saint-Esprit, amen ! Notre-Père...</i> (ROSA, 1999, p. 190, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
299	Sarapalha	Então, o caguinxo Timpim Vinte-e-Um fez também o em-nome-do-padre , e abriu os joelhos, esporeando. (ROSA, 2017, p. 170, grifo nosso).	<i>Alors, la mauviette Timpim Vingt-et-un à son tour fit l'au-nom-du-père et il ouvrit les genoux et piqua des deux</i> (ROSA, 1999, p. 190, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
300	Minha Gente	“Tira a barca da barreira, deixa Maria passar: Maria é feiticeira, ela passa sem molhar.” (Cantiga de treinar papagaios) (ROSA, 2017, p. 171, grifo nosso).	<i>Sors la barque de la rive, laisse Maria passer : Maria est sorcière, elle passe sans se mouiller.</i> (Chanson à dresser les perroquets) (ROSA, 1999, p. 191, grifo nosso).	Canção Tradicional
301	Minha Gente	- era o meu sempre-encontrável, o meu “até.. as-pedras-se-encontram” - espécie esta de pessoa que todos em sua vida têm. (ROSA, 2017, p. 171, grifo nosso).	- <i>était mon toujours-sur-mon-chemin, mon « même-les-pierres-se-rencontrent » - ce genre de personne que toutun chacun a dans sa vie</i> (ROSA, 1999, p. 191, grifo nosso).	Locução ou Ditado Todo Mundo Se Encontra Um Dia
302	Minha Gente	- “Vamos! Partamos! Já Circe, a venerável, me advertiu!...” (ROSA, 2017, p. 172, grifo nosso).	- <i>“Il faut partir : tel est l'arrêt de l'auguste Circé ” !... ”</i> (ROSA, 1999, p. 193, grifo nosso).	Citação
303	Minha Gente	- “Vinde, amigos, perguntai ao estrangeiro se sabe ou se aprendeu, algum dia, qualquer jogo...”(ROSA, 2017, p. 172, grifo nosso).	- <i>“Demandons à notre hôte, amis, s'il n'est pas quelque jeu qu'il connaisse et pratique ... ”</i> (ROSA, 1999, p. 193, grifo nosso).	Citação
304	Minha Gente	- . . . porque, como diz o capiau conterrâneo, “a minha parte de histórico eu prefiro em dinheiro!” ... (ROSA, 2017, p. 174, grifo nosso).	- <i>parce que, comme dit le paysan de chez nous, « ma part de gloire, je la préfère ”en argent comptant !... ”</i> (ROSA, 1999, p. 195, grifo nosso).	Locução

305	Minha Gente	Santana jamais retrocede do que afirma: é “ pièce touché, pièce jouée ” (ROSA, 2017, p. 174, grifo nosso).	<i>Santana-ne revient jamais sur ce qu'il a affirmé : c'est pièce touchée, pièce jouée.</i> (ROSA, 1999, p. 195, grifo nosso).	Provérbio Regra De Xadrez
306	Minha Gente	Para me obrigar a ouvir, atravessa o seu burrinho à frente do meu cavalo, barrando o T . Mas reajo (ROSA, 2017, p. 174, grifo nosso).	<i>Pour m'obliger à l'écouter, il pousse son baudet devant mon cheval, pour mettre la barre du T, Mais je réagis</i> (ROSA, 1999, p. 195, grifo nosso).	Locução
307	Minha Gente	E quer dar xeque , sendo eu o rei: (ROSA, 2017, p. 175, grifo nosso).	<i>... Et il cherche l'échec, moi dans le rôle du roi</i> (ROSA, 1999, p. 196, grifo nosso).	Locução Ganhar Xadrez
308	Minha Gente	- Melhor um pássaro voando do que dois na mão! ... Eis a versão do provérbio, para uso dos fortes, dos capazes de ideal... (ROSA, 2017, p. 177, grifo nosso).	- <i>Mieux vaut un oiseau qui vole que deux dans la main !... Voilà la version du proverbe, à l'usage des forts, de "ceux qui sont capables d'idéal..."</i> (ROSA, 1999, p. 199, grifo nosso).	Locução
309	Minha Gente	Bem, vou indo. Deus lhe pague , amigo! (ROSA, 2017, p. 179, grifo nosso).	<i>Bon, je continue. Dieu vous le rende, l'ami !</i> (ROSA, 1999, p. 201, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
310	Minha Gente	- Vamos ajudar o diabo do vaqueiro , uai! (ROSA, 2017, p. 179, grifo nosso).	- <i>On va donner un coup de main à ce foutu bouvier, ouais !</i> (ROSA, 1999, p. 201, grifo nosso).	Locução
311	Minha Gente	- Que nada... À hora em que a gente puder, tira a forra! (ROSA, 2017, p. 179, grifo nosso).	- <i>Pas du tout... À l'heure où on pourra, on aura notre revanche !</i> (ROSA, 1999, p. 201, grifo nosso).	Locução
312	Minha Gente	E é graças aos encontros inesperados dos velhos amigos que eu fico reconhecendo que o mundo é pequeno e, como sala-de-espera, ótimo, facilimo de se aturar... (ROSA, 2017, p. 181, grifo nosso).	<i>Et c'est grâce aux retrouvailles inattendues de vieux amis que je reconnais que le monde est petit et, comme salle d'attente, très agréable, très facile à supporter</i> (ROSA, 1999, p. 203, grifo nosso).	Locução
313	Minha Gente	Mas, agora, há-de-o! Quem te viu e quem te vê... (ROSA, 2017, p. 182, grifo nosso).	<i>Mais, à présent, quel changement ! Qui t'a vu et qui te voit...</i> (ROSA, 1999, p. 205, grifo nosso).	Locução
314	Minha Gente	- P'ra quê?... Essas artes a gente guarda... “ Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo ”!... (ROSA, 2017, p. 186, grifo nosso).	- <i>Pourquoi ?.. Ces malices, on se les garde. “Qui parle trop dit bonjour à son bardot !... ”</i> (ROSA, 1999, p. 210, grifo nosso).	Provérbio
315	Minha Gente	Como bom capiau, Bento Porfírio acha que ainda é cedo para me avisar. Guarda o pulo-de-gato . (ROSA, 2017, p. 187, grifo nosso).	<i>En bon péquenot, Bento Porfírio estime qu'il est encore trop tôt pour m'en informer. Il attend, comme le chat pour sauter</i> (ROSA, 1999, p. 210, grifo nosso).	Locução
316	Minha Gente	E Bento Porfírio tratou que ia, mas roeu a corda, porque uma turma grande estava de saída para uma pescaria no Tou-no-Tombo, com mulher-da-vida , comeria, sanfona até. (ROSA, 2017, p. 187)	<i>Et Bento Porfírio avait promis d'y aller, mais il avait fait faux bond, car une grande bande de lurons partait pour une partie de pêche au Touno-Tombo, avec des</i>	Locução

			<i>filles</i> , (ROSA, 1999, p. 211, grifo nosso).	
317	Minha Gente	- Mas, você, casado como é, pai de família, não tem vergonha de andar com outra mulher? (ROSA, 2017, p. 188, grifo nosso).	- <i>Voyons, toi, marié comme tu es, père de famille, tu n'as pas honte de fréquenter une autre femme?</i> (ROSA, 1999, p. 212, grifo nosso).	Locução
318	Minha Gente	- Uê! Pois então burro maniatado não pasta?! (ROSA, 2017, p. 188, grifo nosso)	- <i>Bah ! Et l'âne entravé, il broute pas peut-être ? !</i> (ROSA, 1999, p. 212, grifo nosso).	Provérbio
319	Minha Gente	Tertuliano Tropeiro aconselha: - Seu doutor, a gente não deve ficar adiante de boi, nem atrás de burro, nem perto de mulher! Nunca que dá certo... (ROSA, 2017, p. 188, grifo nosso).	<i>Tertuliano Muletier conseille : Doutor, on ne doit pas se tenir, ni devant un bœuf, ni derrière un âne, ni près d'une femme ! Ça ne vous réussit jamais...</i> (ROSA, 1999, p. 212, grifo nosso).	Provérbio
320	Minha Gente	E cantou, alto, para abafar os lamentos do outro: "Ouvi um sabiá cantando na beira do ribeirão... Ô pássaro que canta triste! Não me traz consolação..." (ROSA, 2017, p. 190, grifo nosso).	<i>Alors, il a chanté, fort, pour couvrir les lamentos de l'autre: "J'entends un sabià chanter Sur un arbre au bord de l'eau. Tu ne peux me consoler Par ce triste chant, l'oiseau !"</i> (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Canção Tradicional
321	Minha Gente	Mas hoje é o dia dele! Cada qual tem o seu dia... E peixe é bicho besta, que morre pela boca... (ROSA, 2017, p. 190, grifo nosso).	<i>Mais aujourd'hui c'est son dernier jour ! Tout un chacun a son dernier jour !...</i> (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Provérbio Ditado
322	Minha Gente	Só estou é com a roupa molhada, do espirrão da água. Também, aqui não é de; uso dar-se voz de prisão... (ROSA, 2017, p. 191, grifo nosso).	<i>Et puis, ici on n'a pas l'habitude de crier : je vous arrête !...</i> (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Fórmula De Justiça ?
323	Minha Gente	- Como é que o Xandrão Cabaça, tão sem idéia, foi descobrir a história lá deles? Boi sonso, marrada certa! (ROSA, 2017, p. 190, grifo nosso).	- <i>Comment est-ce que le grand Xandre Neuneu, si simplet, a pu découvrir l'histoire de ces deux-là ? Bœuf sournois encorne droit !</i> (ROSA, 1999, p. 214, grifo nosso).	Provérbio Ditado
324	Minha Gente	- Para os mortos... sepultura! Para os vivos..., escapula! (ROSA, 2017, p. 192, grifo nosso).	- <i>Pour les morts... la sépulture! Pour les vivants... La cavale !...</i> (ROSA, 1999, p. 215, grifo nosso).	Provérbio Ditado
325	Minha Gente	Humilhei meus pendões. Caleime. (ROSA, 2017, p. 192, grifo nosso).	<i>J'ai baissé pavillon. Je me suis tu.</i> (ROSA, 1999, p. 216, grifo nosso).	Locução
326	Minha Gente	Quero ir dormir, sem jantar, sem conversa de sede e siso. (ROSA, 2017, p. 193, grifo nosso).	<i>Je veux aller dormir, sans dîner, sans discussion posée et pondérée</i> (ROSA, 1999, p. 218, grifo nosso).	Locução
327	Minha Gente	Houve o arco-da-velha no céu, num abrir de sol, mostrando as cores, com um pilar no mato e o	<i>Il y a eu l'arc-en-ciel, dans une embellie, montrant ses couleurs, un pilier dans la forêt et l'autre sur la</i>	Locução

		outro no monte. (ROSA, 2017, p. 193, grifo nosso).	<i>montagne</i> (ROSA, 1999, p. 219, grifo nosso).	
328	Minha Gente	Com o que proferiu Gotama Buddha, o pastor dos insones, sob outras bananeiras e mangueiras outras, longínquas: “Aprende do rolar dos rios, dos regatos monteses, da queda das cascatas tagarelante, ondeia o seu caudal - só o oceano é silêncio.” (ROSA, 2017, p. 193, grifo nosso).	<i>Avec ce qu’a proféré Gautama Bouddha, le pasteur des insomniaux, sous d’autres bananiers et sous des manguiers autres, lointains : Apprends du cours des fleuves, des torrents montagneux, de la chute des cascades ; volubile, ondoie leur flot - seul l’océan est silence</i> (ROSA, 1999, p. 219, grifo nosso).	Canção Tradicional
329	Minha Gente	Eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo , dentro dos ovos, estudando a teoria da natação. (ROSA, 2017, p. 196, grifo nosso).	<i>C’étaient les canetons nouveau-nés, qui certainement avaient tué le temps, dans leurs œufs, en étudiant la théorie de la natation</i> (ROSA, 1999, p. 219, grifo nosso).	Locução
330	Minha Gente	O outro, graças a Deus , já se fora. Maria Irma foi muito boazinha para mim. (ROSA, 2017, p. 198)	L’autre, grâce à Dieu , était déjà parti. Maria Irma a été très gentille avec moi. (ROSA, 1999, p. 223)	Fórmula Religiosa
331	Minha Gente	E você é que nem um padre, para especular! (ROSA, 2017, p. 198, grifo nosso).	<i>Et toi, tu es pire qu’un confesseur, avec tes questions !</i> (ROSA, 1999, p. 224, grifo nosso).	Locução
332	Minha Gente	Eu fora às cordas . Mas ainda reagi (ROSA, 2017, p. 199, grifo nosso).	<i>Moi, expédié dans les cordes. Mais j’ai quand même réagi</i> (ROSA, 1999, p. 226, grifo nosso).	Locução
333	Minha Gente	Vou fazer festa: música, missa cantada, o diabo! (ROSA, 2017, p. 200, grifo nosso).	<i>Je vais donner une fête: musique, messe solennelle, une fête de tous les diables !</i> (ROSA, 1999, p. 226, grifo nosso).	Locução
334	Minha Gente	É boa tática... Um “gambito do peão da Dama” , como Santana diria... (ROSA, 2017, p. 201, grifo nosso).	<i>C’est une bonne tactique... “Un gambit du pion de la reine”, comme dirait Santana</i> (ROSA, 1999, p. 227, grifo nosso).	Locução Xadrez
335	Minha Gente	Tenho de jogar um “gambito do peão da Dama, recusado...” (ROSA, 2017, p. 201, grifo nosso).	<i>Je dois jouer « un gambit du pion de la reine, refusé... »</i> (ROSA, 1999, p. 228, grifo nosso).	Locução Xadrez
336	Minha Gente	E Moleque Nicanor, sempre montado em pêlo, me toma a bênção e toca, a meio galope, sem nem ao menos fazer questão de substituir o cipó pelo cabresto. (ROSA, 2017, p. 204, grifo nosso).	<i>Et Loupiot Nicanor, toujours monté à cru, me demande l’autorisation de partir et dégage</i> (ROSA, 1999, p. 231, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
337	Minha Gente	- Ninguém manda em coração... (ROSA, 2017, p. 204, grifo nosso).	- <i>Personne n’est maître de son cœur</i> (ROSA, 1999, p. 231, grifo nosso).	Provérbio

338	Minha Gente	Mordi os beijos e não gemi. Santana teria apenas classificado: partida empatada, por xeque perpétuo... (ROSA, 2017, p. 205, grifo nosso).	<i>Santana l'aurait simplement classée comme partie nulle, par pat ...</i> (ROSA, 1999, p. 231, grifo nosso).	Locução Xadrez
339	Minha Gente	- Fez muito bem, isto mesmo é que sapo queria! (ROSA, 2017, p. 206, grifo nosso).	- <i>Tu as très bien fait ! Rappelle-toi l'histoire du crapaud : ils sont tombés dans le panneau !</i> (ROSA, 1999, p. 233, grifo nosso).	Fábula Do Sapo E Do Escorpião
340	Minha Gente	Oh, céus! Até a minha inocente ida ao Juca Soares foi explorada em favor das manobras políticas do meu tio... (ROSA, 2017, p. 206, grifo nosso).	<i>Ô, Ciel! Même mon innocente visite à Juca Soares a été exploitée en faveur des manœuvres politiques de mon oncle...</i> (ROSA, 1999, p. 233, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
341	Minha Gente	- Guarda a bandeirinha branca. Vou servir café a você... (ROSA, 2017, p. 206, grifo nosso).	- <i>Range ton petit drapeau blanc. Je vais te faire un café</i> (ROSA, 1999, p. 233, grifo nosso).	Locução
342	Minha Gente	- Fiz de conta. E depois? (ROSA, 2017, p. 206, grifo nosso).	- <i>Supposons. Et ensuite ?</i> (ROSA, 1999, p. 233, grifo nosso).	Locução
343	Minha Gente	Maria Irma foi clássica: não disse pau e nem pedra. (ROSA, 2017, p. 207, grifo nosso).	<i>Maria Irma a été classique : motus et bouche cousue.</i> (ROSA, 1999, p. 235, grifo nosso).	Locução
344	Minha Gente	olhou com um olho, e, esganiçado, cantou:“Cadê Mariquinha? Foi passia... Entrou no balão Virou fogo do á!...” (ROSA, 2017, p. 208, grifo nosso).	<i>m'a regardé à un œil, et, d'une voix de fausset, a chanté : it sé “ Où qu est Mariquinba cs Partie promener. Entrée dans le ballon S'est changée en feu de l'ai”</i> (ROSA, 1999, p. 235, grifo nosso).	Canção Tradicional
345	Minha Gente	Céus! Santana, outra vez! ... Somente isto: (ROSA, 2017, p. 209, grifo nosso).	<i>Ciel ! Santana, de nouveau ! Seulement ceci</i> (ROSA, 1999, p. 235, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
346	Minha Gente	Indefendível! Xeque-mate! (ROSA, 2017, p. 209, grifo nosso).	<i>Indéfendable ! Échec et mat !</i> (ROSA, 1999, p. 235, grifo nosso).	Locução Xadrez
347	Minha Gente	E nem os sábios conselhos do Viriato, vaqueiro campeão da “derruba do boi pela seda” e mateiro meu confidente em assuntos de amor: (ROSA, 2017, p. 209, grifo nosso).	<i>Ni même les sages conseils de Viriato, bouvier champion de vire-vache et mon confident sylvestre en affaires d'amour</i> : (ROSA, 1999, p. 235, grifo nosso).	Locução
348	Minha Gente	Isso de querer-bem da gente é que nem avenca-peluda, que murcha e, depois de tempo, tendo água outra vez, fica verde... (ROSA, 2017, p. 210, grifo nosso).	<i>Cette histoire de bien-aimer des gens, c'est comme l'herbe cheveu-de-Vénus, elle se fane, et au bout d'un certain temps si elle retrouve de l'eau, elle reverdit...</i> (ROSA, 1999, p. 237, grifo nosso).	Locução
349	Minha Gente	- Flor de angico-verdadeiro dura seis meses no pé... (ROSA, 2017, p. 210, grifo nosso).	- <i>La fleur de mimosa, sur sa tige, elle dure six mois</i> (ROSA, 1999, p. 238, grifo nosso).	Provérbio

350	Minha Gente	E a casa do amor - em cuja porta não se chama e não se espera - fica um pouco mais adiante. (ROSA, 2017, p. 210, grifo nosso).	<i>Et la maison de lamour à la porte de laquelle - on ne frappe pas et on n'attend pas - se trouve un peu plus loin</i> (ROSA, 1999, p. 238, grifo nosso).	Provérbio
351	Minha Gente	- Você está querendo tomar-me o pêlo?! (ROSA, 2017, p. 211, grifo nosso).	- <i>Tu ne voudrais pas te moquer de moi ?</i> (ROSA, 1999, p. 239, grifo nosso).	Locução
352	Minha Gente	Urna lavadeira cantava, lá na beira do rego: “De madrugada, quando a lua se escondia... o sol raiava na janela de Maria...” (ROSA, 2017, p. 212, grifo nosso).	<i>Une lavandière chantait, là-bas au bord du ruisseau : “ De bon matin, quand la lune se cachait... le soleil brillait à la fenêtre de Maria... ...”</i> (ROSA, 1999, p. 240, grifo nosso).	Canção Tradicional
353	São Marcos	“Eu vi um homem lá na grimpa do coqueiro, ai-ai, não era homem, era um coco bem maduro, oi-oi. Não era coco, era a creca de um macaco, ai-ai, não era a creca, era o macaco todo inteiro, oi-oi.” (Cantiga de espantar males.) (ROSA, 2017, p. 213, grifo nosso).	<i>“J’ai vu un homme tout en haut du cocotier, ai-ai, C’était pas un homme, c’était une noix bien mûre, oi-oi, C’était pas une coque, c’était le caillou d’un macaque, ai-ai, _ C’était pas le caillou, c’était le macaque tout entier, oi-oi.”</i> (Chanson contre tous les maux) (ROSA, 1999, p. 241, grifo nosso).	Canção Tradicional
354	São Marcos	E excluí da quanta coisa-e-sousa de nós todos lá, e outras cismas corriqueiras tais: (ROSA, 2017, p. 213, grifo nosso).	<i>Et hormis ce fatras de toutes nos crédulités, et autres appréhensions habituelles, telles que</i> (ROSA, 1999, p. 241, grifo nosso).	Locução
355	São Marcos	sal derramado (ROSA, 2017, p. 213).	<i>sel renversé</i> (ROSA, 1999, p. 241).	Superstição
356	São Marcos	padre viajando com a gente no trem (ROSA, 2017, p. 213).	<i>curé qui voyage avec vous en train</i> (ROSA, 1999, p. 241).	Superstição
357	São Marcos	não falar em raio (ROSA, 2017, p. 213).	<i>ne pas parler de foudre</i> (ROSA, 1999, p. 241).	Superstição
358	São Marcos	passo de entrada com o pé esquerdo (ROSA, 2017, p. 213).	<i>entrer du pied gauche</i> (ROSA, 1999, p. 241)	Superstição
359	São Marcos	ave do pescoço pelado; (ROSA, 2017, p. 213).	<i>oiseau au cou pelé</i> (ROSA, 1999, p. 241).	Superstição
360	São Marcos	dezesseis casos de batida obrigatória na madeira (ROSA, 2017, p. 213).	<i>seize cas obligatoires où toucher du bois</i> (ROSA, 1999, p. 241).	Superstição
361	São Marcos	traslado feito em meia noite de sexta-feira da Paixão (ROSA, 2017, p. 214, grifo nosso).	<i>à la minuit d’un Vendredi saint</i> (ROSA, 1999, p. 242, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
362	São Marcos	- Se o senhor não aceita, é rei no seu ; mas, abusar, não deve-de! (ROSA, 2017, p. 214, grifo nosso).	- <i>Pas être d’accord, vous pouvez, vous êtes le roi de vous; mais, en rajouter, ça non, vous devez pas!</i> (ROSA, 1999, p. 243, grifo nosso).	Locução
363	São Marcos	- Senh’us’Cristo, Sinhô! (ROSA, 2017, p. 217, grifo nosso).	- <i>Vive Jésus, m’sieu!</i> (ROSA, 1999, p. 243, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

364	São Marcos	- Você deve conhecer os mandamentos do negro... Não sabe? “Primeiro: todo negro é cachaceiro... ” (ROSA, 2017, p. 217, grifo nosso).	- <i>Tu connais sûrement les commandements du nègre... Non ? Le premier : Tout nègre est un soûlard.</i> (ROSA, 1999, p. 246, grifo nosso).	Provérbio
365	São Marcos	- “Segundo: todo negro é vagabundo” (ROSA, 2017, p. 217, grifo nosso).	- <i>Le deuxième : Tout nègre est un vagabond</i> (ROSA, 1999, p. 246, grifo nosso).	Provérbio
366	São Marcos	- Virgem! (ROSA, 2017, p. 217)	- Vierge Marie. (ROSA, 1999, p. 246)	Fórmula Religiosa
367	São Marcos	- “Terceiro: todo negro é feiticeiro...” (ROSA, 2017, p. 217).	- <i>Le troisième : Tout nègre est un sorcier...</i> (ROSA, 1999, p. 246).	Provérbio
368	São Marcos	Aí, espetado em sua dor-dedentes , ele passou do riso bobo à carranca de ódio, resmungou, se encolheu para dentro, como um caramujo á cocléia, e ainda bateu com a porta.	<i>Alors, piqué là où ça le grattait, il est passé du sourire niais au faciès haineux, a grommelé, s’est enfermé chez lui, comme un escargot dans son labyrinthe, et il a été jusqu’à claquer la porte</i> (ROSA, 1999, p. 246, grifo nosso).	Locução
369	São Marcos	- Ô Mangolô!: “Negro na festa, pau na testa!...” (ROSA, 2017, p. 217).	- <i>Ô Mangolô!: “Negro na festa, pau na testa!...”</i> (ROSA, 1999, p. 246).	Provérbio
370	São Marcos	- Nem as “sete ave-marias retornadas”? Nem “São Marcos”? E comecei a recitar a oração sesga, milagrosa e proibida: - “Em nome de São Marcos e de São Manços, e do Anjo- Mau, seu e meu companheiro...” (ROSA, 2017, p. 218, grifo nosso).	<i>Ni les “sept Ave à lenvers » ? Ni la « São Marcos » ? Et j’ai commencé à réciter l’oraison biaisée, miraculeuse et prohibée : « Au nom de São Marcos et de São Manços, et du Mauvais-Ange, leur compagnon et le mien...”</i> (ROSA, 1999, p. 248, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
371	São Marcos	- Pára, creio-em-deus-padre! Isso é reza brava , e o senhor não sabe com o que é que está bulindo!... (ROSA, 2017, p. 219, grifo nosso).	- <i>Arrêtez, je crois en Dieu le Père! C’est une méchante prière et vous savez pas avec quoi vous jouez !...</i> (ROSA, 1999, p. 248, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
372	São Marcos	Não benze pólvora com tição de fogo! (ROSA, 2017, p. 219).	<i>On bénit pas de la poudre avec un tison !</i> (ROSA, 1999, p. 248).	Provérbio
373	São Marcos	Não brinca de fazer cócega debaixo de saia de mulher séria! ... (ROSA, 2017, p. 219).	<i>On s’amuse pas à faire des chatouille sous les sous la jupe d’une femme sérieuse !</i> (ROSA, 1999, p. 248).	Provérbio
374	São Marcos	- Eu sei, Aurísio: “ Da meia-noite p’r’o dia, meu chapéu virou bacía... ” (ROSA, 2017, p. 219, grifo nosso).	- Je sais, Aurísio. “ <i>Pendant qu’on sonnait les matines, Mon chapeau s’est changé en bassine..</i> ” (ROSA, 1999, p. 249, grifo nosso).	Canção Tradicional
375	São Marcos	Fez um galo na creca, por prova, mas negou e negou que tinha subido em parede (ROSA, 2017, p. 219, grifo nosso).	<i>IL s’est fait une bosse au caillou, c’est la preuve, mais il a nié qu’il avait grimpé au mur</i> (ROSA, 1999, p. 249, grifo nosso).	Locução

376	São Marcos	e por amor de ficar sozinhos no bem-bom inventaram um embondo (ROSA, 2017, p. 220).	<i>et pour pouvoir se donner du bon temps en douce, ils ont inventé toute une histoire</i> (ROSA, 1999, p. 249).	Locução
377	São Marcos	vendo que o coitado do Tião estava mesmo filho sem pai , ficou com dó e quis ensinar a reza, (ROSA, 2017, p. 220, grifo nosso).	<i>voyant que ce pauvre Tião était le dindon de la farce, l'a pris en pitié et a essayé de lui apprendre la prière,</i> (ROSA, 1999, p. 250).	Locução
378	São Marcos	- “Já sei como é que a gente põe escola para papagaio velho : bebe este copo de cachaça, todo!... Pronto. Vamos de-banda...” (ROSA, 2017, p. 220, grifo nosso).	- <i>Ah, je sais comment on apprend une leçon à un vieux perroquet : bois ce verre de cachaça, cul sec! Bon. En avant la musique !</i> (ROSA, 1999, p. 250).	Locução
379	São Marcos	e o pobre do Tião Tranjão corria no contrapasso, seguro pela fralda da camisa, gritando mesa com teresa e querendo até enfiar a cabeça em cano de calça dos passantes... (ROSA, 2017, p. 221, grifo nosso).	<i>et le pauvre Tião Tranjão courait à contretemps, empoigné par le pan de sa chemise, brayant comme un veau et essayant même d'enfiler la tête dans le fond de culotte des passants</i> (ROSA, 1999, p. 251).	Locução
380	São Marcos	Mas, onde está o homem, não morre homem! ... E gente valente como nós dois devemos de ser amigos!... (ROSA, 2017, p. 221, grifo nosso).	<i>Mais, d'homme à homme, on parle pas de mort d'homme !.. Et des courageux comme nous deux doivent être amis</i> (ROSA, 1999, p. 251).	Locução
381	São Marcos	Bom, até outro dia. Deus adiante , paz na guia!... (ROSA, 2017, p. 222, grifo nosso).	<i>Bon, à la revoyure. Que Dieu vous guide, voyagez en paix...</i> (ROSA, 1999, p. 252).	Fórmula Religiosa
382	São Marcos	alguém já gravara, a canivete ou ponta de faca, letras enormes, enchendo um entrenó: “Teus olho tão singular Dessas trançinhas tão preta Qero morer eim teus braço Ai fermosa marieta” (ROSA, 2017, p. 222).	<i>et quelqu'un avait déjà gravé, avec un canif ou une pointe de couteau, en lettres énormes, remplissant un entre-nœud : “Tes yeux si singulier De ces petite tresses si noire Je veu mourrir dan tes bra / À charmante marieta”</i> (ROSA, 1999, p. 253, grifo nosso).	Canção Tradicional
383	São Marcos	Padre Jerônimo, “que tinham muito mais latim”... E que a frase “ Sub lege libertas! ”, proferida em comício de cidade grande, pôde abafar um motim potente, iminente. (ROSA, 2017, p. 224, grifo nosso).	<i>Et que la devise : Sub lege libertas ! roférée dans un comicé de erande ville, peut étouffér puissance d'une rébellion imminente</i> (ROSA, 1999, p. 254, grifo nosso).	Citação
384	São Marcos	E que o comando “Abre-te Sésamo etc.” fazia com que se escancarasse a porta da gruta-cofre... (ROSA, 2017, p. 224).	<i>Et que l'injonction : « Sésame, ouvre-toi ! » faisait béer la porte de la grotte-coffre</i> (ROSA, 1999, p. 255).	Citação
385	São Marcos	Agora, sim! Chegamos ao sancto-dos-sanctos das Águas. (ROSA, 2017, p. 224, grifo nosso).	<i>Maintenant, oui ! Nous voilà arrivé au saint des saints des Trois-Eaux</i> (ROSA, 1999, p. 259, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

386	São Marcos	Então, eu compreendi que a tragédia era negócio meu particular, e que, no meio de tantos olhos, só os meus tinham cegado; e, pois, só para mim as coisas estavam pretas . Horror!... (ROSA, 2017, p. 230, grifo nosso).	<i>Alors j'ai compris que la tragédie était mon lot particulier ; et que, entre tous ces yeux, seuls les miens s'étaient éteints ; et que moi seul, donc, broyais du noir. L'horreur !... (ROSA, 1999, p. 263).</i>	Locução
387	São Marcos	Louvado seja Deus, mais a minha boa Santa Luzia, que cuida dos olhos da gente!... (ROSA, 2017, p. 232, grifo nosso).	<i>Loué soit Dieu, et aussi ma bonne sainte Lucie, qui veille sur nos yeux !... (ROSA, 1999, p. 263).</i>	Fórmula Religiosa
388	São Marcos	“Santa Luzia passou por aqui, com o seu cavalinho comendo capim!... Santa Luzia passou por... Não, não passa coisa nenhuma” (ROSA, 2017, p. 232)	<i>“Sainte Lucie est passée par ici, avec son petit cheval qui mangeait son picotin ! » Sainte Lucie est passée par... Non, il n'est rien qui passe” (ROSA, 1999, p. 264).</i>	Fórmula Religiosa
389	São Marcos	Lembro-me de “Quem-Será”. E então?: “ para a esquerda fui, contigo. Coração soube escolher. ” (ROSA, 2017, p. 234, grifo nosso).	<i>Je me souviens de « Qui ça ». Et alors ? Je suis parti à gauche avec toi: Mon cœur a su faire son choix (ROSA, 1999, p. 266, grifo nosso).</i>	Canção Tradicional
390	São Marcos	Deus de todos! Oh... Diabos e diabos... Oh... (ROSA, 2017, p. 235, grifo nosso).	<i>Dieu de tous ! Oh... Diables, diables, diables. oh... (ROSA, 1999, p. 268).</i>	Fórmula Religiosa
391	São Marcos	Minha voz mudou de som, lembro-me, ao proferir as palavras, as blasfêmias, que eu sabia de cor (ROSA, 2017, p. 236, grifo nosso).	<i>Ma voix a changé de son, je me rappelle, en proférant les mots, les blasphèmes que je savais par cœur (ROSA, 1999, p. 268).</i>	Locução
392	São Marcos	- Apanha, diabo! - esmurrei o ar, com formidável intenção (ROSA, 2017, p. 236, grifo nosso).	<i>- Attrape, démon ! - un coup de poing dans l'air, avec une formidable intention. (ROSA, 1999, p. 268).</i>	Locução
393	São Marcos	- Espera, pelo amor de Deus, Sinhô! Não me mata! (ROSA, 2017, p. 236).	<i>- Attendez, pour amour de Dieu, môssieur ! Me tuez pas ! (ROSA, 1999, p. 269).</i>	Fórmula Religiosa
394	São Marcos	- Pelo amor de Deus, Sinhô... Foi brincadeira... (ROSA, 2017, p. 236).	<i>- Pour l'amour de Dieu, môssieur.. Une blague... (ROSA, 1999, p. 269).</i>	Fórmula Religiosa
395	São Marcos	Assim, achei magnânimo entrar em acordo, e, com decência, estendi a bandeira branca : uma nota de dez mil-réis (ROSA, 2017, p. 237, grifo nosso).	<i>“Aussi ai-je jugé magnanime de passer un accord et, décemment, j'ai tendu le drapeau blanc : un billet de dix mil-réis” (ROSA, 1999, p. 270).</i>	Locução
396	Corpo Fechado	“ A barata diz que tem sete saias de filó... E mentira da barata: ela tem uma só. ” (Cantiga de roda) (ROSA, 2017, p. 239, grifo nosso).	<i>“ Ya la blatte qui nous dit : J'ai sept jupes d'organd:. Répondez qu'elle à menti : Elle en a qu'une de coutil!” (Ronde enfantine) (ROSA, 1999, p. 271, grifo nosso).</i>	Canção Tradicional
397	Corpo Fechado	- Lugar? O sujeito não tinha cobre nem p'ra um bom animal de sela... (ROSA, 2017, p. 239, grifo nosso).	<i>- Sa place ? Ce gars avait pas un rond, même pas de quoi se payer une bête de selle... (ROSA, 1999, p. 271, grifo nosso).</i>	Locução

398	Corpo Fechado	O que ganhava ia na pinga... Mão aberta... (ROSA, 2017, p. 239, grifo nosso).	<i>Ce qu'il gagnait partait en gnôle... La main toujours percée</i> (ROSA, 1999, p. 271).	Locução
399	Corpo Fechado	- Acabou em casa de grades . Foi romper aleluia na cidade, e os soldados abotoaram o filho da mãe dele... Não voltou aqui, nunca mais... (ROSA, 2017, p. 240, grifo nosso).	- <i>En taule, Il est allé faire du pétard en ville et les soldats ont alpagné cet enfant de putain. Il est pas revenu ici, jamais plus.</i> (ROSA, 1999, p. 271).	Locução
400	Corpo Fechado	Foi romper aleluia na cidade, (ROSA, 2017, p. 240).	Il est allé faire du pétard en ville (ROSA, 1999, p. 271).	Locução
401	Corpo Fechado	e os soldados abotoaram o filho da mãe dele... (ROSA, 2017, p. 240).	<i>et les soldats ont alpagné cet enfant de putain</i> (ROSA, 1999, p. 271).	Locução
402	Corpo Fechado	- Eu ia serrar de cima , mas nem não tive tempo, porque nessa horinha vinha entrando um tropeiro da Soledade (ROSA, 2017, p. 240, grifo nosso).	- <i>Moi, j'allais lui tomber dessus, mais j'ai même pas eu le temps, pasque juste à ce moment-là est entré un muletier de la Soledade</i> (ROSA, 1999, p. 272).	Locução
403	Corpo Fechado	- Quase nenhum, que eu esteja lembrado... Também, todo o mundo tinha medo dele... Cada um dizia amém antes de ele rezar o fim da reza... (ROSA, 2017, p. 240, grifo nosso).	<i>Presque personne, à ce que je me rappelle... Faut dire, tout le monde avait peur de lui. Chacun disait amen avant qu'il ait fini de dire la prière</i> (ROSA, 1999, p. 273).	Locução
404	Corpo Fechado	o Roque se afogou numa água rasinha de enxurrada., ele estava de chifre cheio... (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	<i>Roque s'est noyé dans une mare laissée par la crue. il était complètement bourré...</i> (ROSA, 1999, p. 274)	Locução
405	Corpo Fechado	Gervásio sumiu no mundo , sem deixar rasto... (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	<i>Gervasio a disparu dans le monde, sans laisser de trace...</i> (ROSA, 1999, p. 274).	Locução
406	Corpo Fechado	Camilo Matias acabou com mal-de-lázaro... (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	<i>Camilo Matias est mort de la lèpre</i> (ROSA, 1999, p. 274, grifo nosso).	Locução
407	Corpo Fechado	- Deixa ele, seu doutor... P'ra cavalo ruim, Deus bambeia a rédea... (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	- <i>Oubliez-le, doutor.. À un_mauvais cheval, Dieu lâche la bride...</i> (ROSA, 1999, p. 274).	Provérbio
408	Corpo Fechado	Um dia ele encontra outro mais grosso... Eu já estou vendo o diabo, com defunto na cacunda! ...(ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	<i>Un jour il tombera sur un autre plus costaud... Je vois déjà le diable, avec un défunt sur le dos!</i> (ROSA, 1999, p. 274).	Locução
409	Corpo Fechado	O senhor me vê mansinho deste jeito, mas eu fui batizado com água quente... (ROSA, 2017, p. 242, grifo nosso).	<i>Vous me voyez avec cet air bien calme, mais j'ai été baptisé avec deeau-bouillante...</i> (ROSA, 1999, p. 275).	Locução
410	Corpo Fechado	Antonico da Rabada protestou: por todos os santos e mais deus-do-céu, a luz que alumia, esta cruz, e a alma da sua mãe , que não tinha escrito nada. (ROSA, 2017, p. 243, grifo nosso).	<i>Antonico da Rabada protesta : par tous les saints, plus dieu-du-ciel, la lumière qui nous éclaire, cette croix et l'âme de sa mère, qu'il n'avait rien écrit</i> (ROSA, 1999, p. 276).	Fórmula Religiosa

411	Corpo Fechado	E só de tardinha, esfalfado, suado, foi que achou de bom aviso pôr uma pedra em cima da questão. (ROSA, 2017, p. 244, grifo nosso).	<i>Et c'est seulement sur la fin du tantôt que, vanné, en nage, il jugea bon de mettre une pierre sur la question.</i> (ROSA, 1999, p. 276).	Locução
412	Corpo Fechado	Agora, o Manuel Fulô, este, sim! Um sujeito pingadinho, quase menino - “pepino que encorujou desde pequeno” - cara de bobo de fazenda, do segundo tipo (ROSA, 2017, p. 244, grifo nosso).	<i>En revanche, Manuel Flori, lui, valait la peine ! Un type fluët, presque gamin - «un concombre rabougri depuis tout petit » - une figure d'idiot de la fazenda, du second type</i> (ROSA, 1999, p. 277).	Locução
413	Corpo Fechado	porque toda fazenda tem o seu bobo , que é, ou um velhote baixote, de barba rara no queixo, ou um eterno rapazola, (ROSA, 2017, p. 244, grifo nosso).	<i>parce que chaque fazenda a son idiot, qui est, soit un vioque basduc, trois poils au menton, ou un éternel béjaune, moitié sourd, bègue, glabre et albinos</i> (ROSA, 1999, p. 277).	Provérbio
414	Corpo Fechado	- Não falo nisso. Começa em olho e acaba em honra... E negócio de honra é na faca! (ROSA, 2017, p. 246, grifo nosso).	- <i>J'en parle pas. Ça commence par les yeux et ça finit par l'honneur... Et une affaire d'honneur, ça se règle au couteau !...</i> (ROSA, 1999, p. 280).	Provérbio
415	Corpo Fechado	Nunca vi a Beija- Fulô deitada, por Deus do céu! ... (ROSA, 2017, p. 249, grifo nosso).	<i>J'ai jamais vu la Colibri couchée, Dieu m'est témoin !...</i> (ROSA, 1999, p. 282)	Fórmula Religiosa
416	Corpo Fechado	Fazia mas era de conta que não entendia nada! Ficava marombando... (ROSA, 2017, p. 249, grifo nosso).	<i>En fait je faisais semblant que je comprenais rien ! Je donnais le change...</i> (ROSA, 1999, p. 283)	Locução
417	Corpo Fechado	E, quando a gente volta, o freguês quer porque quer fazer outra berganha, p'ra tirar a forra... (ROSA, 2017, p. 251, grifo nosso).	<i>Et quand on revient, le client veut à tout prix faire un autre troc, pour prendre sa revanche...</i> (ROSA, 1999, p. 285, grifo nosso).	Locução
418	Corpo Fechado	E aí a gente torna a jogar cinza nos olhos dele outra vez... (ROSA, 2017, p. 251, grifo nosso).	<i>alors on lui jette de la poudre aux yeux une nouvelle fois</i> (ROSA, 1999, p. 285, grifo nosso).	Locução
419	Corpo Fechado	Porque, só de pensar em cigano, eu ficava tinindo de tiririca! (ROSA, 2017, p. 252, grifo nosso).	<i>Pasque, rien que de penser à un Tsigane, je me mettais dans une rage noire !...</i> (ROSA, 1999, p. 287)	Locução
420	Corpo Fechado	A derradeira coisa, que eu aprontei, foi fazer Deus que me perdoe sendo maldade foi fazer um machucado nos beiços do Ventarola (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>La dernière chose que j'ai arrangée, ç'a été - Dieu me le pardonne si c'est-une-mauvaiseté -, Ç'a été de faire une éraflure aux lèvres de l'Éventail</i> (ROSA, 1999, p. 287)	Fórmula Religiosa
421	Corpo Fechado	e não iam espiar o céu-da-boca , p'ra mór de descobrir a travagem, não... (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>et ils iraient pas lui regarder le palais pour découvrir la boursouffure des gencives</i> (ROSA, 1999, p. 288).	Locução

422	Corpo Fechado	...Tinha muita gente no largo de em frente da igreja, quando eu vim com os animais, no sábado-de-aleluia , de manhã (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	... <i>Y'avait beaucoup de monde sur la place devant l'église, quand je suis arrivé avec les bêtes, le matin du samedi saint</i> (ROSA, 1999, p. 288)	Fórmula Religiosa
423	Corpo Fechado	fiz de conta que não sabia de nada de cigano ali, e que nem não estava campeando negócio. (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>et j'ai fait semblant que je savais pas qu'y avait là des Tsiganes et que je cherchais même pas à faire du négoce</i> (ROSA, 1999, p. 288).	Locução
424	Corpo Fechado	- Deus me livre, chefe! - arrespondi (ROSA, 2017, p. 253).	- <i>Dieu m'en garde, chef! j'y ai répondu.</i> (ROSA, 1999, p. 288).	Fórmula Religiosa
425	Corpo Fechado	- Tenho medo de levar manta ... (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>J'ai peur de me faire avoir</i> (ROSA, 1999, p. 288).	Locução
426	Corpo Fechado	P'ra eu ficar molhando minhas costas , é? (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>Pour y laisser ma chemise, c'est ça ?...</i> (ROSA, 1999, p. 288, grifo nosso).	Locução
427	Corpo Fechado	- " Deixa de doença , amigo! Você não é nenhum ganjão... (ROSA, 2017, p. 253, grifo nosso).	<i>"Arrête tes giries, l'ami ! T'es pas du tout un gadjé...</i> (ROSA, 1999, p. 288).	Locução
428	Corpo Fechado	Ah, porque eu tinha de fazer de capim, p'ra comer o burro! ... (ROSA, 2017, p. 254, grifo nosso).	<i>Ah, pasqu'il me fallait faire le foin pour avoir l'âne !...</i> (ROSA, 1999, p. 289).	Locução
429	Corpo Fechado	Ai, seu doutor meu amigo, a cacunda do bobo é o poleiro do esperto! ... (ROSA, 2017, p. 254, grifo nosso).	<i>Vous savez, ami doutor, l'échine du simplet est le perchoir du roublard !...</i> (ROSA, 1999, p. 289).	Provérbio
430	Corpo Fechado	Eles tinham que dar o beijo e cair o cacho! ... E eu fiquei mesmando...(ROSA, 2017, p. 254, grifo nosso).	<i>Fallait qu'ils mettent les pouces et baissent culotte!</i> (ROSA, 1999, p. 290)	Locução
431	Corpo Fechado	Não carrego rabo de palha ... Mas, que-o-quê! (ROSA, 2017, p. 254, grifo nosso).	<i>J'ai pas de filouteries sur la conscience...</i> (ROSA, 1999, p. 291)	Locução
432	Corpo Fechado	De formas que foi só por via disso mesmo que eu não fiquei rico, e que agora estou me coçando com um dedo (ROSA, 2017, p. 256, grifo nosso).	<i>Résultat, c'est rien qu'à cause de ça que je suis jamais devenu riche, et que maintenant y me reste qu'un doigt pour me gratter</i> (ROSA, 1999, p. 291).	Locução
433	Corpo Fechado	Um coice mal dado chega p'ra desmanchar a igrejinha da gente... (ROSA, 2017, p. 256).	<i>Un coup en vache suffit pour vous démolir.vot paroisse...</i> (ROSA, 1999, p. 291).	Provérbio
434	Corpo Fechado	Nem se ela, Deus a livre guarde , morresse, o que não é bom falar, eu nem o couro não havia de vender p'r'aquele judeu!... (ROSA, 2017, p. 256, grifo nosso).	<i>Même si, et que Dieu l'en sauvegarde, elle mourait, et mieux vaut pas en parler, sûr que je vendrais même pas sa peau à ce juif!</i> (ROSA, 1999, p. 291).	Fórmula Religiosa
435	Corpo Fechado	Ele quer plantar mato na sua roça e frigar ovo no seu fogão! (ROSA, 2017, p. 256, grifo nosso).	<i>Il veut planter une forêt dans votre jardin et frirer des œufs sur votre fourneau !</i> (ROSA, 1999, p. 292).	Locução

436	Corpo Fechado	que ele queira pôr algum quebranto na minha Beija-Fulozinha, benza-a Deus! - Benza-a Deus, Manuel! (ROSA, 2017, p. 257, grifo nosso).	<i>que lui il essayera de jeter le mauvais œil sur ma Colibri-Floriette, que Dieu le bénisse !</i> - <i>Dieu la bénisse, Manuel!</i> (ROSA, 1999, p. 293).	Fórmula Religiosa
437	Corpo Fechado	Eu perdi o peso do corpo , e estava frio (ROSA, 2017, p. 258, grifo nosso).	<i>J'en ai perdu le poids de mon corps, et j'étais glacé</i> (ROSA, 1999, p. 294).	Locução
438	Corpo Fechado	- Manuel, se você não dominar um pouco essa bebedeira, eu jogo um josé na rua! (ROSA, 2017, p. 259, grifo nosso).	- <i>Manuel, si tu ne contrôles pas un peu ta cuite, je te flanque dehors comme un jean-foutre !</i> (ROSA, 1999, p. 295).	Locução
439	Corpo Fechado	O reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar; o que não recusei, porque: dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza (ROSA, 2017, p. 260, grifo nosso).	<i>Le révérend a regardé en l'air, dans l'attitude d'une vierge nue jetée dans l'arène, et il m'a promis de prier ; ce que je n'ai pas refusé, car : prière, amour et argent, mieux vaut en avoir son content</i> (ROSA, 1999, p. 297).	Provérbio
440	Corpo Fechado	Mas, de fato, cartas dadas , a história começa mesmo é aqui. (ROSA, 2017, p. 261, grifo nosso).	<i>Mais, de fait, les cartes étant distribuées, c'est ici que l'histoire commence pour de bon</i> (ROSA, 1999, p. 298)	Locução
441	Corpo Fechado	Porque: era uma vez um pedreiro Antonico das Pedras ou Antonico das Águas, que tinha alma de pajé (ROSA, 2017, p. 261, grifo nosso).	<i>Car : il était une fois un maçon Antonico des Pierres ou Antonico des Eaux, qui avait une âme de magicien</i> (ROSA, 1999, p. 298).	Fórmula
442	Corpo Fechado	E só depois que ele saiu foi que a Véiga mãe de todos os Véigas se desapalermou e pôde gritar: - Me valei-me agora, minha Nossa Senhora! (ROSA, 2017, p. 262, grifo nosso).	<i>Et il est sorti et c'est alors seulement que la Véiga mère de tous les Véigas s'est déshébétée, pour crier :</i> - <i>Sainte Vierge, au secours !</i> (ROSA, 1999, p. 299).	Fórmula Religiosa
443	Corpo Fechado	- Fechei o corpo dele. Não careçam de ter medo, que para arma de fogo eu garanto!... (ROSA, 2017, p. 262, grifo nosso).	- <i>Je lui ai cousu le corps. Rien à craindre, contre les armes à feu, c'est garanti !</i> (ROSA, 1999, p. 299).	Locução
444	Corpo Fechado	- Jesus! Targino mata o Manezinho... Não levou nem garrucha nem nada, o pobre! (ROSA, 2017, p. 262, grifo nosso).	- <i>Jésus! Targino va tuer ce pauvre Mané... Il a pas pris de pistolet, ni rien, le malheureux !</i> (ROSA, 1999, p. 299).	Fórmula Religiosa
445	Corpo Fechado	- Atira, cachorro, carantonho! Filho sem pai! Cedo será, que eu estou rezado fechado, e a tua hora já chegou! ... (ROSA, 2017, p. 263, grifo nosso).	- <i>Tire donc, sale chien, gueule tordue ! Bâtard ! Tu peux y aller, moi je suis cousu et ton heure est arrivée!</i> (ROSA, 1999, p. 300).	Locução
446	Corpo Fechado	- <i>Conheceu, diabo, o que é raça de Peixoto?!</i> (ROSA, 2017, p. 263)	- <i>T'as appris, démon, ce que c'est la race de Peichoto ? !</i> (ROSA, 1999, p. 300).	Locução

447	Corpo Fechado	já que não é coisa vulgar a gente topar com um valentão na estrada da guerra, e extingui-lo a ferro frio (ROSA, 2017, p. 263, grifo nosso).	<i>Mais il était fort excusable, car ce n'est pas monnaie courante que de rencontrer un gros-bras sur le sentier de la guerre et de l'exterminer à l'arme blanche</i> (ROSA, 1999, p. 300).	Locução
448	Conversa de Bois	- Lá vai! Lá vai! Lá vai!... Queremos ver... Queremos ver... - Lá vai o boi Cala-a-Boca fazendo a terra tremer!...” (Coro do boi bumbá.) (ROSA, 2017, p. 265).	- <i>Le v'là Le v'là Le v'là!... - Voyons ce qu'il sait faire... - Le v'là le bœuf Taiseux qui fait trembler la terre!»</i> (Chœur de la fête du bœuf bumba) (ROSA, 1999, p. 303)	Canção Tradicional
449	Conversa de Bois	poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?! (ROSA, 2017, p. 265, grifo nosso).	<i>est-ce que Les animaux pourront parler et se faire comprendre, de vous, de moi, de tout le monde, de n'importe quel enfant de Dieu ? !</i> (ROSA, 1999, p. 303).	Fórmula Religiosa
450	Conversa de Bois	- Pode que seja, Timborna. Isso não é de hoje Visa sub obscurum noctis pecudesque locutae Infandum!... Mas, e os bois? Os bois também?... (ROSA, 2017, p. 265).	- <i>C'est possible, Barrique. Cela ne date pas d'aujourd'hui : «... visa sub obscurum noctis-pecudesque locutae. Infandum !.. », Mais, et les bœufs ? Les bœufs aussi?...</i> (ROSA, 1999, p. 304).	Citação
451	Conversa de Bois	Solevou o focinho bigodudo e comprido, com os caninos de cima desbordando, e, de beiços cerrados, roncou o seu crepitar constante, ralado contra o céu-da-boca (ROSA, 2017, p. 266, grifo nosso).	<i>Elle a soulevé son petit museau moustachu et allongé, dont dépassaient les canines supérieures, et, les lèvres fermées, elle a ronflé son crépitement constant, râpé sur son palais</i> (ROSA, 1999, p. 304)	Locução
452	Conversa de Bois	- É, tem também o homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta... (ROSA, 2017, p. 269, grifo nosso).	- <i>Ouais, y a aussi “ l'homme-à-la-longue-pique-avec-le-frelon-au-bout ”....</i> (ROSA, 1999, p. 309).	Locução
453	Conversa de Bois	- Virgem Santa , seu Agenor! Imagina, só, que coisa triste...(ROSA, 2017, p. 270, grifo nosso).	- <i>Sainte Vierge Marie, m'sieu Agenor, ça alors, quelle triste chose</i> (ROSA, 1999, p. 310).	Fórmula Religiosa
454	Conversa de Bois	- Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois-de-carro , sabemos pensar como o homem!... (ROSA, 2017, p. 271, grifo nosso).	- <i>Les bœufs en liberté pensent pas comme l'homme. Nous seuls, les bœufs de trait, savons penser comme l'homme !...</i> (ROSA, 1999, p. 311).	Locução
455	Conversa de Bois	- Tu Tião, diabo! Tu apertou demais o cocão!... (ROSA, 2017, p. 274)	- <i>Hé, Tião, sacré diable ! T'as trop serré le tourillon !...</i> (ROSA, 1999, p. 314).	Locução
456	Conversa de Bois	Não vê que a gente carreando defuntomorto, com essa cantoria, até Deus castiga , siô?!... (ROSA, 2017, p. 274, grifo nosso).	<i>T'as oublié qu'on trimballe un feu-défunt et qu'à cause de cette ritournelle, Dieu pourrait te punir, espèce de ? !</i> (ROSA, 1999, p. 314)	Fórmula Religiosa

457	Conversa de Bois	- Olha esses bois, aí, diabo! ... Capitão! Brabagato!...(ROSA, 2017, p. 275, grifo nosso).	- <i>Sacrés bœufs, holà, sacrédié !.. Capitaine ! Chat-sauvage !</i> (ROSA, 1999, p. 315).	Locução
458	Conversa de Bois	Chora-não-chora , Tiãozinho retoma seu posto (ROSA, 2017, p. 275, grifo nosso).	<i>Au bord des larmes, le petit Tião reprend son poste</i> (ROSA, 1999, p. 316).	Locução
459	Conversa de Bois	E era melhor, mesmo, porque ele também tinha ojeriza daquele capeta! ... (ROSA, 2017, p. 276, grifo nosso).	<i>Et ça valait mieux, vraiment, parce que lui aussi il l'avait en aversion ce démon!</i> (ROSA, 1999, p. 317).	Locução
460	Conversa de Bois	Mas Deus havia de castigar aquilo tudo. Não estava direito, não estava não! (ROSA, 2017, p. 276, grifo nosso).	Mais Dieu saurait châtier tout ça. C'était pas juste, pas juste du tout !... (ROSA, 1999, p. 317)	Fórmula Religiosa
461	Conversa de Bois	Mas, agora, está pondo olhos mansos , em fito desconsolado, enquanto Buscapé se socorna. (ROSA, 2017, p. 277)	<i>Mais, maintenant, il fait de doux yeux, l'air d'un inconsolé, tandis que Serpenteau incline la tête</i> (ROSA, 1999, p. 317, grifo nosso).	Locução
462	Conversa de Bois	Há-de tirar desforra boa, que Deus é grande! ... (ROSA, 2017, p. 277, grifo nosso).	<i>Il pourra se prendre une bonne revanche, car Dieu est grand !... (ROSA, 1999, p. 318).</i>	Fórmula Religiosa
463	Conversa de Bois	e grita mais pelo Diabo, que “diabo” é o seu refrão (ROSA, 2017, p. 278).	<i>et crie surtout pour adjurer le Diable, vu que « diable » est son refrain</i> (ROSA, 1999, p. 319)	Locução
464	Conversa de Bois	Mas, deve de ter subido para o Céu , direito, na mesma da hora... (ROSA, 2017, p. 279, grifo nosso).	<i>Mais il est sûrement monté-au Ciel, tout droit, sur l'heure</i> (ROSA, 1999, p. 321).	Locução
465	Conversa de Bois	E o resto do povo tinham feito o pelosinal e virado as costas, porque faz mal a gente ficar espiando um enterro até ele se sumir (ROSA, 2017, p. 280, grifo nosso).	<i>Et le reste des gens avaient fait le signe de croix et tourné les talons, parce que c'est pas bon de regarder un enterrement. jusqu'à tant qu'il disparaisse</i> (ROSA, 1999, p. 322).	Provérbio
466	Conversa de Bois	Deste jeito: - Todo boi é bicho. Nós todos somos bois. Então, nós todos somos bichos! ... Estúrdio... (ROSA, 2017, p. 281, grifo nosso).	<i>De ce genre : Chaque bœuf est un animal. Nous sommes tous des bœufs. Donc, nous sommes tous des animaux !... Bizarre... (ROSA, 1999, p. 323).</i>	Citação
467	Conversa de Bois	Deus que me perdoe de falar isso, pelo mal de meus pecados, (ROSA, 2017, p. 283, grifo nosso).	<i>Dieu me pardonne-de-dire ça, pauvre pécheur que je suis</i> (ROSA, 1999, p. 325).	Fórmula Religiosa
468	Conversa de Bois	- Brilhante, vaca diabo! ... (ROSA, 2017, p. 285, grifo nosso).	- <i>Brillant, foutue vache !..</i> (ROSA, 1999, p. 328).	Locução
469	Conversa de Bois	quase que pedindo para passarem com modos, pelo-amor-de-deus : Buscapé, Namorado; Capitão, Brabagato (ROSA, 2017, p. 285, grifo nosso).	<i>pour un peu il leur demanderait de montrer leurs bonnes manières, pour-l'amour-de-dieu : Serpenteau, Amoureux, Capitaine, Chat-sauvage</i> (ROSA, 1999, p. 328).	Fórmula Religiosa

470	Conversa de Bois	Mas não tem muita gente capaz de saber falar o gado direito, nem <i>determinar</i> o coice na descida, nem espertar a guia e <i>zelar</i> a contraguia na subida, nem fazer um <i>colo</i> bem feito, nem <i>repartir o movimento</i> com lição... (ROSA, 2017, p. 287, grifo nosso).	<i>Mais y en a pas beaucoup des capables de savoir “causer le bétail” comme y faut, ni « déterminer » la paire arrière dans la descente, ni “raviver” la paire de tête et “besogner” la deuxième paire dans la montée, ni mettre frein”» bien fait, ni “répartir le mouvement” en règle...</i> (ROSA, 1999, p. 330).	Locução
471	Conversa de Bois	- Só tinha, graças-a-deus , aqueles dois pipotes de cachaça, porque eu ia era buscar a família do patrão no arraial... (ROSA, 2017, grifo nosso).	- <i>Grâce à Dieu, seulement ces deux pipes de cachaça, vu que j'allais chercher la famille du patron au village</i> (ROSA, 1999, p. 331).	Fórmula Religiosa
472	Conversa de Bois	- Ô diabo! (ROSA, 2017, p. 287).	- <i>Diable!</i> (ROSA, 1999, p. 331).	Locução
473	Conversa de Bois	- Ficou feio, seu Soronho! Ficou feio. Deus e demo , que o carro descambava p'ra trás, feito doido, tinindo e arrastando a junta do coice, que foi a única que ficou presa, com os bois enforcados quase. (ROSA, 2017, p. 288, grifo nosso).	- <i>Un sale moment, m'sieu Sorogno, un sale moment, Dieu et le diable, le chariot ripait à reculons, comme fou, en vibrant et en entraînant la paire arrière, la seule restée attelée, les deux bœufs à moitié étranglés</i> (ROSA, 1999, p. 331).	Fórmula Religiosa
474	Conversa de Bois	- Mas, aí, quando eu vi que estava ali estava morto sem santos-óleos, clamei o nome de Nossa Senhora , porque pular é que eu não podia pular mais... (ROSA, 2017, p. 288, grifo nosso).	- <i>Mais alors, quand j'ai vu que j'étais comme si j'étais mort sans les saintes huiles, j'ai crié le nom de Notre-Dame, pasque sauté; je pouvais plus sauter</i> (ROSA, 1999, p. 331).	Fórmula Religiosa
475	Conversa de Bois	- Ara, se ara!... Abaixo de Deus , eu tiro o chapéu p'ra eles dois, porque foram que me salvaram!... (ROSA, 2017, p. 288, grifo nosso).	- <i>Pour sûr !... Dieu m'est témoin, je leur tire mon chapeau à tous les deux, pasque c'est eux qui m'ont sauvé !...</i> (ROSA, 1999, p. 331).	Fórmula Religiosa
476	Conversa de Bois	- Virgem! ... Quem é o tal, seu Angenor?... (ROSA, 2017, p. 289, grifo nosso).	- <i>Bonne Mère !... Qui c'est, m'sieu Angenor ?...</i> (ROSA, 1999, p. 332).	Fórmula Religiosa
477	Conversa de Bois	Ah, é o pobre do seu Jenuário?! ... Pois vá com Deus , companheiro, que por ora eu não preciso mesmo de adjutério (ROSA, 2017, p. 289, grifo nosso).	<i>Ah, le pauvre m'sieu Jenuário ?!.. Eh bien, que Dieu vous accompagne, l'ami, pour le moment moi j'ai pas besoin d'aide</i> (ROSA, 1999, p. 332).	Fórmula Religiosa
478	Conversa de Bois	porque mandei o meu guia ir buscar gente no Monjolo, que graça-a-deus não é longe... (ROSA, 2017, p. 289, grifo nosso).	<i>j'ai envoyé mon guide chercher des gens à Monjolo, qui grâce à Dieu est pas loin.</i> (ROSA, 1999, p. 332).	Fórmula Religiosa
479	Conversa de Bois	- Virgem, minha Nossa Senhora! ... Ôa, ôa, boi!.. (ROSA, 2017, p. 293, grifo nosso).	- <i>Sainte Vierge, ma Bonne Mère !... Ho-ha, ho-ha, bœuf !...</i> (ROSA, 1999, p. 337).	Fórmula Religiosa
480	Conversa de Bois	Ôa, meu Deus do céu! ... (ROSA, 2017, p. 293, grifo nosso).	<i>Ho-ha, mon Dieu du Ciel</i> (ROSA, 1999, p. 337).	Fórmula Religiosa

481	Conversa de Bois	- “ Meu Deus! Como é que foi isto?!...” (ROSA, 2017, p. 294, grifo nosso).	“ <i>Mon Dieu! Comment c'est arrivé ? !...</i> ” (ROSA, 1999, p. 338).	Fórmula Religiosa
482	Conversa de Bois	Minha Nossa Senhora! ... (ROSA, 2017, p. 294, grifo nosso, grifo nosso).	<i>Vierge Marie !...</i> (ROSA, 1999, p. 338).	Fórmula Religiosa
483	Conversa de Bois	- “ Minha Virgem Santíssima que me perdoe! ...” (ROSA, 2017, p. 294, grifo nosso).	“ <i>Ma Très Sainte Vierge, pardonnez-moi !...</i> ” (ROSA, 1999, p. 338)	Fórmula Religiosa
484	Conversa de Bois	- Fazer promessa. Todos os santos. Rezar depressa. (ROSA, 2017, p. 294, grifo nosso).	<i>Faire une promesse. Tous les saints. Prier, vite, Et des gens qui arrivent.</i> (ROSA, 1999, p. 338)	Fórmula Religiosa
485	Conversa de Bois	Juro, meu Nosso Senhor! ... (ROSA, 2017, p. 294, grifo nosso).	<i>Je le jure, par Notre-Seigneur !...</i> (ROSA, 1999, p. 338).	Fórmula Religiosa
486	A Hora e vez de Augusto Matraga	“Eu sou pobre, pobre, pobre, vou-me embora, vou-me embora Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...” (Cantiga antiga.) (ROSA, 2017, p. 295).	<i>Je suis un pauvre, pauvre, pauvre, Je m'en vais, je m'en vais d'ici. Je suis une riche, riche, riche, Moi aussi je men vais d'ici !.. (Vieille chanson)</i> (ROSA, 1999, p. 341)	Canção Tradicional
487	A Hora e vez de Augusto Matraga	“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.” (Provérbio capiau) (ROSA, 2017, p. 295).	<i>C'est pas pour faire le beau qu'il saute le crapaud, cest parce quil le fait. (Proverbe des champs)</i> (ROSA, 1999, p. 341).	Canção Tradicional
488	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão! ... - Bota no leilão! Bota no leilão... (ROSA, 2017, p. 296, grifo nosso).	- <i>Qui va adjuger la Sériema ? Allez, Tião ! Mets la Sériema à l'encan !...</i> - <i>À l'encan ! À l'encan !..</i> (ROSA, 1999, p. 342).	Fórmula
489	A Hora e vez de Augusto Matraga	E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender (ROSA, 2017, p. 296, grifo nosso).	<i>Et le vendeur demandait à la foule deux sous de jugeote ; mais personne ne voulait l'écouter</i> (ROSA, 1999, p. 342).	Locução
490	A Hora e vez de Augusto Matraga	E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa (ROSA, 2017, p. 296, grifo nosso).	<i>Et alors, tout à coup, se produisit un chambardement, et maître Augusto, haute taille, large poitrine, vêtements de deuil, marchant sur les pieds des autres et de ses bras tendus jouant de l'angle des coudes, fendit la masse</i> (ROSA, 1999, p. 342).	Locução`
491	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas - dou-lhe três! (ROSA, 2017, p. 296 , grifo nosso)., grifo nosso).	- <i>Cinquante mil-réis, j'ai dit! Une fois ! Deux fois! Deuxfois. Adjugée !...</i> (ROSA, 1999, p. 342).	Fórmula de Leilão
492	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Virgem Maria Puríssima! Úi, pessoal! (ROSA, 2017, p. 296, grifo nosso).	- <i>Sainte Vierge Marie ! Ouille-ouille-ouille !</i> (ROSA, 1999, p. 343).	Fórmula Religiosa

493	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Me desprezo! Me desprezo desse herege!... Vão coçar suas costas em parede! ... (ROSA, 2017, p. 297, grifo nosso).	- <i>Je veux pas de ça! Je veux pas de cette hérésie !.. Allez vous gratter ailleurs, bande d'animaux...</i> (ROSA, 1999, p. 343).	Locução
494	A Hora e vez de Augusto Matraga	E uma voz bem entoada cantou de lá, por cantar: Mariquinha é como a chuva: boa , p'ra quem quer bem! Ela vem sempre de graça, só não sei quando ela vem... (ROSA, 2017, p. 297).	<i>Et une voix bien timbrée se mit à chanter, histoire de chanter : La p'tite Mariette est comme la pluie : Gentille avec qui l'aime bien ! Quand elle vient, c'est toujours gratuit, ah, si je savais quand elle vient...</i> (ROSA, 1999, p. 343).	Canção Tradicional
495	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Não me esbarra, filho-da-mãe! (ROSA, 2017, p. 297, grifo nosso).	- <i>Me bouscule pas, enfant de putain !</i> (ROSA, 1999, p. 344).	Locução
496	A Hora e vez de Augusto Matraga	pegaram a debandar ou a cantar: Ei, compadre, chegadinho, chegou... Ei, compadre, chega mais um bocadinho!..." (ROSA, 2017, p. 298).	se dispersèrent ou se mirent à chanter : Eh, l'ami, tu es si près, viens plus près ! Eh, l'ami, un tout petit peu plus près... (ROSA, 1999, p. 344).	Canção Tradicional
497	A Hora e vez de Augusto Matraga	Nisso, porém, transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em-nome-do-padre , para saudar a porta da igreja. (ROSA, 2017, p. 298, grifo nosso).	<i>Or donc, ils avaient traversé le parvis et Maître Augusto s'était arrêté, chapeau bas, pour faire le signe de la croix, par respect pour la porte de l'église</i> (ROSA, 1999, p. 345, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
498	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca , uma fina e outra seca! (ROSA, 2017, p. 298, grifo nosso).	- <i>Quoi ? !.. T'as vu tes guibolles de traviole, une en bois et l'autre en tôle !</i> (ROSA, 1999, p. 345, grifo nosso).	Locução
499	A Hora e vez de Augusto Matraga	No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas , com o que houvesse de pior (ROSA, 2017, p. 299, grifo nosso).	<i>Le reste du temps, toujours avec ses hommes de main, avec des filles perdues, avec ce qu'il y avait de pire</i> (ROSA, 1999, p. 346, grifo nosso).	Locução
500	A Hora e vez de Augusto Matraga	as fazendas escritas por paga , e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca. (ROSA, 2017, p. 300, grifo nosso).	<i>les fazendas hypothéquées, et tout un avenir d'angoisse, sans portes, comme un mur blanc</i> (ROSA, 1999, p. 347, grifo nosso).	Locução
501	A Hora e vez de Augusto Matraga	com a proteção de Deus , se não fosse pecado... Fechar os olhos. (ROSA, 2017, p. 300, grifo nosso).	<i>avec la protection de Dieu, si ce n'était pas un péché</i> (ROSA, 1999, p. 347, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
502	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Fosse eu, fosse eu... Uma filha custa sangue , filha é o que tem de mais valia... (ROSA, 2017, p. 300, grifo nosso).	- <i>Si c'était moi, si c'était moi. Une fille coûte du sang, une fille c'est ce qui a le plus de valeur...</i> (ROSA, 1999, p. 347, grifo nosso).	Locução

503	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger... (ROSA, 2017, p. 301, grifo nosso).	<i>Mais je vais avec vous et j'y resterais, tant que Dieu nous protégera...</i> (ROSA, 1999, p. 348, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
504	A Hora e vez de Augusto Matraga	com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus! (ROSA, 2017, p. 301, grifo nosso).	<i>avec l'assentiment de tous mes parents et la bénédiction de Dieu !</i> (ROSA, 1999, p. 348, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
505	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta! ... (ROSA, 2017, p. 302, grifo nosso).	- <i>Salopard !... J'espère qu'une chouette va crier à ta porte !...</i> (ROSA, 1999, p. 349, grifo nosso).	Superstição - Locução
506	A Hora e vez de Augusto Matraga	Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente: (ROSA, 2017, p. 302, grifo nosso).	<i>Il ne prit que le temps de mettre son revolver à la ceinture avant d'apostropher Quim, les dents serrées</i> (ROSA, 1999, p. 349, grifo nosso).	Locução
507	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro! ... (ROSA, 2017, p. 302, grifo nosso).	- <i>Dis à Maître Augusto que le soleil qui nous éclaire, c'est l'argent!</i> (ROSA, 1999, p. 350, grifo nosso).	Locução
508	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	<i>Mais Maître Augusto bouillait, déjà au beau milieu de sa liturgie, rouge et féroce</i> (ROSA, 1999, p. 350, grifo nosso).	Locução
509	A Hora e vez de Augusto Matraga	viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...” (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	voyage, déménagement, ou quoi que ce soit d'insipide, pour attendre que s'accomplisse Le dicton : “Chacun mange son pain blanc en son temps” (ROSA, 1999, p. 351, grifo nosso).	Provérbio
510	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	<i>Mais Maître Augusto était d'un cuir encore sans tanin</i> (ROSA, 1999, p. 351, grifo nosso).	Locução
511	A Hora e vez de Augusto Matraga	para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	<i>et pour qui ne s'écarte pas à temps de la voie, même un sifflet de train est de mauvais augure</i> (ROSA, 1999, p. 351, grifo nosso).	Provérbio
512	A Hora e vez de Augusto Matraga	Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma ideia resolveu por si (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	<i>En lui, à tout le moins, pardessous sa rage, une idée filtra d'elle-même</i> (ROSA, 1999, p. 351, grifo nosso).	Locução
513	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves! ... (ROSA, 2017, p. 303, grifo nosso).	- <i>Fini le bon temps, chien d'Estêves !...</i> (ROSA, 1999, p. 351, grifo nosso).	Locução
514	A Hora e vez de Augusto Matraga	O capiauzinho da testa peluda cantou, mal-entoado: Sou como a ema, Que tem penas e não voa... (ROSA, 2017, p. 304, grifo nosso).	<i>Le petit péquenot au front velu chanta, en fausset : Comme le nandou j'ai des plumes comme lui je ne peux voler</i> (ROSA, 1999, p. 352)	Canção Tradicional

515	A Hora e vez de Augusto Matraga	enquanto a preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do “Diga Jesus comigo, irmão” ... (ROSA, 2017, p. 306, grifo nosso).	<i>tandis que la Noire cherchait un bout de chandelle bénite, à mettre dans la main de l'homme, au moment du “Dis Jésus avec moi, mon frère”</i> ... (ROSA, 1999, p. 354, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
516	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor ... (ROSA, 2017, p. 306, grifo nosso).	- <i>Tuez-moi d'une bonne fois, par charité, par les plaies de Notre-Seigneur</i> ... (ROSA, 1999, p. 354, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
517	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Deus que me perdoe , - resmungou a preta, - mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco (ROSA, 2017, p. 306, grifo nosso).	- <i>Dieu me pardonne, marmonna la Noire, mais cet homme doit être mauvais comme un serpent à sonnette embourbé dans un trou</i> (ROSA, 1999, p. 354, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
518	A Hora e vez de Augusto Matraga	a negra, lá fora, lavando as panelas e a cantar: As árvores do Mato Bento deitam no chão p'ra dormir... (ROSA, 2017, p. 307).	<i>et la négresse, dehors, qui lavait les casseroles et chantait : Les arbres du Bois Bénit se couchent pour dormir</i> (ROSA, 1999, p. 355).	Canção Tradicional
519	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Tem, meu filho. Deus mede a esporo pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum ... (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	- <i>Oui, mon fils. Dieu mesure l'éperon à l'aune des rênes et il ne retire pas l'étrier du pied à celui qui se repent</i> ... (ROSA, 1999, p. 356, grifo nosso).	Provérbio
520	A Hora e vez de Augusto Matraga	Sua vida foi entortada no verde , mas não fique triste, de modo nenhum (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	<i>la vie s'est fourvoyée dès tes vertes années, mais ne sois pas triste, d'aucune façon</i> (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Locução
521	A Hora e vez de Augusto Matraga	porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu , que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	<i>car la tristesse est un chant de bouvie qui appelle le démon, et le royaume des cieux, la seule chose qui importe</i> (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
522	A Hora e vez de Augusto Matraga	desde que você esteja com a graça de Deus , que ele não regateia a nenhum coração contrito!(ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	<i>dès lors que tu vivras dans la grâce de Dieu, qu'il ne marchande à aucun Cœur contrit</i> (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
523	A Hora e vez de Augusto Matraga	Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	Implore Dieu, en disant cette oraison jaculatoire : “Jésus, doux et humble de cœur, rendez mon cœur semblable au vôtre” (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
524	A Hora e vez de Augusto Matraga	Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (ROSA, 2017, p. 308, grifo nosso).	<i>Chacun a son heure et son tour : tu auras les tiens</i> (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Provérbio

525	A Hora e vez de Augusto Matraga	E tinha peque nas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... (ROSA, 2017, p. 309, grifo nosso).	<i>Et il avait de petits espoirs : une fois demain passé, ce côté-ci va faire moins mal, si Dieu veut</i> (ROSA, 1999, p. 357, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
526	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Eu vou p'ra o céu , e vou mesmo, por bem ou por mal! ... (ROSA, 2017, p. 309, grifo nosso).	- <i>J'irai au ciel, ah oui, j'irai, coûte que coûte !...</i> (ROSA, 1999, p. 358, grifo nosso).	Fórmula Religiosa e Locução
527	A Hora e vez de Augusto Matraga	Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha; mas, ali, naquela biboca perdida, fim-de-mundo , cada dia que descia ajudava a esquecer. (ROSA, 2017, p. 311, grifo nosso).	<i>Seule chose à éviter : se rappeler son opprobre ; et là, dans cette cahute perdue, bout-du-monde, chaque jour qui tombait l'aidait à oublier</i> (ROSA, 1999, p. 361).	Locução
528	A Hora e vez de Augusto Matraga	E, como era casca-grossa , foi logo dando as notícias que ninguém não tinha pedido (ROSA, 2017, p. 311, grifo nosso).	<i>Comme il avait bon bec, il donna incontinent les nouvelles que personne ne lui demandait</i> (ROSA, 1999, p. 361, grifo nosso).	Locução
529	A Hora e vez de Augusto Matraga	com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescera sã e se encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida (ROSA, 2017, p. 311, grifo nosso).	<i>mais la fille, elle, quelle tristesse : elle avait grandi, en bonne santé, s'était faite demoiselle, bien jolie, mais elle s'était mise à faire la vie</i> (ROSA, 1999, p. 361, grifo nosso).	Locução
530	A Hora e vez de Augusto Matraga	jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! (ROSA, 2017, p. 312, grifo nosso).	<i>il avait juré vengeance, en baisant son fusil, et n'avait pas attendu que le café soit passé!</i> (ROSA, 1999, p. 361, grifo nosso).	Locução
531	A Hora e vez de Augusto Matraga	não contar p'ra ninguém, pelo amor de Deus , por amor de sua mulher, de seus filhos e de tudo o que para você tem valor!... (ROSA, 2017, p. 312, grifo nosso).	<i>et rien raconter à personne, pour l'amour de Dieu, pour l'amour de ta femme, de tes enfants et de tout ce qui t'est cher !...</i> (ROSA, 1999, p. 361, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
532	A Hora e vez de Augusto Matraga	A filha, tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará! ... (ROSA, 2017, p. 313, grifo nosso).	<i>Sa fille, si jeune et déjà dans les bras de tous, à rouler en ce monde, à Dieu vat</i> (ROSA, 1999, p. 363, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
533	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Rezo o credo! (ROSA, 2017, p. 314, grifo nosso).	- <i>Mon Dieu Seigneur !</i> (ROSA, 1999, p. 364, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
534	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas Nhô Augusto, que estava de cócoras , sentou-se no chão e continuou: (ROSA, 2017, p. 314, grifo nosso).	<i>Mais Maître Augusto, qui était à croupetons, s'assit par terre et enchaîna</i> (ROSA, 1999, p. 364, grifo nosso).	Locução
535	A Hora e vez de Augusto Matraga	Primeiro, os sapos: - “Sapo na seca coaxando, chuva beirando” , mãe Quitéria!... (ROSA, 2017, p. 315, grifo nosso).	<i>D'abord les crapauds : - « Crapaud qui croasse par temps sec, c'est de la pluie pour bientôt ».</i> <i>bmère Quiréria !...</i> (ROSA, 1999, p. 365, grifo nosso).	Provérbio
536	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Deus está tirando o saco das minhas costas , mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se	- <i>Dieu enlève le fardeau de mon dos, mère Quitéria ! Maintenant je sais qu'Il se</i>	Locução

		lembrando de mim... (ROSA, 2017, p. 315, grifo nosso).	<i>souvient de moi...</i> (ROSA, 1999, p. 365, grifo nosso).	
537	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Louvor ao Divino , meu filho! (ROSA, 2017, p. 315, grifo nosso).	- Dieu soit loué, mon fils! (ROSA, 1999, p. 365, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
538	A Hora e vez de Augusto Matraga	maior do que António D ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come- brasa, o pega-à-unha, o fecha-ti-eta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem (ROSA, 2017, p. 316).	<i>plus grand que Antonio Dé ou Indalécio * ; le fier-à-bras, le tranche-montagne, le bouffebraise, le bras-raccourci, le trompe-la-mort, le fine-lame, le brise-fer, le casse-tout, le terre-brûlée : m'sieu Joãozinho Bem-Bem</i> (ROSA, 1999, p. 366).	Apelidos Compostos
539	A Hora e vez de Augusto Matraga	Então o bandido Flosino Capeta, um sujeito cabeça-de-canoa , que nunca se apartava do chefe, caçou (ROSA, 2017, p. 316, grifo nosso).	<i>Alors le bandit Flosino Diable, une grande gueule, qui ne s'écartait jamais de son chef, se gaussa</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Locução
540	A Hora e vez de Augusto Matraga	- O senhor, de sua graça , é que é mesmo o seu Joãozinho Bem-Bem, pois não é? (ROSA, 2017, p. 316, grifo nosso).	- <i>Est-ce que vous n'êtes pas, nommément, m'sieu Joãozinho Bem-Bem en personne, dites-moi ?</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
541	A Hora e vez de Augusto Matraga	- P'ra lhe servir , meu senhor. (ROSA, 2017, p. 317, grifo nosso).	- <i>Pour vous servir, monsieur</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Provérbio
542	A Hora e vez de Augusto Matraga	- É não... E de coração . (ROSA, 2017, p. 317, grifo nosso).	- <i>Pas du tout. C'est de bon cœur</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Provérbio
543	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Pois então, vamos, que Deus lhe pagar ! (ROSA, 2017, p. 317, grifo nosso).	- <i>Eh bien, allons-y, que Dieu vous le rende !</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
544	A Hora e vez de Augusto Matraga	E seu Joãozinho Bem-Bem, que, com o rabo-do-olho , não deixava de vigiar tudo em volta, virou-se, rápido, para o Epifânio, que mexia com a winchester (ROSA, 2017, p. 317, grifo nosso).	<i>Et m'sieu Joäzinho Bem-Bem qui, l'œil en coulisse, ne cessait de tout surveiller autour de lui, se retourna, rapidement, vers Epifânio, qui tripotait sa winchester</i> (ROSA, 1999, p. 367, grifo nosso).	Locução
545	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Diz que o tal tomou reforço, com três tropas de serranos, mas é só a gente chegar lá, para não se ver ninguém mais... Eles têm que “dar o beijo e cair o cacho” , seu moço!... (ROSA, 2017, p. 317, grifo nosso).	- <i>On dit que ce type a reçu des renforts, trois cliques de montagnards, mais suffira qu'on rapplique pour qu'y ait plus personne... Faudra que « ça chiale et que ça débände », mon gars !...</i> (ROSA, 1999, p. 368, grifo nosso).	Locução
546	A Hora e vez de Augusto Matraga	E quando a turma se pôs em roda, para começar a comer, o anfitrião fez o sinal da cruz e rezou alto; e os outros o acompanharam (ROSA, 2017, p. 318, grifo nosso).	<i>Et quand la bande se mit en rond pour commencer à manger, amphitryon fit le signe de croix et pria à haute voix ; et les autres l'accompagnèrent</i> (ROSA, 1999, p. 369, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

547	A Hora e vez de Augusto Matraga	Tim Tatu-tá-te-vendo, desertor do Exército e de três milícias estaduais, e que, por isso mesmo e sem querer, caminhava marchando, e, para falar com alguém, se botava de sentido , em estrita posição (ROSA, 2017, p. 318, grifo nosso).	<i>le Tim Tatou-t'a-vu, déserteur de l'armée et de trois milices d'État, et qui, en conséquence et sans le faire exprès, marchait au pas et pour parler à quel qu'un se mettait au garde-à-vous, en position réglementaire</i> (ROSA, 1999, p. 369, grifo nosso).	Locução
548	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas, por me lembrar, mano velho, não leve a mal o que eu vou lhe pedir (ROSA, 2017, p. 319, grifo nosso).	<i>Mais, à propos, vieux frère, prenez pas mal ce que je vais vous demander</i> (ROSA, 1999, p. 370).	Locução
549	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Deus lhe ajude , mano velho. (ROSA, 2017, p. 319, grifo nosso).	- <i>Dieu vous aide, vieux frère</i> (ROSA, 1999, p. 370, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
550	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Que nada! - apoiou seu Joãozinho Bem-Bem. - Isto é cabra macho e remacheado, que dá pulo em-cruz... (ROSA, 2017, p. 319, grifo nosso).	- <i>Pas du tout, confirme m'sieu Joäzinho Bem-Bem. C'est un dur deux fois macho, capable de poignarder en croix...</i> (ROSA, 1999, p. 370, grifo nosso).	Locução
551	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador! ... (ROSA, 2017, p. 319, grifo nosso).	- <i>Alors, compère, voilà ce qui s'appelle faire la pige à l'éclair !</i> (ROSA, 1999, p. 371, grifo nosso).	Locução
552	A Hora e vez de Augusto Matraga	Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca , e amanheço em riba do meu colchão!... (ROSA, 2017, p. 320, grifo nosso).	<i>Je me couche sur une pointe de corne, je dors sur une pointe de couteau, et je me réveille sur mon matelas !...</i> (ROSA, 1999, p. 371, grifo nosso).	Locução
553	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Mais galinha, um pedaço, amigo? - 'Tou feito. - E você, seu barra? - Agradecido... 'Tou encaçado... 'Tou cheio até à tampa! (ROSA, 2017, p. 320, grifo nosso).	- <i>Encore un morceau de poule, l'ami ?</i> - <i>J'suis bourré.</i> - <i>Et toi, le costaud ?</i> - <i>Merci. Je cale. Je m'en suis mis plein le cornet!</i> (ROSA, 1999, p. 371, grifo nosso).	Locução
554	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas, nesse tento, Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais (ROSA, 2017, p. 320, grifo nosso).	<i>Mais, sur cette tentative, Maître Augusto avait fait de nouveau le signe-de-croix et il plongea dans un découragement qui ne le lâcha plus</i> (ROSA, 1999, p. 371, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
555	A Hora e vez de Augusto Matraga	Nossos anjos-da-guarda combinaram, e isso para mim é o sinal que serve (ROSA, 2017, p. 321, grifo nosso).	<i>Nos anges gardiens se sont bien accordés, et c'est pour moi le signe auquel je me fie</i> (ROSA, 1999, p. 372, grifo nosso).	Locução
556	A Hora e vez de Augusto Matraga	Pois, 'tá bom. Deus lhe pague suas bondades (ROSA, 2017, p. 321, grifo nosso).	<i>Dieu vous rende vos bontés</i> (ROSA, 1999, p. 372, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
557	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Vão com Deus! Até à volta, vocês todos. 'Té a volta, seu Joãozinho Bem-Bem! (ROSA, 2017, p. 321, grifo nosso).	- <i>Dieu soit avec vous! Au revoir, vous tous. Au revoir, m'sieu Joäzinho Bem-Bem!</i>	Fórmula Religiosa

			(ROSA, 1999, p. 372, grifo nosso).	
558	A Hora e vez de Augusto Matraga	Mas, comigo é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto? (ROSA, 2017, p. 321, grifo nosso).	<i>Maïs avec moi c'est sûr que vous auriez votre chance! Vous voulez vous joindre à mes gars ? Vous voulez venir avec nous ?</i> (ROSA, 1999, p. 372, grifo nosso).	Locução
559	A Hora e vez de Augusto Matraga	E o bando entrou na estrada, com o Tim Tatu-tá-te-vendo puxando uma cantiga brava, de tempo de revolução: “O terreiro lá de casa não se varre com vassoura: varre com ponta de sabre, bala de metralhadora...” (ROSA, 2017, p. 322, grifo nosso).	chant guerrier, du temps d'une révolution: “Pour nettoyer le carreau Y a pas de balai qui vaille. Mais la pointe du couteau, a et des balles et la mitraille...” (ROSA, 1999, p. 373, grifo nosso).	Canção Tradicional
560	A Hora e vez de Augusto Matraga	Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé... (ROSA, 2017, p. 322, grifo nosso).	<i>C'étaient eux, bien sûr, qui avaient la bonne vie, parce qu'ils n'étaient pas obligés de penser du tout au salut de leur Âme, et pouvaient courir le monde, la tête haute</i> (ROSA, 1999, p. 373, grifo nosso).	Locução
561	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Cada um tem a sua hora, e há-de chegar a minha vez! (ROSA, 2017, p. 322, grifo nosso).	- <i>Chacun a son heure et mon tour viendra !</i> (ROSA, 1999, p. 375, grifo nosso).	Provérbio
562	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Levou o diabo , que eu nunca pensei que tinha tantos! (ROSA, 2017, p. 324, grifo nosso).	- <i>C'est le diable qui les emporte, j'aurais jamais pensé qu'y en avait autant!</i> (ROSA, 1999, p. 375, grifo nosso).	Locução
563	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Virgem! Estão todas assanhadas, pensando que já tem milho nas roças... Mas, também, como é que podia haver um demanhã mesmo bonito, sem as maitacas?!... (ROSA, 2017, p. 324, grifo nosso).	- <i>Bonne Mère ! Ils sont tous excités à l'idée qu'il y a déjà du maïs dans les champs... Mais, aussi, comment y aurait une matinée aussi belle sans les perroquets ? !...</i> (ROSA, 1999, p. 376, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
564	A Hora e vez de Augusto Matraga	E Nhô Augusto pegou a cantar a cantiga, muito velha, do capiau exilado: “Eu quero ver a moreninha tabaroa, arregaçada, enchendo o pote na lagoa... Cantou, longo tempo. Até que todas as asas saíssem do céu. - Não passam mais... Ô papagaiada vagabunda! Já devem de estar longe daqui... Longe, onde? “Como corisca, como ronca a trovoadas, no meu sertão, na minha terra abençoada...” Longe, onde? “Quero ir namorar com as pequenas, com as morenas do Norte de Minas...” (ROSA, 2017, p. 324-325, grifo nosso).	<i>du péquenot exilé :</i> “ <i>Je veux voir ma payse brune Jupon troussé, Il chanta, longtemps. Jusqu'à ce que toutes les ailes eurent disparu du ciel.</i> - <i>Il n'en vient plus. Bande de papegais vagabonde! Ils doivent être loin d'ici... Loin, où donc ?</i> “ <i>L'éclair luit, gronde le tonnerr dans mon sertão béni, ma terre...</i> ” “ <i>Loin, où donc ?</i> “ <i>Je veux courtiser ces mignonnes, les brunes du nord de Minas</i> ” (ROSA, 1999, p. 376, grifo nosso).	Canção tradicional

565	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Não posso, mãe Quitéria. Quando coração está mandando, todo tempo é tempo! ... E, se eu não voltar mais, tudo o que era de meu fica sendo para vocês. (ROSA, 2017, p. 325, grifo nosso).	- <i>Je peux pas, mère Quitéria. Quand le cœur commande, tout temps est temps !.. Et si je ne reviens plus, tout ce que j'ai sera à vous</i> (ROSA, 1999, p. 377, grifo nosso).	Provérbio
566	A Hora e vez de Augusto Matraga	e logo entouou uma das letras que ouvira aos guerreiros de seu Joãozinho Bem-Bem: “A roupa lá de casa não se lava com sabão: lava com ponta de sabre e com bala de canhão...” (ROSA, 2017, p. 325, grifo nosso).	<i>et aussitôt entonna un des couplets qu'il tenait des guerriers de m'sieu Joãozinho Bem-Bem :</i> “ <i>Pour laver le linge sale, N'employez pas de savon : Prenez la pointe d'un sabre ...et des boulets de canon...</i> ” (ROSA, 1999, p. 377 grifo nosso).	Canção tradicional
567	A Hora e vez de Augusto Matraga	Parou, e o cego foi de clamando lenta e mole melopéia: “Eu já vi um gato ler e um grilo sentar escola, nas asas de uma ema jogar-se o jogo da bola, dar louvores ao macaco” (ROSA, 2017, p. 326-327, grifo nosso).	<i>Il s'arrêta, et l'aveugle se mit à déclamer d'une lente et molle mélopée :</i> “ <i>J'ai déià vu lire un chat, un grillon faire l'école, sur les ailes d'un nandou jouer au jeu de ballon, faire d'un singe l'éloge. Il me reste plus qu'à voir allumer un cierge sans mèche, l'eau du fleuve remonter, Le soleil trembler de froid et la lune priser !...</i> ” (ROSA, 1999, p. 378, grifo nosso).	Canção tradicional
568	A Hora e vez de Augusto Matraga	- “Qualquer paixão me adiverte”. Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus! ... (ROSA, 2017, p. 327, grifo nosso).	- “ <i>Tout et tout est du bon pour moi.</i> ” <i>Oh, quelle bonne chose que de marcher en liberté, sans aucune obligation et en paix avec Dieu</i> (ROSA, 1999, p. 379, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
569	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus! ... (ROSA, 2017, p. 328, grifo nosso).	- <i>Qu'importe ! Là où ce bardot voudra m'emmenner, nous irons, parce que nous allons en compagnie de Dieu !...</i> (ROSA, 1999, p. 380, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
570	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Agora sim! Cantou p'ra mim, passarim! ... Mas, onde é que eles estão? (ROSA, 2017, p. 328, grifo nosso).	- <i>Ça y est! Il a chanté pour moi, l'oiseau des bois !.. Mais où ils sont?</i> (ROSA, 1999, p. 380, grifo nosso).	Locução
571	A Hora e vez de Augusto Matraga	- “ Boi andando no pasto, p'ra lá e p'ra cá, capim que acabou ou está para acabar ” (ROSA, 2017, p. 328, grifo nosso).	- “ <i>Quand le bœuf broute par tout le pâtis, l'herbe finit ou va finir</i> ” (ROSA, 1999, p. 380, grifo nosso).	Provérbio

572	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Que nada, mano velho! Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido, para não se deixar rabo para trás... (ROSA, 2017, p. 329, grifo nosso).	- <i>Pas du tout, vieux frère ! On est prêts à partir, mais reste à finir un petit boulot, faut jamais rien laisser traîner derrière soi</i> (ROSA, 1999, p. 381, grifo nosso).	Provérbio
573	A Hora e vez de Augusto Matraga	- O matador - foi à traição, - caiu no mundo, campou no pé... Mas a família vai pagar tudo, direito! (ROSA, 2017, p. 329, grifo nosso).	- <i>Le tueur - en traître - a disparu, il s'est taillé aussi sec. Mais sa famille va tout payer, réglo !</i> (ROSA, 1999, p. 381, grifo nosso).	Locução
574	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Bate na boca, seu Joãozinho Bem-Bem meu amigo, que Deus pode castigar! (ROSA, 2017, p. 330, grifo nosso).	- <i>Ravalez votre salive, m'sieu Joäzinho Bem-Bem mon ami. Dieu pourrait bien vous punir !</i> (ROSA, 1999, p. 382, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
575	A Hora e vez de Augusto Matraga	Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam - talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre - e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes (ROSA, 2017, p. 330, grifo nosso).	<i>Faire partie de la bande de m'sieu Joäzinho Bem-Bem ! Mais ses lèvres bougeaient - peut-être proférerait-il entre ses dents un je-crois-en-Dieu- et, finalement, il fit non de la tête, plusieurs fois</i> (ROSA, 1999, p. 382, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
576	A Hora e vez de Augusto Matraga	E ria para o chefe dos guerreiros, e também por dentro se ria, e era o riso do capiau ao passar a perna em alguém , no fazer qualquer negócio (ROSA, 2017, p. 330, grifo nosso).	<i>Et il souriait au chef des guerriers, et en son for intérieur souriait également, et c'était le sourire du croquant qui pigeonne quelqu'un, dans une quelconque affaire</i> (ROSA, 1999, p. 382, grifo nosso).	Locução
577	A Hora e vez de Augusto Matraga	O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a Virgem Santíssima lhe dará o pago por não pisar em formiguinha do chão... Tem piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem- Bem! (ROSA, 2017, p. 331, grifo nosso).	- <i>Vous êtes puissant, vous êtes le maître du chagrin des autres. Mais la Très Sainte Vierge vous récompensera de pas marcher sur une petite fourmi... Ayez pitié de nous tous, m'sieu Joäzinho Bem-Bem!</i> (ROSA, 1999, p. 383, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
578	A Hora e vez de Augusto Matraga	Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria! ... (ROSA, 2017, p. 331, grifo nosso).	<i>Par le sang de Jésus-Christ et par les larmes de la Vierge Marie !</i> ... (ROSA, 1999, p. 383, grifo nosso)	Fórmula Religiosa
579	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Perdão, para nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem... Pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão! (ROSA, 2017, p. 331, grifo nosso).	- <i>Pardon, pour nous tous, m'sieu Joäzinho Bem-Bem... Par le corps du Christ le vendredi saint de la Passion!</i> (ROSA, 1999, p. 384, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
580	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Pois então, satanás , eu chamo a força de Deus p'ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita! (ROSA, 2017, p. 331, grifo nosso).	- <i>En ce cas, satanas, j'appelle la force de Dieu pour soutenir ma faiblesse contre le fer de ta force maudite!</i> (ROSA, 1999, p. 384, grifo nosso).	Fórmula Religiosa

581	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! (ROSA, 2017, p. 331, grifo nosso).	- <i>Ne faites pas ça, cher m'sieu Joäzinho Bem-Bem, voyez que ce malheureux vieillard vous implore au nom de Notre-Seigneur et de la Vierge Marie ! Et ce que vous autres voulez Faire dans sa maison est une chose que Dieu n'exige pas et que même le diable ne fait pas !</i> (ROSA, 1999, p. 384, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
582	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Você está caçoando com a gente, mano velho? (ROSA, 2017, p. 332, grifo nosso).	- <i>Tu te fous de moi, vieux frère ?</i> (ROSA, 1999, p. 384, grifo nosso).	Locução
583	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Pois então... - e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota - ...Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto... (ROSA, 2017, p. 332, grifo nosso).	- <i>En ce cas. - Et Maître Augusto sourit comme qui va en raconter une bien bonne - ... en ce cas, mon ami m'sieu Joäzinho Bem-Bem, c'est simple... Mais faudra passer d'abord sur mon cadavre...</i> (ROSA, 1999, p. 385, grifo nosso).	Locução
584	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Epa! Nomopadrosfilhospritosantamêin ! Avança, cambada de filhos-da-mãe , que chegou minha vez!... (ROSA, 2017, p. 332, grifo nosso).	- <i>Hourra ! Nom du pèredufilsdusaintespramen ! Avancez, bande de putassiers, Mon tour est arrivé !...</i> (ROSA, 1999, p. 385, grifo nosso).	Locução
585	A Hora e vez de Augusto Matraga	A coronha do rifle, no pé-do-ouvido ... Outro pulo... Outro tiro... (ROSA, 2017, p. 332, grifo nosso).	<i>Un coup de crosse derrière l'oreille... Un autre bond... Un autre coup de feu</i> (ROSA, 1999, p. 385, grifo nosso).	Locução
586	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Joga a faca fora, dá viva a Deus , e corre, seu Joãozinho Bem-Bem... (ROSA, 2017, p. 333, grifo nosso).	- <i>Jetez votre couteau, louez Dieu et barrez-vous, m'sieu Joäzinho Bem-Bem</i> (ROSA, 1999, p. 386, grifo nosso).	Fórmula Religiosa
587	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo! ... (ROSA, 2017, p. 333, grifo nosso).	- <i>Vieux frère! Maintenant c'est toi qui vas dire combien d'empans y a du talon au coude !...</i> (ROSA, 1999, p. 386, grifo nosso).	Locução
588	A Hora e vez de Augusto Matraga	A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago , e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos (ROSA, 2017, p. 333, grifo nosso).	<i>La lame de Maître Augusto l'avait entaillé de bas en haut, du pubis à l'estomac, et une masse de serpents sanguinolents jaillit à l'air libre, tandis que m'sieu Joäzinho Bem-Bem tombait à genoux, recueillant sa farcissure à pleines mains</i> (ROSA, 1999, p. 386, grifo nosso).	Locução

589	A Hora e vez de Augusto Matraga	Alguém gritou: - “Eh, seu Joãozinho Bem-Bem já bateu com o rabo na cerca! Não tem mais!”... - E então Nhô Augusto se bambeou nas pernas, e deixou que o carregassem. (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	<i>Quelqu'un cria: « Eh, - Joäzinho Bem-Bem a passé l'arme à gauche ! Liquidé !... (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).</i>	Locução
590	A Hora e vez de Augusto Matraga	E o povo, enquanto isso, dizia: “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!.. (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	<i>Et pendant ce temps les gens disaient : « C'est Dieu qui nous a envoyé cet-homme sur son âne, pour sauver nos s familles !.. (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).</i>	Locução
591	A Hora e vez de Augusto Matraga	E a turba começou a querer desfeitear o cadáver de seu Joãozinho Bem-Bem, todos cantando uma cantiga que qualquer-um estava inventando na horinha: - Não me mata, não me mata seu Joãozinho Bem-Bem! Você não presta mais pra nada, seu Joãozinho Bem-Bem!... (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	<i>reprenant tous en chœur une chanson que quelqu'un improvisait sur le moment : Me tue pas, me tue pas, msieu Joäzinho Bem-Bem T'es bon qu à jeter aux chiens T'es bon qu à jeter aux chiens (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).</i>	Canção Tradicional
592	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim... P'ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?! (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	- <i>Faites venir mes enfants pour le remercier, pour lui baiser les pieds !.. Ne laissez pas ce saint mourir ainsi... Pourquoi donc qu'on est allé inventer les armes à feu, mon Dieu ? !.. (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).</i>	Fórmula Religiosa
593	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Virgem Santa! Eu logo vi que sé podia ser você, meu primo Nhô Augusto... (ROSA, 2017, p. 334, grifo nosso).	- <i>Sainte Vierge! J'ai vu tout de suite que ça pouvait être que toi, mon cousin Augusto (ROSA, 1999, p. 387, grifo nosso).</i>	Fórmula Religiosa
594	A Hora e vez de Augusto Matraga	- Põe a benção na minha filha... , seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem! (ROSA, 2017, p. 335, grifo nosso).	- <i>Porte ma bénédiction à ma fille. n'importe où qu'elle est. Et, Dionéra... Dis à Dionéra que tout est en ordre! (ROSA, 1999, p. 388, grifo nosso).</i>	Fórmula Religiosa

Fonte: elaborado pelo próprio autor